# REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

**FORTI NIHIL DIFFICILE**
**Divisa de Beaconsfield**

Fortaleza, 2016

edições
demócrito
rocha

Patronos
1 - Adolfo Caminha
2 - Álvaro Martins
3 - Antônio Augusto
4 - Antônio Bezerra
5 - Papi Júnior
6 - Antônio Pompeu
7 - Clóvis Beviláqua
8 - Domingos Olímpio
9 - Fausto Barreto
10 - Padre Mororó
11 - Barão de Studart
12 - Heráclito Graça
13 - D. Jerônimo Tomé
14 - João Brígido
15 - Capistrano de Abreu
16 - Franklin Távora
17 - Joaquim Catunda
18 - Moura Brasil
19 - José Albano
20 - Liberato Barroso
21 - José de Alencar
22 - Justiniano de Serpa
23 - Juvenal Galeno
24 - Lívio Barreto
25 - Oliveira Paiva
26 - Soares Bezerra
27 - Soriano de Albuquerque
28 - Mário da Silveira
29 - Paulino Nogueira
30 - Rocha Lima
31 - Farias Brito
32 - Cônego Ulisses Pennaforte
33 - Rodolfo Teófilo
34 - Samuel Uchoa
35 - Tomás Pompeu
36 - Senador Pompeu
37 - Tomás Lopes
38 - Tibúrcio Rodrigues
39 - Araripe Júnior
40 - Visconde de Sabóia

**FORTI NIHIL DIFFICILE**
**Divisa de Beaconsfield**

# Revista da Academia Cearense de Letras

Ano CXXI - v. 77
2016

©2017 by Academia Cearense de Letras

**Fundação Demócrito Rocha**

Presidente
**João Dummar Neto**

Diretor Geral
**Marcos Tardim**

**Edições Demócrito Rocha (EDR)**
(Marca registrada da Fundação Demócrito Rocha)

Editora Executiva
**Regina Ribeiro**

Editor Adjunto
**Raymundo Netto**

Editor Assistente
**Humberto Pinheiro**

Editor de Design
**Amaurício Cortez**

Editoração Eletrônica
**Miqueias Mesquita**

C387r REVISTA da ACADEMIA CEARENSE de LETRAS /
Academia Cearense de Letras. -Fortaleza, v.1- ;

n.1- ; 1896-
2016, v. 121, n. 77

1. Literatura brasileira - Periódicos - Ceará. 2. Academia Cearense de Letras – História.

ISSN: 0102-8820 CDD: 869.905

edições **demócrito rocha**
Av. Aguanambi, 282/A - Joaquim Távora - CEP: 60.055-402 - Fortaleza-Ceará
Tel.: (85) 3255.6037 - 3255.6256 - Fax (85) 3255.6271
edicoesdemocritorocha.com.br | edr@fdr.com.br | livrariadummar.com.br

**Academia Cearense de Letras**

Fundada em 15 de agosto de 1894
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

**Diretoria do Biênio 2015 – 2016**

Presidente de Honra – José Murilo Martins
Presidente – José Augusto Bezerra
Vice-Presidente – Virgílio Nunes Maia
Secretário Geral – Pedro Henrique Saraiva Leão
Secretário Geral-Adjunto – José Telles da Silva
Diretora de Finanças – Giselda de Medeiros Albuquerque
Diretora Cultural – Angela Gutiérrez
Diretor de Patrimônio – Linhares Filho
Diretora de Publicação – Noemi Elisa Aderaldo
Diretor de Memorial – José Murilo Martins
Diretor de Biblioteca – EdniloSoárez
Conselho Fiscal – Mauro Benevides, Genuíno Sales e Pio Rodrigues Neto

**Comissão de Redação desta Revista**

Noemi Elisa Aderaldo (Presidente)
Linhares Filho – Sânzio de Azevedo
Horácio Dídimo

Revisão: Sânzio de Azevedo

Colaboração
Madalena Figueiredo – Bibliotecária CRB3/ 311

**Sede da ACL**

Palácio da Luz
Rua do Rosário, 1
CEP: 60.055-090 - Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (85) 3253.4275 e (85) 3226.0326
e-mail: acletras@accvia.com.br
Horário de Funcionamento:
Segunda a sexta-feira, das 8h às 16h.

## Normas para publicação

1. As colaborações devem ser encaminhadas à Comissão de Redação em CD, acompanhados de cópia impressa, digitada em Microsoft Word.
2. Na primeira página deverão constar o título do trabalho, o nome do autor e a sua qualificação.
3. Os títulos de livros, revistas e jornais devem ser colocados em itálico, e não entre aspas.
4. As colaborações, cujos autores não sejam acadêmicos, deverão ser aprovadas pela Comissão de Redação.

Aceitam-se permutas.

- As ideias e conceitos emitidos pelos colaboradores são de sua única responsabilidade.

# ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

122 ANOS (1894-2016)

Horácio Dídimo

O TEMPO PASSA
O RIO CORRE
A VIDA É GRAÇA
A FÉ NÃO MORRE

A CHUVA CAI
O SOL DESCANSA
CADA ANO TRAZ
NOVA ESPERANÇA

UM VENTO BREVE
TOCA DE LEVE
EM CADA FLOR

DEUS TRINO E TERNO
NOS DIZ QUE ETERNO
É SEU AMOR

# Sumário

## 1ª PARTE – Homenagem

O Lacre do Silêncio
*Horácio Dídimo*.....*15*

Ao Meu Amigo – Poeta José Telles
*Giselda Medeiros*.....*16*

Adeus meu Poeta
*Leda Maria* .....*17*

Ideal Clube de Literatura..... 18

## 2ª PARTE – Estudos

"O Acampamento", de Aricy Curvello. Jomar Moraes, grande pesquisador
*Sânzio de Azevedo* .....*23*

O Amor de trovador. Poetas singulares
*Luciano Maia* .....*30*

Sobre Teoria dos Afetos.
*Giselda Medeiros* .....*34*

Lembranças de Moreira Campos
*Dimas Macedo* .....*36*

Um aspecto do conto "O Búfalo" de Clarice Lispector.
*Laéria Fontenele* .....*38*

Muito além da crônica
*Vera Lucia de Oliveira* .....*51*

## 3ª PARTE – Poesia

De Marly Vasconcelos: *Esta Manhã* .....57

De Horácio Dídimo: *Na Casa dos Oitenta. Sete poetas*.....*58*

De Luciano Maia: *Poema de Nata*l.....60

De Pedro Henrique Saraiva Leão: *Paráfrase de joão cabral. Para Ricardo Guilherme. Quando nossas cinzas* ..... 61

De Giselda Medeiros: *Barros Pinho: Pássaro Poeta* ..... 64

De Ubiratan Aguiar: *Vagão da Estrela. Canto da Vida. Amei.* ..... 65

De Linhares Filho: *Adsum – Aqui estou, Poesia. Canção da convivência. Despedida a Rogério Bessa* ..... 68

De Teoberto Landim: *Ciúme. Sedução. Amada* ..... 72

Haicais de Sânzio de Azevedo traduzidos por Terezinka Pereira: *Trem noturno. Passado* ..... 76

De Henrique Dídimo: *Sonetio* ..... 77

De Wânia Cysne Dummar: *Pós-tempo* ..... 78

De Révia Herculano: *Teogonia* ..... *80*

## 4ª PARTE – Prosa de Ficção

O Quebra-Quebra.
*Juarez Leitão* ..... *83*

Nem da terra nem do mar
*Giselda Medeiros* ..... *91*

Zabelinha
*Regine Limaverde* ..... *94*

A Execução
*Flávio Leitão* ..... *98*

Café du Départ
*Américo Guerreiro de Sousa* ..... *101*

A segunda Guerra Mundial em Viçosa do Ceará
*Mário Miranda Filho* ..... *124*

## 5ª PARTE – Discursos

Linhares Filho, Príncipe dos Poetas Cearenses
*Sânzio de Azevedo* ..... *133*

Agradecimento pelo Título de Luz
*Linhares Filho*.....*149*

Apresentação do Livro de Contos Cãs, rugas e amor: rumo a uma cultura de Direitos Humanos, de Ruth Villanueva Castilleja. Apresentação da Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBDH), nº 15
*César Barros Leal*.....*155*

122 anos da Academia Cearense de Letras
*Mauro Benevides* .....*164*

O Silêncio da penteadeira. A Sereia de Ouro e o bom combate pela construção do mundo com que sonhamos
*Angela Gutiérrez* .....*166*

Palácio da Luz: Reduto da Cultural
*Zenaide Braga Marçal* .....*181*

Gomes de Sousa, um homem de ciência
*Francisco Marialva Mont'Averne Frota*.....*185*

## 6ª PARTE – O livro da Academia

A Silhueta das Areias ou a face granulada do inefável
*Carlos Augusto Viana*.....*197*

## 7ª PARTE – Literatura Intercontextual

Não sou um Produto
*Texto e ilustrações: Côca Torquato* .....*237*

## 8ª Parte – Programação Cultural

Programação Cultural realizada pela
Academia Cearense de Letras em 2016 .....253

## 9ª Parte – Nossos Mortos

José Telles da Silva .....257

## 10ª Parte – Ata das Sessões

Relatório nº 01, Fortaleza, 12 de janeiro de 2016.....261
Relatório nº 02, Fortaleza, 10 de março de 2016.....266
Relatório nº 03, Fortaleza, 14 de abril de 2016.....270
Relatório nº 04, Fortaleza, 17 de maio de 2016.....273
Relatório nº 05, Fortaleza, 01 de julho de 2016.....277
Relatório nº 06, Fortaleza, 21 de julho de 2016.....282
Relatório nº 07, Fortaleza, 10 de agosto de 2016.....286
Relatório nº 08, Fortaleza, 14 de setembro de 2016.....289
Relatório nº 09, Fortaleza, 10 de outubro de 2016.....293

## 11ª Parte – Relação dos Acadêmicos e seus Endereços

Relação dos acadêmicos e seus endereços.....299

1ª Parte

# Homenagens

Ao poeta **José Telles** da Silva
(Bitupitá (PI) 1943 – Fortaleza (Ce) 2016)

# O Lacre do Silêncio[1]

Para José Telles

*Horácio Dídimo*

Quando auroras
Se repetem
No sudário
Das palavras

Quando o frêmito
Já se espalha
Nos espelhos
Das palavras

Vem a tosse
Invencível
Das palavras

E o poeta
Rompe o lacre
Do silêncio.

1 TELLES, José. O lacre do silêncio. Fortaleza: SOBRAMES, 2004.

## Ao meu Amigo – Poeta José Telles

(in memoriam)

*Giselda Medeiros*

A luz esgueirava-se, silenciosa,
Buscando as águas sonolentas do mar.
O azul das águas era como pássaros fugidios
Que ora aflorava sobre as ondas,
Ora submergia na doce amplidão da luz mortiça.

Oh! Miragem real, tu pairavas, em alarido,
Ensaiando um voo mais longínquo!

Oh! Poesia,tu planavas tonta, em ziguezague,
Bebendo a refrescante mansidão da linguagem das areias!

Oh, Bitupitá! Teus olhos encharcavam-se.
E um vinho amargo molhava a tristeza dos teus lábios!

O Poeta, sol resplandecente, crepusculava-se,
E, na espera do sorriso da manhã,
Bebeu, sôfrego, o elixir da eternidade.

No "despenhadeiro dos momentos",
Encantou-se, "canção e mistério",
Na espera longa de outra aurora,
Porcelana e tempo, clonando saudades!

2/6/2016

# Adeus meu Poeta[2]

*Leda Maria*[3]

"... DERRAMEM meu silêncio/ pela alcova. Ele precisa da boca das palavras/ para dizer adeus. Agora ainda procuro essências". Parte de um poema de José Telles, o poeta das emoções que partiu na tarde de quinta-feira, desviando as dores que o desarmaram de tanta coragem e entusiasmo pela vida.

AGORA ficamos envolvidos na saudade, na beleza de seus versos. Lembro seu silêncio e seu olhar distante, registrados em nosso ultimo encontro, no hospital São Carlos, ao lado de outros amigos que não sabiam ocultar as lágrimas pelo seu adormecer.

2 *O Povo*, Fortaleza, 4 jun. 2016

3 Jornalista

# Ideal Clube de Literatura[4]

Evento tradicional no Ceará

Já são 16 anos comprometidos em revelar, para a sociedade cearense, os mais novos nomes que compõem o tutano da produção escrita do estado. Nesse tempo, ideias das mais diversas ganharam corpo, tornando-se ao serem publicadas, referências literárias, tamanha a dimensão cultural alcançada, pelas mesmas.

Crescendo a cada ano, o XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube de Literatura é o concurso por trás desses novos escritores, dessas novas obras que despontam como promessa da Literatura nacional. Com cerimônia a se realizar hoje, à partir das 20h, no Salão Nobre Edson Queiroz, no próprio Ideal Clube, o evento laureará, com mil reais, os quinze primeiros selecionados na competição, cujas inscrições finalizaram no dia 27 de novembro do ano passado.

*Troféu*

Já o primeiro lugar receberá em mãos, além da quantia no valor de R$ 5 mil, o troféu Barros Pinho, nome dado em homenagem ao grande poeta que frequentava o Ideal.

Na ocasião, estarão presentes importantes representantes da cultura no Estado, como por exemplo o Presidente da Academia Cearense de Letras (ACL), José Augusto Bezerra; o ex-Ministro do Tribunal de Contas da União e advogado cearense Ubiratan Diniz Aguiar, membro da ACL; e os presidentes do Ideal Clube, Alcimor Rocha e Amarilho Cavalcante.

Aberto ao público e com coquetel liberado, o evento, que se iniciará com o canto da Hino Nacional Brasileiro, terá ambientação sonora comandada pelo pianista da instituição e, como mestre de cerimônia, a jornalista e apresentadora Carla Soraya.

---

4 ***Diário do Nordeste***, Fortaleza, 25 fev. 2016. Caderno 3, p. 6.

*Seleção*

Mais de 300 pessoas se inscreveram para participar do XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube de Literatura nesta última edição, cujo gênero contemplado foi poesia. A comissão julgadora, presidida, presidida pelo poeta, ensaísta e jornalista Carlos Augusto Viana, levou com seriedade a proposta de escolher os mais bem escritos poemas cearenses compostos durante o ano de 2015.

"A análise dos textos é um processo rigoroso, que acontece em sigilo absoluto e com absoluta seriedade. Tanto é que só sabemos quem é o grande vencedor horas antes da cerimônia de premiação.", conta o presidente de Cultura e Artedo Ideal Clube, José Telles. Mais especifica, contemplando apenas escritores cearenses, a maioria da produção deste ano foi composta por jovens, conforme informa José Telles. Em suas palavras, isso só revela o quão forte está se tornando o polo literário do Ceará.

"Já temos um público leitor e escritor consolidado, que, com iniciativas como essa, só tende a crescer, tirando muitas pessoas boas, que escrevem super bem, do anonimato. No ano passado, por exemplo, um dos melhores contos escolhidos foi o de uma garota de 14 anos, o que mostra o quão importantes são esses concursos para gerar um maior acesso a cultura".

*Importância*

Sede de duas agremiações literárias – a Academia de Médicos Escritores e a Academia de Letras e Artes do Nordeste, o Ideal Clube é um relevante polo de produção literária e cultural do Ceará, atualmente contando com instalações e projetos que priorizam a arte e o conhecimento.

Perguntado sobre a expectativa para a noite de hoje, José Telles adianta: "No ano passado, colocamos 600 pessoas no Auditório Edson Queiroz, neste ano, esperamos repetir a dose, garantindo visibilidade à literatura estadual".

2ª Parte

# Estudos

# “O Acampamento”, de Aricy Curvello

*Sânzio de Azevedo*

O poeta Aricy Curvello nasceu em Minas Gerais, viveu no Rio de Janeiro, na Amazônia, na Europa e hoje mora na Praia de Jacaraípe, em Serra, no norte do Espírito Santo.

Ao tempo da ditadura militar chegou a ser perseguido e preso, o que o diferencia dos falsos socialistas que nunca viram as grades de um xadrez e discorrem sobre marxismo-leninismo nos clubes elegantes, com um copo de uísque na mão.

Não é qualquer poeta de hoje que tem a oportunidade de ver sua obra estudada em um livro. *A Arte Poética de Aricy Curvello*, de Cleber Pacheco, está neste ano de 2016 na 2ª edição pela Editora Plátano (Ediplat), de Porto Alegre.

O terceiro livro de poemas do autor, *Mais que os nomes do nada,* de 1996, abriga um dos seus mais conhecidos textos em verso, “O Acampamento”, que me lembra haver lido em tradução francesa. A versão final do poema foi publicada no livro “50 Poemas Escolhidos pelo Autor” (Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2007). Abre o poema a indicação: “Porto Trombetas, Pará”.

Dividido em seis segmentos, é composto em versos livres, não havendo um só medido, como preconizava Mário de Andrade.

Começa o poema dizendo:

> “Barracões contra o rio,
> o ermo contra as tábuas.
> Nenhum sinal para fixar-te, nenhum, senão fluxo
> e passagem,
> o significado para as águas, a relva pisada
> em volta das casas.

Pouco adiante,

> "mugem na Amazônia palavras sem poema
> absurda coleção de pragas.
> Onde a floresta começa, o Brasil acaba?"

Vê-se logo que não se trata estritamente de um poema descritivo, mas interpretativo, daí que os versos "mugem na Amazônia palavras sem poema / absurda coleção de pragas".

Nos versos curtos da segunda parte, depois de dizer "o que é deus e o que é fera" e falar na "ferocidade do ar", interpretando o prenúncio da chuva, revela o poeta:

> "esse inarticulado grito
> parece a voz da luz".

E vem a terceira parte:

> "Sequer um povoado de moscas.
> Um rasgão, no devastado, para se residir.
> Para os lados e por detrás, floresta ainda. Adiante,
> para a frente, na outra margem do rio. A pesar nos olhos e além do som.
> No princípio do mundo, a madeira atroz.
> Silêncio da manhã nascendo em árvores."

O leitor se sente dentro da floresta, vendo "a luz em vento de clorofila e galhos derrubados", e o último verso diz: "Só a rapidez no acampamento contra a floresta e o rio."

Na quarta parte sentimos, através de frases que pintam a realidade, mas de forma poética, mais sugestão do que descrição:

> "Os verbos ardem.
> Braços grimpam.

Não nomes, não rostos.
Não de nenhuma aparência, como cimento
e tijolos, chegavam um povo de morenos e peixes de seda,
a fruta-pupunha, o verniz de tartarugas como crianças."

Adiante, no mesmo bloco, lê-se:

"Verde arder e consumir-se.
(Nós nos alimentamos do que morre.)"

Esse último verso nos remete a um dos poemas de Aricy Curvello que figuram numa pintura existente em praça de Uberlândia, Minas Gerais:

"Sementes
Só florescem
Se apodrecem."

Estes versos figuram na quarta capa d'*A Arte Poética de Aricy Curvello*, de Cleber Pacheco, que afirma:

"No poema 'O Acampamento', o poeta trata a respeito
do provisório, da necessidade de destruir para construir,
dos opostos natureza x civilização do princípio do mundo."

O quinto bloco se inicia assim:

"A terra
verdesuja
na luz
limpíssima
daqueles dias
naqueles dias."

Adiante, depois de falar em "pássaros-tucanos", em "castanheiras, a Jaquirana-boia, mungubas, samaúmas", lança o poeta estes belos versos:

> "Roçar de asas,
> colorados estandartes em bandos de voos se
> levantavam. Não, não assassinar a luz. Não me disseram
> a morte próxima da orquídea e do rato silvestre, aldeias
> de ninhos. Abrem, rasgam, arrebentam a terra
> para as florestas perecerem
> sob as primeiras, primeiras estradas."

A sexta e última parte do poema começa com estes versos expressivos e fortes:

> "Era verde
> e outras cores (queimadas) se acrescentaram.
> Transitamos na opinião ilusória.
> Acampados no provisório, sempre, sinais
> imprestáveis e um tempo sem respostas, um tempo
> em que se viaja sem bagagem. Para trás, apodrecer,
> cadáveres."

Foi visto que, na primeira parte do poema, havia um verso que dizia "a relva pisada em volta das casas". E a última estrofe de "O Acampamento" repete essa alusão à relva pisada. Depois de falar no "vasto país que se descobre em barcos de grosso casco e marcha lenta", o poeta encerra o poema assim:

> "No tempo. No tempo o revelarás.
> No tempo em que quase tudo é tarde.
> No tempo, nessa paisagem além
> da paisagem,
> quando a imagem do tempo passar,

significados para as águas, relva pisada
em volta
das casas".

"O Acampamento" revela bem a arte do poeta Aricy Curvello.

# Jomar Moraes, Grande Pesquisador

*Sânzio de Azevedo*

Recebo e-mail do escritor e amigo Mont'Alverne Frota, informando-me da morte de Jomar Moraes, grande pesquisador e historiador da literatura do Maranhão e abro a edição que ele organizou d'*Os Novos Atenienses*, de Antônio Lobo, em 1970, e leio a amável dedicatória manuscrita desse mesmo ano: "Para o poeta Rafael Sânzio de Azevedo, com as homenagens do Jomar Moraes. 17.8.70."

Posteriormente ele deixou de escrever meu nome completo, mas o literário, Sânzio de Azevedo.

Quanto ao livro de Antônio Lobo (1870-1916), editado em 1909, dele diz Jomar Moraes na introdução: "O tempo que separa a primeira desta edição tornou o livro raridade bibliográfica, em mãos de uns poucos estudiosos. Doravante, passa ele de livro 'difícil', sob a guarda intransponível de alguns 'iniciados', à condição de manancial comum, onde se poderão abeberar todos quantos desejarem fazê-lo."

E como esse o pesquisador e historiador resgatou vários livros que constituem um tesouro no que toca à literatura maranhense.

Não poderei escrever aqui tudo o que desejaria sobre esse amigo, que só fui ver pessoalmente no Rio de Janeiro, no apartamento de Plínio Doyle.

Quando em 1998 a ABC de Maurício Xerez reeditou *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, fiz questão de citar, na introdução, os *Apontamentos de Literatura Maranhense* (2ª ed., 1977), de Jomar Moraes, o qual me pediu para a Academia Maranhense de Letras um exemplar "da edição cearense" do romance.

Em correspondência, há não sei quantos anos, Jomar me convidou para Membro Correspondente da Academia, da qual ele seria presidente de 1984 a 2006. Muito ocupado então, e sabendo que teria de ir a São Luís, a fim de tomar posse do cargo, declinei do honroso

convite. Mas em 2014 recebi a 5ª edição dos *Perfis Acadêmicos*, onde figuro (com retrato) como Membro Correspondente.

N'*O Estado do Maranhão*, de 19.10.2011 publicou ele um artigo intitulado "Hoje é dia de. Um trabalhador cultural", talvez uma série e desta vez falando de mim.

Falou da consolidação da nossa amizade, "periodicamente reafirmada pelas publicações que entre nós intercambiamos, sendo de inteira justiça reconhecer (.) que Sânzio tem sido bem mais cuidadoso em remeter-me seus trabalhos, do que eu, em remeter-lhe os meus",,,

Graças a Mont'Alverne Frota, em 1979, centenário de nascimento do poeta Maranhão Sobrinho, a revista da AML, da qual Jomar era Secretário Geral, publicou um artigo meu sobre o poeta. E o último livro que o historiador me enviou foi a *Poesia Reunida* desse poeta, nos 100 anos de sua morte.

Jomar da Silva Moraes nasceu em Guimarães, no dia 6 de maio de 1940, e faleceu em 14 de agosto do ano de 2016, em São Luís.

É grande a importância dos estudos que escreveu sobre Sousândrade, e faço questão de destacar a bela biografia que publicou de Gonçalves Dias em 1998.

Isso, sem falar nas inúmeras reedições, a que já aludi, com estudos introdutórios como, além do livro de Antônio Lobo, de autores como Teófilo Dias, Vespasiano Ramos, Graça Aranha e muitos outros.

A meu ver, ninguém poderá tentar escrever sobre a literatura do Maranhão sem compulsar as inúmeras obras organizadas por esse operoso crítico. Nunca me abalancei a comentar nenhum escritor da terra de Gonçalves Dias sem recorrer aos *Apontamentos de Literatura Maranhense*, de Jomar Moraes, cuja segunda edição, aumentada, é de 1977. E esse livro traz abaixo do título este esclarecimento: "Uma abordagem contextual que leva em conta os fatores políticos, sociais e econômicos."

Perco um grande amigo e o Maranhão perde esse que talvez haja sido seu maior historiador literário, cuja obra logrou penetração nacional.

# Amor de Trovador

*Luciano Maia*

Todas as línguas apresentam as suas peculiaridades, às vezes parecendo verdadeiros enigmas. Tal é o caso, por exemplo, do verbo *plicare* do latim, que em português e espanhol veio a significar chegar, *(llegar)*, e em romeno o contrário: partir (*plecà*). Por quê? Porque nas duas línguas ibéricas, em terra de marinheiros, veio de *plicarevelam*, dobrar a vela, chegar (a um porto). Já na Dácia (Romênia atual), terra interior, veio de *plicaretentoria*, dobrar as tendas, partir (do acampamento).

O exemplo acima parece, antes de se ver a *história da palavra*, um paradoxo. Examinado o caso, chega-se a uma conclusão lógica. Também em inglês temos *cold,* para *frio*, que não vem do latim *callidus* (= quente)! A raiz é indoeuropeia: *gel* (pronunciado *ghel*). Daí, o latim *glacies* e também *gelum.* Deu *glace* em francês e *gelo* em português. O alemão *Kalt* tem a mesma raiz de *cold*.

Voltando ao título destas linhas, damos aqui um dado que apenas necessita de uma explicação simples: as palavras francesas que derivam do latim e terminavam em *-or*, como *calor*, *color, cor, dolor, flor, doctor, senior, valor* etc, na língua de Voltaire terminam em *-eur: chaleurcouleur, coeur, douleur, fleur, docteur, segneur, valeur.* Mas, então por que *amour* e *troubadour* e não *ameur* e *troubateur*? Em latim, são *amor* e *trovator*. Entre o latim e o francês estava o occitano, onde estas palavras, apesar de se grafarem *amor* e *trobador*, pronunciam-se *amur* e *trubadur*, como, de resto, as demais vindas do latim com a terminação *-or*.

Dizem os occitanos que estas duas palavras são mágicas: resumem o prestígio de que gozou na Idade Média a literatura trovadoresca em língua occitana, a lauda do amor cortês que serviu de matriz a muitas literaturas ocidentais. Não somente trovadores e jograis, mas também reis de países de línguas diferentes escreveram em occitano e principalmente construíram poemas à maneira occitana (provençal, diziam).

Na *Divina Comédia* aparecem versos em occitano, atribuídos a Arnautz Daniel, segundo Dante, *ilmegliofabbro* a compor em romance (língua românica). Então, *amor* e *trovador*, palavras prestigiosas em qualquer língua têm, em francês, matriz trovadoresca. A história cobrando o seu preço: toda a região da Occitânia (sul da França) só foi incorporada ao império francês após a trama dos reis da dinastia dos capetos e do papa Inocêncio III, para o aniquilamento dos cátaros de língua occitana.

# Poetas Singulares

*Luciano Maia*

Faz algum tempo, o poeta Jorge Tufic e eu, em conversa sobre as coisas da literatura brasileira, falávamos acerca dos tais *poetas singulares.* O vate fenício indicou, de pronto, um nome acima de qualquer dúvida, sendo, segundo fez questão de enfatizar, *absolutamente* singular: Augusto dos Anjos (1884-1914). Naquela ocasião não ficaram definitivamente estabelecidos os critérios que determinariam poder um poeta ser considerado singular. Concordamos, então, num ponto: se ao se pronunciar um texto qualquer de um poema, o ouvinte identificar de pronto a sua autoria, sem conhecimento prévio do texto, então, pimba!,trata-se de um poeta singular. Então, a singularidade residiria no uso do vocabulário, na abordagem do tema e na *tensão* do discurso? Talvez. O certo é que os versos seguintes: *Tome, doutor, esta tesoura e corte / minha singularíssima pessoa* ou *Tu não és minha mãe, velha nefasta!* (referindo-se à Natureza) parecem ser como um indez da obra de Augusto dos Anjos.

E Castro Alves (1847-1871)? Ponderamos: romântico, ultrapassa os limites dessa estética, sendo possuidor de uma verve rara, de uma eloquência ímpar e de uma convicção muito forte, sem aludirmos às imagens personalíssimas de alguns poemas seus: *Eu sinto em mim o borbulhar do gênio*. Castro Alves, também poeta singular.

Raul Bopp (1898-1984) em sua obra *Cobra Norato* revela-se, ele também, singular: Vejamos isto: *Quero levar minha noiva / quero estarzinho com ela / numa casa de morar / com porta azul pequininha / pintada a lápis de cor / quero sentir a quentura / do seu corpo de vaivém / querzinho de ficar junto / quando a gente quer bem-bem.*

E quanto a Manoel de Barros, ah, este é *intensamente* singular. A abordagem que faz dos temas (sim, no plural) é única. Parece que o poeta desconfia das "sinceridades" com a que de costume fazem os que tratam da questão poética. Cabe citarmos esta passagem: *41. Pa-*

*lavras / Gosto de brincar com elas. / Tenho preguiça de ser sério.* Mais esta: *O menino sentenciou: / Se o Nada desaparecer a poesia acaba. / E se internou na própria casaca / ao jeito que o jabuti se interna.* Esta última citação alude à "Dona Lógica da Razão" que, segundo este singular poeta, "bosteia" contra a poesia.

Poetas singulares. Mais alguns há na literatura brasileira, certamente, mormente se levarmos em conta os poetas populares do Nordeste. É tema que, comportando muitas relativizações, merece ser estudado.

# Sobre Teoria dos Afetos

*Giselda Medeiros*

Bem-aventurados sejam aqueles que saem pela vida a espargir sementes de Poesia! Porque a Poesia é sândalo. É luz. É emoção. É voo do espírito em sua fecundidade, planando sobre as cousas efêmeras e eternas, consubstanciado em límpidos alicerces de verdade, rumo à incomensurabilidade do Ideal.

Assim, nítida e clara como os cristais, carregada de emoção, chega-nos Neide Azevedo Lopes, a nos oferecer, nesse seu tratado poético, as teorias, os enunciados de sua visão de mundo, trabalhados sob a fina vestimenta de arrojadas metáforas, sinestesias, símbolos e alegorias, para que nós, seus leitores, os decodifiquemos e, desse modo, passemos a partilhar de todas as minuciosidades notáveis de sua poesia, em seus compridos voos de aspirações e inspiração.

Assim é que *Teoria dos Afetos* apresenta-se-nos sob a embalagem do lirismo, esse fundamento que traz à Poesia as palpáveis cores da emoção, trabalhada num ritmo intenso de luz e cores através de palavras que denotam, sobretudo, a presença do valor visual e emotivo, o que é geralmente produzido pelo efeito das metáforas, inteligentemente, empregadas aqui.

Diante desse arrebatamento emocional, dessa volúpia do sentir, desse grande soluço diante das ansiedades da vida neste caos dos espíritos e dos tempos, ainda nos arrebata, em *Teoria dos Afetos*, o estilo da Autora. Considerado "o sol da escrita", o estilo traz força e profundidade à obra, o que está visível no livro em questão.

A Autora sabe trabalhar as palavras, impingindo nelas ora a placidez de uma música suave, ora o estrépito de um trovão. Isso porque Neide possui rara percepção estética e sabe imprimir na palavra as sensações visuais, olfativas, palatais, tácteis, numa exatidão primorosa de visualização estética de cor, forma, som e sabor.

Nossos parabéns, pois, à Neide Azevedo Lopes pela publicação de mais esta primorosa obra. Obrigada, Poeta, por nos deleitar com versos e expressões tão maravilhosos como: "A taciturna tarde tece teias"; "Escorre a noite / lenta, gotejante, morna."; "Do vão da porta, passam sóis e sombras"; "Esgarçada lembrança"; "A porta emoldura-se em alegrias"; Na sutileza dos teus dedos, cristalizam-se ausências"; "Teus indecifráveis olhos, sentinelas sutis dos meus espaços"; e muitos, muitos outros que nos enternecem olhos, coração e vida.

A obra está, agora, em nossas mãos. Que possamos, pois, apreciar os versos de *Teoria dos Afetos*, "tecendo sonhos", ao sabor do "vento acordando a areia", sob o olhar da "lua, travesseiro de seda", vestindo-nos com as cores de um esplendente arco-íris, na rumorosa tarde da Poesia.

# Lembranças de Moreira Campos

*Dimas Macedo*

Não posso precisar quando vi Moreira Campos pela primeira vez. Sei, no entanto que vim de Lavras da Mangabeira para morar em Fortaleza em novembro de 1972 e que, nesse momento, eu já o trazia comigo na bagagem, pois ele era um dos mitos literários da minha cidade natal, ao lado de Filgueiras Lima e João Clímaco Bezerra.

Lembro-me de que, em janeiro de 1978, estive com ele no seu gabinete de Pró-Reitor da UFC, pedindo-lhe uma apresentação para o jornalzinho *O Boqueirão*, que eu havia criado, com a ajuda de alguns colegas, em Lavras da Mangabeira, e do qual eu era o redator. Ele me atendeu com a maior presteza, e o seu texto foi publicado em toda a extensão da primeira página do jornal.

Tenho uma foto com ele, o Alcides Pinto, o Girão Barroso, o Caetano Ximenes Aragão e o maestro Alvarus Moreno, que data de setembro de 1983. Ali, eu me destacava como o único jovem entre eles, com apenas 27 anos. Isso na casa do Alcides Pinto, na Rua Rodrigues Júnior.

Sempre convivemos de forma fraterna e bastante próxima, ele, contando a origem de muitos personagens e cenários dos seus contos, como se a ficção fosse o desdobramento de suas vivências na infância, nas margens do Rio Salgado, e como se eu tivesse sido seu contemporâneo.

Dele sempre recebi as maiores atenções e os melhores incentivos. Quando entrei na Academia Cearense de Letras, em agosto de 1989, aos 32 anos, ele se antecipou e pediu para ser o relator do parecer pertinente a minha admissão, fazendo, na oportunidade, um texto bastante acolhedor e afetivo.

Não conto as vezes que lhe dei carona no meu carro, levando-o de volta para casa, nem quantas vezes nós nos encontramos para conversar sobre literatura ou para discutirmos sobre as minhas observações sobre os seus contos.

Sempre li e reli a sua ficção, deliciando-me com a sutilidade, a precisão semântica e o achado estilístico com que recorta as suas ironias e o tecido de todos os seus contos, entre os quais destaco: "O Preso", "Lamas e Folhas", "A Gota Delirante", "Os Doze Parafusos" e "Irmã Cibele e a Menina".

Moreira Campos, de forma induvidosa, é um dos melhores escritores do Brasil. Não pertence somente ao Ceará ou ao Nordeste. É universal. A sua escritura literária tem o gosto da permanência e da concisão. É sutil, libidinosa e envolvente. E esteticamente muito bem realizada.

Especialmente como contista, o autor de *Contos Escolhidos* pode ser comparado a Machado de Assis, pertencendo, portanto, à linhagem dos grandes arquitetos da estória curta, a exemplo de Rulfo, Júlio Cortazar e Guy de Maupassant.

Vale a pena, portanto, relembrar a vida e a obra desse grande contista cearense, assim como o fez o escritor Waldy Sombra, com o seu imprescindível – *Moreira Campos: Professor de Histórias e de Amizade* (Fortaleza: Premius 2011).

# Um Aspecto do Conto "O Búfalo" de Clarice Lispector

*Laéria Fontenele*[1]

## Resumo

O artigo procura realizar uma leitura do conto "O Búfalo" de Clarice Lispector, tendo por objetivo preciso a análise de como nele se transmitem, a partir do referencial de sua personagem principal, as possíveis relações entre o amor, o ódio e o olhar. Tal empreendimento dar-se-á a partir de uma articulação da literatura com o campo psicanalítico e leva em consideração, como parâmetro metodológico, os ensinamentos freudianos segundo os quais a literatura pode ensinar acerca da experiência do sujeito para com o inconsciente.

Palavras chave: Literatura, Psicanálise, Clarice Lispector, Olhar

## One aspect of the short story "The Buffalo" by Clarice Lispector

## Abstract

This article, from a reading of "The Buffalo", a short story by Clarice Lispector on, analyses, from its main character perspective, the possible relations between love, anger and the regard. To fullfil its objective it articulates literature to psychoanalysis, also taking into consideration, as a methodological parameter, some freudian teachings that assure that literature may teach us about the experience of the subject and the unconsciousness.

Key words: literature, psychoanalysis, Clarice Lispector, regard.

---

1 Professora Titular da Carreira Docente da UFC. Psicóloga e Psicanalista. Mestre e Doutora em Sociologia pela UFC. Diretora do Laboratório de Psicanálise da UFC e do Corpo FreudianoEscola de Psicanálise - Seção Fortaleza. Membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste - Núcleo Fortaleza. Autora de "A interpretação" pela Editora Zaha e de "A mascara e o véu:o discurso feminino e a Poesia de Adélia Prado pela Editora RelumeDurmará, além de diversas outras publicações em periódicos nacionais e internacionais e capítulos de livros em coletâneas.

## Aproximações de "O Búfalo" de Clarisse: o olhar, o ódio e o amor

Já tivemos a oportunidade de desenvolver em outras ocasiões, a tese de que a literatura tem para a psicanálise, e mais especificamente para Freud, o valor de transmitir a experiência do sujeito para com o inconsciente, sendo, o que aí se transmite, um saber marcado pela falta, tendo ele a capacidade de nos conduzir à dimensão criativa revelada pelo efeito estético, dada sua potência de revelar a plasticidade expressiva das mais diversas experiências humanas. Consideramos fundamental pensar o fazer literário como uma prática da letra. Há alguns anos atrás, ao realizarmos uma análise acerca da escrita em seu vínculo com a pulsão, deparamo-nos, dentre outros textos literários onde se evidenciava essa questão, com um conto do livro *Laços de família* de autoria de Clarice Lispector, intitulado "O Búfalo", que nosinstigou a nele destacar o modo como se dá, considerando-se a singularidade do estilo de Clarice, o emprego da sintaxe, revelando a sua construção subversiva em sua textualidade, como se vê logo ao princípio do conto que se inicia com uma frase adversativa "Mas era primavera" (LISPECTOR, 1982, p. 149). Nessa ocasião, buscávamos articular questões acerca da relação entre corpo e escrita, o que nos servia à crítica de um tipo de crítica literária que procura estabelecer relações entre a escrita literária e o gênero (FONTENELE, 2006). No contexto desse estudo, a escrita de Clarice, tal como revelada nesse e em outros de seus textos, foi considerada de forma sobremodo pontual . No entanto, determinados detalhes presentes na construção de "O Búfalo", mais especificamente o lugar e o modo como nele se inscrevem o olhar da personagem e o olhar dos animais, nos indicaram aspectos, no mínimo curiosos, que nos fizeram suspeitar da presença de outros sentidos, ainda latentes e não explorados por outros estudos dele realizados a que tivemos acesso. Isso, então, nos motivou a retomarmos sua leitura, agora, movidos por outra inquietação: a do que ele é capaz de transmitir acerca das relações entre o amor, o ódio e o olhar. O olhar, enquanto

o que poderia mediar, para a personagem, a transformação do amor em ódio é o aspecto que nele pinçamos para trabalharmos aqui.

É necessário e oportuno salientarmos que o referido recorte, condutor da reflexão e análise que aqui faremos de "O Búfalo", é bastante pontual haja vista a polissemia de sentidos e a riqueza de aspectos que podem ser considerados em sua tessitura narrativa que, além de suas personagens, apresenta em sua textualidade elementos centrais concernentes à sua significância e à sua literalidade. Tal pode ser atestado pelas diversas análises e ensaios que já motivou no campo da crítica literária e que, independente da relevância e pertinência de que se revestem, não serão aqui repertoriadas devido ao foco preciso que adotaremos para trabalhá-lo. Essa delimitação - as relações entre o amor, o ódio e o olhar - não tem a pretensão de defini-lo como sendo o sentido último da referida narrativa, uma vez que nos posicionamos contrariamente a todo tipo de análise do texto literário que resulta na produção de interpretações últimas, as quais acabam por reduzir a significância de um texto a um sentido unívoco e, portanto, totalitário.

Antes de passarmos ao estudo a que nos propomos, consideramos ser necessário situar o leitor que o nosso interesse em tratar das relações entre o olhar e a transformação do amor em ódio, não assume o sentido usual dado a esses três elementos no imaginário de nossa cultura. Em verdade, os tomamos, no sentido teórico que lhes é dado pela psicanálise, em seu vínculo específico com a pulsão, essa sendo a que faz torção entre o corpo e alma humana. Freud (1994.a) a define precisamente como a medida de exigência que o corpo faz à alma no sentido da busca de sua satisfação. Contrariamente ao que ocorre com o instinto, que possui um objeto invariável que lhe serve à satisfação, o objeto da pulsão é, nela, o que há de mais variável. A transformação do amor em ódio, ao lado dos demais modos de expressão da dinâmica pulsional humana – reversão da pulsão em seu oposto, recalque e sublimação -, mereceram especial atenção de Freud (1994.a), dada a sua relevância para a clínica psicanalítica, que, segundo ele, teria como um dos seus propósitos o de restabelecer os prejuízos da

capacidade de amar ocasionado pelas neuroses. Freud, nesse mesmo estudo sobre os destinos da pulsão, nos apresenta os destinos pulsionais mais arcaicos presentes em nosso funcionamento anímico, dentre eles ocupa-se da mudança de conteúdo da pulsão através do exemplo da transformação de amor em ódio – que segundo ele é o único caso em que se observa uma mudança dessa ordem e ressalta ser mais frequente que a mescla entre amor e ódio seja dirigida a um mesmo objeto, manifestando-se dessa forma a ambivalência de sentimentos tão presente nos laços que estabelecem os seres humanos entre si. Nesse artigo, nos adverte para o fato de que o amor não admite apenas um oposto – no caso, o ódio -, mas que também se opõe a ele o "ser amado" e a indiferença, que também serve de oposto ao ódio. É vasta a discussão em torno do amor em Freud, Lacan, e entre autores contemporâneos (FERREIRA, 2004, 2005), não apenas por que existem forma diferentes na sua manifestação, mas sobretudo porque o conceito de amor acha-se compreendido em toda a discussão psicanalítica acerca da transferência, condição mesma dos laços humanos e igualmente condição necessária ao início de um tratamento analítico e aquilo que confere ao analista o seu poder na condução de uma cura. Não sendo nosso propósito repertoriar as teorizações feitas sobre o amor no campo, psicanalítico, mas precisamente situar o sentido em que tomamos o olhar, o amor e ódio, resta-nos apenas lembrar a contribuição de Lacan (1985;1998) a essa questão, tanto na sua discussão acerca das origens do eu e da formação da imagem especular em sua relação com o que Freud (1994.b) denominou de narcisismo. Na estruturação de nosso psiquismo e no processo que leva à edificação de nosso eu, Lacan (1998) destaca duas polaridades, uma imaginária e outra simbólica que nos servem para fazer face à nossa precariedade original, tanto do ponto de vista de nosso inacabamento orgânico original – a nossa dependência do constitucional do outro para sobrevivermos - , quanto face ao mundo de linguagem, essa sendo a polaridade que se refere ao real como sem sentido. Para Lacan, o eixo imaginário é constituído pela linha que serve de espelhamento entre o eu e o outro – e nela

ocupa um lugar especial a metáfora do espelho como o que condensa o valor do olhar do outro na construção da imagem do corpo próprio- , alteridade essa necessária e, ao mesmo tempo, aquilo que faz obstáculo à alteridade simbólica, que seria a linha entre o Sujeito e o Outro, a qual graças a esse obstáculo é interrompida, fazendo com que o sujeito receba do Outro, a sua mensagem de forma invertida. Com isso, queremos apenas destacar, que o eixo imaginário encontra-se em consonância com a polaridade amor e ódio, sendo aquilo que marca o modo como se dão as primeiras relações do eu com o objeto, campo da ambivalência mais primitiva, mas não menos estranha e familiar a cada representante da espécie humana, pois deixa cicatrizes, por certo diferentes, na estrutura de cada eu. No eixo simbólico, a falta - metaforizada pela relação interrompida entre o Sujeito e o Outro – serviria de limite à ambivalência entre amor e ódio, na medida em que deixa espaço ao amor enquanto o que promove a produção de sentidos e não de um sentido único para os enigmas do real.

## O olhar, a construção da personagem e a vontade de ódio

Como é característica de todo conto, trata-se de uma narrativa sintética, em que os detalhes adquirem um valor especial. A personagem central, de "O Búfalo", é construída a partir dos seguintes traços: trata-se de uma mulher sem nome, vestida com um "casaco marrom", mergulhada em um espaço público – o zoológico - para onde se dirigiu com um propósito bem definido, o de aprender a odiar com os animais. Dentre esses elementos que servem à construção da personagem chama-nos especial atenção, o lugar que nela ocupa o casaco marrom, substantivo que, assim qualificado, assume no texto um vínculo associativo com os significantes "inverno" e "jaula". Seu traje e cor, comuns às vestimentas de inverno, que em geral são escuras, encontram-se textualmente equiparados ao significante "tristeza". Ela, a mulher em passeio pelo zoológico, é descrita em completa dissonância com o seu entorno e em conflito com os seus sentimentos. Diz a voz narrativa logo

no início do conto: "Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico." (LISPECTOR, 1982, p.149). E mais adiante:

> Mas isso é amor, é amor de novo", revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado. Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas. Continuou a andar. Os olhos estavam tão concentrados na procura que sua vista às vezes se escurecia num sono, e então ela se refazia como na frescura de uma cova. (p.149)

Com seu olhar voltado para os animais ela procurava encontrar-se com seu próprio ódio, mas os olhos dos animais só a devolviam o seu amor, equiparado no texto à primevera, à luminonisdade, ao sexo e ao brotar da vida.

Percorre, então, obstinada as jaulas de outros animais em busca de sua aprendizagem do ódio, então fracassada diante da cela do casal de leões. Todavia, o que encontra, de forma sucessiva, em sua busca é: uma girafa, tal uma virgem de tranças recém-cortadas; o hipopótamo de amor humilde por se manter apenas carne; os macacos, em levitação pela jaula que ela desejava matar num exato ponto entre os olhos, desejo desfeito ao deparar os olhos de um macaco, que a "olhavam sem pestanejar" e que revelam-se a ela sem o seu brilho fálico pois eram os olhos doentes de um macaco velho. Diz a voz narrativa:

> — a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele conti-

> nuava a olhar para a frente. "Oh não, não isso", pensou. E enquanto fugia, disse: "Deus, me ensine somente a odiar."
>
> "Eu te odeio", disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la. "Eu te odeio", disse muito apressada. Mas não sabia sequer como se fazia. Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma? (LISPECTOR, 1982, p.151)

É a sua reação ao que vê nos olhos do macaco, a sua súbita piedade pelo macaco velho, que serve ao propósito de figurar a razão de sua busca e de seu impasse, queria odiar o homem que amava e que não correspondia ao seu amor, mas como odiá-lo por isso?

O primeiro tempo do conto conclui-se a partir desse episódio e de sua reiteração através de seu encontro com o elefante, que suportava o próprio peso e tinha os olhos, "numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada" (LISPECTOR, 1982, p.151), e com o camelo corcunda, de cílios empoeirados, mastigando a si próprio e que a remeteram à paciência de "sua carne herdada" (p151-152). O que se destaca, então nesse primeiro tempo do conto é que a sucessão de animais, em relação metonímica com a personagem, parecem devolver, do espelho de seus olhos, a sua própria imagem, a imagem de uma mulher enjaulada, mas sua jaula, o seu casaco marrom, era o seu amor. A procura por aprender a odiar com os animais, captando em seus olhos o seu próprio ponto de ódio é marcada pelo fracasso, pois falta aos olhos encontrados o brilho capaz de despertar o fascínio característico da imagem fálica, não é resplandecente a imagem que esta mulher recebe da tela do Outro, senão como não amá-la, como não deixar-se fascinar pelo brilho que emana de si?

Dois aspectos se destacam dessa problemática e designam ao que Jacques Lacan, especificamente ao seu *Esquema L*, nos informa acerca dos primórdios do amor em sua constituição subjetiva, ocasião

em que o objeto amado estaria confundido com o ideal do eu do sujeito. Essa confusão tanto remete ao eixo imaginário, da ambivalência amor-ódio que se produz na identificação em espelho entre o eu e o outro idealizado [ a – a'], como a ele enquanto entrecortando o eixo simbólico, que vai do Sujeito ao Outro [(Es) S – A], ou seja para a dimensão faltosa do Outro e que daria substrato para uma forma de amor para além dos engodos do amor paixão. Dessa forma, se o amor se passa no nível imaginário não o faz sem operar um efeito preciso por sobre o simbólico, qual seja a de provocar uma perturbação da função do ideal do eu. Amar é, portanto, ser feito enamorado. O que pede essa mulher, qual é de fato a sua demanda ao Outro? Seria de fato o encontro com o seu próprio ódio? Seria ser amada ou ser reconhecida como amante?

Torna-se evidente, nesse primeiro tempo do conto, que o olhar dos animais não devolve a essa mulher o brilho capaz de captá-la, uma vez que:

> É o Outro que me reflete as imagens. Se uma pessoa se aproxima e eu a fito, se trato de fixar os olhos em seu rosto, eu sinto que ela me olha e me sinto acompanhado pelo olhar; é muito importante, para isso, que haja um reflexo brilhante nos olhos. Ou seja, ali a tela não é a pessoa toda, é a superfície corneal do olho. Um olhar do Outro para mim tem valor porque, nos olhos do Outro, reflete-se a luz que vem até mim com um brilho que me capta." (NASIO, 1995, p.53)

Não por acaso, o momento em que a personagem confronta-se com o olhos figurados, cada qual à sua maneira, opacos - o do macaco velho, cujas pupilas eram veladas por uma membrana branca e gelatinosa; os olhos bondosos do, igualmente velho, elefante; os olhos recobertos por cílios empoeirados do camelo em trapos - é justamente o que a conduz à impossibilidade de ver o ódio onde fora procurar.

No zoológico, não realizou, até então, o seu desejo de apreender o ódio, só encontrou a paciência e a suavidade da primavera. Foi, então, devolvida por esse obstáculo à sua própria solidão. Dar-se-á, então, a cena em que ocorre a vacilação da fantasia dessa mulher, que faminta de sonhos, desde o princípio, tem a vista escurecida pela fome e pelo sono que abate seus olhos, despertando, como veremos a seguir, para a sua dura realidade.

## A solitária violência: a alegria do mergulho no ar

No segundo tempo do conto, interrompe-se a busca da mulher pelos olhos cheios de ódio das supostas feras enjauladas. A mulher toma outro caminho, o do pequeno parque de diversões do jardim zoológico. Por lá "foi sozinha ter a sua violência" (LISPECTOR,1982,p.152). Posicionou-se na fila dos namorados à espera, como eles - muito embora sem par -, por um lugar na montanha russa – que ainda parada é equiparada no texto a uma igreja e a personagem vê o mais puro amor no verde da erva que brotava da terra. No entanto, súbito, num "vôo de vísceras", a montanha russa em movimento a suspende, em fúria, de si mesma. Sente seu corpo, tornado puro objeto de mecânicas manobras, manobras a que se submetia alienadamente. Sentada em tão estranha Igreja, em vertigem e em espanto, sente "a alegria de um novo mergulho no ar insultando-a com um pontapé, dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas" (p.152). Deparou, então, não sem ter os próprios olhos feridos, a sua condição de objeto: "faziam dela o que queriam"(p.152). Foi como uma morte que a mulher fez tal constatação.

Do espanto da morte, sobrou o silêncio, com que de volta foi jogada, e o seu recato pela sua condição cruelmente exposta. "Fazia o possível para que não percebessem que estava fraca e difamada, protegia com altivez os seus olhos quebrados". Entre uma morte alegre e uma morte triste, constata sua nudez, que a faz indagar a sua condição de mulher. (LISPECTOR,1982, p.154).

Seriam os seus olhos que estariam quebrados, ou sua quebra indica a existência de algo que no espelho, constituído entre o Sujeito e o Outro, obscurece a sua visão. Retomando o *Esquema L*, é importante ressaltar o efeito que tem esse espelho na necessária transformação da imagem do eu (a) em imagem d outro (a') e da imagem do outro (a')na imagem do eu (a) (DARMON, 1994).

Seus olhos sofrem, após essa experiência, um dano maior do que aquele do sono que, ao princípio do conto, escurecia a sua vista, impedindo-a de ver. Agora quebrados, no entanto, estariam em condições de ver a escuridão para além da primavera que ainda pôde surpreender, em repetição, na jaula do quati, mas agora ela se sentiu olhada pelo olhar do quati, um olhar que lhe parecia perguntar algo. Fugiu desse olhar. Mas a fuga foi vã, o olhar inquiridor desse animal a fez entender que a jaula estava do lado dela. Diz, então, a voz narrativa:

> O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói. oh não mais esse mundo! não mais esse perfume, não esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se. Nunca o perdão, se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida — deu um gemido áspero e curto, o quati sobressaltou-se — enjaulada olhou em torno de si, e **como não era pessoa em quem prestassem atenção,** encolheu-se como uma velha assassina solitária, uma criança passou correndo sem vê-la. (LISPECTOR,1982, p. 155)

Precisaria, então, do animal que a ensinasse a odiar, mas agora já entendia que a sua genealogia residia em sua capacidade de perdoar. Em sua piedade.

## O encontro com o olhar do búfalo: a confluência erógena do amor e do ódio

Eis então o terceiro tempo do conto, nele, um búfalo negro olha para a mulher que, de longe, sente-se por ele olhada. Tal era a novidade disso, que ao sentir a reafirmação desse olhar, os seus olhos não mais escureceram, foram tocados pela intensa brancura da coisa branca que espalhara-se dentro dela e que contrastava com "o corpo enegrecido de tranquila raiva" do búfalo. Uma morte branca, da qual o búfalo a desperta e que a conduz à veneração. Uma espécie de gozo extático se produz.

Nesse desfecho, observa-se a contraposição do claro e do escuro, do amor e do ódio, do abrir e do fechar de olhos e de seus efeitos por sobre a personagem. Ela, agora, transforma-se em presa desnuda, nesse momento, sua nudez não mais é ofensiva como aquela descortinada pelo seu voo na montanha russa, não mais está escondida em um corpo aprisionado por um casaco marrom:

> E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo. A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça. O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranquilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao

> longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo. (LISPECTOR,1982, p. 155)

Ela vê o céu e o búfalo, agora fisgada, agora fascinada e em vertigem. Veria ela, finalmente, os seus traços se transformarem nos traços do búfalo? Seria essa uma morte que, diferentemente daquela da montanha russa, a conduziria a um outro despertar, aquele que remeteria aos tácitos segredos que se fabricam, num piscar de olhos entre a vida e a morte, entre o sexo e a finitude, entre o amor e ódio?

Nesse terceiro tempo, parece se cumprir o circuito da pulsão escópica (olhar-se / olhar / ser olhado) e com ele, em homologia ter-se-iam se cumprido os destinos do objeto do amor.

Para concluir, voltemos à nossa indagação inicial, o que diz essa mulher da relação entre a pulsão de ver e a experiência do amor e do ódio, senão que toda pulsão guarda algo de escópico em sua estrutura mesma, o que Marco Antonio Coutinho Jorge e Paul Laurent Assoun já tiveram oportunidade de assinalar (JORGE, 2000; ASSOUN, 1995) a propósito da substituição da centralidade da pulsão olfativa pela pulsão escópica (pulsão de ver) na constituição da sexualidade humana e, com isso, a possibilidade mesma de tornar crônica a confluência entre o erotismo, a morte e o sexo.

## Bibliografia

ASSOUN, P. L. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DARMON, M. *Ensaios sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERREIRA, N.P. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, N.P. *Amor, ódio & ignorância*: literatura e psicanálise. Rio de Janeiro: FAPERJ, Contra Capa Liv., Corpo Freudiano, 2005

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. *In. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Vol.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.a

_____. À guisa de introdução ao Narcisismo. In. . *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.b. v.1

JORGE,M.A.C. *Os fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 2. O eu na teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu In: _____. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LISPECTOR, C. O Búfalo. *In: Laços de Família.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

NASIO, J-D. *O olhar em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

E-mail: *laeria@terra.com.br*

# Muito Além da Crônica

*Vera Lúcia de Oliveira*

"Narrar é resistir", disse Guimarães Rosa. Mas, à parte esse sentido heroico, narrar é contar, explicar o mundo, compartilhar histórias, boas histórias, como faz Edmílson Caminha – escritor cearense radicado há 25 anos em Brasília - neste *O professor, Beethoven e o ladrão* (Brasília: Thesaurus, 2016), como, aliás, em toda a sua já vasta obra composta de crônicas, biografias e crítica literária.

Os artigos e crônicas desse novo livro que acabamos de receber confirmam a vocação de grande viajante do autor que, sobretudo no seu *Com a mala na cabeça*, mostra que viajar é preciso. E é uma arte: viajar para conhecer autores, rever lugares e obras que há muito habitam a sua fértil imaginação de grande observador culto e amador da literatura. Amador no sentido de quem ama, de quem faz o seu trabalho por amor, por prazer, por compromisso com a estética, que não é outra coisa senão a beleza e a verdade na arte. Nessa busca pelo belo, o autor segue a tradição dos grandes viajantes, como Goethe e Nietzsche na Itália, Rousseau na França e Suíça, sem falar do nosso turista aprendiz, Mário de Andrade, em suas andanças pela Amazônia. Ele (que não deixou Macunaíma ir à "Europa e França", e que também não saiu do país), deixou-nos as mais saborosas impressões do norte do Brasil, porque o olho do observador é que engrandece a paisagem. Assim Caminha em suas viagens. Não cantou a natureza da Amazônia, como Mário, nem as laranjas douradas da Itália, como Goethe e Nietzsche, mas a cultura, que sempre buscou com a mala e muitas ideias na cabeça, ao lado da amada Ana Maria. Em Recife, deparou com a extraordinária "Babilônia" de Brennand, cuja obra não poderia receber melhor denominação, uma vez que resgata a sexualidade desenfreada daquela mítica cidade "sem lei", ou melhor, governada pelo sexo, transformando-o em esculturas que encantariam Freud. Em Nova York, ao contrário, o autor viveu uma experiência que

poderíamos chamar de mística, pelo inusitado encontro com um padre às altas horas e pela comunhão de almas no silêncio profundo numa igreja deserta, onde quatro amigos puderam compartilhar o sagrado, o que encantaria Jung. Em Quixadá, encontrou Rachel de Queiroz, a "Senhora do Não me Deixes", de quem guardou a impressão de uma mulher simples, contadora de histórias, vestida de chita, culta, mas sempre sertaneja de sua Macondo. Assim, de Recife a Nova York, de Quixadá a Paris, de Fortaleza ao México, as viagens são muitas e ricas, e as histórias também.

Mas o que mais chama a atenção no livro é a generosidade do autor. Amigo de seus amigos, sempre osvê grandes e generosos; na verdade, ele o é mais que todos, pois avalia autores e obras com os olhos do coração. Quem fala dos outros fala muito e mais de si mesmo. Caminha louva os artistas de sua admiração, seja pela excelência do trabalho, seja pela honestidade e/ou caráter irrepreensível. E também pela "grandeza humana", expressão que lhe é cara. E que vale para ele. Entrevistou os maiores nomes da cultura nacional, como Drummond, de quem se tornaria amigo dileto e referência como estudioso de sua obra; ainda Otto Lara Resende, Dorival Caymmi, João Cabral, Gilberto Freyre, que o chamou de "colega", etc. etc. etc. E não poderiam faltar os nomes internacionais, a exemplo de John Dos Passos e do gigante do cinema americano e mundial Orson Welles, entre muitos outros. Grande leitor, Caminha leu tudo e mais um pouco e nos presenteia com suas impressões de jornalista atento e de humorista que não perde a piada, que ri de si mesmo como no divertido episódio de sua tenra infância. Conta-nos ainda do seu não namoro com a Medicina, sonho que não era seu, por isso irrealizado. Pelo que a Literatura e os leitores agradecem.

E Caminha fez muito: fez crônicas que são artigos, artigos que são ensaios e crônicas ao mesmo tempo, ou seja, fundiu os gêneros pela densidade que dá às primeiras e pela leveza e emoção e subjetividade que dá aos segundos, os quais, muitas vezes, em alguns autores, se tornam aborrecidos pela pretensão crítica e reflexiva pedantes de

quem está preocupado em exibir a própria erudição e em escrever mais para si mesmo que para os leitores. Não o nosso autor, que é um ensaísta de fôlego e de delicadeza, e um cronista que vai além, muito além da crônica, que, com certeza, deixaria honrado o "avozinho" Pero Vaz de Caminha, nosso primeiro narrador, cronista da poética *Carta do descobrimento*. E ancestral de todos os Caminhas, como o tio-bisavô Adolfo Caminha, autor de *A Normalista* e *Bom-crioulo*, e do artista Alcides Caminha, pseudônimo do impagável Carlos Zéfiro.

A maçã não cai longe do pé!

3ª Parte

# Poesia[1]

1 A ordem dos poemas segue a das cadeiras dos acadêmicos

*De Marly Vasconcelos*

## Esta Manhã

Esta manhã tão calma e cheia de memórias.
Varanda lapidada de orvalhos e gritos
boia nos olhos do espelho
e na esfera da lâmpada.

Esta manhã tão quieta e secreta.
Atravessa a linha do horizonte
como um coral ou face humana
onde minutos, relógios, algazarras avançam.

Esta manhã tão diáfana e branca.
Nunca é deserta, nem mutilada.
Refúgio de palavras e de faces
é como se fosse sempre infância.

Esta manhã me assume na pupila
e sigo precisa
inesperadamente limpa.
Esta manhã que passa.

*De Horácio Dídimo*

## Na Casa dos Oitenta

Para Maria Evendina

I
É hora de bendizer
A Santíssima Trindade
De louvar, de agradecer
Sua infinita bondade.

Com a Sagrada Família
Jesus, Maria e José
Seguimos a nossa trilha
Guardamos a nossa fé

São OITENTA melodias
Mais OITENTA ave-marias
Cantando na nossa orquestra

Pelo amor que nós vivemos
Por tudo o que recebemos
Fazemos a sua festa

II
Pela fé que nos sustenta
Pelo amor que não se cansa
Para a casa dos OITENTA
Levamos nossa esperança

Voamos na nossa nave
Por estes céus de platina
Sobrevoamos a casa
Tão grande e tão pequenina

Levamos muitas centelhas
OITENTA chamas fagueiras
OITENTA focos de luz

OITENTA rosas vermelhas
OITENTA verdes palmeiras
OITENTA estrelas azuis

*De Horácio Dídimo*

## Sete Poetas

Em qualquer tom
Leio o Drummond

No frontispício
Leio o Vinícius

Com pedra e cal
Leio o Cabral

Com luz e chama
Leio o Quintana

De popa a proa
Leio o Pessoa

Nos carrilhões
Leio o Camões

A vida inteira
Leio o Bandeira

*De Luciano Maia*

## Poema de Natal

Repica o sino, é noite e as orações
suplicam sejam ditas e escutadas.
Mas já ninguém percebe os seus dobrões
sob as estrelas tristes e apagadas.
O céu não se ilumina dos clarões
de outrora, quando em noite destrancadas
comovidos, diante dos portões
do firmamento, as vistas deslumbradas
vivíamos a data em seu fulgor
e a lembrança nos vinha do augural
nascimento do Cristo Redentor.
Antes, noite-de-festa inaugural
é lucro do argentário mercador
hoje o frio festejo do  Natal.

Fortaleza, dez. 2016

*De Pedro henrique saraiva leão*

## paráfrase de João cabral

Para Noemi Elisa

a rua corta
a praça, ávi
da parte a vida

enquanto passa
, a pressa espreita na praça
onde os amantes
por amor ou mor
te se des
encontram e dobram
cantos

contei aos ventos
os meus segredos;
às ondas do mar
cantei meus versos –
se mais quiserem me conhecer
perguntem às estátuas,
conversem com os pássaros,
escutem os rios
e as nuvens que por mim
passaram –
indaguem da lua
pois viu tudo e tudo
ouviu

## para Ricardo Guilherme

os móveis lá de casa
heram pessoas da família —
hoje cheiram a mofo
em gavetas onde cupins
trilham sonhos indormidos—
ouvia-se a asma do vovô
o ronco da vovó
o sussurro dos fantasmas
o uivo do vento e dos arma
dores onde embalei esperanças
e pendurei ilusões —
erotempo do sempre
quando aranhas teciam teias
nos cantos dos pássaros,
impermanentes

## Quando nossas cinzas

quando nossas cinzas se encontrarem
sopradas pelos ventos da saudade
quando nossos sussurros 'inda ecoarem no infinito;
a ausência estiver cheia de ti
e o ar souber só a teus perfumes —
quando passos que ouço a distância
parecem ser dos teus pés —
quando a cal da eternidade apagar as nossas manchas,
entre as dores do parto e a paz do porto,
as marcas dos passos sumirem no caminho
e as pedras cansarem de esperar —
quando só o éter me desgrudar de ti
e ficares nos meus dedos mesmo assim,
quando relâmpagos clarearem nossas noites
quais espasmos doutros tempos,
quando

*De Giselda Medeiros*

## Barros Pinho – Pássaro e Poeta

No início, era o rio.
As águas, com cheiro de vento,
revoltas muralhas de sonho,
ninavam o poeta e seu azul lúcido de fantasia.,
seu absurdo e seu mistério.

O poeta, grávido de ritmo e de palavras,
de fantasia e de realidades,
lavava sua solidão nas águas cheirosas de seu rio.
Vida, mulher, paixão – tripé de sua Poesia
azul como o infinito, como as águas do rio Parnaíba!

No início, era o rio.
E com ele a "Carta do Pássaro",
Lida sob a maciez da luz
Do arco-íris do Poeta!

*De Ubiratan Aguiar*

## Vagão da estrela

Minh'alma transcende
É algo que se acende
Diante de mim
Sem começo, sem fim
E meus olhos ao vê-la
Brilham tal qual a estrela
Sem começo, sem fim.

Da matéria se desprende
Fluido que não se estende
As entranhas donde vim
E se torna paz, assim
Que ao senti-la, percebê-la
Passeio no vagão da estrela

Sou passageiro espacial
Bilhete na mão, pessoal
Turbilhão de ideias, sonhador
Poeta da matéria, pensador
Amante da vida por querê-la
Apaixonado no vagão da estrela

## Canto de Vida

Vou fazer
Um canto de vida em cada canto,
Em cada vida um poema,
Um verso escrito no chão do teu corpo
Falando de amores,
De emoções do ser e suas reações

Vou falar do lugar santo
Das minhas confidências
Nas estrofes, reminiscências.
Vou falar de cada lugar
Iluminado de sol ou de luar
Fazendo vida em cada canto

Vou dizer da paz interior
Do silêncio feito murmúrios
Do aconchego, do xamego
Das mãos se procurando
Dos lábios se encontrando
Nesse canto, canto de vida

*De Ubiratan Aguiar*

## Amei

Amei a mim em você,
amei você em mim,
em cada gesto, em cada afeto,
no sorriso desabrochando,
vendo o vento levando
um pouco de mim e de você.

Amei a hora, o segundo,
o momento escuro, sem luz,
onde a vida se reproduz
no interior mais profundo.
Amei a nuvem que passa
em teus braços que me abraçam.

Amei naquela hora
a saudade que demora,
que teima em não sair
e não deixa você vir.
Amei o futuro distante,
feito de mim e de você.

## Adsum - Aqui Estou, Poesia

Chamaste-me, Poesia, e estou presente
com todo o ser e sobretudo a mente,
sem sandália e com túnica inconsútil,
elevando o essencial e odiando o fútil.
Eis-me aqui para obter, ante a assembleia,
a unção pela criação, o ardor e a ideia.
Louvores pelo estro dos meus dias,
(contra a reprovação de algum Eutias),
juntam-se à abnegação de uma renúncia
para a final escolha com a pronúncia
consagradora, e eis que sou escolhido:
por favor de uma Luz reconhecido
como Poeta. Confirmam os meus pares
o que a Poesia manda pelos ares.

## Canção da Convivência

Nossa febre, nossos sonhos,
a nossa mútua atração
ora e em dias que virão.
Nossas almas, esses dois
frutos, nascidos inconhos,
que se uniram mais, depois.
Nossos corpos conectados,
cada um ao outro se doando,
todo dia mais buscando
ficar de amor encantados.
Nossas surpresas, conquistas;
umas de Deus sendo pistas.
Nossa alegria conjunta
pela nossa convivência,
que a Aldebarã já nos junta,
sentido impondo à existência.
Nossa parcela de sono
após irmos navegar,
tornando-se o inverno o outono
por força de muito amar.
O nosso desfeito entono
no empenho de nos perdoar.
A receptiva renúncia
para a chama conservar,
dando-se aquela por núncia
do eterno bem se alcançar.
Teus frenesis de paixão
e os meus frêmitos de amor

por chão, mar, aonde se for,
como picos de emoção
e extremos de adoração,
muitas vezes repetidos,
os revezes compensando,
sem nos deixarem contidos
ante as dores vindo em bando.
Nossa *saudosa maloca*
transformada num navio
por dom, labor, desafio.
Tudo isso, o que nos toca,
fogo que arrefece o frio,
são coisas de que dispomos,
são as coisas com que somos,
as que dão prazer ou doem,
coisas, enfim, que constroem.

*De Linhares Filho*

## Despedida a Rogério Bessa

Para Conci

Companheiro de lides culturais,
vejo-te agora mudo no caixão.
Dói-me tanto saber que nunca mais
hás de atiçar com os versos a emoção.

Ao intelecto a recorrer demais,
chegaste, no poetar, à perfeição
como em quaisquer ações existenciais,
que à meta celestial te levarão.

No afã da reinvenção de novo Orfeu,
a experiência da Língua te ajudou:
nenhum significante se perdeu.

Como cristão e poeta o teu esquema,
num requinte inventivo ou em simples voo,
prendeu-se a altas virtudes e ao fonema.

## Ciúme

O medo de te perder,
real ou irreal,
Invadiu minha
privacidade
com ameaças perceptíveis
de sonho amargo.

Sentimento descorado
reduziu a auto-estima,
já era obsessão.
Inesperadamente,
apareceram as dores no peito
cravadas
pela humilhação.

Atônito, vi crescerem
as fronteiras
entre imaginação e fantasia.
e senti raiva,
crença e certeza
embora vagas,
imprecisas.

Prenhe de dúvidas traiçoeiras,
delirante,
amargurei o fel
provado, antes,
por Otelo,
instintivo e natural.

*De Teoberto Landim*

## Sedução

Sem pensar em conseqüência
eu me embalava
sem convicção da coisa certa.

A lua cheia exalava
o desejo emanado de tua pele
em chamas.

Afundado em noites acumuladas
e medo de falhar,
senti que desânimo
já não era,
que restava um bom tempo
a navegar.

Momento raro,
hoje em dia.
Mas com freqüência poderia,
sem medo de arriscar,
cruzar portões, romper algemas.

Senti plenitude
na leveza do ser,
uma liberdade no ar.

Em silêncio
as palavras têm poder.
e, com um gesto, apenas,
incensos derramaram-se

no salão,
e um vinho seco
adocicava a sedução.

Não há limites para o encantamento,
só desejos e fantasias, valores abstratos,
profundezas ocultas de mim mesmo,

*De Teoberto Landim*

## Amada

Tu és o mar
que me arrasta
que me inunda,
mas me ancoras
no teu porto
oceano.

Na calmaria,
alçando as velas,
quebro as fronteiras
e sigo delirante
o cheiro do teu corpo
em maresia.

SuSSurrOs.

Exausta,
mas satisfeita,
em clima de maré
mansa,
declaras-me
morto o desejo.

E eu em balbucio,
silenciosamente,
és minha.

# Haicais de Sânzio de Azevedo

*Tradução de Terezinka Pereira*[2]

## Trem noturno

A luz na cabeça
a cobra ligeira corre
pela noite espessa.

## Night train

Light on head
The fast snake runs
Through the dense night.

## Tren nocturno

La luz en la cabeza
La culebra ligera corre
Por la noche esspesa.

## Passado

Eterna lembrança
dos medos e dos brinquedos
do tempo de criança.

## Past

Eternal memory
of the fears and games
of the childhood time.

## Pasado

Eterno recuerdo
de los miedos y juegos
del tempo de la infância.

2 Escritora brasileira, nascida em Minas Gerais, e residente nos Estados Unidos, onde preside a InternationalWritersandArtistsAssociation (IWA)

## Sonetio

Para meu tio Horácio Dídimo

*Henrique Dídimo*[3]

Nos equinócios de outono
Folhas de papel em branco
Caem esperando poesia
Da margem clara do dia.

Cada folha é escrita
Por um mistério da vida
Guardam camadas sutis
Nas sombras do que se diz.

Colhendo tanta palavra
O poeta junta os dias
Em livro, semeia e lavra.

Tempo de chuva ou de estio:
É quando muda a estação
Que renasce o "poetio".

3 Poeta e Cineasta

# Pós –Tempo

*Wânia Cysne Dummar*[4]

Você esqueceu querido,  o quanto pesam os anos no tempo?
Sempre galopando indômito os espaços por ele permeados,
o tempo não se detém para  revogar nenhum certificado de vida temporária,
tatuando cada existir nas entrelinhas de uma data impressa no ocaso dos instantes.

O tempo não volta atrás, meu jovem
nem tampouco negocia as etapas já vivenciadas,
que poderiam provocar um novo" vir a ser" impactante em outros amanhãs.
O tempo é nó cego, é faca afiada e convencionou dividir gerações em blocos
do antes e depois,
do antigo e atual,
para desconsolo de incautos caminhantes.

A rota do tempo teceu pontes de ferro blindando possibilidades de acesso
a desejos imprevisíveis, sujeitos a fraturarem estágios forjados por épocas que se dissipam.
Negá-lo seria ato imperdoável para a categoria existencial dos etéreos viventes.
O que vem deixando teus olhos aflitos a espera de uma revolução silente, a qual impeça

4 Jornalista, membro do Conselho Editorial do Jornal O Povo, membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste-ALANE, membro  do Conselho Estadual de Politicas Culturais. – Diretora e Presidente do Conselho Temático de Responsabilidade Social Empresarial da Federação das Indústrias do Ceará CORES-FIEC e membro do CORES da Confederação Nacional das Industrias - CNI.

o perigo que uma  ultrapassagem atemporal, possa colocar em risco
este sentimento pulsando no tempo presente.

Não, meu querido,
por mais que persista essa ternura ingênua, sensivelmente humana,
a vida impõe limites e penas aos que ousam romper barreiras
impostas por códigos firmados,
sendo notório, que o tempo não deixou de herança um regulamento
final,
anunciando que não se deve proibir
o amor acontecer no pós-tempo dos crédulos mortais.

# Teogonia

*Révia Herculano*

Saí do Caos,  do seu constante abraço sobre  Gaia.
Desabrigado, voei.
ungi-me de sol, sonhei com a lua,
vaguei pela floresta, lancei-me sobre a espuma.
-Vênus se desnudava entre pérolas-
Enquanto eu caminhava sobre a areia,
Um andarilho descalço mostrou-me o livro da vida .
Havia uma pedra
e havia um fruto .
Vi-me ante a Noite que dormia sob claros cílios.
Próximo à quintessência hesitei.não havia sombras,
havia o Éter, o Éter, o Eterno.
Asas para o esplendor fuga do obscuro.
Ato Puro!

4ª Parte

# Prosa de Ficção

# O Quebra-Quebra

*Juarez Leitão*

Fortaleza, 1942. As notícias da guerra inundam a cidade. Por toda parte, comentários apaixonados. Os cartazes que chegam do Rio de Janeiro e São Paulo ilustram o desenrolar do conflito, noticiando, sobretudo, o avanço dos Aliados sobre as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) depois da participação direta dos Estados Unidos provocada pelo ataque japonês às bases americanas de Pearl Habour, no Hawaí, em 1941. Nas casas comerciais, restaurantes e barbearias a reprodução colorida das armas utilizadas exibia em grandes cartazes os novos bombardeiros, aviões de transporte, panzers, tanques, blindados e porta-aviões, assim como o mapa das batalhas e os números - nem sempre verdadeiros – do sucesso das Democracias Ocidentais sobre o Nazifascismo, numa reviravolta da situação de franca superioridade alemã até o começo daquele ano de 1942. A propaganda largamente desenvolvida no rádio, nos cartazes e nos discursos flamejantes proferidos nas praças por oradores de ocasião aguçava a curiosidade e punha em ebulição exaltada o sentimento belicoso da população.

As circunstâncias de animosidade que levariam o Brasil a participar da Segunda Grande Guerra se apresentaram assim que os Estados Unidos ingressaram no conflito. Os ministros das Relações Exteriores de todas as Repúblicas do Continente Americano, reunidos, decidiram reafirmar o Pacto Panamericano, que rezava, em sua Resolução XV, que *"Todo atentado de um Estado não americano contra a integridade e inviolabilidade do território, contra a soberania e independência política de qualquer Estado americano será considerado um ato de agressão contra todos os Estados de nosso continente."*

Embora continuasse a se declarar neutro, o Brasil ofereceu a cidade do Rio de Janeiro para sediar uma reunião de emergência dos ministros plenipotenciários do continente, em janeiro de 1942, em que quase todos (Chile e Argentina recusaram) assinaram um docu-

mento declarando que *"As repúblicas americanas, em solidariedade aos Estados Unidos, injustamente agredido, romperiam suas relações diplomáticas com o Japão, Alemanha e Itália."*

A comunicação brasileira entregue aos embaixadores do Eixo na Capital Federal, em 28 de janeiro de 1942, informando-lhes o rompimento de nossas relações diplomáticas e comerciais com seus países foi considerada por eles como uma espécie declaração de guerra.

Datam desse episódio o início efetivo de ações de represália, exercidas principalmente pela Alemanha, contra o Brasil. Navios mercantes brasileiros passaram a ser postos a pique em águas do Caribe e na travessia do Atlântico. Em 18 de fevereiro, o navio Buarque e o paquete Olinda são afundados a tiros de canhão por submarinos germânicos. E, a partir de agosto de 1942, o torpedeamento de nossos navios passa a ser feito em nossas próprias águas territoriais.

O Governo Vargas abrigava germanófilos e pró-aliados. Osvaldo Aranha defendia desde 1939 o alinhamento com as Democracias Ocidentais. Mas os generais Dutra e Góis Monteiro, além do ministro Francisco Campos, eram francamente partidários do Eixo.

Getúlio Vargas, durante algum tempo, hesita, aguardando de cima do muro para ver para que lado a vitória penderia. Entretanto, foi arrebatado pelos fatos e teve que se decidir pela política de hemisfério e honrar o panamericanismo. Não sem antes barganhar: para ceder o Nordeste do Brasil para a instalação de bases norte-americanas exigiu em troca uma usina siderúrgica, a Volta Redonda ou Companhia Siderúrgica Nacional.

Em Fortaleza, a partir do meio do ano, o estado de guerra começou a se formar na consciência coletiva. No dia 16 de junho passam a circular os dois primeiros ônibus movidos a gasogênio, pois a gasolina e o óleo diesel começavam a escassear. Pertenciam à Empresa Vitória. Dois dias depois, uma determinação municipal tirava de circulação todos os carros particulares a gasolina. Era a instalação do racionamento de combustível.

A providência da Prefeitura de Fortaleza logo ganhou abrangência estadual. No final do mês de agosto, o racionamento foi nacionalmente decretado pelo Governo Federal.

Sabia-se que a normalidade do mundo estava quebrada e que, em qualquer lugar e a qualquer instante, as pessoas poderiam ser atingidas pelas desgraças da guerra. Ninguém dormia tranquilo.

De repente, nos vimos diretamente envolvidos nos acontecimentos.

No dia 17 de agosto a Ceará Rádio Clube, com a música característica do anúncio de fatos extraordinários, divulgava a nota do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda – informando que cinco navios mercantes brasileiros haviam sido torpedeados em nossas costas: "Aníbal Benévolo", "Araraquara", "Araras", "Baependi" e "Itagibe". A notícia acrescentava que os ataques vitimaram 629 brasileiros e que alguns cearenses poderiam estar entre os mortos. Essa possibilidade tornava aquele ato criminoso praticamente uma agressão pessoal para cada habitante do Ceará.

Enquanto o rádio repetia com estardalhaço a terrível notícia, os jornais imprimiram edições extraordinárias, que eram disputadas a cotoveladas pela população emocionada.

Nessa noite, Fortaleza dormiu revoltada e essa revolta haveria de marcar o dia seguinte como uma das datas mais dramáticas de nossa história.

18 de agosto de 1942. Fortaleza acordou sob forte impacto emocional.

Pela manhã, realizou-se uma missa na igreja do Patrocínio pela alma das vítimas dos navios nacionais afundados. Grande afluência de pessoas lotou o templo e parte da Praça José de Alencar.

Dali parece que somente as mulheres retornaram para casa: os homens ficaram no centro da cidade a cata de informações e de algum fato novo.

Por volta das nove horas já se formara uma aglomeração em frente à Faculdade de Direito, na Praça da Bandeira. Dois dias antes já houvera outra mobilização na faculdade, com falas acusatórias aos nazistas que estavam atacando os navios brasileiros e também aos "galinhas verdes" conterrâneos, integralistas brasileiros e cearenses assim apelidados porque usavam uma farda verde em seus desfiles e paradas. Os adeptos de Plínio Salgado eram declaradamente simpatizantes de Hitler e Mussolini, títeres fascistas.

Agora a aglomeração era maior. Eram estudantes daquela escola e de outros estabelecimentos de ensino superior e secundário que, exaltados, ouviam discursos nacionalistas dos colegas exigindo do Governo Federal a declaração formal e explícita de guerra aos países do Eixo.

Às dez horas começou o deslocamento dos estudantes para o centro da cidade. A passeata, que a cada quarteirão era engordada pelo ingresso de populares, veio pela rua Senador Pompeu porque ali estavam localizadas as redações de quase todos os jornais. Depois de garantir a matéria para as manchetes das publicações, dobrou na rua Guilherme Rocha em demanda da Praça do Ferreira, coração palpitante da cidade.

O Centro, já fervilhava. Segundo declara Stênio Azevedo, na época funcionário das Lojas Pernambucanas - empresa de origem alemã e aqui dirigida por alemães – os bondes chegavam carregados e voltavam praticamente vazios de passageiros.

Na Praça do Ferreira o estado de exaltação ia chegando a um ponto de iminente precipitação. O velho professor Euclides César, famoso orador nacionalista, faz um discurso inflamado que terminava com a conclamação de "Morram os estrangeiros assassinos, fora os alemães!!!"

Foi tomado nos braços pela multidão como um herói. Outros oradores se sucediam na escadaria da Coluna da Hora e cada um terminava o discurso com uma declaração de ódio aos alemães, italianos e japoneses.

Os comerciantes de origem estrangeira começaram a temer o pior. Alguns fecharam as portas de seus estabelecimentos, o que, como veremos, não adiantou muito.

Fora o próprio Governo Federal que estimulara o revanche, pois, pela Portaria 5.408, de 28 de abril de 1942, decretara que, diante do torpedeamento de nossos navios, "*os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelos prejuízos que resultarem de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão e pela Itália contra a vida e os bens de brasileiros e do Estado do Brasil.*"

Aquilo que deveria ser oficial, através de ressarcimento legal segundo os trâmites julgados e autorizados pela justiça, foi entendido, no calor apaixonante da vingança e diante de circunstâncias de indubitável precipitação, como um incentivo à pilhagem e o natural "direito ao botim" que as hordas bárbaras cultivaram com tanto afinco nos albores da Idade Média quando saqueavam e depredavam vilas, aldeias e cidades do combalido Império Romano.

Às onze horas um grito ecoou na praça: "Estão quebrando a padaria do espanhol!!!"

A Espanha, embora não estivesse na guerra era protegida de Adolfo Hitler, que dera apoio militar e político ao general Franco para tomar o poder e instalar uma ditadura de direita na Península Ibérica.

Ao grito que informava a primeira agressão, a multidão correu em direção da rua Pedro Borges esquina com a Gal. Bezerril e, a partir daquele momento, tornou-se incontrolável.

Quebrada a padaria, partiram os manifestantes para o vale-tudo numa onda furiosa e irascível que agora não tinha mais chefe, nem senso, nem freio. Tudo o que à frente da horda enlouquecida cheirasse a estrangeiro era atacado, invadido, saqueado, depredado e queimado.

O saque e o fogo eram as armas da multidão, disposta a varrer da cidade a presença dos que pudessem ter o sangue, a nacionalidade ou alguma simpatia suposta ou verdadeira por alemães, italianos e japoneses.

As Lojas Pernambucanas, gerenciadas por alemães, a Casa Veneza, sapataria de italianos, a Camisaria do Álvaro e a loja A Cruzeiro, de partidários do Integralismo, foram sendo atingidas uma a uma. Todas tiveram as portas arrebentadas e sofreram a ira brutal dos depredadores. E até mercearias e sorveterias de pessoas que simplesmente tinham sobrenomes estrangeiros também foram golpeadas pelo braço nervoso do povo.

A polícia a tudo assistia com espantosa neutralidade. Nas fotos batidas por Thomaz Pompeu Gomes de Matos, que hoje formam precioso documentário do terrível episódio, podemos ver a passividade dos milicianos, alguns deles até sorrindo das cenas dantescas que testemunhavam com complacente indiferença.

O interventor Menezes Pimentel, com todo o seu secretariado, se encontrava ausente da capital em uma fazenda próxima, não se sabe se em função de alguma estratégia política ou desculpa armazenada para o dia seguinte.

Perto do meio dia o fogo já devorava várias lojas, de onde saíam populares sobraçando os produtos do saque. O botim mais rendoso era o das peças de pano das lojas Pernambucanas e os sapatos da Casa Veneza.

Foi quando se lembraram do japonês. Do único filho da Terra do Sol Nascente que morava no Ceará. Um japonês, sim, senhor, que agora teria de pagar pelas ações de seu país naquela guerra.

Jusaku Fujita, primeiro oriental a habitar em Fortaleza, mantinha no bairro de Otávio Bonfim o Jardim Japonês, onde produzia e fornecia à cidade flores e hortaliças. Desembarcara na capital do Ceará, depois de ter tentado a vida de imigrante no Peru, no Chile e na

Bolívia. Chegara nos anos 20, dera um duro danado em nossa terra para sobreviver, mas, finalmente, estava, nos inícios dos anos 40, se firmando como um horticultor próspero e conceituado.

Casara com uma cearense, se batizara na Igreja Católica e se fizera aceito na comunidade, pois era um cidadão pacato e trabalhador. Com a sua mulher gerou 14 filhos, embora apenas seis tenham conseguido sobreviver.

Naquele dia de ira a família de Jusako Fujita viveria uma dura experiência.

As lojas de estrangeiros no centro da cidade, invadidas e saqueadas, ardiam em pleno meio dia daquela terça feira de agosto. Mas o furor da massa não estava saciado.

De súbito, do meio da multidão, foi berrada uma convocação: "Vamos pegar o japonês do Otávio Bonfim!"

A lembrança macabra reacendeu o instinto bárbaro da turba. Imediatamente, todo aquele povo saiu correndo em direção do alvo indicado. A sorte é que da Praça do Ferreira para o Jardim Japonês era um bom pedaço de chão e isso talvez tenha salvado a vida da família Fujita.

Um cunhado do Senhor Jusako ouviu na praça a decisão do ataque. Mais que depressa pegou o carro e foi avisar os parentes. Os Fujita estavam almoçando quando o homem chegou alvoroçado, exclamando que deviam fugir imediatamente sob pena de serem trucidados pela multidão ensandecida. Saíram com a roupa do corpo, tomaram o carro e escaparam dali.

A multidão foi chegando na horta e no jardim pisoteando e destruindo tudo. Enquanto muitos se entregavam à frenética operação de arrancar as plantas e inutilizar as mudas, outros tomavam de assalto a casa, derrubando portas e escoiceando as paredes, dando chutes nos móveis e puxando a instalação elétrica. E foram levando tudo: telhas, caibros, madeiras, pias, sofás, camas, roupas, pratos, talheres e panelas. Uma invasão ao modo de Átila, o feroz chefe dos hunos.

Da casa, destelhada e vazia, ficaram só as paredes, cercadas de desolação. Um cenário de Hiroshima.

O menino João Batista, que tinha seis anos, guardou para sempre aquelas imagens de espanto e incompreensão. E é ele que relata, hoje, capitão da reserva do exército brasileiro e empresário bem sucedido da construção civil:

*"Chorei muito porque tinham levado minha roupinha de marinheiro. Com aquela idade não entendia a amplitude do problema. Só sei que minha mãe chorava muito.*

*A família que nos amparou teve uma solidariedade incomum. Nos levaram para a casa deles, mesmo sem ser abastados. Nos protegeram, nos salvaram. Passamos vinte dias na casa dessa família.*

*Ninguém pode imaginar como seria se tivéssemos ficado em nossa casa até a chegada dos atacantes. Teria sido uma coisa terrível."*

Jusako Fujita era um homem disposto. Quando estava no meio do infortúnio, vendo tudo o que construíra ser rudemente destruído, pensou em se matar. Foi apenas por um instante. Logo sentiu o peso de sua responsabilidade de pai de família e recobrou a coragem. Teria que criar seus filhos e a todos educar.

Já sofrera outras desditas e sobrevivera intacto em sua dignidade. Haveria de se erguer novamente.

Recomposto em suas esperanças voltou para o lugar de sua casa e de seu Jardim Japonês, no Otávio Bonfim, apesar dos riscos de um novo esgar de insensatez da emoção popular.

A guerra continuava. Aquela, feita pela loucura humana e que iria produzir mais de 50 milhões de cadáveres. E a sua, a guerra do obstinado imigrante, para construir uma família honrada neste belo país.

# Nem da Terra Nem do Mar

*Giselda Medeiros*

Caminhou resoluto em direção ao mar. Não estava a rigor para o banho. Carregava no corpo uma camisa branca de linho envelhecido e uma surrada calça *jeans*. Nos pés, um sapato batido, mas ainda lustroso. Ia como se fosse cumprir uma promessa. Tinha as mãos cruzadas sobre o peito a apertar algo de encontro ao coração. Daquela vez daria certo. Haveria de dar.

A praia estava deserta. Só ele e o mar. O mar das grandes navegações, das epopeias, o mar dos portugueses. dele também! Tinha certeza, daria certo!

Estava seguro de que tudo sairia a contento. Tudo, tudo, como planejara. Não passara tantas noites a queimar neurônios, em vão. Além do mais, aquele mundão azul sempre o fascinara. Faltava pouco para ser uma vela branca a flutuar sobre as ondas num amplexo de cumplicidade. Ele e ela, em sua indigência, ambos uma só criatura, adentrando aquela massa líquida, poderosa, numa valsa arrepiante, que o próprio Strauss não ousara jamais compor. Uma valsa sobre a brancura assustada das ondas espumantes. E tudo aquilo dele. o mar e as velas a correrem noite adentro, tremendo de escuridão. Depois o olhar do peixe antevendo a morte (não, a morte não! É a liberdade que busca), as algas, as pérolas que nunca pôde tê-las. Ser a maresia, misturar-se às pedras marinhas, ser água a correr lavando a areia, em contínuo ir-e-vir.

Estremece. Quer retroagir. Volta o olhar para o que deixou atrás. Mas só lhe restam as pegadas na areia, fundas, alinhadas, formando um caminho sem retorno. Para. Aguça o ouvido. Nada ouve, além do murmúrio queixoso das ondas, em sua canção solitária. Ah, essa música a enfeitiçá-lo, a chamá-lo: "vem"! Jura nunca ter ouvido canção mais linda!

Decide-se e, novamente, seus passos imprimem na areia outros rastros, fundos, alinhados, esticando o caminho sem retorno. Os olhos são gaivotas em voo raso. Nada veem senão o mundo azul, seu infinito aberto para a liberdade.

Ninguém saberá dele (afinal, é apenas mais um dos muitos desempregados). Quem saberá de suas angústias, de seus medos (poucos, pois os vencia: aquela não lhe era uma prova?! aqueles passos caminhando para a liberdade. não pareciam corajosos?!). Família não tinha (não legaria a ninguém a sua infelicidade).

De repente, estanca em plena via-sacra. As pernas lhe são enormes pesos a impedirem o movimento dos pés. Arreia, sobre a areia, suando gelado, as pernas dobradas, genuflexas. Depois, todo o corpo em languidez mórbida se horizontaliza. Quer levantar-se, ordenando que se apresse, falta pouco, muito pouco. O mar está a poucos passos. Vamos, falta pouco!

A noite vai chegando. a noite que o viu, faz pouco tempo, lá, no cimo da torre, feito morcego, balançando ao vento. A noite, a mesma que lhe viu os pulsos vermelhos, atados, recosturados à miséria da vida. A noite, a mesma que o viu por entre as rodas da imensa carreta, depois, no silêncio do quarto, entre outros moribundos, ligados a uma engrenagem moderna. A noite, a mesma que lhe testemunhou o encontro com a Palavra – a Bíblia – que lhe deram numa tentativa de salvação e que não pôde ler. Era analfabeto. Sombras. apenas sombras. E nem sabia ler!

O céu plúmbeo, fechado, conspirava. A lua não apareceu. Tampouco as estrelas. Tudo escuro. E ele nem sabia ler! Era um verme! Bem que poderia deixar-se ficar, ali, na areia, misturado à inutilidade, para continuar a ser pisado. Oh, não, isso não quereria mais! O mar está ali, tão próximo. Falta pouco!

Arrastar-se até ele. E, por que não?! Não foi assim que sempre vivera? Esforça-se, numa luta titânica (?). A roupa lhe pesa, os sapatos impedem-lhe o movimento. Já não pode carregar a Bíblia. Precisa das mãos livres para remar na areia. Também nem sabe ler. Resolve livrar-se dos supérfluos. Inútil a peleja.

O mar, ali à sua frente, geme também as suas angústias e as daquele homem, completamente nu, misto de gente e réptil, em seu esforço para alcançá-lo. Está quase vencido. Vamos, falta pouco para o nascimento!

As mãos pesadas agarram-se à areia, afundando-se nelas, como raízes. Qual Tântalo, o homem sofre o desespero de ver o mar ao seu alcance e não poder tocá-lo, juntar-se a ele, ser dele. As unhas, os dedos, tudo são tentáculos encravando-se na carne branca das areias anoitecentes. E suas lágrimas misturam-se às águas das poças que refletem somente a escuridão do seu olhar.

E a noite vai crescendo. em sombras e desespero. desespero de um grito, qual lâmina de aço, a cortar a quietude das areias para resvalar, em seguida, até condensar-se e impregnar-se, na noite, feito tatuagem.

# Zabelinha

Ser feliz sem motivo é a mais autêntica
forma de felicidade.
*Carlos Drummond de Andrade*

*Regine Limaverde*

Era uma rua da periferia. Chamava-se Princesa Isabel ou Dona Isabel. Para nós, de casa, era Zabelinha. Uma rua animada. Em um determinado quarteirão da Zabelinha, vivi dos 3 aos 13 anos. Idade das descobertas, das primeiras paixões, do despontar para o mundo, da descoberta do outrem, das brincadeiras infantis e de tantas outras procuras e achados. Gosto de pensar na minha infância cheia de gaiatices e danações. Fui, desde cedo, muito sociável. Andava muito na rua, na casa das amigas, o que me fez ser veículo de todas as doenças da primeira idade para meus irmãos mais novos. Levei, para casa, coqueluche, sarampo, papeira, catapora. Contraí hepatite A, fui operada de apendicite, retirei cedo minhas amígdalas, tive furúnculo, verruga nos pés, quebrei perna, o escambau. Isso não me impediu de ser primeira de classe, tirar o primeiro lugar no exame de admissão do Colégio 7 de Setembro, de jogar vôlei, nadar, declamar sob a regência de uma declamadora muito exagerada, que havia na época, e de levar carão do Dr. Edilson nos ensaios de declamação de "Língua Nacional" para dizê-la na PRE9, em um programa, que o colégio tinha, no dia 7 de Setembro. Não tinha noção de que declamava Filgueiras Lima, um poeta da Academia Cearense de Letras, cuja cadeira, um dia, eu ocuparia.

O quarteirão era cheio de animação. Começava com uma bodega na esquina, chamada Zé Rosa, cujo proprietário era o mesmo. Tinha uma serviçal que logo ficou grávida dele e que o chamava de Seu Zé Rosa. Pois bem, nessa bodega comprei minha primeira coca-cola que, até hoje, amo e que meu filho chama de veneno. Quando ele chega a casa para almoçar, vai logo perguntando para a secretária:

- hoje tem veneno para o almoço? Foi nessa mercearia, também, onde comprei meu primeiro cigarro (depois de roubar dinheiro do bolso do meu pai) e *pipers,* um bombom de hortelã, que se usava para disfarçar o cheiro horrível da boca depois de um forte cigarro BB.

Rio, rio das lembranças quando falo no pessoal que habitava essa rua. Tinha uma oficina cujo dono (tadinho!) tinha varicocele. E ficava sentado numa cadeira de balanço com aquele mondrongo entre as pernas à mostra de quem passasse. Nessa oficina trabalhava o Gipão, um bichão grande, cheio de músculos e que namorava a cozinheira da minha casa. Quando precisava de operário para esvaziar a fossa, o papai chamava o Gipão, que, atolado em fezes, tomava goles e goles de cachaça para aguentar o mau cheiro exalante do terrível trabalho. Mais adiante, tinha umas vitalinas enjoadas e uma delas, talvez a mais chata, me preparou para a primeira comunhão. – Quem é Deus? - É o Criador do céu e da terra. Ele está presente em todos os lugares. E tome Ato de Contrição, Creio em Deus Padre, Salve Rainha. Decorei tudo e fiz minha primeira comunhão na Igreja de São Benedito com os cachos todos arriando do meu cabelo liso e que havia sido colocado no *Toni* a noite toda. *Toni* era um fixador de cheiro horrível e que deixava o cabelo todo enroladinho. Foi um festão nesse dia, com direito à visita das minhas duas avós e um presente que ainda hoje possuo, um certificado do feliz dia da minha primeira comunhão e que meu pai mandou colocar em moldura.

Na época, duas coisas me alegravam: a posse de uma mala, daquelas de madeira e cobertura de papel encerado, comprada no Mercado S. Sebastião, bem cafona, mas que tinha fechadura, e latas de biscoitos sortidos que eu degustava encantada. Juntava toda a minha mesada para ter esses dois tesouros. Na mala guardava provas do colégio, chocolates e bilas (tinha uma bolsa de cabeçulinha que ganhava nos jogos com os meninos da rua). Eram de todas as cores: amarelas, azuis, verdes, róseas. Essas bilas me fascinavam.

Aos domingos brincávamos de guisado. Comprava fogareiro de barro e panela também no Mercado São Sebastião que ficava perto

e, assim, aprendi a fazer carne, feijão, arroz e outras comidas mais. A mamãe morria de nojo de provar essas iguarias, mas foi uma maneira sacrificada e brincalhona de eu aprender a cozinhar.

Mais adiante, havia uma família que tinha muitos filhos. Alguns homens que levavam nomes de heróis brasileiros e mulheres mais velhas do que eu. Havia um, o mais novo, que tinha o apelido de "Rato". Os mais danados do quarteirão, quando queriam insultá-lo, jogavam cascas de queijo no terraço da sua casa. Era um papoco!

Em frente à minha casa moravam os pais do Pintor Antônio Bandeira. Minha avó era muito amiga da D. Maria. E quando diziam para ela sobre as danações do Seu Sabino, seu marido, ela falava: - quem comeu a carne, que roa os ossos.

Havia uma vizinha que morava com o marido cujo nome era Seu Rolinha. Ela dizia assim: - só tomo banho quando meu corpo pede.

Havia uma que era a rainha da rua. Tinha três meninos danadíssimos!!! Eu adorava brigar de luta livre com o do meio. Às vezes, eu perdia as lutas e ficava danada e saía atrás dele com uma corda na mão. Nas lutas, quando o adversário gritava penico, penico era pra gente sair de cima dele.

Vizinho à minha casa morava um casal muito decente que tinha três filhos e uma filha. Eu era apaixonada pelo mais velho que usava *Fleur de Rocaille*, o perfume da mãe. A mulherada do quarteirão adotava um caderno com perguntas às quais todas nós respondíamos. Seu nome era caderno de Disparate. Nele fazíamos todos os tipos de perguntas para, dependendo das respostas dos meninos, sim, porque todos os adolescentes das redondezas assinavam o ponto nessa brincadeira, sabíamos quem paquerava quem. Na primeira página, a gente se identificava  e tínhamos, então, um número. Através dele sabíamos o perfil de todos os entrevistados. Meu galã era moreno dos olhos verdes e, através da brincadeira, soube que ele também tinha interesse por mim. Sua mãe possuía uma fábrica de *soutiens*. Naquele tempo, os sustentadores de peitos eram acolchoados. E a minha primeira providência, ao começar o namoro com o moreno, foi comprar

um *soutien* que eu, ao empurrar a mão sobre a peça, entrava toda. Eu achava lindo desfilar na rua com uma roupa que eu mesma havia costurado, usando meu *soutien* acolchoado. Cartei muito alto com os peitos maiores do que na verdade eram. Depois que me mudei para Aldeota e abandonei a Zabelinha, ainda recebi uma visita do meu moreno dirigindo uma Rural Willis, mas cedo, troquei-o por outro. Minhas exigências foram se refinando.

As pessoas da Zabelinha eram muito humildes e me ensinaram muita coisa boa. Durante o tempo em que morei lá tive tristezas, conheci a morte, a vida, despertei para o sexo, entrei para adolescência, menstruei aos 12 anos depois de ser beijada na bochecha pelo meu primeiro namorado, despertei para poesia, para a leitura (li *Os sertões* aos 13 anos de idade), estudei muito, e fui feliz colecionadora de chapas de políticos, de lápis pretos, de cadernos com misses Ceará, Brasil e Universo e organizadora de álbuns de artistas. Meus preferidos eram Rock Hudson e Elizabeth Taylor. Foi lá que soube como um nenê era feito, fato que me impressionou. Foi lá que consegui o primeiro lugar no Exame de Admissão, depois de estudar e rezar um rosário todos os dias. Foi lá que previ meu futuro de viajante, gostando de malas. Foi lá que aprendi a ser gente. Tenho saudades da Zabelinha.

# A Execução

"Quanto menos sabedoria, maior a felicidade"
(Erasmus de Rotterdam)

*Flávio Leitão*

Não se sabe ao certo porque o Professor Absalão, um protestante fundamentalista, conhecedor de cor do significado de todos os milhares de nomes bíblicos que povoam as incontáveis histórias do Sagrado Livro, dera aos seus 12 filhos epítetos de personagens do livro santo.

Dizem os mais aproximados a ele que se tratava de tradição familiar quincentenária, iniciada na época do tataravô de seu tataravô, para comprovar sua origem judaica da qual sentia um santo orgulho.

Por exigência da mulher, contudo, que, por seu turno, primava em ser uma católica ortodoxa, ao nascer-lhe o primeiro da numerosa prole, levou-o à pia batismal da igrejinha de sua cidade natal, onde, paraninfado pelo piedoso padre Moacir, recebeu o incomum nome de Obede.

Parecia ter o pai poderes de pitonisa, pois, se o significado do esdrúxulo nome é definir "aquele que serve", passou realmente Obede toda sua vida servindo, desinteressadamente, com esfuziante alegria que lhe era inerente, aos mais necessitados da sociedade moderna – os sofridos e injustiçados operários. Serviço, aliás, duro de ser desempenhado, mas que ele executava com afinco e denodo,na qualidade de advogado trabalhista.

É do conhecimento de todos que a lei trabalhista é benevolente para com o operário, fugindo, assim, ao raciocínio lógico do sofista Cálicles de que "a lei é a vontade do tirano".

Mas, apesar da assertiva grega de ser"justo o que convém ao mais forte", o Dr. Obede saía-se vitorioso na maioria de suas lides a favor de seus constituintes, indiscutivelmente os mais fracos nesse tipo de contenda.

Mesmo diante da justíssima sugestão de Santo Agostinho, o Bispo de Hipona, de que a lei deva tratar diferentemente os socialmente desiguais, havia um grande fosso cultural separando as duas partes, dificultando, sobremaneira, o trabalho de Obede.

De um lado,as matreirices de alguns patrões, tudo contribuindo para anular a aparente benesse da lei e, consequentemente, tornar árduo o trabalho de Obede; do outro lado, o operário bobo, analfabeto, desconhecedor de seu valor intrínseco.

Com o passar do tempo, entretanto, primando por se comportar como intransigente defensor do operariado nas frequentes contendas entre patrão e operário, tornou-se Obede conhecido e próspero advogado, detentor de famosa banca advocatícia, mesmo tendo optado pelo lado mais fraco da contenda.

Recusara, em várias ocasiões quando ainda jovem, tentadoras ofertas para engajar-se em escritórios de grandes empresas, que o compensariam com substancial e invejável salário.

A todo canto de sereia recusou-se ouvi-lo, sem desdém, mas com determinismo, mantendo-se fiel aos ditames de seu foro íntimo, que o impelia ao devotamento total aos pertencentes ao lumpem proletariado, no dizer do jargão marxista.

Certa tarde, reaparece-lhe no escritório, fim de expediente, um cliente operário, praticamente analfabeto, muito cioso da religião que abraçara - o pentecostalismo.

Era desses que se julgam arautos da fé cristã, passando ao exercício intempestivo e enfadonho da citação automática de alguns dísticos bíblicos, que logo identificam os seguidores de Lutero, terminando pelo "Deus seja louvado!".Terminada a litania, indaga ao Dr. Obede pelo seu processo.

Verificadas as fichas cadastrais de todos os constituintes iniciados pela letra J, finalmente chega-se à do senhor José Ataliba da Silva Beraldo.

O Dr. Obede faz uma leitura dinâmica da ficha e abre-se em um agradável sorriso, afirmando: seu Beraldo, o juiz deu-nos ganho

de causa. Infelizmente, seu ex-patrão recusou-se a pagar, razão porque vou ter que executá-lo.

Seu Beraldo demonstrou certo grau de alegria, mas depois, entre constrangido pelo inusitado da proposta que acabara de ouvir de seu advogado e, ao mesmo tempo, querendo um mínimo de justiça, replicou: Doutor, eu sou da religião Pentecostal, assim, não concordo em executar o ex-patrão, muito embora ele o mereça.

Prefiro, portanto, por causa dessa santa religião, que o senhor mande apenas dar uma boa pisa no homem.

# Café du Départ

*Américo Guerreiro de Sousa*

A humanidade divide-se orgulhosamente em dois grupos principais: o daqueles que amam Paris e o dos que juram por Londres. Em torno das duas cidades já houve desacatos, grandes discussões e mesmo troca de tabefes. Porque a paixão que qualquer dessas capitais desperta pode ser perigosa, sobretudo quando os seus devotos já beberam além da justa medida.

Eu pertencia, nesse tempo, ao grupo mais restrito, mas não menos entusiástico, dos que preferiam uma terceira cidade, um grupo, que gostava de vaguear sozinho por esse mundo de Cristo e apreciava sobretudo a bela ruína, a reminiscência clássica. Comparado com os dois grupos anteriores, o meu podia considerar-se o dos intelectuais, verdadeiros ou pretensos, o dos poetas românticos, com ou sem versos, e, infelizmente, também o dos *snobs.* Para mim, nem Paris nem Londres, Roma é que era. Mas, lá bem no fundo, do que eu sentia verdadeiramente a falta era da minha ensolarada Lisboa e dos seus bairros antigos, com cheiro a sardinha assada, gritos de mães berrando com os filhos traquinas e tudo o mais, incluindo, pelas manhãs frescas, alguma guitarra acompanhando voz de fado castiço. Talvez esta preferência pelo meu modestíssimo beco natal lhe faça a si, Madeleine, perdoar-me a traição de colocar Roma acima da sua idolatrada Paris nas minhas prioridades de viajante modesto. Não me pergunte a razão por que, já nesse tempo, eu tinha de ser diferente do resto do mundo. Nem eu o saberia explicar, mas julgo que apenas por espírito de contradição. Acabara de fazer dezoito anos, e talvez isto explique e me perdoe todas as idiossincrasias.

De modo que quando, no outono de 1968, tem graça que neste mesmo Café du Départ, Place de Saint Michel, *n'est-ce pas?,* você me perguntou por que tencionava trocar Lisboa por Paris se eu detestava a França, julguei detetar-lhe um despeito na voz que

me pareceu quase incompreensível. É certo que você não se sentia muito confortável com o calor que fazia essa tarde, já se irritara com o empregado por se ter enganado na bebida que lhe pedira, enfim, não estava nos seus melhores dias. Você morava na Rua Cujas, mas era neste café-restaurante que nos encontrávamos a maioria das vezes. A si convinha-lhe o sítio por não ser longe da sua casa; a mim o local do encontro não fazia grande diferença, apesar do preço exorbitante que estes exploradores de turistas cobram pelo chocolate quente. Mas este café tinha a vantagem de, sendo perto do Sena, permitir uma volta pelos *bouquinistes* ou ir ver passar as barcaças, se do nosso encontro mais não resultava do que o amuo frequente de dois jovens, pouco mais do que adolescentes, que começavam a apaixonar-se um pelo outro, sabendo antecipadamente, porque até aí chegara a nossa intuição, que esta seria uma história sem futuro. Tínhamos *backgrounds*, feitios e tendências muito diversos, e portanto estávamos sujeitos a discussões frequentes.

Eis-nos nesse dia à beira de um desses arrufos que nos estragariam pelo menos a tarde. Para espairecer a irritação que me provocara um qualquer dos seus ditos, olhei a praça, cheirei um sopro do rio que me chegou envolto no odor abafado das viaturas. Procurei refugiar-me em pensamentos de largo e ative-me àquilo que estava mais perto, o Sena.Gostava muito dos barcos do Sena, mas talvez gostasse mais ainda dos seus belos nomes: os *bateaux-mouches,* as *péniches*, os *esprits yachts* como aquele, todo envidraçado, climatizado e equipado com um *pont soleil* onde um dia você, lisonjeada pelo meu fascínio da água descendo, quis à viva força oferecer-me o aperitivo, apesar de a sua bolsa, nesse outono em que decidira prescindir da ajuda dos seus pais, não estar muito mais abonada do que a minha. Não mais esqueci esse seu gesto encantador, querer pagar-me um Martini seco na .como se chamava ela? Ah sim, *Péniche Evasion,* ora aí está, bela memória tem você ainda, Madeleine. E que nomes tão sugestivos para um horizonte que todo se abria em flor, refiro-me tanto ao seu nome proustiano como ao nome do barco, que é real. Mas onde ía eu?

De modo que quando você me perguntou por que me queria exilar de Portugal se não gostava da França, havia despeito e um certo rancor na sua voz. Era uma pergunta inesperada para quem acabara de se declarar há pouco "une femme de gauche", sabendo decerto que qualquer Português que fizesse vinte anos e não fugisse depressinha do país corria o risco de ir parar com os ossos a África. Por outro lado, e não querendo aprofundar muito o assunto, Paris não é o mesmo que a França, e nunca lhe dissera que não amava o seu país, nem muito menos a sua capital, embora, a esse respeito, eu nunca tivesse sido de grandes efusões. Não bastava já abrir os pulmões com deleite aos eflúvios do rio, pelas manhãs frescas, e saudar os pores-do-sol do alto de Montmartre como se fossem os últimos das nossas vidas, e ficar depois, calado, imerso na imensa nostalgia que me dava o grande horizonte visto da sua casa, sobre os telhados sujos do imenso casario? Que mais era preciso para render homenagem à sua cidade sem par? Oriunda de Bezançon, patriota ao modo único dos franceses, incapazes de conceberem não ser o seu país um modelo de civilização para todos os outros (nunca conheci nenhum seu compatriota que, sobretudo viajando no estrangeiro, não pronuncie a palavra França menos de três vezes por minuto), você não concebia que um Portuguesito de Lisboa não idolatrasse Paris acima de todas as coisas, essa cidade de que você era tão orgulhosa e que me soube mostrar tão bem. Recente professora de Geografia num *lycée* não muito longe deste café, a sua ambição desse tempo era, imagine-se, tornar-se guia de turistas. Cinco anos mais novo do que você, eu aparentava ser para si uma boa cobaia nesse seu intuito profissional, tanto mais que, fora dos meus maus momentos, que também os tinha, eu era de temperamento assaz submisso, ao contrário de si, toda fogo e revolta. Anarquista de data recente, não me perdoava que zombasse ao recordar como o general De Gaulle, só com o seu ar de velha águia teimosa e um discurso duro na televisão, pôs fim, de um dia para o outro, ao grande espírito revolucionário desse famoso mês de Maio. E desculpe se ainda hoje eu arrisco entornar a água do copo por cima da sua bela blusa de seda

lilás, assim a abaná-lo tanto com as convulsões do meu riso, mas aquilo foi tão cómico, ver na manhã seguinte ao discurso entre paternal e ameaçador do Presidente todo o francês e toda a francesa tomando o metro disciplinadamente para o emprego, com aquele ar embaraçado de colegial apanhado em falta, greves terminadas, acabou a festa, meninos e meninas, daqui a uns anos a gente, isto é, os nossos netos repetirão a façanha, e farão uma revoluçãozinha semelhante, nada como uma boa festa nas ruas.

Ah, falava-lhe das razões da minha admiração pela sua animosidade, na sua voz e no seu olhar claro de criança mimada — a única nota duma certa pureza infantil que conservou através dos anos - pois era isso e não outra coisa o seu despeito por eu, já nesse tempo, ironizar muito por acreditar em tão pouco. Em maio de 1968, quando nos conhecemos, eu tinha apenas, como lhe disse, dezoito anos. Mas, amante de leituras, nascido já com um grosso volume de História na cabeça, sabia antecipadamente no que costumam dar as movimentações de rua sem controlo majestático, digamos assim. Além disso era realmente um pequeno burguês na minha formação ideológica-burguês, palavra de que ao tempo se abusava, tão céptico das vossas revoluções como das nossas e das outras todas. No fundo, eu via e previa um paralelismo fatal entre o vosso Maio célebre e o nosso 25 de Abril a haver, se me permite a mistura de tempos, agora que me é possível pôr ambos os eventos no mesmo saco e efabular um pouco sobre as minhas intuições da época: ambos teriam de fracassar.

Dizia você que, com estas admiráveis qualidades, mais a insuspeitada capacidade de adivinhar, me deveria sentir bem no país de onde vinha, o país dos milagres de Fátima, das procissões para fazer chuva, "o país de Salazar". Esta frase tinha na sua boca dois séculos de revolução francesa mal contados e não sei quantos anos de menoscabo por Portugal, provinciana colónia cultural do seu país durante muito tempo, depois da dependência política sob a pata napoleónica, coartada embora pelos esforços dos nossos amigos ingleses, que também acabaram por comer uma bela fatia desse torrão "à

beira mar plantado", o único Camões que você sabia citar, na sua engraçada pronúncia. Claro que não me sentia bem no país de Salazar e não seria apenas pelo peso da ditadura. Muito do meu desconforto tinha a ver comigo e resultava tão só do descontentamento de mim mesmo, do meu umbigo. Mas a parte política existia, mesmo assim, e sempre foi a mais fácil de explicar. Quanto à razão para o exílio mais óbvia, a fuga ao serviço militar, não era a que mais me preocupava: ainda faltava algum tempo para correr esse risco e, por outro lado, o desejo de mudar de ares tornara-se tão premente, tão obsessivo, que mesmo a África me pareceria mal menor, comparado com o sufoco da vida em Portugal.

Expliquei-lhe portanto, nesse dia, o que era o Portugal de então. Disse-lho com acrimónia, com raiva até, embora lhe tivesse falado também das minhas incríveis saudades do Castelo de São Jorge e do bairro circundante onde nasci e brinquei, ali nas espaldas do Castelo Mágico. Afiancei-lhe que na realidade eu não detestava nem Paris nem a França, não detestava nada. Sentia-me apenas demasiado cansado, a despeito da minha tenra idade, para sentimentos fortes em relação a tudo o que não fosse eu, o meu umbigo, o tal umbigo que agora ando a ver se decifro com a sua ajuda. Derradeira crise da adolescência, diz você? Não lhe chamaria derradeira, mas aceito o diagnóstico. Estava num período de depressão, uma depressãozinha feita de tédio e desamor por tudo. Tinha acabado de entrar na Universidade, a tirar Germânicas, e aquele curso de Letras parecia-me uma enorme perda de tempo. Tempo para quê não o sabia, e essa ignorância do meu objectivo na vida era o que mais me oprimia. De modo que encontrar o seu sorriso no oceano do meu desafeto geral, começou por ser bem refrescante. Posso garantir-lhe que gostei de si logo à primeira vista, um desejo físico, a vontade imediata de saborear um gelado apetitoso em dia de calor.

Vá lá, não se ofenda com a comparação, sabe que eu adoro gelados, na realidade o símile pretende ser lisonjeiro, que há de melhor do que um bom gelado quando se tem sede? E você era um belo ge-

lado, acredite. Aceito no entanto que compará-la a um gelado é talvez algo fescenino, aliás pouco rigoroso, pois lá ardente é você, mas como fugir a essas frases simples sem as tornar banais e ridículas? Eu gostava de si mais de que alguma vez ousei confessar-lhe, e gostando de si, uma bela mulher loira, bem francesa, superficial mas com pretensões a filósofa, *snob* aspirando à simplicidade cruel e no entanto capaz da maior solidariedade com os povos oprimidos, as raças abandonadas, os pobres. Natural que, amando-a como a amava, também tivesse um fraco pelo seu país, pois assim é o homem: uma bela mulher valoriza muito o seu entorno. Até a pátria, conceito cujo valor já nesse tempo me parecia um tanto caduco e hoje me começa a parecer francamente duvidoso, quando penso no papel das fronteiras no sofrimento de tantos deserdados da terra à procura de um local para trabalhar e viver, longe dos seus horríveis lugares de origem onde só existe fome, doença e morte, até uma pátria, coisa abstracta e bastante ilusória se não inteiramente irreal, adquire um peso específico, um vulto, um certo encanto quando se ama alguém seu natural.

Sendo assim, como explicar as nossas frequentes discussões, os nossos arrufos, a vontade de tudo acabar? As discussões começavam, muitas vezes, por resultar da graça que me dava considerar-se você uma anarquista devota, em perfeito contraste com a sua aparência de menina bem vestida e bem tratada, confortável num meio que lhe dava tudo o que é preciso para viver contente, e você vivia contente, como atestava o tom dourado da sua pele bem cuidada, no princípio desse outono ventoso e frio. Aposto que tinha passado o verão em Saint Tropez, com os pais ricos a sustentá-la, despedindo-se em beleza de uma vida de menina bem, antes de entrar no mercado de trabalho, onde aspirava de facto à independência. Já não me lembro é se Saint Tropez ainda estaria por essa altura na moda, depois da associação à Françoise Sagan do *Bonjour Tristesse* e seus escândalos, mais imaginários do que reais, diga-se de passagem, sobretudo se vistos com os olhos de hoje.

Mas dinheiro e snobismo realmente não lhe faltavam, quando a conheci nesse Maio de 68. Estava você prestes a iniciar a sua futura

actividade de professora do liceu, mas dir-se-ia que o seu futuro seria, antes, embaixatriz ou pelo menos uma jornalista de revista de luxo, tal era o seu aspecto de fina parisiense vestida à *lapage*. A revolução surgira-lhe na vida como o condimento emotivo para o seu tédio ancestral, uma forma de espanejar o espírito. Do que bem me lembro é de que você desapareceu sem aviso nem notícias durante três semanas, no início de Agosto, e quando finalmente nos encontrámos de novo vinha bem bronzeada e com um halo tão sedutor que me deu vontade de lhe fugir, porque me senti tão pálido, tão magro, tão olheirento, uma verdadeira insignificância a seu lado. Era isso tudo e mais o meu ciúme por achar que quem você adorava era o Cohen Bendit, o Santo Bendito, como eu lhe chamava com mal disfarçado rancor ciumento. Não? É muito gentil em protestar, mas se o que digo não fosse verdade já você teria, durante estes anos que nos separam do Maio de 68, ido a Portugal dezenas de vezes, uma no verão e outra na Páscoa de cada ano, pelo menos, e conheceria o Castelo de São Jorge e as ruelas estreitas e íngremes do bairro onde nasci, e toda a história, arquitetura e geografia de Portugal tão bem como eu. Não foi a Portugal mas foi à Turquia, foi à Grécia, adorou Malta, e foi à Polónia, ao Paquistão e até a Goa, ver se aquilo se tinha realmente transformado na terra prometida dos *hippies*, como constava. Mas que eu saiba, nunca foi de facto a Portugal, o que, se quer que lhe diga, fez você muito bem: essa inesperada lacuna numa professora de Geografia e numa mulher tão amiga de viajar talvez lhe tivesse sido benéfica ao conservar-lhe intacta a boa imagem que, pelos vistos e apesar de tudo, conserva ainda do meu país, impressão que lhe ficou pela forma magnífica como fizémos a Revolução de Abril.

A Revolução de Abril foi um hino à liberdade? Diz bem, um hino à liberdade e à vida, à poesia da vida sem polícia política nem ditadura. A Revolução dos Cravos, que maravilha! Quando me exaspero com os meus compatriotas mais lerdos busco sempre na memória esse admirável evento e a forma sublime como ensinámos ao mundo a técnica de fazer uma revolução moderna a preceito, sem guilho-

tina, sem execuções, quase sem violência, ainda que com algumas prisões e vários exílios. Se visitasse o meu país, antes do 25 de Abril, você deixaria de me admirar o garbo, não há quadro que resista a um caixilho barato, e desculpe a imodéstia do belo perfil, mas não, não é vaidade idiota, é simples ironia.

Dizia-lhe eu que quando, uns anos antes do famoso Abril, no outono de 1968, você me perguntou por que tinha fugido de Portugal, eu respondi-lhe, sério para variar, que detestava buracos, e Portugal era isso, um buraco sujo com cheiro a creolina. As pessoas moviam-se numa lentidão exasperante, com uma espécie de falta de ar ou de vontade de o respirar. As crianças aprendiam a doutrina do céu, purgatório ou inferno para quem nesta vida não se portasse bem, e Portugal era grande, maior talvez do que a Europa toda junta, se se reunissem num mesmo mapa as colónias portuguesas espalhadas por esse mundo vasto. Disse colónias mas chamavam-se províncias, *lapsus lingua e* perdoável a quem conviveu durante tantos anos com jóias linguísticas desse quilate. A alienação foi tão grande que até a língua se me dobrou ao pronunciar palavra tão feia. Colónia, que horror. Éramos tão grandes como dois ou três desertos do Sara, só nos faltava o petróleo. Estava toda a gente morta e os que detinham o poder fingiam-se apressados e muito ocupados e estavam sempre em reunião, mania nacional que ainda perdura, mas há realmente que manter um certo ar de importância. Alguns jovens deixavam crescer o cabelo para que os vizinhos se rissem alvarmente e parecessem apenas animais idiotas e não descendentes encartados dos velhos inquisidores. Eu próprio andei de trunfa durante alguns anos, mas hoje vejo que isso era apenas o meu velho horror de ir ao barbeiro. Portugal era de facto um buraco escuro e pestífero com muito tipo de moscas alimentando-se em toda a espécie de monturos e alguns zângãos ricos que viviam bem, ainda que cheios de tédio. Metiam-se nos carros de luxo e lá passavam o tempo. Quando algum deles calcava a rua buzinando claretim sentia-se nitidamente o cheiro a refogado e a dormidas espapaçadas em noites quentes.

Porque os zângãos raramente largavam o Mercedes, fazia parte da pose deles. Aí cozinhavam discursos e mais besuntadelas e do tubo de escape dos mais bonitos saíam, às vezes, rosas para todos, como no caso exemplar da Rainha Isabel, que qualquer criança portuguesa, por mais inculta, conhece. Os *sans-cullotes* precipitavam-se então para apanhar as rosas e, se um ou outro ficava esborrachado nas rodas das viaturas dos zângãos, isso não tinha importância, significava um *sans-culotte* a menos, como em tantos países da Africa ainda hoje, tem toda a razão. Eu dizia que significava uma *culotte* a menos para um *sans-cullote* e tudo vogava às mil maravilhas.

País vendido aos turistas. De dia ainda havia o sol, apregoado em *posters* pela Empresa dos Caça-Papa1vos — que o Abril é bonito em Portugal (tem dias.), e os mortos lá se iam distraindo apanhando borboletas. Mas à noite, oh, à noite, as casas fechavam-se sobre o nosso cadáver, as paredes estreitavam-se até ao grito e sentia-se nas ruas o cheiro das gargantas sufocadas, e por vezes das janelas saía música, as crianças choravam longamente, os pais sentiam-se pais até morrerem de pura paternidade, as mulheres abriam as pernas para se distraírem com os seus homens naqueles dias sem fim nem princípio, tão iguais como a face eterna do Deus que nos regia implacável por cima das nuvens, pintado pelas mãos desses zângãos de que lhe falei, tão tristes como uma criança solitária sentada nos degraus duma velha igreja vazia, tão desesperantes como eu estar para aqui a falar ainda e a frio desse mundo já tão longínquo donde toda a vida fugira.

Mas agora calo-me porque quero beber esta bica em silêncio, saborear o meu copo de água vendo lá ao fundo aquela barcaça cheia de turistas passeando no Sena. Talvez eu descubra a *Arte de Cavalgar Toda a Sela,* primeira edição, num daqueles *bouquinistes* de que você tanto fala e gosta de ouvir falar, sem que no entanto, segundo diz, consiga descobrir o que há de importante num livro velho, porque você mudou, passou a ser despudoradamente cartesiana, anti-saudosista, tão racional como uma lapa movendo-se a horas certas na área

restrita da pedra que lhe pertence. Calo-me porque reconheço agora que, depois desta conversa toda, não lhe disse nada daquilo que era verdadeiramente importante para mim e que me fazia tanta falta e eu não podia encontrar em Portugal, como também não encontrei em França e, mesmo que não me tivesse cansado de viajar, certamente não encontraria em qualquer parte do mundo, essa coisa importante e indescritível, ou talvez eu não a conheça exactamente e seja preferível calar-me. E calo-me porque há em mim uma espécie de pudor que me levava nessa altura a ocultar dos outros e de mim próprio o motivo do meu descontentamento e que era a principal razão por que viajava tanto. Agora calmamente, embora com aquela imprecisão das palavras humanas, digo-lhe: no fundo eu estava-me nas tintas para o salazarismo, sempre pensei que, se fosse pobre, assaltaria um banco ou esfolaria um rico, e que não há regime político que possa realmente explicar a infelicidade das pessoas. Simples desculpa para a incapacidade, um regime político. O crime é uma virtude e um valor nos países em que não haja liberdade. Quer isto dizer que estou a ser contraditório, que estou prestes a defender um certo terrorismo, que no fundo sou um revolucionário autêntico como dantes se definia, isto é, um homem que sabe que um homem não é apenas uma barriga e uma necessidade de segurança, mas um bem e sobretudo uma necessidade de liberdade sem fim, mesmo que esta seja conquistada graças ao extermínio das códigos. Mas não pense que para mim justiça é a ditada pelos homens. Eu acredito numa justiça que derive do indivíduo, e que não possa ser coartada pelas leis, acredito na liberdade plena, seja lá isso o que for. Eu sou um caso perdido, agrada-me dizer, para compensar que o mundo é demasiado pequeno para o meu feitio, e desagrada-me até às lágrimas dizer-lhe que toda a vida tenho tentado lutar contra este instinto de conservação, de adaptação, que faz de mim — mas eu ainda confio no futuro — um ser bem comportado excepto quando não posso mais.

Nesse tempo houve um dia em que não pude mais com a prisão sufocante que era Portugal. Que não tivesse encontrado em França,

onde havia uma revolução no ar, mais liberdade ou mais esperança do que no meu país onde o salazarismo ia aliás morrendo, ao contrário do seu onde a democracia se tornava uma mulher adulta, é o meu problema inexplicável, mas isso também não me interessaria agora explicar-lho, desculpe-me a franqueza.

Mas voltemos ao 25 de Abril, aquilo que ainda hoje mais nos interessa recordar. Ah, o 25 de Abril. Não alterou grandemente a rotina quotidiana da maioria das pessoas, sobretudo das mais humildes, embora tivesse afetado, e não pouco, as vidas de uma minoria possidente, a que teve de se exilar, por exemplo. Alguns dos meus compatriotas nem se aperceberam muito das mudanças que aí vinham. Pergunte a um pastor das montanhas de Trás-os-Montes o que lhe disse o 25 de Abril. Nada, absolutamente nada. E muitos outros houve que não se dignaram prestar muita atenção aos acontecimentos que diariamente iam enchendo os jornais com notícias frescas, por vezes escaldantes: o discurso de demissão do Spínola, a sua fuga posterior, em Março de 1975, para o Brasil, as sucessivas quedas de ministérios, a cada vez maior ameaça de subversão de forças demasiado obscuras para que fossem tomadas simplesmente como manifestações de esquerdas demasiado juvenis, demasiado exaltadas no seu súbito despertar para a liberdade e a vida para poderem ser tomadas a sério pela maioria prudente e conservadora da Nação. E no entanto, que festa! Eu estava lá por acaso, semi-clandestino, de qualquer modo incógnito, para não ser preso como refractário pois, como sabe, no verão de 1968 escapara-me do serviço militar e viera refugiar-me no seu belo país, diria mesmo, debaixo das suas saias, e desde aí a minha vida era um permanente viajar por esse mundo. O 25 de Abril deu-se no intervalo de uma das minhas dezenas de viagens, numa altura em que, mais uma vez uma boa amiga, me dera o favor do refúgio da sua casa e, por assim dizer, do seu seio. Eu estava lá e vi - a frase mais dramática, solene e repetida que pronunciaram as bocas dos homens e mulheres meus contemporâneos. E vi desde a primeira hora do pri-

meiro dia até que o cansaço e a desilusão me fizeram deixar de ver, primeiro, e voltar mesmo as costas e ignorar, quando a descrença se instalou definitivamente.

Formavam-se grupos de curiosos, no Rossio, no Carmo, em frente ao quartel da Guarda Nacional Republicana, um pouco por todo o lado onde surdiam militares de barba por fazer e cara de quem não tinha tomado o pequeno almoço, e assistiam meio divertidos, meio incrédulos ao desfilar ensonado dos pesados tanques pelo empedrado das ruas estreitas. Houvera um assomo de golpe anterior, poucos dias antes, ninguém acreditava em revoluções em Portugal. Se aqueles militares a fizeram foi, não há que negá-lo, porque estavam fartos de andar com a casa às costas, da Metrópole para o Ultramar e vice-versa, fartos de serem corneados pelas mulheres, quando estavam longe delas, e o mesmo se diga quando voltavam a estar juntos, que a vida de guerrilha, sobretudo enquanto se espera ou se está colocado em centros urbanos, dá para muito tédio e muita aventura, entre jovens, homens ou mulheres. Havia também a questão das promoções, claro, miliciano passar à frente de homem do quadro, que desaforo, a isso, no entanto, obrigava a carência de pessoal formado na Academia Militar. É o aspecto menos nobre da coisa, mas não se pode escondê-lo, nada se deve ocultar na História, pois só a verdade é revolucionária, frase muito repetida na época.

Mais bonito do que o 25 de Abril foi o 1º de Maio. Eu contei—lhe, escrevi—lhe uma longa carta emocionada que terminei em pranto, embora nunca lhe revelasse esse pequeno detalhe. Porque em Portugal um homem só chora escondido na retrete e mesmo escondido tem vergonha dessa fraqueza. O 1º de Maio foi de facto uma grande festa, e não vale a pena a comparação com a vossa *Libération,* cada povo tem os seus Natais incomparáveis. O português tem alguma tendência para a melancolia, e quando a vidinha é inundada por alguma inesperada e rara alegria não existe espectáculo mais lindo no mundo.

Saí de manhã, ainda céptico com aquela história do golpe dos militares, mas logo vi que o povo se apossara da rua, apesar dos apelos

repetidos para que ficasse em casa, e concluí que o movimento era irreversível. Tive mesmo a ilusão de que o povo pudesse tomar conta da situação, esquecido de que o povo é apenas um chavão usado para uso dos caça—moscas, tanto da direita como da esquerda, duas designações que hoje perderam todo o sentido, quero crer. Mas deixe-me recordar-lhe o que lhe escrevi nessa altura, porque aquilo só visto, a alegria das multidões, a cortesia dos polícias de cravo na lapela, o júbilo de toda a gente porque julgávamos que tínhamos recuperado a liberdade, a única palavra deste mundo que ainda hoje me faz suportar todos os inconvenientes e me alegra e me condena à solidão. Eu acreditei, como muitos, que se tudo corresse bem, em pouco tempo Portugal saltaria o fosso que o separava dos países mais desenvolvidos da Europa. Como era ingénuo! Mas quando pensava isso, eu não pensava no fosso económico, pensava no fosso da dignidade, o único fosso verdadeiramente importante, porque a pobreza não tem de ser um defeito, e entre uma criança pobre do Bairro do Castelo e uma criança rica dos Champs Elisées, talvez seja melhor perguntar-lhes quem é que foi mais feliz, para ter a certeza. Nada pode superar a alegria dos convívios e dos jogos na rua quando se é menino saudável, dou-lhe eu essa achega para o debate.

Mas foi de facto uma Revolução única, feita com uma organização impecável e como sabe com flores nos canos das espingardas. Não foi preciso disparar muitos tiros, e aqueles que se dispararam saíram naturalmente da culatra e foram imediatamente perdoados e esquecidos. A vontade, a serenidade e autoconfiança das forças armadas e do povo destruíram em poucas horas a organização apodrecida daquilo a que chamávamos, um tanto exageradamente, o fascismo,que não o era exactamente, sendo contudo suficientemente mau para não precisar de labéus menos rigorosos, e viram—se ministros a fugir por buracos na parede, Marcelo e Tomás colocados num avião e enviados para a Madeira, a Pide destruída e quase linchada pelo Povo. Só visto, realmente. Eu vi e ainda sonho com isso. Eu chorei nas ruas, eu gritei os mais incríveis *slogans porque toda a gente*

*os gritava, uma grande* alegria inundou—me o peito, e posso—lhe dizer isto, eu senti, pela primeira e única vez na vida, que agora valia a pena viver, que a vida tinha um sentido. Não era exaltação de momento, ilusão romântica. Era a descoberta de que o sentido único da existência de um homem é trabalhar para a colectividade, como o sabem as formigas, é reconstruir constantemente o mundo. Acreditei que a respiração colectiva era possível e que a vida tinha um sentido geral. Acreditei no Povo, nesse maravilhoso povo que fazia uma Revolução distribuindo flores e uma grande, uma enorme serenidade, uma calma impressionantes — como alguém que dormiu o suficiente e acordou repousado e pronto para o trabalho. Tudo me parecia modificado naquele país e nada parecia poder voltar atrás. Ninguém poderia vencer este povo que, pelo menos durante uma semana, viveu como sobre uma nuvem de júbilo, que conheceu a liberdade a nascer da casca, que acreditou nela como uma galinha acredita no seu pinto. Eu conheci essa ideia enorme da liberdade, e conheci a gentileza do povo mais melancólico da Europa (a frase *les portugais sont toujours gaisé* das menos verdadeiras), conheci o significado da expressão amor do próximo, solidariedade. Engraçado como as grandes movimentações de massas trazem agregadas a si palavras e frases: a mais célebre em Portugal foi *o Povo Unido Jamais Será Vencido*, importada talvez do Chile de Salvador Allende, e como não recordar as russas *Perestroika* e *Glasnost,* ou a polaca *Soiidarno*ć Claro que a mais famosa foi a *Liberté, Égalité, Fraternité* da vossa famosa revolução, a mãe de todas as revoluções, frase esta que nos transporta para uma das personagens históricas da nossa contemporaneidade, o triste, famigerado e infeliz Sadam Hussein, com a sua célebre saída da *Mãe de Todas as Guerras.* Liberdade, gentileza e amor pelo semelhante, eram essas as palavras que bailavam em todos os corações. E a Revolução de 25 de Abril de 1974 foi a primeira revolução *hippie* do mundo, no que o ideal *hippie* desses anos em que eu não perdera de vista a adolescência teve para mim de fascínio: a liberdade, a inconvenção, o cabelo comprido.

O pior foi depois, o roubo da alegria pelas habituais monstruosidades. As reuniões estrategicamente controladas para obterem determinados efeitos por indivíduos que se diziam revolucionários mas eram apenas manipuladores de massas e batoteiros, os discursos ocos, a argumentação sem fundamentos, o comportamento irresponsável, a ignorância impante. Como dizia um patrão que eu tive, o mais importante não são as rosas, e a forma improvisada e irresponsável como foram tomadas decisões de enormes consequências para a economia e a vida do país tornaram a imagem dos cravos nos canos das espingardas, a banalização dessas adoráveis flores singelas e do seu símbolo insuportáveis aos espíritos mais críticos. A liberdade pode ser uma masmorra tão odiosa quanto a tirania, quando é abusada. Apenas no sentido exacto das proporções reside o caminho para melhorar os humanos destinos, mas nesse tempo a famosa liberdade era apenas uma música tonitruante e embriagada de ruídos infernais, inundadas as rádios e as televisões de um parlapatar, um filosofar, um psicologar entontecido e impune, e viram-se belos seres humanos de cravos na lapela que tinham desistido da sua independência de juízo, silenciados pela pressão intolerável de uma opinião sectária que perdera o norte e o critério. Exalto-me ao recordar o pior desse tempo, tem razão, volte a cabeça, feche os olhos para não ver a minha máscara de raiva. Mas deixe-me falar, dizer tudo aquilo que nunca ousei dizer por respeito humano e cobardia social ou política. Não faça caso se deliro um pouco, sempre fui de extremos quando a minha apatia se dissipa. O homem é e sempre será um ser imprevisível, um ser tecnocratizado, um ser pantragicado por sucessivos escalonamentos de ideias em devir permanente. Seja como for, do mal o menos e da combustão a que fizer menos fumo. Saiba—se viver até ao fim e conserve—se o ar de quem ainda espera e acredita. Compreendeu este bocadinho? Não. Tenha paciência. Mas era assim que se discutia e concluía em certos meios, sobretudo nas esquerdas mais finamente culturais.

Diz você que decerto exagero, e diz bem. Mas tudo aquilo foi delirante. Houve um período, no verão de 1975, em que possuído

do maior proselitismo, eu almoçava às cinco horas da tarde um breve sanduíche e de longe dizia um adeus subtilíssimo a tudo aquilo que me afastasse dos meus deveres de alfabetizador público, porque também eu, imagine, também eu me metera a revolucionário e educador das massas. Sempre apressado, cheio da importância da minha nobre missão, convicto do meu papel, nunca me senti mais orgulhoso e útil. Compreendia a importância de estar ali. Tanta gente à minha volta, como podia sentir-me tão sozinho? Eu queixara—me do mundo morto e do choro das crianças com fome, mas que fizera para alterar a situação? E foi essa a única altura em que pensei em si, no seu entusiasmo revolucionário do Maio de 68, e compreendi—a tão bem, olhe, julgo que a amei verdadeiramente à distância, sem você saber nada disto, amei a recordação de si como anarquista que fora, já que a realidade contemporânea da sua pessoa me dizia antes que não passava de uma burguesa rica bem intencionada como tantas "femmes de gauche" desse tempo. Sim, como adolescente eu limitara-me a encaixotar as fraldas e ala, que aí vai ele, à procura dum raio de sol na água dum copo e, nesse refrigério, safar-me à tropa e sobretudo à África, à guerra possível.Tanta inocência, tanta alma junta, tanta lágrima ao canto do olho, tanta chuva na alma, e tudo por causa do meu umbigo, da minha autopiedade, tudo por causa de mim, homem só por gosto e por desgosto, ainda hoje não consigo distinguir, um homem sem importância e ainda por cima curto de vistas, silenciado pela força dos exércitos e das polícias, e da sua própria incapacidade para falar. Revoltado esbofeteei—me e aproveitei com ambas as mãos a magnífica revolução que passava.

Era o tempo em que as ruas de Lisboa e de outras cidades se esvaziavam e um milhão de pessoas que saía para fora, ia simplesmente de férias de verão. Reinava assim um silêncio que, como todos os totalitarismos, roçava pelo magnífico. De vozes só o tonitruar de metralhadoras lá longe na floresta estrangeira. Mas às vezes, no cair da tarde, quando a alma fica presa à cabeça unicamente por um cordel, no silêncio da rua do Madrigal eu ouvia o som dulcíssimo da voz

de alguém que já não chama. Era a sua voz, a sua voz que deixara de me falar. Levada para o ignoto de um casamento há muito anunciado mas que eu sempre me recusara a acreditar, de tal modo me parecia o matrimónio incompatível com a sua alma de anarquista convencional. Na maré confusa da vida, a sua pessoa desligara-se subitamente da minha existência. Soube-o por um telegrama seu em que havia três erros de ortografia numa curta frase de menos de dez palavras. *Marriage dimange le sair je pense bises a toi.*Desculpo com a pressa de quem precisa de ir tratar das mil coisas urgentes e graves do casamento o *dimange* e o *sair,* será talvez *soir,* mas ao *à* de *toi* nunca você lhe pôs o acento, estivesse ou não apressada. E aí está como uma mulher culta uma "femme de gauche" do mais erudito, com diploma de professora de geografia e tudo, comete destas faltas capazes de diminuírem a estatura à mais sublime das personagens. Quanto ao convencionalismo e ao lirismo lusitano de que me acusa,com esse seu ar de Cassandra irónica, diziam—me as palavras que me ensinaram ao entendimento que me deram que este meu lirismo lusitano há de sempre ouvir canções nos locais mais remotos do universo. Mas não eram canções, nem era lusitanismo essa sua despedida em forma de luto.Telegrama para mim, como para muitos portugueses, sempre esteve associado a anúncio de morte e enterro, embora também pudesse ser a aniversário ou a coisa desse jaez. Aquele seu telegrama representava para mim outra coisa,claro, muito mais confusa e diáfana e subtil. Mas era também um toque a finados, o toque a silêncio, a separação definitiva, a ausência para sempre. E era também, vá-se lá saber porquê, o toque-toque do burrinho duma qualquer aldeia longínqua, daquela que nunca tive, pois, como sabe, nasci em Lisboa. Era uma mistura de imagens e ideias de inenarrável solidão. Pela primeira vez, eu compreendia, e isto no meio de uma ardente revolução cujos ideais eu comungava com o maior fervor, compreendia que o único drama que profundamente pode atingir um homem não é a glória ou a desgraça de um movimento de massas mais ou menos heróico, mas a grande dor, a autêntica tragédia é uma semi-analfabeta incapaz de

escrever dimanche correctamente anunciar a um homem que, a partir daquela tarde não poderão mais ver-se, tocar-se, insultar-se, porque haverá sempre pendente sobre as cabeças recíprocas o labéu de uma palavra em letras garrafais, a palavra TRAIÇÃO. Sim, porque você acabara de me anunciar que me atraiçoara, e me atraiçoara para sempre. Traíra-me no que mais sagrado eu tinha de mim: a imagem de um ser estampado a ferrete indelével no seu espírito. Afinal o ferrete indelével não tinha sequer a consistência de uma casca de banana que se despega do fruto. *Bises à toi*, que desplante! Amarfanhado embebedei-me nessa noite como já não o fazia há muito tempo, uma bebedeira aparentemente alegre e jocosa no meio de alguns amigos de ocasião com quem me juntara ao sair para comer camarões e lagostas. E feliz na minha bebedeira, consegui jamais apagar de mim a sua imagem de elegante noiva numa igrejinha de França, sem chorar nem morrer. Apenas alegre de vinho, de uísque, mais tarde, pela noite fora, e depois enjoado, quando em um quarto de hora eu vomitei dez anos da minha primeira juventude, antes de cair na cama, levado aos ombros pelos meus camaradas de revolução, que, nem por momentos, souberam ter a seu lado um homem que morrera e parecia feliz.

Você teve a decência de, dois ou três dias depois do telegrama, me ter escrito uma carta com os pormenores dos preparativos do seu casamento, e, pasme-se, convidando-me amavelmente para o evento. Era um convite implícito para continuarmos amigos, mas naquele momento eu não podia apreciar devidamente a graça de ter escolhido uma *péniche* para o cocktail pós-cerimónia. A coisa passaria despercebida se eu não me lembrasse do aperitivo que você me oferecera no *pont soleil* da Evasion, numa admirável tarde quente de outubro de 1968, ainda os ecos revolucionários do maio desse ano não se tinham dissipado inteiramente. Isso marcara o início da nossa relação e você queria agora frisar que a mesma teria agora de terminar, e com a mesma beleza circundante, a mesma Torre Eiffel a presidir aos nossos destinos, empoleirada lá do alto esguio dos seus ferros, a mesma Notre Dame a abençoar-nos a solidão em braços distintos, você nos de um

simpático jornalista italiano com bigode e patilhas, tão revolucionário como eu fora nos meus dias, mas mais prático nas relações humanas; eu cingido nos meus próprios braços, como aliás estive na vida a maior parte do tempo. Era também, provavelmente, uma homenagem, talvez um pouco cínica, ao meu gosto pelos barcos do Sena, quem o poderia julgar? A sua mistura de candura, sinceridade, boa vontade e estupidez roçava por vezes o incrível. Para um espírito liberal como eu me julgava então, tudo isto podia passar por brincadeiras mais ou menos afectuosas, mas eu estava apaixonado, e tudo o que não fosse trazer de volta a sua horrível pessoa me fazia sofrer terrivelmente.

Claro que não fui ao seu casamento, mas no dia do evento passei o dia e a noite a imaginar-lhe todos os pormenores. Não é que o desejasse, mas era-me impossível evitar as imagens do que se estaria passando a uns três mil quilómetros do meu pequeno apartamento ao Castelo de São Jorge. Vi-a portanto ajoelhar-se nos degraus do altar de uma pequena e anódina igrejinha algures perto do Sena, jurar amor eterno ao seu italiano, e depois virem todos, noivos, padrinhos e convidados num cortejo alegre até ao cais de Javel Bas, junto à ponte de Mirabeau, onde o *Bateau Albatros* os esperava para o alegre e informal *cocktail.* Sempre pensei que, com o seu incrível humor, escolheria a *Péniche L'Equité* para a sua despedida de solteira e boa rapariga, a igualdade sendo um dos seus ícones de "femme de gauche". Mas não, teria de ser o Albatros, teria de me mergulhar, nem que fosse à distância, no espírito líquido e sagrado, profundamente místico, do meu poema favorito de Coleridge. Quantas vezes lhe recitara essa obra-prima da culpa sem remissão e do remorso sem culpa formada, o poema *Rime of the Ancient Mariner,* nos poentes alvacentos do sótão da Rua Cujas onde, se não tínhamos discutido muito essa tarde, fazíamos amor, vigiados por uma fresta da clarabóia pelo céu cinzento desse outono mágico. Perdê-la significou para mim perder para sempre o mundo mágico da adolescência. Foi perder Paris que afinal eu amava, e todos os seus ícones: a música do belga Jacques Brel e do bem francês George Brassens, como a da Piaf, naturalmente , da Piaf

que no entanto nunca consegui igualar à da nossa Amália Rodrigues (de novo comparar duas incomparáveis) haveriam de suavizar-lhe a perda, em instantes de nostalgia mais aguda, mas o brilho do encantamento puro não voltaria mais. Que eu já tivesse idade para ser pai, guerreiro, marido e revolucionário de barba cerrada e cenho franzido e duro, quando afinal verificava com horror não passar de um adolescente serôdio era coisa que nunca me afligiu nem envergonhou. Nem a minha inteligência conseguia decifrar o enigma da sua menoridade, de modo que caí numa grave e severa melancolia, seguida de uma verdadeira depressão.

No meu *delirium tremens* eu até via os cimos das montanhas que se avistam para os lados de Sintra coloridas de anil e espuma. Eu via a presença do Adamastor enorme desenhar—se no céu estrangeiro que cobria a sua cabeça velada de renda e pensava na água e no raio de sol que jamais nos banhariam juntos. E compreendi que afinal o que eu procurava tão ansiosamente no coração duma revolução não era mais nada senão o placebo para as minhas frustrações de homem e não era nela nem em nada que não fosse a minha própria vida que residia o segredo daquilo que eu buscava e que era nem mais nem menos a felicidade impossível.Desiludido com a banalidade das minhas angústias revolucionárias, entrei em mim mesmo, fechei-me em casa, cerrei as janelas e deitei—me a dormir profundamente. A Revolução para mim tinha terminado. Eu era apenas o burguesinho que você sempre tinha adivinhado em mim, nada tinha de heroico nem revolucionário, uma vez que que para mim a felicidade nunca poderia estar numa revolução, mas apenas em mim mesmo, se é que alguma vez eu poderia atingir essa plenitude, se é que alguma vez eu mereceria essa paz. Seguiram-se meses de mais procura, uma procura febril, mas essa febre era apenas a ilusão de uma mente doente de amor traído.

Um dia cansado de tanta procura em vão, de tanto ruído de viaturas inútil, de tanta gente hostil, de tanta casa erguendo—se desafiadora para um céu chocho e sem brilho nenhum, subi os dezasseis andares de um hotel, disposto a dali lançar-me abaixo. O motorista

de taxi bem que me avisou da poluição da atmosfera, poluídos andávamos nós e o tempo estava cada vez mais cinza. Meti-me pois no elevador daquele hotel de luxo, que era enorme e muito frio, e no espelho lá estava o meu carão medonho olhando tristemente para mim dizendo-me coisas que já não conseguia ouvir. O que eu via era o tempo, o tal tempo sem significado, que não anda nem desanda, preso às folhas da minha infância mas desligado pelo acontecer posterior, pela guerra e pela morte, pela estupidificação consentida e provocada pelas aulas na universidade (a que assistira de lenço no nariz,que o cheiro a tédio sufocava, o tempo angélico dos seus suspiros agora que, em vez de falar a fornico, ou a fornico falando, falando, perdoe--me, querida amiga, mas deixe-me que fale fornicando, assim, olhos nos olhos, presos através do escuro no não sei quê. Obrigado, muito gentil da sua parte. Não, não costumo lavar-me imediatamente a seguir ao coito, detesto a vista das toalhinhas pequenas, prefiro tomar banho quando me for embora.

Falava-lhe há pouco do meu suicídio frustrado do alto de um hotel de luxo. Pois ali estava eu, dezasseis andares acima do solo, estaca de ossos, sem sangue no abdômen, sem cor no rosto que um espelho indiferente e frio reflectia por entre as folhas artificiais de um enorme vaso de magnólias de pano encerado que alguém se lembrara de colocar numa coluna de ferro verde a um canto do elevador, presumivelmente para decoração dúbia do recinto escurecido, subindo num maquinismo que um botão pusera em marcha a meu comando. Ía-me matar porque me voltara a doença da descrença e a horrível depressão que a acompanha, eu que me perdera de novo, eu a procura vã da razão para uma existência sem objectivo aparente, eu triste e até com alguma fome. Maquinalmente as mãos do meu cadáver um pouco atrasado enfiaram-se nos bolsos das calças do cadáver ambulante em que me tornara a depressão, desta máscara acinzentada em que me tinha refugiado, e as mãos tornaram-se dentes afiados que me arranharam a pele com desespero. Eu, o eu que importa, insignificante no alto daquele prédio gigantesco, ia dar cabo de mim sem nunca ter

feito nada, nem sequer um grande pecado, ou mesmo um pequeno crime, eu inocente e no fundo assustado de tão grande altura e,agora debruçado no parapeito do terraço, cheio de vertigens. O que eu desejava, compreendi—o então, não era o aniquilamento mas apenas uma vida com mais horizonte. Não. O que eu deveria fazer era saltar para a rua, sim, mas não de forma brutal como antecipara, mas de mansinho, como quem respira. Iria andar de barco no rio, dormir a sesta à sombra das árvores no campo, ouvir música em todo o lado, amar todas mulheres possíveis e de preferência ao mesmo tempo para não perder oportunidades nenhumas, embriagar—me na noite, rir até partir as cordas vocais, escrever um poema com letras sangrentas, e sobretudo dormir tanto que, se alguma vez acordasse, tudo estaria alterado à minha volta. Só assim daria razão do tempo que me fora destinado, só assim seria justo que o meu coração batesse, só assim haveria motivo razoável para a angústia perdoável, só assim eu acabaria por justificar os meus olhos outrora tão puros de adolescente ingénuo contemplando as cores maravilhosas dum ocaso sobre o mar.

Enfim, bebamos o nosso chocolate, que há multo arrefece nas chávenas. Este café-restaurante não se chama então exactamente Café Du Départ? Há mesmo quem não lhe ponha acentos nenhuns, como você fez ao *à toi* do horrível telegrama com que anunciou o seu primeiro casamento, aquele que se realizou a um *dimange.* De facto a tabuleta original e o toldo vermelho o que rezam é um Le Depart Saint-Michel com muito menos graça do que a minha inocente corruptela. Não tão inocente como isso? Aí está você, como sempre a *chercher Le midi à catorze heures.* Quem não adora a sua velha língua francesa? Brindo realmente à vossa saúde, à sua e à da nossa querida França, o país donde veio o pai Henrique, o Conde que deu origem ao nosso querido Portugal. Que vivam ambos enquanto existem. Mas faz-se tarde, se ainda quer mostrar-me como preservou devidamente encaixilhada essa bela fotografia do tanque apinhado de rapaziada festejando o regresso à alegria da primavera. Enviei-lha juntamente com um cravo nesse já tão longínquo Abril de 1974. Fico feliz por

julgar ter-me reconhecido no moço gadelhudo da camisola amarela com enormes olheiras. Eu de facto pouco ou nada dormi no dia em que essa foto foi tirada mas, agora que a analiso com toda a atenção, verifico que afinal ouve aí uma troca qualquer, pois o rapaz na fotografia não sou eu, nem sequer alguma vez eu vestiria uma camisola amarela de gola alta em pleno mês de Abril. Desculpe se a desapontei, mas mais culpa teve você em concluir que só lhe poderia mandar uma foto se eu nela estivesse. Por quem me julga? Um narcisista? Nada disso, minha querida amiga. Juro-lhe que o cravo, o cravo, sim, esse é verdadeiro. Que ternura da sua parte em ter-lhe preservado a corola.

E aqui está, minha amiga, a razão por que me vê deitado de novo a seu lado, no aniversário desse dia bendito da Revolução dos Cravos, quarenta e um anos contados dia a dia, quarenta e um anos em que tudo foi envelhecendo, até nós, até a primavera. Hoje ainda mais descrente e desiludido do que dantes, mas resignado. E sabe, descobri que a resignação pode ser também uma espécie de esperança, uma esperança adulta, rejuvenescida. É pelo menos uma atitude de maturidade, como compreender que se cresceu e não é mais permitido acreditar no Pai Natal. Todas as revoluções humanas falham, mas têm que ser feitas.

Espero que o prazer que me deu tenha sido recíproco, querida amiga.

# A Segunda Guerra Mundial em Viçosa do Ceará

*Mário Miranda Filho*[1]

O rádio divulgava notícias alarmantes de que a Alemanha fervia como um caldeirão, promovia a invasão da Polônia e da Tchecolosváquia e em breve as tropas chegariam à França e de lá alcançariam a África de onde formariam uma cabeça de ponte ao Brasil, à região Nordeste, por estar mais perto da África.

A princípio o ditador Getúlio Vargas apoiava os Nazi-Fascistas, o que ficou claro quando deportou para a Alemanha Olga Benário Prestes, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, a qual veio a falecer num campo de concentração. Como o Brasil não se decidia, cuja decisão só ocorreria muito tempo depois, com a provocação de afundamento de navios brasileiros em plena região costeira, por parte da frota Alemã. Contudo, há historiadores que afirmam que tais afundamentos foram promovidos por fragatas americanas, como se alemãs fossem, para forçar o Brasil a entrar na guerra ao lado dos aliados.

Como a União Federal demorou a se decidir, alguns municípios se adiantaram à decisão da Pátria, numa verdadeira e incontrolável explosão de patriotismo, como sói acontecer somente nos períodos de Copa do Mundo de futebol.

> Com efeito, na sempre bela e culta Viçosa do Ceará havia um clima pronunciado de insatisfação com Getúlio Vargas por sua indecisão e um clima de muito medo do ditador Hitler. Atendendo aos anseios populares, a Câmara de Vereadores, em sessão solene, porém agitada e cheia de entreveros, por deliberação unânime, inclusive com todos os votos da oposição que em ocasiões anteriores sempre votava contra qualquer projeto de lei enviado pelo Executivo, resolveu declarar guerra à Alemanha.

1 Mário Miranda Filho é Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Ceará, exercendo as suas funções em Fortaleza.

Não obstante, precederam à declaração de guerra, durante a discussão da matéria, inflamados discursos com tons nacionalista, regionalista e municipalista, o que chamou a atenção de toda a população que queria adentrar o recinto da Câmara sem espaço suficiente, o que motivou o presidente da casa a exigir a urgente participação da Guarda Municipal para impor a ordem.

Em um dos muitos pronunciamentos que proferiu, o vereador Amílcar Sampaio relembrou e enalteceu a glória de Viçosa do Ceará na Guerra do Paraguai e nos momentos cruciais da Monarquia, na pessoa de seus filhos ilustres, os generais Tibúrcio e Sampaio, tendo assegurado, de forma enfática, que a terra dos generais não poderia calar, ficar impassível diante da política escravocrata e imperialista do ditador Adolfo Hitler, esquecendo, no frigir dos ovos, que cá no Brasil vivia-se, igualmente, em um regime ditatorial. Contudo, o edil, depois de pronunciar o seu discurso desculpou-se da falha junto a alguns companheiros que reclamaram do seu esquecimento.

Por sua vez o vereador Tarcísio Calado, ilustre representante do Distrito de Passagem da Onça, famoso por querer aprovar na Câmara o dia da cachaça, com a intenção de apressar os trabalhos disse de forma enfática, ao ocupar a tribuna que "não tardará muito, talvez nem o tempo necessário para que eu finalize meu solene e patriótico pronunciamento e as tropas de Hitler já terão desembarcado em Camocim e tomado o rumo de Granja para atingir a bela e verdejante Viçosa do Ceará, berço de Clovis Beviláqua, em questão de poucas horas, para nos escravizar a todos e roubar nossas riquezas". Uma senhora de meia idade que possuía dois filhos militares, que a tudo assistia com redobrada atenção, antes de sofrer um desmaio e ser conduzida para fora do recinto, "para pegar ar frio", segundo disse uma das mulheres que ajudaram a conduzi-la, gritou: "Valha-nos Nossa Senhora da Conceição, é o fim do mundo!"

Muito afoito, o vereador Chiquinho Nogueira que do mundo só conhecia Viçosa e Granja e a distância que as separa, por conduzir tropas de burros, antes de assumir a vereança, discorreu que"seria melhor

e mais acertado não esperar o inimigo, mas massacrá-lo no seu próprio território, e para o total êxito da empreitada, o Governo de Viçosa, por intermédio de seus vários órgãos, formaria e treinaria uma tropa de elite em curto espaço de tempo. Foi aí que a sessão pegou fogo. O tribuno foi aplaudido de pé, efusivamente e a partir de então ocorrera um verdadeiro pandemônio; ninguém mais se entendia, o povo participava e interferia nos debates, todo mundo ao mesmo tempo, até que o presidente da Câmara que então presidia a histórica sessão teve a sensatez de pedir ordem na casa, sob pena de ordenar a retirada dos recalcitrantes. Nesse momento fora reintroduzida no recinto a mãe dos militares que havia desmaiado, e passou a gritar, repetidas vezes, "guerra não", mas logo parou e ficou atenta ao que dizia o presidente da Câmara.

Os trabalhos tiveram prosseguimento e o presidente da Câmara teve mais uma vez a sensatez de solicitar ao excelentíssimo colega Chiquinho, que informasse à Câmara e ao povo de Viçosa com que tropas invadiriam a Alemanha ou como se defenderiam caso Viçosa fosse invadida. O vereador, que desconhecia quase tudo desse imenso mundo, nunca tendo ido sequer à Capital do Estado, informou que já contava como certa na chefia das tropas o brioso e valente Sargento da Polícia Militar Teodoro Facundo, viçosense ilustre, chefe da invicta Guarda Municipal, que no seu entender já havia dado demonstrações inequívocas da sua coragem e bravura, quando efetuou a prisão, usando de sua própria força e disposição,do valentão, forte e alto, ladrão do cofre da igreja matriz, pelo que por ocasião da prisão do malfeitor, de que todos tinham medo, fora efusivamente saudado pelo padre, beatas, comerciantes que se viram a salvo de perigoso marginal "dos lados de Camocim", assegurou o orador.

Excelência, fale-nos das tropas, interrompeu o presidente da mesa, já impaciente.

- Sim, as tropas!!! Secundaram-no algumas pessoa da galeria.

Aqui chegou a hora de colocar o chocalho no gato.

- As tropas, disse o orador, serão formadas por desocupados, presidiários e filhos de agricultores pobres que se engrandecerão ao

retornarem da guerra como heróis. E quando falou em presidiários fez uma leve pausa e prosseguiu:

- Principalmente ladrões, estupradores, homicidas e prostitutas. O presidente da Câmara o interrompeu para proferir:

- Dessa forma o nosso município estará muito bem representado!!! Houve risos e gargalhadas gerais.

O vereador Itamar Conde pediu um aparte, o qual lhe fora concedido, ocasião em que assegurou que na Cadeia Pública só havia cumprindo pena dois presidiários e as prostitutas que existiam "eram incubadas e poucas" e os agricultores eram a grande maioria da população. Desse modo somente os agricultores pegariam em armas. Isso é injusto; irão servir de bucha de canhão!!!

Ocorreu nesse momento um alvoroço geral. O presidente voltou a pedir ordem. Uma pessoa do povo, do meio da plateia perguntou ao presidente se poderia fazer uso da palavra, por breve instante. A palavra lhe fora concedida.

- Obrigado, senhor presidente. Mas acho que se aprovada a formação das tropas o nosso município ficará marcado, de forma indelével e eternamente, por promover a violência e o preconceito e a discriminação contra as categorias nomeadas pelo vereador Chiquinho.

- Muito bem, aprovado!!! Gritaram algumas pessoas. Outra pessoa do povo levantou-se e pediu a palavra. O presidente, sempre o mais sensato e educado, por força do cargo que ocupava a concedeu mais uma vez. O rapaz que pediu a palavra era filho de um plantador de amendoim dos lados do Quatiguaba que já tinha concluído seus estudos secundários em Sobral e tempos depois brilharia como advogado na Capital. Não era nada mais nada menos que o futuro Dr.Frutuoso Correia, que assim se expressou naquela oportunidade:

- Senhor presidente. Eu como Viçosense estou disposto a integrar as tropas – no que fora demoradamente aplaudido. E continuou: Agora eu gostaria de perguntar aos senhores vereadores quais os que também integrariam as tropas, ou somente irão à guerra os filhos dos agricultores pobres, para servirem de bucha de canhão?

Neste momento ocorreu um silencio perturbador, de causar impaciência. Os nobres vereadores se entreolharam e o presidente dirigiu o olhar para cada um deles, como querendo ver a resposta no rosto. Alguns baixaram a cabeça e outros baixaram cabeça e ombro como a quererem se esconder. O presidente então proferiu: vamos dar continuidade aos trabalhos ouvindo cada um dos excelentíssimos senhores vereadores, pois o momento é de desprendimento, de entrega do egoísmo e de interesses particulares em favor da Pátria, tão necessitada do auxílio de todos os seus filhos, independentemente de classe social, religião, cor, profissão. Inicialmente pergunto ao nobre vereador Amílcar Sampaio, bravo filhodo sítio Passagem da Onça, deste Município, se gostaria de integrar as tropas. Logo se ouviu a resposta contundente:

- Eu não posso ingressar nas hostes viçosenses porque a minha mãe está doente e precisa da minha presença e auxílio o dia todo, tendo dito a mim o seu médico que o seu processo de cura é muito longo e requer redobrados cuidados. Sinto muito não poder mostrar ao canalha do Adolfo Hitler do que sou capaz para defender a Pátria e a Democracia no campo de guerra. Em seguida o presidente fez a mesma pergunta ao vereador Tarcísio Calado, que respondeu categórico: Não posso porque não tem quem cuide do meu sítio que é o sustentáculo da família, não podendo ser abandonado assim, de uma hora para outra.

Vereador Chiquinho Nogueira, por favor, tenha a bondade de se pronunciar, o senhor que tanto tem se manifestado em defesa da Pátria e de suas instituições democráticas, desde quando assumiu a vereança.

- Muito agradecido, senhor presidente. Não posso porque sou arrimo de família.Enfim, todos os vereadores se esquivaram.

A sessão fora encerrada depois de grande alvoroço e confusão visto que todos os vereadores queriam interferir na redação final da ata que finalizou com insultos violentíssimos contra a Alemanha e o ditador Hitler, constando a declaração de guerra à Alemanha, por parte do Município de Viçosa do Ceará, por intermédio da Câmara

de Vereadores, e do povo de Viçosa, constando, ademais, que não enviaria tropas, por enquanto. Durante o encerramento dos trabalhos o Sr. Presidente determinou que fossem extraídas cópias da declaração de guerra e enviadas aos órgãos competentes, inclusive ao Ministério das Relações Exteriores e ao Itamaraty, ou o que os correspondia à época, para as providências legais.

A sessão começou às 09 horas da manhã e terminou às 11 horas da noite, com ligeiro intervalo para almoço. Resta saber se Hitler tomou conhecimento dessa decisão estapafúrdia e o que seria da ordeira e pacata população de Viçosa do Ceará se o General Romel invadisse o Brasil por Camocim. Um ébrio contumaz que perambulava pela praça em frente à Câmara, falava, falseando a voz: se declararem guerra eu mato ou morro. Ou corro pro mato ou fujo pro morro.

Contudo, devo acrescentar, por dever de Justiça que não só a Câmara de Vereadores de Viçosa do Ceará declarou guerra à Alemanha, neste Ceará bravio. Outras mais seguiram-na no encalço. Ubajara também o fizera. Ibiapina seguiu o exemplo. O resto é folclore.

5ª Parte

# Discursos

# Linhares Filho, Príncipe dos Poetas Cearenses

*Sânzio de Azevedo*

Quando, no início de 1966, regressei ao Ceará, após mais de seis anos em São Paulo, encontrei em Fortaleza vários poetas jovens que eu não conhecia. Entre eles, estava Linhares Filho, que se tornou meu amigo.

Em 1968 publicou ele seu livro de estreia, *Sumos do Tempo*, com introdução de Braga Montenegro, para mim o maior crítico do século XX em nossa terra.

Constatando que a poesia de Linhares Filho é feita de concentração e de essência, acrescenta: "Há neste breve livro meia dúzia de poemas (.) em que o poeta derrama (ou sugere apenas) toda a sua angústia existencial, o seu desencanto e, ao mesmo tempo, sua afirmação nas misteriosas realidades da poesia e do ser."

Se não me falha a memória, quem falou no lançamento do livro foi Moreira Campos, contista maior, que destacou as inúmeras conotações presentes no último verso de "Momento 6", em que o poeta diz:

"e há mais que o simples ser em cada coisa."

Um dos mais altos pontos desse livro é o poema "A Minha Mãe, Habitante da Morte", do qual falarei logo mais. Em *Sumos do Tempo* não há nenhum soneto. Mas no segundo livro, *Voz das Coisas*, de 1979, há onze desse tipo de poema, dos quais destaco o "Soneto Suplicante" que, antes de editado o livro, incluí na minha Literatura Cearense, de 1976, por gentileza do autor.

Destaquei nele a busca do Absoluto, não lhe faltando o requinte da rima composta (Dai-me / andaime) nos tercetos que ora leio:

> "Às minhas construções dai prumo e sorte,
> do salitre interior livrando-as. Dai-me
> escapar ao negror da eterna morte.

Elevar-me do pó do contingente
e aos cimos ir do subterrâneo andaime,
tal como girassol que a luz pressente."

Ao comentar esse livro, Otacílio Colares disse ser o autor "um dos mais representativos valores das nossas letras e que, sabiamente, por meio de seus versos sempre altiloquentes, nos faz despertos para ouvir a inefável voz das coisas".

*Frutos da Noite de Trégua*, de 1983, traz um poema que é dos meus preferidos, o "Soneto dos Quarenta Anos", em que o autor, pensando no seu percurso buscando as alturas, diz nos tercetos:

"Penosamente irei sempre subindo,
a perseguir ideal radioso e lindo,
e a enfrentar impiedades e furores.

Até que tu, Hora Suprema, aplaques
meu coração, que descerá aos baques,
mas dando eco triunfal às minhas dores."

De 1987 é *Tempo de Colheita*, que abre com um poema de Artur Eduardo Benevides, intitulado "Soneto ao Poeta Linhares Filho":

"Em teu vulto de asceta com que passas,
Esquivo e magro, cauteloso e exato,
Encontras transcendência em qualquer fato,
À sombra de teus Tejos e Alcobaças.

Em teu gesto romântico e pacato
Não te perdes em guerras ou negaças.
És sempre o mesmo. E segues pelas praças
Cumprindo, em alto verbo, o teu mandato.
Se versos não fizesses, mesmo assim

Um poeta serias. Com tal fim,
Mediterrâneo e luso buscas ser.

Visionário e amante por destino,
Registras em teu Canto peregrino
Os gemidos do mundo a perecer."

Como que em resposta a esse poema, Linhares Filho, no mesmo livro, incluiu o "Soneto ao Poeta Artur Eduardo Benevides", o qual, depois de celebrar a ânsia de viagens do grande poeta, diz, nos versos finais dessa composição:

"Fecunda solidão de embarcadiço!
Transformas tua dor em glória e Canto,
pois é com o Belo e o Amor teu compromisso.

Enquanto, ao mar colhendo sal e encanto,
tens um fulgor com que o meu verso atiço,
teu estro humano e lídimo decanto."

E passo a falar de *Andanças e Marinhagens*, de 1993, livro que tive a honra de prefaciar. Dele, muito teria a dizer, mas me contenho e destaco alguns textos, como o que dá título ao volume, e que se inicia dizendo:

"Contra o amor não puderam tantas águas,
Nem mesmo naufragando-nos em mágoas."

Fala o poema de muitas viagens, mas quero transcrever quatro versos ainda da primeira parte:

"Pensavas, bem mais jovem e a cantar,
enquanto te beijava e a tarde vinha,
em construirmos na serra uma casinha
singela, lá bem perto de um pomar."

Anoto, de passagem, um exemplo de intertextualidade, nos dois últimos versos reproduzidos, pois há alusão a uma valsa brejeira de Capiba, intitulada "Lá na Serra", e gravada no selo Continental por Dilu Melo em 1948, com lançamento no ano seguinte.

Além dos versos para Ceiça, Mônica, Catarina e Isabel (filhas do poeta e de Mariazinha), quero fazer uma menção especial ao poema "A Machado de Assis Sesquicentenário", cujo título seria mudado para "A Machado de Assis, Morto Vivo", no livro *Itinerário* (Quarenta e Cinco Anos de Poesia), de 2015. A última estrofe diz:

> "És trágico, mas és eterno na arte.
> Por isso, estou aqui para saudar-te."

E dizem os dois versos finais:

> "Até o dia, afinal, da grande muda!
> A Dor dos que ainda ficam te saúda!"

Na referida introdução, digo eu que o último verso desse poema é um dos mais belos de toda a poesia cearense, e que representa o que todos nós poderíamos dizer ao grande mestre do pessimismo:

> "A Dor dos que ainda ficam te saúda!"

Seja-me perdoada a imodéstia de revelar que Artur Eduardo Benevides, em artigo no jornal *Notícias Culturais*, citou essa minha opinião, concordando com ela.

Horácio Dídimo, poeta cuja estreia em livro se deu pouco antes da de Linhares Filho, escreveu vários poemas sobre o autor aqui homenageado. Leiamos pelo menos um deles, sobre *Andanças e Marinhagens*:

> "Linhares, poeta irmão,
> depois de longas viagens,

retira do coração
andanças e marinhagens.

Como a mina traz o ouro,
como o rio faz as margens,
retira do seu tesouro
andanças e marinhagens.

Andanças e mais andanças,
que são tantas as mudanças
passo a passo, noite e dia!

Marinhagens, marinhagens,
que são tantas as paragens
no mistério da poesia!"

Italo Gurgel fez esta observação: "Linhares Filho não descarta a precisão da forma. (.) Não teme, por exemplo, o desafio do alexandrino. Nem renega poemas em moldes fixos, como o soneto."

Por sua vez, Dimas Macedo, prefaciando *Rebuscas e Reencontros*, de 1996, sexto livro do poeta, diz: "Nele redescubro, eterna e rediviva, a partitura existencial e filosófica, a poesia de conotação metafísica e elegíaca e a escritura substancial e palpitante de um dos nossos maiores escritores."

Peço licença para uma reminiscência pessoal: quando jovem, em São Paulo, tive a coragem de mostrar a Guilherme de Almeida os originais do meu primeiro livro de poemas e, considerando ultrapassado o verso de doze sílabas, disse-lhe, meio encabulado: "Mestre, há aí dois sonetos em alexandrinos." E ele me perguntou: "E o que tem isso?" Pergunta que para mim foi uma aula de arte poética.

Conto isso porque *Rebuscas e Reencontros* abriga pelo menos três sonetos em alexandrinos. Escolho um deles, "Em Vão", que é dedicado a Dulce, Miceno e Maria Pia, irmãos do poeta. Transcrevo o primeiro quarteto e os dois tercetos:

"Trago comigo ainda o mugido dos bois.
Andorinhas, porém, levaram a primavera,
e triste aqui fiquei em longa e absorta espera,
sem poder transformar no antes o depois.

. . . . . .

Enternece-me o rito antigo do ambiente,
que em meu peito plantou uma rica semente
de alegria e de amor que nunca esquecerei.

Procuro reencontrar-me. Em vão busco uma trilha.
O mesmo já não sou: o meu ser já não brilha
na glória de um alpendre ou junto à velha grei."

Carlos Augusto Viana, em artigo no *Diário do Nordeste*, em dezembro de 1996, dedica um parágrafo a esse soneto "Em Vão" e, entre outras coisas, observa que o poema, "ligado ao passado, encontra no alexandrino clássico o ritmo ideal para que o tempo sagrado da infância possa, outra vez, ressurgir, acompanhado de seus mitos e ritos".

Ainda nesse livro o poeta diz, à sua amada e musa, o soneto "Bodas de Pérola", escrito em 1995, em Colônia (ou Köln, como grafa o autor):

"De pérolas oferto-te um colar,
que são na rota lágrimas vertidas.
Sem as penas não se unem duas vidas,
que por amor decidem navegar.

Ensinou-nos a dor a muito amar
e com esmero sarar nossas feridas.
As horas de prazer vêm mais queridas
na calma, após um proceloso mar.

Para a celebração das nossas bodas,
sirvo-te do melhor vinho da Terra
e me serves amêndoa com avelãs.

Proclamo-te a reeleita dentre todas,
pois de ti nosso rumo se descerra,
a surgir do teu corpo nas manhãs."

*Cantos de Fuga e Ancoragem* é de 2007, e tem introdução de Francisco Carvalho que, após afirmar que se utiliza o poeta frequentemente "dos pilares da racionalidade, sem deixar, obviamente, de recorrer aos privilégios da intuição", acrescenta: "Louvada por figuras do porte de Carlos Drummond de Andrade, conhecido por sua parcimônia nos elogios, Lêdo Ivo, Ivan Junqueira, Gilberto Mendonça Teles e Abgar Renault, para citar apenas os nomes de maior visibilidade na galáxia das Letras, a poesia de Linhares Filho, considerada na sua perspectiva geral, impõe-se pela densidade do seu lirismo, pela diversidade de temática, pela transparência de suas construções estilísticas, pelo humanismo impregnado de expectativas e de impulsos metafísicos."

Quando às vezes eu telefonava para a casa de Linhares Filho, atendia Mariazinha que, ao me cumprimentar para depois chamá-lo, informava-me estar ele contemplando peixes em um aquário. Daí eu entender melhor a bela "Elegia ante o Aquário", desse livro:

"O meu peixe carmesim
de belas barbatanas, longa cauda,
hoje amanheceu morto à flor da água.
Busco e não acho a causa mortis.
Ressinto-me com a sua pouca sorte.
Ainda ontem vinha, aos ziguezagues,
comer de uma ração para o cardume.
Parecia entender os meus cuidados,
que se tornam agora só queixume.
Sem esquecer do humano a fome e a alma ferida,

sou homem por também amar
a beleza da vida
como a de um peixe assim.
A morte do meu peixe carmesim
mais do que a indesejável falta dele
dá-me saudades de mim."

A sensibilidade do poeta com relação ao sofrimento de outrem já se havia expressado, entre outras vezes, como no livro *Tempo de Colheita*, de 1987, no "Romanceiro de um Morto Vivo", sete poemas sobre a tragédia que vitimou Tancredo Neves. Cada vez mais fala o poeta do passar do tempo, e em 2010 lança *No Limiar do Inverno*, sobre o qual constatou Pedro Paulo Montenegro: "O poeta vive numa perspectiva mística, teocêntrica, dominada pela ideia e presença de Deus e do Amor."

Para confirmar essa observação do crítico, basta ler os primeiros versos da "Prece pela Poesia":

"A Poesia não é Deus, mas Deus é poesia,
porque é a suprema Beleza,
a suprema Elevação,
o Libertador de toda comoção
e o Criador de toda a Natureza."

Nos anos 90 escreveu Artur Eduardo Benevides: "*De Sumos do Tempo,* de 1968, até agora, Linhares Filho consolidou, definitivamente, o prestígio de seu nome na Poesia Cearense, com obras de muita expressividade linguística e domínio arquitetônico do verso, nas formas fixas ou livres, e em metros longos ou curtos, isométricos ou heterométricos. "Continua o tempo em seu caminhar eterno e, em 2013, dá-nos o poeta *Junto à Lareira Invisível*, que abre com os "Momentos Impressivos da Terra Santa".

Para Vera Moraes, o livro, que traz meditações sobre religião e humanidade, é um "mergulho visceral em indagações sobre origem

e conhecimento, recusa da alienação provocada pela massificação da vida cotidiana, indicando firme desejo de desvendamento de um processo de busca e de apreensão do Ser", cuja totalidade, segundo ela, "jamais se revelará a nós, em sua plenitude".

Ao longo de seus livros, o poeta celebrou escritores vivos e mortos. A lista contém muitos nomes, mas sempre cito Machado de Assis, Castro Alves, Bilac, Cruz e Sousa, Jáder de Carvalho, Antônio Girão Barroso, Mário Quintana, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Miguel Torga, Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Otacílio Colares, Drummond, Braga Montenegro, Lêdo Ivo, Gilberto Mendonça Teles, Ivan Junqueira, Dias da Silva, Dimas Macedo, Carlos Augusto Viana, Barros Pinho, José Alves Fernandes, Horácio Dídimo, Pedro Paulo Montenegro e entre outros o pintor e poeta Otacílio de Azevedo, o que me comoveu. É tão grande porém a generosidade de Linhares Filho que encontrou meios de homenagear em verso o menor dos companheiros, este eterno aprendiz das Letras que neste momento vos fala.

Drummond escreveu: "*Tempo de Colheita* está aqui, a fazer-me companhia poética. Que belo poema (para citar um entre tantos outros) 'O Trajeto da Criação'."

Esse poema, destacado pelo autor de Boitempo, termina com estes belos versos:

> "Das trevas todo em luz e só deleite e mel,
> ou só denúncia e ardor, revoo e encanto,
> surge aquele que é um teorema,
> para que o mundo se recrie e se complete:
> -- com a manhã, das mãos aflitas do poeta,
> nasce o Poema."

Prometi que falaria ainda de "A Minha Mãe, Habitante da Morte", e faço-o, reproduzindo um trecho do discurso com que Moreira Campos se dirigiu ao poeta, quando o saudou em seu ingresso em nossa Academia.

D. Zezé, esposa do contista maior, havia sido aluna de pintura de D. Maria da Conceição Esteves Linhares, mãe do poeta, e aproveito o ensejo para ler justamente a parte do discurso em que Moreira Campos fala do poema, dirigindo-se ao autor usando o tratamento acadêmico:

"É precisamente a essa mãe privilegiada que dedicastes um dos vossos mais belos poemas, pela essência e pelo valor dos símbolos, trabalho inserto no livro *Sumos do Tempo*, sob o título 'A Minha Mãe, Habitante da Morte', cuja leitura me permito, pelo menos em alguns trechos". E transcreve estes versos:

"Tua branca rede já não se arma
para a sesta. Todavia, guardo,
com o ranger longínquo dos armadores,
a placidez do teu sono,
a entreter o meu sonho.

. . . . . .

Teus pincéis dormem
com a resignação de pincéis.
Minha alma imperfeita,
a despeito de teres sido
artista perfeita, pede, todo dia,
os últimos retoques.
Santa e elmo,
no navio em que eu encontrar borrasca,
os teus olhos serão santelmo.
No silêncio noturno não se ouvem mais
os passos cautelosos com que fechavas
a janela que dá para a rua,
no entanto percebo,
na lã escura da noite,
o abrigo do teu xale."

Diz ainda o contista: "Alcançastes pela elegia particular o universal, que é a grande lição da arte: é que aí estão eternizadas todas as grandes mães", conclui.

Ao comentar esse poema na minha *Literatura Cearense*, há exatos 40 anos, lembrei que o poeta se serve de dois vocábulos diferentes, "santa" e "elmo", para evocá-los dentro de um terceiro, "santelmo", num artifício de verdadeiro artista.

Antônio Girão Barroso sentenciou: "pode-se dizer (.) que Linhares Filho é um dos nossos melhores poetas, ocupando por esse e por outros motivos uma posição de destaque na literatura cearense".

E José Alcides Pinto disse ser ele "Um dos mais autênticos intelectuais de sua geração". E acrescentou: "Sua obra fala por si mesma, por sua expressividade, seus valores estéticos."

Para Edigar de Alencar, "Seu *Tempo de Colheita* (belo título) impressiona pelo alto e harmonioso nível poético. Uniforme na alta dimensão que você lhe deu de ponta a ponta."

Caetano Ximenes Aragão escreveu: "Sua poesia, como um rio de águas benfazejas, chega até nós e nos basta."

Alves de Aquino celebra a obra do poeta na "Décima para Linhares Filho", que diz: "Na rebusca de alinhares / O canto à noite de trégua, / Itinerário de léguas / De invernos e limiares / Notícias: quem, Linhares, / Para remexer o húmus / Do tempo com seus desrumos?/ Quem antes, durante, após / Ouve das coisas a voz?/ Tu, só, e teu Verbo: Sumos."

No citado livro *Junto à Lareira Invisível*, há um poema em versos octossílabos, no qual o autor fala de Lavras da Mangabeira, sua cidade natal. Dedicado aos escritores Dias da Silva e Batista de Lima, intitula-se "Falta de Lavras":

> "Lavras, eu te busco incessante
> entre os confins da longa ausência,
> com a fidelidade de amante
> e a inquietação de minha essência.

Revisitando-te em meu sonho,
passeio pelas tuas ruas,
miro-te o céu, piso o teu solo
como quem, ansioso e tristonho,
quer ressentir delícias tuas
e reencontrar antigo colo.
As amenidades de outrora
ficaram, represas, contigo.
Dá-me, ao menos, de minha aurora
Os reflexos que não consigo."

Caio Porfírio Carneiro, cearense radicado em São Paulo, disse ao poeta: "Você não se vale de metáforas no verso, o todo metafórico exsurge, por inteiro, no todo do poema, de qualquer dos seus poemas tomados ao acaso."

Edmílson Caminha, cearense de Brasília, afirma: "De *Sumos do Tempo* aos *Novos Poemas*, a coletânea nos dá a conhecer a bela trajetória do poeta que não se apaga ante o ilustre professor, o brilhante ensaísta e o arguto crítico que se encontram em Linhares Filho."

Depois de se referir aos *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, escreveu Anderson Braga Horta: "Os poemas estão mais ou menos no mesmo plano – altiplano. Não obstante, eu tomaria por paradigmas maiores do poeta o soneto 'Conquista' e o poema 'O Trajeto da Criação.'"

Reproduzo os tercetos de "Conquista":

"Contemplo do alto a máquina do mundo,
como quem subjugou a onda e o frio,
e do esplendor de tudo já me inundo.

Aporto no limiar do próprio Ser,
fiando altivo à parca um desafio:
faz-se de morte o tempo de viver."

Giselda Medeiros diz ser o poeta "vigoroso e lírico, telúrico e filosófico, elegante e erudito na exteriorização de sua arte, a qual não define nem classifica os objetos, os seres, antes os sente, para transformá-los em beleza diante dos nossos olhos".

E Aíla Sampaio, ao lembrar que *No Limiar do Inverno* é um canto da maturidade, completa: "O próprio título alude a um marco e é sugestivo de um momento de transição, quando o poeta se assume homem maduro, senhor de suas emoções; e poeta afinado com seu instrumento: a palavra e sua expressividade."

Penso que foi a extensão da obra poética de Linhares Filho que levou Pedro Henrique Saraiva Leão, num micropoema, a dizer nas primeiras linhas:

> "diz-me, poeta, di-lo a mim
> por que não murcham
> as flores do teu jardim!"

Já falei aqui dos *Cantos de Fuga e Ancoragem*, de 2007, mas creio não haver feito menção a *Notícias de Bordo*, do ano anterior, e que é a seleção de textos de sete livros do poeta. Aludindo à conotação náutica dos títulos desses livros, Jorge Tufic, poeta amazônico que, para sorte do Ceará, veio radicar-se aqui, dá parabéns a Linhares Filho "por mais essa grande viagem da palavra que se faz barco, e do barco que tanto serve para singrar as águas revoltas, quanto a doce tranquilidade das antemanhãs de sonhos e descobertas".

E justamente tratando de *Notícias de Bordo* Noemi Elisa Aderaldo constatou: "Os poemas todos são de grande qualidade, tanto em forma quanto em conteúdo, mas o que neles logo e sobretudo chama a atenção é o requinte artesanal de sua estrutura vérsica, que lhes confere atraente perfeição formal."

Para Iranildo Sampaio, "Linhares Filho é um investigador paciente da grande poesia. Um poeta autêntico, em cujos versos os mitos se confinam."

Sobre *Itinerário*, Gilberto Mendonça Teles disse tratar-se de um "livro que não só enriquece a literatura cearense, como também dá dignidade ao trabalho intelectual de Linhares Filho e conecta a poesia do Ceará ao melhor da poesia brasileira e da latino-americana".

Escreveu Adriano Espínola: "Linhares Filho retoma a dicção grave da geração de 45. Quero dizer com isso que o poeta encara com a maior seriedade os graves problemas do homem, em termos existenciais, sociais e metafísicos."

Dirigindo-se ao poeta, Angela Gutiérrez diz: "Você me fez mergulhar em mares e rios de belas palavras, ao enviar-me (.) seus dois livros de poesia: *Cantos de fuga e ancoragem* e o sumo dos sumos, *Notícias de bordo*."

Em longo artigo no *Diário do Nordeste*, Lourdinha Leite Barbosa assinala, entre outras coisas: "Em inúmeros poemas de Linhares Filho, eu lírico, vida e mundo se interligam num emaranhado cujos limites se esfumam. A causa disso não é somenteo uso da primeira pessoa do discurso, é toda a expressão poética: vida e palavras pulsando em uníssono."

Segundo Pedro Lyra, "a poesia de Linhares Filho guarda, ao nível da expressão, o equilíbrio estilístico que o identifica: um poeta tributário da tradição do nosso lirismo, seduzido pelo prestígio do eterno e beneficiado por um firme domínio da linguagem".

Dias da Silva escreveu: "*Itinerário* é um caminho que vai dar no universal. Mesmo nos momentos mais reservados e confessionais (há sempre uma zona de privacidade em cada ser humano) há sempre o sentimento do mundo e do todo. A dor toda do mundo. Lembrança de todo mundo. Tons religiosos de todos. Angústia existencial do mundo inteiro."

"*Andanças e Marinhagens* é título precioso de um livro de poemas preciosos, que li de uma só vez", escreveu Abgar Renault.

E o saudoso Nilto Maciel disse ao poeta: "seus melhores momentos, para mim, são aqueles em que você se volta para o ser em si, o existencial, o mais profundo do ser".

Nunca esquecerei meus encontros com Linhares Filho quando, dos anos 70 para os anos 80 do século passado, cursamos nosso Doutorado em Letras na UFRJ, ele, em Literatura Portuguesa, sendo sua orientadora acadêmica a professora Cleonice Berardinelli, e eu, em Literatura Brasileira, sob a orientação do professor Afrânio Coutinho.

"Por fim, quem é Linhares Filho?" Foi esta a pergunta com que Rodrigo Marques encerrou a entrevista que fez com o poeta, e que está nas páginas finais de *Cantos de Fuga e Ancoragem*. E esta é a resposta de Linhares Filho:

"Embora sem prejuízo da suprarrealidade, mas considerando que minha poesia é bastante confessional, minha biografia coincide muito com o eu lírico que se apresenta em meus versos. Escolheria o 'Poema algo cômico de minha essência' para através dele dizer quem eu sou. Ali está o homem laborioso, sonhador, detentor de alguns equívocos, ansioso do sublime, consciente de sua pequenez, integrado na dor humana, fiel à crença religiosa, celebrador da vida, enfim o que pode dizer:

> 'Sou, sobretudo, o que compõe sonatas
> de luz e cores, com as notas do tempo,
> para deleite da vida e alívio do mundo.
> O que persegue, pelo espaço, a cada metro,
> emoções para o filtro do poema.'"

Vai longa a minha fala, mas peço licença ainda para dizer pelo menos os tercetos do belo soneto "Bodas de Ouro", em que o poeta fala a Mariazinha:

> "Ganhamos dons de luz: nossos netos e filhas,
> os quais, com o conviver de doces maravilhas,
> consolo nos darão ao fim do entardecer.
>
> E uma ideia feliz nos empolga e persuade:
> ficarmos, ainda, em Deus juntos, na eternidade,
> para realização cabal do nosso ser."

E nesse momento, em que Linhares Filho assume o Principado da Poesia Cearense, é justo que seja lido o soneto com que ele se despediu daquele que foi seu antecessor. Leiamos "Despedida a Artur Eduardo Benevides":

"Poeta maior, a dor nos avassala
ante o teu corpo pálido, sem vida.
Do fraterno convívio em nós se instala
a lembrança ao limiar da despedida.

Sinto, porém, que o mar, que não se cala,
e que te foi canção mui preferida,
embalará, assim como ora o embala,
teu sono, mesmo após tua partida.

Príncipe, pois criador lúcido e forte,
ostentarás a marca, que não some,
da predestinação de poeta exata.

Cantaste tanto o Amor que, em frente à morte,
teus versos hão de repetir teu nome
como o de seresteiro em serenata."

E, para encerrar a minha fala, repetirei as palavras que um dia pronunciei no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará:

"Linhares Filho é um desses artistas verdadeiros, um poeta no sentido mais nobre do termo. A poesia se faz com palavras, já o lembrou Mallarmé na anedota famosa, e Linhares Filho é dos que conhecem os sortilégios da linguagem, os segredos da arte de erguer universos com a constelação dos signos. Em suma, ele é poeta, senhor do verbo e do verso, pastor de metáforas e recriador do mundo."

# Agradecimento pelo Título de Luz

*Linhares Filho*

Magnífico receber a unção da honraria, que com generosidade me conferis, justamente neste evento celebrativo dos 122 anos do nosso sodalício, renovado em suas produções intelectuais e sobretudo em sua estrutura física pela operosidade de um Presidente, que o revestiu de opulentas formas de beleza, valorizando a tradição que vibra sob aquele teto e dignificando tudo o que em nome das Letras e da Ciência, da Arte e da Cultura se efetua ali.

Dois grandes poetas, Batista de Lima e Dimas Carvalho, cometeram, há alguns meses, surpreendentemente, a simpática maldade de propor, numa concorrida reunião da Academia de Letras e Artes do Nordeste, os nomes de dois amigos e companheiros de grupo literário, o do poeta-irmão Horácio Dídimo e o meu, como candidatos ao título de Príncipe dos Poetas Cearenses para sucessão do poeta maior Artur Eduardo Benevides. Aceitamos o desafio ou aventura, mas sem intenção de digladiar-nos, haja vista a promessa que fizemos de cada um votar no outro para a eleição do agraciado.

A Academia Cearense de Letras, a que ambos pertencemos, acolheu a ideia dos proponentes, e o seu dinâmico Presidente, o escritor e bibliófilo José Augusto Bezerra, na reunião do dia 24 de junho, entendeu, sabiamente, que o consenso, na apresentação de um só candidato, é que seria recomendável para a instituição representativa da intelectualidade cearense. O meu amor à Poesia não me animou ao desapego a mim mesmo, e entreguei-me à decisão judicatória dos confrades presentes, que se declararam incapazes de uma escolha daquele teor entre dois colegas.

Sem deixar de amar a Poesia, mas cheio de um exemplar e cristão altruísmo, o poeta Horácio Dídimo renunciou à competição. Diante disso, deu-se, sob a regência do Presidente, a generosa aclamação ao meu nome para detentor do título que me banha de luz e que recebo, afinal, humildemente, mas como um reconhecimento ao meu esforço de trabalhador intelectual e à minha diuturna dedicação à Poesia.

E o Magnificat de minha alma agradecida e enlevada quero cantar, valendo-me dos criativos versos do poema "sol", de Horácio Dídimo, numa prova de fraternal apreço e real admiração ao poeta: um sol maior/ sorriu de leve/ no meu enfim// mais do que nunca / mil vezes mil/ sinto que sim// festejemos/ eu festejemos/ eu somos dois// morreu o antes/ e agora é verde/ como um depois

Naturalmente, esse dois em um, conforme a sugestão dos versos, desejo que aluda, no meu caso, a mim e à Musa Mariazinha, que, além de inspirar-me e doar-se de modo absoluto a este seu amador, foi a principal entusiasta da ideia de atribuir-se o título em foco ao seu poeta. Seguiram a Mãe no entusiasmo as filhas, que aqui se encontram, aplaudindo-me com os meus netos e os meus genros: Ceiça, Mônica, Catarina e Isabel.

A vossa benevolência, meus confrades e confreiras, representando a da intelectualidade da Terra alencarina, inseriu-me, de maneira definitiva, entre os poetas, consagrando-me como um desses. Poeta -, (já que assim acho que nasci), eis o título que busquei desde o convívio com os livros da biblioteca de meu Pai, sob a orientação dele e o apoio de minha Mãe, no limiar da adolescência, em Lavras da Mangabeira, passando depois pelo incentivo sério e lacônico do meu professor de Português no Seminário São José do Crato, Mons. Pedro Rocha de Oliveira, diante das redações que eu lhe apresentava, e que recebiam, invariavelmente, a nota máxima. É que eu vinha alicerçando, com o domínio da langue (língua), a conquista da *parole* (linguagem da criação). Todavia nunca pensei na nobreza que me adicionais ao título de poeta, fazendo-me iludir-me com a presunção de não ser um simples cultor da Poesia.

Quero dizer-vos que vossa é que é a verdadeira nobreza, a partir do gesto desprendido do amigo-irmão Horácio Dídimo, e nunca ambicionei um alcândor literário superior ao do embevecimento da estesia ou da libertação e fascínio próprios da catarse poética. Vós, porém, em vossa generosidade fraterna, me ofereceis muito mais: a inserção histórica do meu nome numa sucessão iluminada de glória,

que se compõe destes que são, sim, incontestavelmente, os Príncipes da Poesia Cearense: Pe. Antônio Tomás, Cruz Filho, Jáder de Carvalho e Artur Eduardo Benevides.

Celebrei em versos a personalidade e a poesia de três desses autores, e recebi do último, pelos meus poemas, as mais elogiosas opiniões críticas. Por ser Benevides, no meu entender, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, não será substituído, apenas sucedido por quem vos fala. Dediquei-lhe quatro metapoemas, focalizando-lhe a poesia e a figura humana de cantor do mar, das viagens, da solidão, da morte, do sentimento telúrico, das coisas belas e sublimes da vida, sobretudo do amor, sob cujas bênçãos foi um eterno seresteiro. E propus ao Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará a indicação do seu nome para Professor Emérito, título pelo qual o saudei em memorável solenidade, após haver sido ali seu enlevado aluno.

A Terra da Luz pode gloriar-se de ser uma produtora extraordinária de poetas e poetisas, que o confirme a reveladora pesquisa de José Murilo Martins, intitulada Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009), livro pelo qual se conclui que muitos cultores da Poesia, no passado e no presente, mereceram ou merecem a honraria que o vosso favor me atribui. E não devemos desprezar poetas não pertencentes à Academia, como não podemos deixar de lembrar, nesta ocasião, o luminoso nome de nossa colega Giselda Medeiros, detentora do merecido título de Princesa da Poesia Cearense. A ela, minha homenagem.

Quantos poetas possuem, atualmente, no Ceará, em verdade, pela sua obra, perfil principesco como estes, que já partiram: José Albano, Francisco Carvalho, Filgueiras Lima, Carlos Gondim, Antônio Sales, Otacílio de Azevedo, Júlio Maciel, Mário Linhares, Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso, Gerardo Melo Mourão!

Meus colegas, escolhestes acertadamente o representante vosso para saudar-me, de modo consabido, o maior crítico e historiador da Literatura Cearense, com repercussão nacional, o grande poeta,

ensaísta e esticólogo Sânzio de Azevedo. Não só por seus méritos, por mim exaltados em prosa e verso, mas ainda pela amizade fraterna que nos aproxima há muito tempo, acertastes na escolha do ilustre acadêmico como vosso representante. A ele fico eternamente grato pelo autorizado pronunciamento, apesar de generoso, sobre minha poesia, depois dos que sobre esta escreveu.

Muitos amigos integrantes de nossa Academia e de outras instituições hipotecaram-me seu apoio antes da reunião acadêmica do dia 24 de junho, aos quais agradeço comovido.

A Deus, que não se cansa de iluminar-me com o seu Espírito e de valer-me com a sua misericórdia, agradeço profundamente, por proporcionar-me a ajuda de eu me sentir, com a presente láurea, mais motivado a viver a existência que me concedeu, e peço-lhe que me faça sempre colocar o transcendente acima das coisas passageiras deste mundo como o próprio recebimento da honraria em estima.

Ao Presidente José Augusto Bezerra, grande tirocínio de administrador, meu admirativo respeito pela isenção, correção e sabedoria na condução do processo, que me outorga o elevado título que recebo. A ele, também, o meu cordialíssimo reconhe- cimento, bem como a vós todos, que viestes cumprimentar-me.

Minha fervorosa gratidão ao confrade Mons. Manfredo Ramos pelo presente de valor infinito que me ofereceu, junto a palavras comoventes, uma Santa Missa gratulatória, e agradeço com admiração a homenagem que me prestou o confrade Cid Carvalho, aproximando dos meus os seus objetivos culturais, adotados há anos, e que remontam à nossa juventude de liceístas.

Confesso-me penhorado ainda com a acolhida do Ideal Clube, o qual se representa pelas pessoas do ilustre Presidente Amarílio Cavalcante e do Diretor Cultural, o dileto amigo e grande poeta Carlos Augusto Viana, sucessor do saudoso poeta José Telles.

Tenho consciência da responsabilidade, que me pesa aos ombros, diante do que me ofertais em nome da intelectualidade cearense, e sinto mesmo que em nome da própria Terra de Sol e Mar. Cons-

cientizo também, como machadiano, a possibilidade de pessoas e setores visualizarem como ridícula a obtenção do título em causa, mas confio muito mais, romanticamente, na sinceridade dos sentimentos fraternos dos meus confrades. Certo é que, em matéria de poesia, se minha mente inclina-se mais para uma atitude realista, a alma e o coração buscam uma posição mais neorromântica e/ou neossimbolista, seguindo eu, assim, a intelectualização da sensação de um Fernando Pessoa, que escreveu: *O que em mim sente 'stá pensando*.

Procurarei esforçar-me para dignificar, cada vez mais, a comenda de que agora sou detentor. Espero que a Poesia jamais me abandone com as qualidades com que a entendo -, o belo, o elevado, o comovente e o criativo, enquanto desejo ser sempre fiel a ela dentro de minha concepção estética de professar um sincretismo de conciliação entre o clássico e o moderno.

Meus amigos, imagino estar aqui, comigo, participando desse galardão, além da Academia Cearense de Letras, o grupo Sin de Literatura; comigo, minha Terra natal, Lavras da Mangabeira, com o seu Boqueirão e o seu Rio Salgado; comigo, o Departamento de Literatura da UFC; comigo, a Academia de Letras e Artes do Nordeste; comigo, a Associação dos Ex-alunos do Seminário São José do Crato; comigo, a Associação Brasileira de Bibliófilos.

Estava em Lisboa, em 1987, quando recebi a notícia de que minha Terra me concedia, através da Secretaria de Cultura e Desporto, o Prêmio Estado do Ceará, de Poesia, daquele ano, pela publicação do meu livro *Tempo de Colheita*. Emocionado, não me contive e enviei ao Ceará esta mensagem, sob o título de "Carinho Telúrico", a qual, na solenidade de entrega dos prêmios, foi lida por minha filha Ceiça:

> Um carinho de mãe com o filho ausente,
> o que vem encontrar-me em Portugal.
> O cearense calor meu peito sente
> e a brisa do distante carnaubal.

Acaso minha Terra me pressente
a saudade no solo de Cabral.
Grata a quem lhe ofertou o peito e a mente,
manda-me eterna flor de um seu rosal.

Recolho enternecido a que me veio
refulgente. Ah, Ceará! sempre assisti
à glória e à dor que guardas no teu seio.

Vira-te a turbação quando parti.
Apaziguado quero ver-te e cheio
de luz triunfal, quando me for daqui.

E agora, deixai-me delirar, pressentindo nas faces, como amoráveis beijos poéticos, a brisa do mar de Iracema e a aragem quente do meu sertão, representantes do prêmio maior e eterno que a Terra Cearense confere ao filho que tanto a ama.

# Apresentação do Livro de Contos *Cãs, rugas e amor:* rumo a uma cultura de Direitos Humanos[1], de Ruth Villanueva Castilleja

*César Barros Leal*

Regresso ao mês de agosto do ano de 1998, quando participei do 12º Congresso internacional de Criminologia, na Coréia do Sul, e tive o privilégio de conhecer um grupo de intelectuais mexicanos. Naquele evento falei sobre o sistema penitenciário brasileiro, numa sessão que versava os *Direitos Humanos e a Justiça Criminal na América Latina*. Ao final da exposição, recebi um convite irrecusável do professor universitário Jesús Cureces Ríos para proferir uma palestra, no ano seguinte, no *II Congresso Nacional de Segurança Pública e Criminologia*, promovido pela Cetys Universidade, em Tijuana, na Baixa Califórnia, uma bela cidade, localizada na fronteira do México com os Estados Unidos, confinando com San Diego e pouco valorizada pelos que se restringem a visitar sua cinzenta zona comercial.

O que não sabia - e vim a percebê-lo mais adiante - é que o ilustre criminólogo Jesús Cureces Ríos convidara para participar do evento quase todos os conferencistas mexicanos que haviam comparecido a Seul. Foi, pois, um inesperado e precioso reencontro, que evoco com emoção e saudade e que constituiu para mim um divisor de águas. A partir daquele Congresso, há quase uma década, minha vida se enriqueceu com uma sucessão de fatos que a marcariam de modo definitivo e convergiriam para uma direção: México, fascinante país que se converteu em minha segunda pátria, aonde retornaria dezenas de vezes e no qual publicaria livros e faria meu doutorado e pós-doutorado no mais prestigioso centro universitário da América Latina, a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).

Entre os intelectuais com quem convivi em Seul e pude rever em Tijuana estava a Dra. Ruth Villanueva Castilleja, catedrática da

1 No original: *Entre canas, arrugas y amor:* rumbo a una cultura de Derechos Humanos.

UNAM, integrante da Academia Mexicana de Ciências e do Conselho Consultivo do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, de cujas obras, principalmente na área do direito do menor – terminologia que por lá ainda se adota –, sempre fora um leitor assíduo. No decurso dos anos seguintes nossos caminhos voltariam a se cruzar com frequência.

A amizade com a Dra. Ruth se alargou e se consolidou com o fluir do tempo. Em 2005, convidei-a para uma preleção em Fortaleza sobre Menores Infratores e Direitos Humanos, no Fórum Permanente dos Direitos Humanos Prof. Dr. Antonio Augusto Cançado Trindade. Naquela oportunidade, visitou, com sua filha Magda, a Creche Amadeu Barros Leal (http://www.crecheamadeubarrosleal.org.br), que fundamos há 15 anos e se destina preferencialmente a filhos de presos.

Hoje, uma das mais festejadas juristas mexicanas, doutora em Direito e Ciências Penais, Ruth é uma de minhas duas orientadoras no pós-doutorado que realizo no Centro de Estudos Latino-americanos da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM. Em sua companhia tenho visitado, em diferentes regiões de seu país, centrais de monitoramento eletrônico à distância, tema da pesquisa que agora desenvolvo. Esses contatos, que me permitiram conhecê-la melhor e dimensionar a trajetória de sua vida – integralmente dedicada à causa da criança desvalida, do adolescente infrator – me fizeram admirá-la ainda mais pela grandeza de sua obra, que não se circunscreve à profusão de livros e artigos publicados em revistas especializadas, senão também ao ensino superior, às conferências proferidas no México e em outros países, à organização de congressos anuais, de caráter nacional e internacional, e à direção de um centro universitário de excelência.

Faço estas digressões com o objetivo de contextualizar nossa amizade - que encaro com enorme desvanecimento - bem como a produção intelectual da humanista Ruth Villanueva Castilleja, na qual se incluem inumeráveis livros sobre temas vinculados ao menor, com ênfase sobre seus direitos constitucionais e a imperiosidade de sua tutela, de sua proteção integral.

De sua obra, vasta e predominantemente jurídica, centro-me em duas que representam a incursão da versátil autora por outras áreas da literatura. Refiro-me, em primeiro lugar, ao *Teatro Penitenciario*, publicado em 2008 pela Editora Porrúa, e que reúne quatro peças de inexcedível primor (Pedro; Fuga para três, Liberdade para uma; Sem Liberdade; e Em Prisão), em cujas páginas se evidencia sua enorme experiência nesta seara, haurida durante o largo período em que dirigiu uma prisão feminina e exerceu as funções de Diretora de Supervisão Penitenciaria da Comissão Nacional de Direitos Humanos. O livro - uma edição melhorada da *Pequeña Muestra de Teatro Penitenciario* - retrata, de modo contundente, sem rebuços, o drama essencialmente humano das mulheres encarceradas, o que a autora faz como "parte do processo educativo dentro do sistema presidial", buscando provocar, nos leitores e nos eventuais assistentes de suas apresentações, uma reflexão sobre o *locus* iníquo dos seres humanos privados de liberdade, sujeitos, na cotidianidade do cárcere, a toda sorte de mazelas. Confessando expressamente a influência de Paulo Freire (*Pedagogia do Oprimido*) e Augusto Boal (*Teatro do Oprimido*), reitera sua proposta de conscientização dos problemas que afligem os seres humanos, máxime aqueles que, desfavorecidos da fortuna, considerados cidadãos de segunda categoria, povoam esquecidos e humilhados, o mais das vezes à espera de julgamento, os subterrâneos da justiça criminal.

A ideia subjacente nas peças - onde o *argot* tempera a linguagem prisional, o que concede mais realismo e dramaticidade à encenação intramuros, ainda mais porque os personagens costumam ser interpretados pelas próprias presas -, é a de apresentar comportamentos de desesperança, situações-limite, que ensejam a identificação das mulheres com o espaço carcerário, permeado de violência, aporias, inconformismos, sonhos e desilusões.

Poucas pessoas no país de Diego Rivera estão aptas a escrever, com tanta densidade e verossimilhança, composições teatrais que se centrem no universo dos cativos, uma ressalva assinalando-se a seu favor: as peças têm uma proposta intrínseca, tal como anota a

própria Ruth em sua apresentação: "propiciar o debate e a reflexão, promovendo assim a prevenção de condutas antissociais; promover na população carcerária reconhecimento de situações de risco; criar situações para a análise de diferentes condutas antissociais e as consequências destas; possibilitar a convivência sob um critério de respeito e tolerância".

A segunda obra é esta que traduzi ao português e agora tenho o orgulho de apresentar ao público. Sob o título sugestivo *Entre cãs, rugas e amor:* rumo a uma cultura de Direitos Humanos (no original: *Entre canas, arrugas y amor:* rumbo a una cultura de Derechos Humanos), aqui se enfeixam dez contos singelos, sem pretensões de inovação, cujo pano de fundo é o intento – louvável e característico da autora – de representar uma ferramenta pedagógica ("um apoio"), dirigida ao fomento da educação e da cultura e ancorada no acendrado respeito aos direitos humanos (particularmente da instituição sagrada da família, da figura dos pais, do avô, do idoso), a partir dos primeiros anos de vida, em que se molda a personalidade e se sedimentam os valores essenciais de cada ser humano e que norteiam toda sua existência no plano familiar e social.

Altruísmo, confiança, atenção e afeto são algumas das palavras chaves, que emergem com pujança das páginas de cada um desses pequeninos e despretensiosos contos, aos quais se segue sempre uma gama de atividades e interrogações que poderão servir ao educador como instrumentos capazes de reforçar seu labor educativo, na definição de valores, direitos e deveres.

Mediante leituras eminentemente vivenciais, no sentido da descoberta do novo, do saudável, do lúdico, persegue-se a descoberta - por parte da criança - de conceitos e noções que lhe assegurem uma educação de qualidade, uma consciência de seu papel no seio da família, da importância de sua atitude em relação ao outro, ao semelhante, o que vem a ser um ponto de partida e equilíbrio para seu bem-estar.

Emblemática a inclusão, no final, dos dez princípios que compõem a Declaração Universal dos Direitos da Criança, a afiançar o pro-

pósito da contista de fazer deste opúsculo algo maior do que uma mera coletânea de contos. Contos que, afinal, breves, concisos, de enredo enxuto, frases e diálogos curtos, com poucos personagens, haverão de transmitir uma mensagem educativa a quantas crianças tenham a chance de lê-los e se entretenham com um gênero que, em palavras de Maupassant, é muito mais complexo do que o romance em sua criação.

Um tributo se impõe à Dra. Ruth Villanueva Castilleja por um gesto magnânimo: a doação parcial dos lucros da venda do presente livro à Creche Amadeu Barros Leal. Um ato generoso e cativante que expressa o caráter e a nobreza de quem escolheu como apanágio de sua vida o ideário da retidão e da solidariedade.

Obrigado, estimada amiga, em nome de centenas de crianças, carentes de uma mão amiga, que desde sua fundação nos têm inspirado, com seu sorriso, seu crescimento individual, a dar o melhor de nosso esforço para garantir sua inclusão num mundo que se pretende seja menos cruel, mais humano, atento à materialização de seus direitos fundamentais.

# Apresentação da Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBDH), nº. 15

*César Barros Leal* *

O Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBDH) tem a satisfação de dar a público o décimo-quinto número de sua *Revista*, instrumento pelo qual contribui com periodicidade anual e distribuição gratuita (graças ao respaldo do Banco do Nordeste) ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa na área dos direitos humanos, visando a promovê-los, de forma ampla, mas principalmente na realidade brasileira. No entendimento do IBDH, o ensino e a pesquisa em direitos humanos giram em torno de alguns conceitos básicos, devendo-se afirmar, de início, a própria universalidade dos direitos humanos, inerentes que são a todos os seres humanos, e consequentemente superiores e anteriores ao Estado e a todas as formas de organização política. Por conseguinte, as iniciativas para sua promoção e proteção não se esgotam — não se podem esgotar — na ação do Estado.

Há que destacar, em primeiro plano, a interdependência e indivisibilidade dos direitos humanos (civis, políticos, econômicos, sociais e culturais). Ao propugnar por uma visão necessariamente *integral* de todos os direitos humanos, o IBDH adverte para a impossibilidade de buscar a realização de uma categoria de direitos em detrimento de outras. Quando se vislumbra o caso brasileiro, dita concepção se impõe com maior vigor, porquanto desde seus primórdios de sociedade predatória até o acentuar da crise social agravada nos anos mais recentes, nossa história tem sido até a atualidade marcada pela exclusão, para largas faixas populacionais, seja dos direitos civis e políticos, em distintos movimentos, seja dos direitos econômicos, sociais e culturais.

A concepção integral de todos os direitos humanos se faz presente também na dimensão temporal, descartando fantasias

* Em parceria com Antônio Augusto Cançado Trindade.

indemonstráveis como a das "gerações de direitos", que têm prestado um desserviço à evolução da matéria, ao projetar uma visão fragmentada ou atomizada no tempo dos direitos protegidos. Todos os direitos para todos é o único caminho seguro. Não há como postergar para um amanhã indefinido a realização de determinados direitos humanos.

Para lograr a eficácia das normas de proteção, cumpre partir da realidade do quotidiano e reconhecer a necessidade da contextualização dessas normas em cada sociedade humana. Os avanços nesta área têm-se logrado graças, em grande parte, sobretudo, às pressões da sociedade civil contra todo tipo de poder arbitrário, somadas ao diálogo com as instituições públicas. A cada meio social está reservada uma parcela da obra de construção de uma cultura universal de observância dos direitos humanos.

Os textos, em vários idiomas, que compõem este décimo-quinto número da *Revista* do IBDH, a exemplo das edições anteriores, enfeixam uma variedade de tópicos de alta relevância atinentes à temática dos direitos humanos. O presente número antecede a realização em Fortaleza do *V Curso Brasileiro Interdisciplinar em Direitos Humanos: Igualdade e não Discriminação*, no período de 5 a 14 de setembro de 2016, uma iniciativa conjunta do IBDH e do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (IIDH), contando com a parceria e o apoio de numerosas instituições.

Este Curso anual, que reúne uma centena de participantes nacionais e estrangeiros, representa um divisor de águas na trajetória do IBDH, abrindo-lhe portas para alianças estratégicas com instituições públicas e privadas.

No presente domínio de proteção impõem-se maior rigor e precisão conceituais, de modo a sustentar a vindicação dos direitos humanos em sua totalidade, e a superar o hiato existente entre o ideário contido na Constituição Federal e nos tratados em que o Brasil é Parte e nossa realidade social. Essa dicotomia entre "falar e agir" provoca um considerável desgaste e uma descrença generalizada. Isso é deplo-

rável, na medida em que devemos não apenas conhecer nossos direitos, mas também saber defendê-los e exigir sua proteção por parte do poder público, reduzindo assim o espaço ocupado pela injustiça, pela violência e pela arbitrariedade.

Proclamações de direitos não são suficientes, como já alertava há décadas o lúcido pensador Jacques Maritain, para quem não é admissível perverter a função da linguagem, a serviço dos que nos roubam a fé na efetivação dos direitos humanos, inerentes aos seres humanos e à sua condição de dignidade. Aos direitos proclamados se acrescem os meios de implementá-los, inclusive diante das arbitrariedades e mentiras dos detentores do poder. Entende o IBDH que o direito internacional e o direito interno se encontram em constante interação, em benefício de todos os seres humanos.

Assim sendo, o IBDH persiste em manifestar sua estranheza ante o fato da não aplicação cabal do art. 5º, § 2º, da Constituição Federal Brasileira vigente, de 1988, o que acarreta responsabilidade por omissão. A juízo do IBDH, por força do art. 5º, § 2º, da Carta Magna, os direitos consagrados nos tratados de direitos humanos em que o Brasil é Parte se incorporam ao rol dos direitos constitucionalmente consagrados. Impõe-se tratá-los dessa forma, como preceitua nossa Constituição, a fim de alcançar uma vida melhor para todos quantos vivam em nosso país.

Nesse sentido, o IBDH volta a repudiar as alterações introduzidas pelo posterior art. 5º, § 3º, da Emenda Constitucional nº 45 (promulgada em 08.12.2004), o qual revela inteiro desconhecimento da matéria, na perspectiva do Direito Internacional dos Direitos Humanos, dando ensejo a todo tipo de incongruências — inclusive em relação a tratados de direitos humanos anteriores à referida Emenda — ao sujeitar o *status* constitucional de novos tratados de direitos humanos à forma de aprovação parlamentar dos mesmos. Esta bisonha novidade, sem precedentes e sem paralelos, leva o IBDH a reafirmar, com ainda maior veemência, a autossuficiência e autoaplicabilidade do art. 5º, § 2º, da Constituição Federal brasileira.

Na mesma linha de pensamento, o IBDH também repudia as críticas de determinados detentores do poder a decisões de órgãos internacionais de supervisão dos direitos humanos, pelo simples fato de serem tais decisões desfavoráveis ao Estado brasileiro. Algumas críticas, reveladoras de ignorância, chegam ao extremo de proporem represálias a órgãos internacionais que estão cumprindo o seu dever, em defesa dos justiciáveis. A esse respeito, nunca é demais recordar que os Estados Partes na Convenção Americana dos Direitos Humanos, que reconheceram a competência compulsória da Corte Interamericana de Direitos Humanos, assumiram o compromisso de dar plena execução às Sentenças da Corte Interamericana. Isto se impõe *bona fides*, em razão do princípio geral do direito *pacta sunt servanda*. A nenhum Estado Parte é dado evadir-se do fiel cumprimento de suas obrigações convencionais.

Reiteramos, enfim, que a Revista do IBDH, como repositório de pensamento independente e de análise e discussão pluralistas sobre os direitos humanos, persegue o desenvolvimento do ensino e da pesquisa sobre a matéria no Brasil. Desse modo, na tarefa de consolidação de um paradigma de observância dos direitos humanos em nosso meio social, espera o IBDH dar uma permanente contribuição.

# 122 Anos da Academia Cearense de Letras

*Mauro Benevides*[2]

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados:

Nesta quarta-feira, nos salões do Ideal Clube, a Academia Cearense de Letras estará comemorando 122 anos de existência, em jantar festivo, comandado pelo Presidente da Arcádia, bibliófilo JOSÉ AUGUSTO BEZERRA, que, ali, realiza gestão profícua, assinalada por expressivas realizações, entre as quais a modernização das dependências da ACL no vetusto Palácio da Luz – sede tradicional do sodalício, guardado, obviamente, o arcabouço arquitetônico, como se exige em edifícios seculares, resguardadas as suas linhas originais.

Ao lado da outorga aos Acadêmicos de Medalha alusiva ao magno evento, dar-se-á a chancela formal do novo PRÍNCIPE DOS POETAS CEARENSES, em substituição ao saudoso ARTUR EDUARDO BENEVIDES, falecido em 2014, recaindo a indicação no poeta e Acadêmico LINHARES FILHO, com saudação formal a cargo do escritor e acadêmico Sânzio de Azevedo.

Ressalte-se que, na sequência desta tradição inapagável, é imperioso realçar que o primeiro Príncipe foi o saudoso PADRE ANTONIO TOMÁS, seguindo-se CRUZ FILHO E JADER DE CARVALHO, todos consagrados como figuras exponenciais de nossa Literatura, com projeção além fronteiras.

Artur Eduardo Benevides, o último dos escolhidos, integrou o Grupo CLÃ, que teve por inspiração a linha modernista de Mário de Andrade, compondo o núcleo cearense, como maiores figuras, além de Artur, os escritores Antônio Girão Barroso, Martins Filho, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Braga Montenegro, e tantos outros que se

2 Discurso pronunciado pelo Deputado em sessão no dia 15 de agosto de 2016.

eternizaram pelo talento fulgurante, expressado em apreciável bibliografia, divulgada a partir de 1950.

Certa vez, como jornalista iniciante, entrevistei alguns dos componentes do Grupo Clã, deles ouvindo preleções que os tornavam identificados com a renovação modernista que o Grupo Clã encarnaria fulgurantemente.

Ao falecer, aos 91 anos de idade, Artur Eduardo Benevides deixou um número expressivo de trabalhos literários, principiado pelo NAVIO DA NOITE, que assinalou a sua estreia nas letras cearenses.

O evento de amanhã terá esse significado rememorativo, ora recordado com um misto de saudade e de renovada admiração ao último deles, por razões de todos conhecidas, sobretudo o afeto a quem, na sua última publicação, indagava enfaticamente: "Será que fiz TANTO e, diremos nós, pela literatura?"

Obviamente, sim. Artur foi um dos mais brilhantes de sua geração e a obra tornar-se-á imperecível.

# *O Silêncio da penteadeira*[1]

*Angela Gutiérrez*

Senhor Presidente da Academia Cearense de Letras, Bibliófilo José Augusto Bezerra, Senhor Diretor da Editora da UFC, Prof. Claudio Guimarães, Profa Fernanda Coutinho, Artista plástico Descartes Gadelha, Sra Angela Laís Pompeu Rossas Mota, minha mãe, em seus noventa e nove anos, Dr. Oswaldo Gutiérrez, meu marido, meus queridos filhos Oswaldo e Priscila, Daniel e Sunny, Angela Laís e Davi, meus amados netos e netas Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa, caros colegas acadêmicos e acadêmicas, amigas e amigos, senhores e senhoras,

- Venha reconhecer o Palácio da Luz em seu novo esplendor!

Imagino que todos recordem esse apelo, cravado em forma de post-scriptum no texto em que meus anfitriões convidaram nossos amigos e amigas a virem dar boas-vindas a *O silêncio da penteadeira*. Constato, com prazer, que apelo e convite foram atendidos e agradeço a gentileza de terem vindo para reconhecer o Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras desde 1989, e acolher meu livro caçula.

Minha entusiasmada insistência em mostrar-lhes o Palácio da Luz, patrimônio arquitetônico, histórico, cultural, aqui plantado desde os tempos coloniais, reside no fato em si mesmo (a alegria cidadã de ver recuperado este prédio tão importante para a História de Fortaleza e do Ceará, sede de nossa centenária instituição cultural, fundada em 1894); e na possibilidade de repercussão do fato como um fermento cultural para seu entorno, o próprio centro da cidade.

Nossa ainda bela capital nem sempre recebeu os cuidados devidos a seu patrimônio arquitetônico, cultural e histórico, muito ao contrário. Constatamos, com tristeza, que, ao longo do tempo, não se disseminou a preocupação de alguns fortalezenses em preservar a

1 Depoimento da escritora e acadêmica, no lançamento do livro *O silêncio da penteadeira*, de sua autoria, em 30 de agosto de 2016, no Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras

memória dos traços que diferentes gerações deixaram em nossa arquitetura e geografia urbana. E, embora assistamos ao tímido nascer da conscientização sobre a importância de resguardar os bens patrimoniais da cidade, como memória de sua gente, precisamos alardear aos quatro ventos e comemorar com efusivo júbilo a bela restauração de nossa sede, capitaneada com esforço tenaz pelo Presidente da Academia Cearense de Letras, Bibliófilo José Augusto Bezerra, com apoio e parceria de pessoas, entidades e instituições beneméritas. Além de comemorar a restauração do Palácio da Luz, devemos mesmo ressaltar essa ação cultural como bom exemplo de cuidado patrimonial. Ao restaurar este palácio repleto de memória do nosso povo – daqueles que ergueram suas paredes, dos que o habitaram com responsabilidade de dirigir os destinos do Ceará, dos que, enfim, deram vida ao Palácio da Luz – pois bem, restaura-se, também, o respeito aos que nos precederam e aos que nos sucederão como herdeiros da Cidade Amada, usando aqui a poética expressão com que Artur Eduardo Benevides sempre se referia a Fortaleza.

Não me alongarei, porém, em revelar-lhes mais detalhes do trabalho aqui realizado – ressaltemos -, em tempos mundialmente considerados como áridos, secos, enfim, difíceis para semeaduras promissoras e boas colheitas. O próprio Presidente da Casa de Thomaz Pompeu o fará, com maior pertinência e conhecimento, na reabertura oficial deste Palácio, em fins deste ano de 2016.

Retornemos, então, ao lançamento d'*O silêncio da penteadeira*. Agradeço à madrinha do livro, Fernanda Coutinho, que me instigou a publicar esse texto, guardado há alguns anos, e para ele escreveu um encantador posfácio, que, tenho certeza, vocês lerão com prazer; agradeço, também, à brilhante colega e amiga, a apresentação do livro nesta sessão de lançamento, com um texto em que revela, como sempre, e sei que os presentes concordarão comigo, sua competência crítica aliada a uma escrita delicada e generosa. Obrigada, Fernanda.

Atrasemos o calendário e voltemos a 2011. Isso porque, como todas as vezes em que sou convidada a falar sobre algum de meus livros,

sempre me pedem para começar do começo, ou seja, de como nasceu o livro, que semente lhe deu vida. Assim, já aprendi a lição e começarei do começo, pelo instante de criação *d'O silêncio da penteadeira.*

Pois bem, no ano de 2011, lia em meu quarto, quando, ao levantar os olhos do livro, vi minha imagem refletida no espelho da penteadeira, que já vem há muitos anos na família. Tendo sido da casa de campo de minha bisavó Angela, passou para minha avó Laís, depois para minha mãe, Angela Laís e – finalmente -, para mim, Angela Maria. Sou grata a minha mãe, por essa penteadeira do sítio de Mondubim, que me inspirou um livro, mas, sobretudo por outras fortes contribuições suas à minha carreira como escritora. Aprendi com Mamãe a contar histórias, (embora nunca com sua inimitável graça!), encantei-me com suas relembranças de família e da cidade de Fortaleza, aprendi a amar seu avô, meu bisavô, Thomaz Pompeu, tão presente em sua infância e em sua memória. Aqui, no Palácio da Luz, como primeiro Presidente da ACL, patrono da Cadeira 35 e membro de outras entidades culturais, Thomaz Pompeu está representado em vários retratos a óleo e – surpresa! – estará representado em outra arte na reabertura do Palácio, não é, Descartes?

Voltemos à *Penteadeira*! Depois de algum tempo, percebi que, ao me olhar no espelho, na verdade, não me via, mas imaginava quantas histórias essa penteadeira refletira em seu espelho, quantas cenas de vida guardara. Porém, como já maturava a ideia de escrever sobre temas e ambientes que não me fossem familiares, não queria que minha voz narrativa fosse a de uma escritora doublé de professora, nem desejava, naquele instante, recriar a memória familiar. Queria sair de Fortaleza e ir para o sertão. Assim fiquei um tempinho olhando, olhando para o espelho e fabulando. Logo em seguida, sentei-me diante do espelho – espelho? , quero dizer da tela, tela do computador, e escrevi muitas páginas, tal como vocês as lerão. Por alguns dias, voltei a escrever com certa urgência em ver como os fios da narrativa se entrançariam e se desentrançariam e, de repente, o texto estava pronto. Alerto: ao dizer pronto não digo que todos os fios foram desenleados.

Acredito que é preciso deixarmos alguns fios à espera que a mão do leitor deslinde pouco a pouco o que embaralhamos.

Ao me deslocar para o sertão, outras histórias foram surgindo e resultaram nos contos curtos e entrelaçados da coletânea *Os sinos de Encarnação*, publicada em 2012. Enquanto isso, *O silêncio* ficou guardado. Não se enquadrava na moldura e na tela da coletânea. Os contos de *Os sinos de Encarnação* são curtos e cada um é, ao mesmo tempo, autônomo e parte de um mosaico maior - a coletânea. As tramas de cada conto se mesclam umas às outras por uma Sherazade das minhas terras de dentro, chamada Encarnação, que vai, ao longo do tempo e no ziguezague de seus passos, contando e entrelaçando as duas dezenas de histórias da coletânea.

Já a estrutura d' *O silêncio da penteadeira* é bem diferente. Não há histórias marginais e, sim, um eixo narrativo que roda sobre si mesmo, em constante retorno ao começo. Fernanda Coutinho, aliás, lembra a litania ou ladainha a propósito da reiteração das perguntas de Pequena, que se centram em buscar-se nas outras mulheres da família que, aliás, não conheceu. Como futura herdeira da penteadeira em que se miraram sua bisavó, sua avó, sua mãe, Pequena procura em seu espelho as respostas que ninguém lhe quer ou pode dar. Em um de seus monólogos, ou diálogos fracassados com o espelho, diz: "Só tu podes me dizer quem elas foram e quem vou ser." [Que escritor pode fugir ao tema do espelho? Aquela lâmina que nos mostra o rosto que nunca veremos diretamente com o olhar – o nosso, e quando o vemos espelhado, enxergamos tudo ao contrário, o que está à direita vemos à esquerda e vice-versa. Atravessaríamos a noite no Palácio se começássemos a recordar agora o tema do espelho na literatura!].

Diferentemente de meus romances – *O mundo de Flora* e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* -, que, na tentativa de ampliar e diversificar o universo ficcional, lançam mão de grande número e tipo de materiais narrativos, como cartas, diários, bilhetes, cartões postais, documentos, estórias marginais, fotos, desenhos, narrativas orais, diálogos dramáticos, reproduções de telas e desenhos, notícias de jor-

nal, e muitos mais; *O silêncio da penteadeira* atém-se ao essencial, o drama de Pequena em busca de si mesma manifesta-se em três tipos de linguagem que pede de empréstimo ao teatro: o monólogo de Pequena diante do espelho (em itálico, no livro), seus diálogos com as outras personagens (em redondo), e o que eu imagino como um coro de tragédia (em negrito) ou um narrador que não é personagem, pois está fora da trama, que não é onisciente, mas tanto pode ver as ações da protagonista, como enxergar seus pensamentos e sentimentos.

Embora a ação desse, digamos, conto dramático não contenha, pelo menos, aparentemente, quase nada de dados autobiográficos, Descartes Gadelha diz que o livro é muito parecido comigo. Pois é aqui que Descartes entra na história do livro.

Mais um salto no tempo, e chegaremos no ano passado, em 2015, quando, por conta dos 25 anos de publicação da primeira edição d'*O mundo de Flora*, algumas amigas, professoras universitárias e escritoras, citadas aqui em ordem alfabética – Cleudene Aragão, Fernanda Coutinho, Inês Pinheiro Cardoso, Vania Vasconcelos e Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, criaram, generosamente, um calendário de encontros em torno de meu primeiro livro e insistiram, gentilmente, que eu publicasse *O silêncio da penteadeira*, para que seu lançamento fizesse parte dessa rememoração. [Só há poucos dias, descobri que *O mundo de Flora* também foi lançado em um 30 de agosto, um dia como hoje!]

Analisado e aprovado para publicação pela Editora da UFC, que é conduzida com eficiência e simpatia pelo Prof. Claudio Guimarães, e iniciada a editoração do livro pelo talentoso programador visual e capista da Editora, Val Macedo, encontro-me, casualmente, com Descartes Gadelha. Usando seus poderes de mago, o artista adivinha que estou editando um livro. Enuncio o título - *O silêncio da penteadeira* – e Descartes, imediatamente, o considera muito sugestivo. Pergunto se faria uma ilustração para a capa do livro; responde-me com outra pergunta: quando vou ler os manuscritos? No dia seguinte, entrego os manuscritos a Descartes. Dias depois, o caro amigo chega em minha casa com vários rolos de papel que pareciam papiros. Eram 26

desenhos. E Descartes criou, assim, um outro silêncio da penteadeira, nascido de sua leitura singular e de seu traço inconfundível. Não nego que chorei ao ver suas ilustrações. Na hora em que as vi, lembrei que eu ficara maravilhada com os desenhos de Descartes para contos do inesquecível Moreira Campos publicados, em 2014, pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil: *Moreira Campos Centenário; Vinte e um contos selecionados*. E agora eu teria também um livro todo ilustrado por Descartes?! Muito para meu pequeno *Silêncio*! Assim, o artista mudou o rumo do livro, pois, com a riqueza de ilustrações, novo formato era preciso! E outro tipo de papel, capa dura, sobrecapa. *Penteadeira* começa outra vida.

- Ah, quase todos meus livros têm apelido: *O mundo de Flora* é, simplesmente, *Flora*; *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* atende pelo nome de *Luzes*; e assim por diante. *O silêncio da penteadeira* ganhou dois, às vezes é *Silêncio* e, às vezes, *Penteadeira*.

Pois bem, continuemos. Dessa forma, para bem abrigar os dois silêncios, o de Descartes e o meu, Val Macedo refez, comigo ao lado, na própria editora, em um diálogo muito produtivo, toda a programação e paginação do livro. Intercalamos, com minuciosa distribuição de espaço, o desenho e o texto, o *Silêncio* que se lê e o *Silêncio* que se vê.

"E o resto é o silêncio?" Não. O resto é alegria. O presidente desta Casa me convida para lançar o *Silêncio* aqui, no Palácio. Aceito encantada. Com o livro na mão, espero que o Palácio fique luzindo de beleza. Aproveito para preparar o convite, claro, em parceria com Val Macedo, dessa vez, via e-mail, pois a Editora estava em obras. Claudia Queiroz, eficiente secretária da Academia e gentil amiga, me dá uma mão na distribuição dos convites *y en muchas otras cositas más*. Madalena Figueiredo, bibliotecária da Academia e amiga, também colabora. E aí está o livrinho que, enriquecido pelo talento generoso de Descartes, chega a vocês. Tomara que os leitores gostem dele como minha mãe gostou. Aliás, gostou tanto que já o ouviu muitas vezes, a primeira vez, lido por mim de um corrido, e Mamãe só me deixou ir para casa quando cheguei ao ponto final. Tomara que vocês gostem

do livro como o Descartes, que escreveu, enquanto lia os manuscritos: "Não consigo parar de ler, nem de desenhar."

Como se aproxima o fim dessa singela conversa, preciso dizer que este livro, como todos que já escrevi ou virei a escrever, pertence a meu pai, meu guia na biblioteca da vida, Luciano Cavalcante Mota, habitante de minha saudade, e a meu marido, Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén, habitante de meu amor. Amado, amante, amigo! Precioso dom que Deus me deu!

E aqui encerro minha fala com palavras de um encantador personagem criado pelo inesquecível e querido Ariano Suassuna, n' *O Auto da Compadecida*, obra tão merecidamente amada pelos brasileiros. Refiro-me às palavras com que, invariavelmente, Chicó respondia ao espanto de João Grilo diante das narrativas de suas aventuras cheias de estripulias fantasiosas que o amigo lhe contava: "Não sei, só sei que foi assim."

# A Sereia de Ouro e o Bom Combate pela Construção do Mundo com que Sonhamos

*Angela Gutiérrez*[2]

Cumprimento a anfitriã desta solenidade, a Família Queiroz, aqui representada por filhos, genros, netos e bisnetos dos empresários Edson e Yolanda Queiroz, reportando-me, especialmente, aos filhos do casal: Chanceler Airton Queiroz, Senhoras Renata Queiroz Jereissati, Lenise Queiroz Rocha e Paula Queiroz Frota; Saúdo os amigos que integram o Sistema Verdes Mares, salientando o jornalista Antônio Pádua Lopes; Cumprimento as autoridades presentes, o Presidente da Academia Cearense de Letras, José Augusto Bezerra, os agraciados com o Troféu Sereia de Ouro em 2016 e em anos anteriores, nossas famílias, convidadas e convidados,

Rememoramos, no ano de 2016, quatro séculos de encantamento, como diria Guimarães Rosa, do imenso poeta e dramaturgo William Shakespeare. Ao longo de sua vida e com a força de seu talento genial, o bardo inglês antecipa-se ao futuro das artes de representação, ao criar uma dramaturgia que se revelaria como um dos mais fortes paradigmas da história desse gênero e ao construir, em 1599, o Globe Theatre, prédio com formato aproximado do Coliseu de Roma, realizado em madeira, que prefigura o teatro como espaço específico para a representação cênica. Edifica, assim, uma ponte entre o teatro que o antecede - das tragédias gregas encenadas em arenas ao ar livre, algumas até hoje existentes, aos espetáculos de saltimbancos e menestréis apresentados em praças das vilas medievais, mas também em castelos, aos autos, nos átrios de igrejas, às diferentes exibições tradicionais de rua. - , e o que vem depois, especialmente as representações que assumem características próprias de ambiente interno, a partir da adoção do teatro à italiana, edifício planejado precisamente

2 Discurso pronunciado pela Acadêmica Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, como oradora dos agraciados, na Solenidade de Entrega do Trofeu Sereia de Ouro, concedido pelo Sistema Verdes Mares, no dia 30 de setembro de 2016, no Theatro José de Alencar.

para a dramatização artística e o deleite do público, de que o Theatro José de Alencar, que nos abriga nesta noite, é herdeiro.

Assim como as praças eram, e ainda o são, palco para a arte teatral, os edifícios construídos para o espetáculo dramático constituem-se também como espaços para outras manifestações de vida social. Desse modo, importantes acontecimentos históricos aconteceram e acontecem no palco do TJA, e entre eles, ressalto a instalação da Universidade Federal do Ceará, em 1955, em sessão presidida pelo reitor-fundador, Prof. Antônio Martins Filho, que, para maior honra de todos os agraciados por essa comenda, recebe o Troféu Sereia de Ouro, em 1974.

O teatro oficial do Ceará, idealizado desde meados do século XIX, e erguido somente no início do século XX, é considerado como uma das mais belas obras da arquitetura de ferro no país. Recebeu o nome do cearense que dignificou e consolidou as letras brasileiras, ao pintar, na ficção narrativa e na dramaturgia, um amplo afresco de nossa história, dos costumes das várias regiões do vasto país e do Rio de Janeiro de seu tempo, o Segundo Império.

Inaugurado em 1910, o Theatro José de Alencar registra, em sua memória centenária, espetáculos de variadas artes, da encenação dramática à música erudita, com orquestras sinfônicas; ao shows de Bossa-Nova, com um banquinho e um violão; às manifestações tradicionais - bumba-meu-boi, maracatu -, à dança e ao balé clássico, ao canto, às comédias, às operetas. Após a grande reforma e recuperação deste teatro, sua reinauguração, em 1991, foi comemorada com belo espetáculo, *Narração da Viagem à Província do Ceará*, que conta nossa história a partir de poetas e prosadores da terra, com roteiro e direção de Aderbal Freire-Filho, ilustre dramaturgo cearense, posteriormente laureado com a Sereia de Ouro.

Aqui estamos, neste espaço de arte e memória, para escrever mais uma página da vida cearense. Dando continuidade à tradição iniciada em 1971, o Sistema Verdes Mares promove hoje a quadragésima sexta edição da cerimônia em que entrega o Troféu Sereia de Ouro a

quatro cearenses. Relata Dona Yolanda Vidal Queiroz, em seu livro de memórias, *Momentos*, publicado em 2015, que a criação do troféu surgiu da intenção de seu marido e fundador do grupo empresarial que leva seu nome, Edson Queiroz, de agraciar quatro personalidades de relevo à época. Conta-nos Dona Yolanda que, no ano anterior, Edson Queiroz, em conversa com Mino, artista a quem encomendara o desenho de um ícone para representar a TV Verdes Mares, explicitara que essa emissora deveria ser reconhecida por um símbolo marítimo. Nas palavras da memorialista: "Mino argumentou que a sereia estava nos mares e encantava, o que tinha relação com a atração que a TV iria exercer sobre as pessoas" (p.153). Aceita a sereia e a partir de sua imagem, foi, também, posteriormente, elaborado o troféu, em prata de lei, recoberta de ouro.

Dona Yolanda era a alma *mater* das cerimônias da Sereia de Ouro, que preparava e presidia. A solenidade de hoje é a primeira sem a presença de quem aportou significação social, histórica e cultural a esse acontecimento. Ao lamentar sua ausência, nesta noite, sei que minha voz representa não só a dos agraciados de 2016 e dos anos anteriores, como a da Família Queiroz e dos convidados. Durante quase cinco décadas, Dona Yolanda dignificou a entrega do Troféu Sereia de Ouro com a fortaleza dos cearenses que enfrentam a vida de cabeça erguida e a gentileza dos filhos de nossa terra acolhedora.

Não é novidade a constatação de que a galeria dos premiados em 46 edições do Troféu Sereia de Ouro apresenta amplo painel dos cearenses que se distinguem em diferentes áreas de conhecimento, ação e cultura, desde dignatários religiosos, cito o notável Cardeal Aloísio Lorscheider, a industriais, menciono o inesquecível amigo e respeitado empresário Ivens Dias Branco (representado nesta solenidade por Dona Consuelo Dias Branco e família), a artistas, lembro Aldemir Martins, Estrigas, e Heloísa Juaçaba, a médicos, recordo Fernando Pompeu e Dr. Haroldo Juaçaba, a poetas e romancistas, cito, com prazer, Artur Eduardo Benevides, Patativa do Assaré e Rachel de Queiroz, primeira escritora a ser laureada com a Sereia. Saliento que

aqui destaquei apenas alguns agraciados que já não se encontram na vida terrena, mas povoam nossa memória.

Nas grandes áreas a que os quatro premiados deste ano pertencemos: Medicina, Direito, Cinema e Literatura, há, na galeria de sereiados (eis um neologismo já perfeitamente integrado à fala e escrita cearense!) nomes admiráveis que nos antecederam e enobrecem a comenda que nos é outorgada. Considerando que os currículos dos agraciados de hoje já foram lidos no protocolo desta cerimônia, ressaltarei apenas as linhas mestras que orientam as realizações das personalidades cearenses que, por terem honrado o Ceará em suas áreas de atuação e avançado o amanhã, recebem o Troféu Sereia de Ouro, tão respeitado em nosso estado e no país.

Nascido em Coreaú, cidade que floresceu em sesmarias férteis à margem do rio de mesmo nome indígena que significa "bebedouro, água ou viveiro de curiás", o médico Anastácio Queiroz Sousa, desde o início de sua carreira, demonstra interesse pela saúde em nossa região, quando se especializa em Medicina Tropical e em Doenças Infecciosas, nos Estados Unidos, e passa a dedicar-se a essas áreas. Na brilhante carreira acadêmica que vem construindo na Faculdade de Medicina da UFC, como professor na graduação e em dois programas de pós-graduação *stricto sensu*, como pesquisador e coordenador do Núcleo de Medicina Tropical, Dr. Anastácio contribui para o adiantamento da ciência, no país e no mundo, no âmbito de suas especialidades médicas. No percurso de sua atuação em saúde pública, destaca-se nos cuidados com as populações mais vulneráveis a doenças infecciosas e tropicais que atende no Hospital São José e na excelência de sua gestão como Secretário de Saúde do Estado do Ceará, quando instaura projetos para melhoria do sistema de saúde, em que sobressai o grande sucesso do programa de redução da mortalidade infantil. Dr. Anastácio credita-se, assim, ao justo reconhecimento de seus pares e da sociedade, manifestado por prêmios e títulos e por sua participação em respeitáveis entidades como a Sociedade Americana de Medicina Tropical e a Academia Cearense de Medicina.

Na cidade que se distingue por sua aura mística em torno da figura do Padre Cícero Romão, nasceu o Desembargador Teodoro Silva Santos, que se declara fervoroso devoto do religioso que, há mais de um século, atrai a Juazeiro do Norte romeiros da região nordestina. Criança do sertão, com dezessete irmãos, o menino Teodoro cedo compreende a recomendação de sua mãe, Sra. Alaíde Silva Santos, para dedicar-se aos estudos. Desloca-se para a capital e aqui cursa Ciências Jurídicas e Sociais. Ao encaminhar-se para Pós-Graduação em Processo Penal e Mestrado em Direito Constitucional, desenha sua área de atuação no magistério que vem a exercer na Unifor, na Escola Superior do Ministério Público do Ceará e na Escola Superior da Magistratura. Seus conhecimentos acadêmicos, registrados em artigos que publica em periódicos nacionais e estrangeiros e em livros, com destaque para sua tese de mestrado e para a obra intitulada *Princípio do direito ao silêncio e de não produzir provas contra si*, que proximamente apresentará ao público, aliam-se à experiência como Promotor e Procurador de Justiça do Estado do Ceará e no atual desempenho como Desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará, para a consolidação de sua vitoriosa carreira jurídica, que o fez merecedor de honrosas comendas, entre elas, o título de Cidadão Fortalezense e o Mérito Judiciário do Trabalho Comenda da Ordem Alencarina.

"Minha casa é sempre Fortaleza", declara em reportagem publicada ontem pelo *Diário do Nordeste* Karim Ainouz, conterrâneo que honra nossa cidade e leva o nome do Brasil além, muito além de nossas fronteiras. Logo após sua graduação universitária em Arquitetura e mestrado em Cinema, Karim Ainouz define-se como roteirista e diretor, na área de vídeo e cinema, em 16 e 35 mm, curtas e longas, documentário e ficção e como artista visual, participando de instalações e exposições em importantes museus de arte. Ao participar, mundo afora, de cursos, workshops, residências e tutorias (e aqui ressalto sua atuação em Fortaleza, na Escola Porto Iracema das Artes), em que expande sua experiência e gera novos conhecimentos para os integrantes desses programas, Karim exerce a função

de mestre, considerando-se a sábia definição de Rosa pela voz de Riobaldo, que aprecio como um lema: "Mestre é quem, de repente, aprende". Seu longa de estreia, *Madame Satã*, de 2002, já marca o tom de destemor e originalidade da filmografia de Karim Ainouz, hoje respeitado nacional e internacionalmente por haver merecido importantes prêmios, mas, sobretudo, pela entusiástica recepção crítica e de público, que o consagra como um dos mais relevantes cineastas da contemporaneidade.

Como dizem os franceses: - *Chapeau*, Senhores! É com *honor* que recebo em tão digna companhia a comenda que o Sistema Verdes Mares nos atribuiu!

Nasci em Fortaleza, bem perto deste teatro, na casa de meu bisavô, Thomaz Pompeu. Com minha mãe, aqui presente, na beleza e sabedoria de seus quase 100 anos, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, exímia contadora de histórias e guardiã da memória da família e da cidade, aprendi a arte de entrançar histórias, e com meu pai, Luciano Cavalcante Mota, habitante de minha saudade, meu mestre e guia, a de amar a literatura e o dom da vida. De leitora apaixonada tornei-me estudante e professora de Literatura na UFC, dedicando-me sempre a temas literários que me apaixonam. Na gestão universitária, agindo em conjunto com colegas, alunos e funcionários, plantamos as sementes do Mestrado em Letras, do Instituto de Cultura e Arte - ICA e recuperamos a dignidade da Casa de José de Alencar. No Doutorado e no Pós-Doutorado, na UFMG, busquei as faces de Antônio Conselheiro na Literatura e na História. No convívio permanente com a literatura, descobri-me escritora. Se meu livro de estreia, *O mundo de Flora*, comemora 25 anos, e a ele vários outros se seguiram, acaba de nascer o caçula, *O silêncio da penteadeira*. escritos todos enquanto me dedicava à UFC, cuidava de Oswaldo Filho, Daniel e Angela Laís, atuava na Academia Cearense de Letras e no Instituto do Ceará, acolhia Priscila, Sunny e Davi, dividindo sempre a vida e o amor com meu marido Oswaldo, com quem aconchego nossos oito netos que nos trazem a alegria da renovação.

Assim somos nós, os agraciados de hoje, seres humanos com suas lutas e esperanças. Nos tempos sombrios que vivemos, em que, todos os dias, assistimos ao desespero de irmãos que tentam atravessar o *mare nostrum* e outras paragens, fugindo a guerras e perseguições políticas, religiosas, étnicas e de gênero, em busca da liberdade e do direito de viver; em que sabemos do desamparo daqueles que, em pleno século XXI, morrem de fome, sede e por falta de acesso a tratamentos de saúde. A luta pelo direito desses irmãos e irmãs e a esperança de um mundo mais justo nos movem. Reconhecendo os avanços sociais e o desenvolvimento de Fortaleza, do Ceará e do Brasil, nos últimos anos, cultivamos, no entanto, a esperança de muito mais para nossa capital, nosso estado e nosso país. Aspiramos a uma Fortaleza mais atenta às necessidades e anseios de seus cidadãos, que se esforce para reverter o futuro inscrito na testa de tantas crianças que perambulam pela vida. Queremos um Ceará que resolva seus seculares problemas de convivência com o semiárido, sobretudo em episódios de seca, que, aliás, encobrem enfermidades sociais gravíssimas. Lutamos por um Brasil que respeite e aperfeiçoe seu regime democrático, em que os três poderes republicanos representem dignamente os interesses da nação e os direitos de nossa gente, mantendo o estado de direito, praticando a honestidade transparente e combatendo, com o devido respeito a nossa Carta Magna, a corrupção que degrada o país desde o Brasil-Colônia. Sonhamos com um mundo em que todos tenham direito a comida, moradia, trabalho, educação, saúde, cultura, respeito e paz. O mesmo mundo que Francesco, na pequena cidade medieval de Assis, sonhou! O mesmo mundo a que se referia Martin Luther King, ao bradar: "I have a dream!" Um mundo que mantenha, como o mestre carpina de João Cabral, a esperança no "espetáculo da vida. mesmo quando é a explosão de uma vida Severina". No fio dessa esperança, lembramos a canção *Imagine*, de John Lennon, por ser uma utopia do presente, ao propor que o mundo contemporâneo constitua uma grande irmandade.

Enfim, agradecemos ao Sistema Verdes Mares e à Família de Edson e Yolanda Queiroz, a concessão do Troféu Sereia de Ouro, que tanto nos honra e que nos impulsiona a continuarmos o bom combate pela construção do mundo com que sonhamos.

# Palácio da Luz: Reduto da Cultura[3]

*Zenaide Braga Marçal*[4]

No livro *Cidade de Mathias Beck* – 1991, organizado pelo Dr. Eurípedes Chaves Júnior, constam comentários de Raimundo Girão sobre algumas edificações de Fortaleza, entre elas o Palácio da Luz, do qual diz o historiador: *"é uma construção antiga, sem melhores acabamentos. Vale pelo tradicional".* Sabe-se que a sua construção data do final do século XVIII e que era a residência do Capitão-Mor Antonio de Castro Viana. Foi sede da Câmara Municipal, e comprada pelo Governo Imperial em 1814.

Segundo o mesmo historiador, o aspecto que apresenta hoje é o resultado de várias transformações por que passou, principalmente por ter sido muito danificado por força da revolução que derrubou o Pres. José Clarindo de Queirós, em 1892. "Seu telhado era em beira-e-bica, mas na reconstrução substituíram os beirais pela platibanda que hoje o encima".

Como sede do Governo do Estado, foi palco de decisões políticas de muita importância para o Ceará, bem como de memoráveis festas. A sua denominação provém do fato de haver o jornalista e abolicionista José do Patrocínio ter dado ao Ceará o título de Terra da Luz.

Com a transferência da sede do Governo para o Palácio da Abolição, passou a abrigar, sucessivamente, a Secretaria de Cultura, a Biblioteca Pública, a Casa de Raimundo Cela e a Academia Cearense de Letras, a qual permanece até hoje.

O Palácio da Luz é uma edificação que tem tido uma história, eu diria um destino, bastante feliz. Como vemos, sempre abrigou instituições que dignificam a sua existência. Há muitos prédios que, tendo sorte diferente, foram ocupados por organizações de caráter não muito nobre, como cassinos e outras atividades duvidosas.

---

3 (Trabalho apresentado em reunião mensal da AJEB-CE – 2003)

4 Escritora. Membro da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritoras – Seção do Ceará – AJEB-Ce

Por isto repito que esta casa é uma casa feliz. Atualmente, está sob a responsabilidade da entidade cultural maior que ela abriga, a Academia Cearense de Letras, a mais antiga do nosso País. Os seus dirigentes são contagiados pela magia acolhedora desta casa centenária e abrem suas portas imensas, diga-se de passagem, a várias instituições literárias e culturais, tais como: Academia Cearense da Língua Portuguesa, Academia Fortalezense de Letras, Academia Feminina de Letras do Ceará, Academia Cearense de Retórica, Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, União Brasileira de Trovadores, Sociedade Cearense de Geografia e História, Movimento Cultural Terça-Feira em Prosa e Verso e outras.

Tudo nesta Casa respira tradição e Cultura. Num tempo em que reinam a violência, a desonestidade e o descaso pela cultura, ela bem poderia ser definida como um oásis, pois aqui bebemos conhecimento e saber, no sentido maior destas palavras, e matamos a sede que possamos ter de crescimento intelectual, através da convivência, não só com os mestres do fazer literário, mas com pessoas que têm em comum conosco o amor às Letras e às Artes.

Parece-nos, às vezes, terem alma os inanimados. – Muitos dirão que isto é coisa de poeta. No entanto, não é raro sentirmos algo parecido em relação a algum objeto de nossa particular estima. Penso que isso se deve ao fato de colocarmos nesse objeto um pouco do nosso amor, um pouco da nossa alma.

Sabemos que, muitas vezes, uma casa guarda em si vibrações de fatos nela acontecidos. Diz-nos Saint-Exupéry no seu livro *Terre des Hommes* que "*o admirável de uma casa não é apenas que ela nos abrigue ou nos aqueça ou, ainda, que nos pertençam suas paredes. Mas que ela tenha lentamente despertado em nós esse sentimento de ternura".*

No Palácio da Luz sentimos isto. Esta Casa parece abraçar-nos quando aqui chegamos, sejamos veteranos ou estejamos ainda ensaiando os primeiros passos na vida literária. E a todos nós que aqui comparecemos, regular e frequentemente, ela abre seu coração, suas entranhas, e acabamos por dedicar-lhe verdadeira afeição.

Embora conscientes do respeito que ela nos inspira, sentimo-nos aqui bem à vontade e, com o tempo, chegamos mesmo a ter a sensação de que ela é um pouco nossa, tal é a energia positiva que vibra no espaço desta Casa centenária.

Acredito que isso se deve ao teor dos assuntos aqui tratados, voltados para o estudo, seja da literatura com um todo, seja do nosso amado idioma no qual Camões cantou sua pátria e seus amores e nosso insigne poeta José Albano, na sua "Ode à Língua Portuguesa", disse:

"*Nenhuma se conhece que traslade, / afora tu sòmente, / do coração doente – a saüdade".*[5]

Nesta Casa, uns se expressam em prosa; outros, em verso; outros, ainda, em música ou canto. Pelas suas dependências circulam escritores, poetas, retores, músicos e cantores, em reuniões regulares ou em datas festivas, quando a Casa se engalana, parecendo sorrir feliz e se mostrando em todo o seu esplendor!

## Reflexões

(a partir da leitura de – Palácio da Luz- Reduto da Cultura)

Somente quem costuma frequentar reuniões no Palácio da Luz pode aquilatar a importância de tudo o que foi feito na reforma aí empreendida pelo então presidente da Academia Cearense de Letras -José Augusto Bezerra.

Apenas uma alma empreendedora e sensível seria capaz de imaginar as mudanças que foram efetuadas no corpo dessa Casa, benéficas nos seus mínimos detalhes, desde a estrutura até o acabamento final, na decoração digna de um palácio, no caso, o nosso querido Palácio da Luz. Tudo feito com esmero e bom gosto, com vistas ao conforto e bem-estar dos Acadêmicos e dos visitantes.

Fico a pensar o que sentiria o saudoso historiador Raimundo Girão, já "encantado", se viesse ao nosso Palácio. Ele que adotou e

5 *Grafias usadas por José Albano*

amou Fortaleza como se seu filho fosse e que disse: "*Cidade que não era minha e que eu fiz minha [.] e onde construí a vida, gerei os filhos, cansei dos meus labores, descansei nos meus lazeres, fruindo a ventura dos que podem ser felizes*". – In: *Cidade de Mathias Beck*: aspectos da Fortaleza de sempre.

Imagino a beleza das expressões que ele usaria, dirigindo merecidos elogios ao responsável por essa transformação.

Como sócia efetiva da AJEB, cujas reuniões acontecem nessa Casa, tenho a felicidade de aí estar mensalmente. Assim, não poderia deixar de louvar a valorosa iniciativado estimado Acadêmico, Escritor e Bibliófilo José Augusto Bezerra.

Parabéns, amigo!

# Gomes de Sousa, Um Homem de Ciência

*Francisco Marialva Mont' Alverne Frota*[6]

> *Bem-aventurados os que a si mesmos se estatuaram em atos memoráveis, e, sem deixarem os seus retratos à posteridade, esquecediça ou desdenhosa, vivem a sua vida póstuma desinteressadamente pelos benefícios que lhe herdaram. Rui Barbosa – Bustos e estátuas – Discurso do Jubileu na Biblioteca Nacional – Escritos e Discursos Seletos*.

A Universidade Estadual do Maranhão se espraia sobre a cartografia do nosso Estado com o objetivo de promover a ascensão integral do homem. Esse desiderato, essa cosmovisão se enfeixa na oferta da educação humanística, técnica e científica. Na busca da libertação e promoção do homem, a UEMA interage com a comunidade no desenvolvimento social, econômico e político do Estado. Com tais propósitos, cultiva, incentiva, defende e preserva as manifestações do patrimônio cultural e natural do Estado e da Nação.

A UEMA é uma universidade *multicampi* dispersa em diversos municípios no Estado, com desconcentração organizacional. A adoção desse modelo enseja a inclusão social e, por igual, a redução das desigualdades sociais. Temos carências, mas vamos progredindo. Há urgente necessidade de alargar nossos objetivos, dependentes que ficam do avigoramento financeiro dos recursos que nos são repassados pelo Estado. Deve haver uma relação direta e equânime entre a expansão dos objetivos da UEMA e seu orçamento. Quando estiver na pauta das decisões o contingenciamento, como medida de política econômica, reflita o órgão mantenedor que nada há mais caro ao

6 *Discurso proferido em 16.12.2011 na Sessão Extraordinária do Conselho Universitário da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, na solenidade de outorga da Medalha Gomes de Sousa de Mérito Universitário. O autor é professor emérito da sobredita universidade.

governante, ao gestor, que o aprimoramento do homem maranhense. A libertação do povo maranhense será promovida pela implantação do humanismo universitário. É à Universidade Estadual do Maranhão que incumbe promover esta revolução cultural para que o maranhense seja feliz e ganhe a plenitude da cidadania. Guardo a compreensão ético-cristã que o homem é maior que o Estado. E mais: que o Estado existe para promover o homem. Só assim o homem será o agente do desenvolvimento econômico e social do Estado.

A UEMA alcança neste dezembro 30 anos. É uma universidade promissora com o alargamento da graduação presencial e à distância, da pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*, da pesquisa, do ensino e da extensão, com o reconhecimento ou renovação dos cursos pelo Conselho Estadual de Educação e pela avaliação institucional. Ainda destaco o fortalecimento do Núcleo de Tecnologias para a Educação da UEMA - UEMANET e o Núcleo Geoambiental, este com o Laboratório de Geoprocessamento, Laboratório de Meteorologia e Laboratório de Recursos Hídricos. É um alento: 66 professores estão em programas de Doutorado Institucional e 29 em diversos programas fora da UEMA; no Mestrado Institucional participam 43 professores e em cursos fora do Estado 19 professores. É um mundo novo!

Decano dos professores do Curso de Administração, célula matricial da Universidade Estadual do Maranhão, participo desta sessão solene do Conselho Universitário que outorga a Medalha Gomes de Sousa de Mérito Universitário a vários professores da Casa. Cresce minha emoção por ser um dos distinguidos com essa honraria. Aqui expresso, em nome deles e no meu, os agradecimentos à UEMA. A honraria nos deixa orgulhosos.

A Medalha Gomes de Sousa de Mérito Universitário tem, tal como refere o art. 1º, da Resolução nº 376/2003,CONSUN/UEMA, de 18.09.2003, "a finalidade de galardoar personalidades, de dentro ou de fora do território maranhense, merecedoras de particular reconhecimento por suas realizações nas áreas da Educação, da Cultura, da Ciência, das Artes e da Tecnologia".

Quem é Gomes de Sousa, cuja insígnia honorífica exorna nosso peito? É maranhense. Nasceu na Fazenda Conceição, no município de Itapecuru-Mirim, a 15 de fevereiro de 1829 e faleceu em Londres, em 1º de junho de 1863. Vida curta com percurso iluminado. Aos 12 anos foi para Olinda, mas logo retornou pelo falecimento do irmão José, estudante de Direito naquela cidade. Em 1843, para atender à vontade paterna, se matriculou na Escola Militar. Já em 1845 ingressou na Faculdade de Medicina. Abandonou o curso médico e, em 1847, retornou à Escola Militar e requereu os exames vagos de todas as disciplinas da grade curricular do curso de Engenharia. Foi-lhe negada a pretensão. Não desanimou. Fez alguns exames, em 1848, com o que obteve o grau de bacharel em Ciências Matemática e Física e, em seguida, o de doutor em Matemática, com a *Dissertação sobre o modo de indagar novos astros sem auxílio das observações diretas*, publicada no Rio de Janeiro na Tipografia Teixeira & Cia. Por concurso se tornou professor substituto da Escola Militar com 19 anos. Retomou os estudos médicos. Nessa porfia desmedida se esgotou e, em 1849, voltou à fazenda Conceição, em Itapecuru, onde se refez e, sem perda de tempo, estudou Direito Constitucional, Economia Política e Filosofia. Não parou. Nessa azáfama chegou à Corte em 1850 e, levado por Gonçalves Dias, passou a escrever na *Revista Guanabara*. Temperamento exasperado, ardeu uma polêmica sobre seus trabalhos a respeito da *Exposição Sucinta de um Método de Integrar Equações Diferenciais Parciais por Integrais Definidas* e *Resolução das Equações Numéricas*. O contendor era da Escola Militar, Joaquim José de Oliveira.

Seguiu para a Europa em 1854, a pedido de Pedro II, para estudar o problema da reforma do sistema carcerário brasileiro. Em Paris, em 56, se tornou doutor em Medicina, após completar os estudos que realizou no Rio. Na Alemanha, reencontrou Gonçalves Dias em Dresde. Nesse ano, o físico George Gabriel Stokes fez uma comunicação à Royal Society of London com o resumo da *Memória sobre a determinação das funções incógnitas que entram sob o sinal de integral definida*, de Gomes de Sousa, já apresentada pelo autor, em 1855, à

Académie des Sciences de Paris. Publicou a *Coleção de memórias de análise e física matemática*. Algumas delas foram levadas ao exame da Academia de Ciências de Paris.

Em Leipzig, em 1859, publicou a *Anthologie Universelle. Choix des meilleures poésies lyriques de diverses nations dans les langues originales*.Casou-se em Londres e, em seguida, retornou ao Brasil. Tinha sido eleito deputado pelo Maranhão. Exerceria a atividade parlamentar de 1861 a 1867, destacando-se, nesse exercício, seu discurso sobre o assoreamento do Porto de São Luís e que, anos depois, serviu como um dos argumentos para a construção do porto do Itaqui.

Depois de exercer atividade multifária como emérito pesquisador, Gomes de Sousa retornou à Europa, em 1857, e da Inglaterra aportou no Maranhão na companhia de Rosa Edith, sua mulher. E fez, mal chegou à Província natal, exaustiva viagem pela hinterlândia do seu Estado. Esclarece Antônio Henriques Leal no *Panthéon maranhense*:

> *Meteu-se a caminho e não houve paragem importante que deixasse de examinar, desde o Mearim até Caxias, e os sertões mais remotos até Carolina, beirando depois as margens do Itapicuru até sair de novo na cidade de São Luís.*

O casal se esfalfou e a consequência foi lamentável: a mulher não resistiu e sucumbiu de febre tifoide, a 18 de fevereiro de 1860. Viúvo, Gomes de Sousa foi residir no Rio, no clima ameno de Santa Teresa. Estava doente. Casou-se com Paulina Guerra, a 8 de fevereiro de 1863. Viajou para Londres à procura da cura dos pulmões, o que não ocorreu. Faleceu em 1º de junho de 1863.

Condoído com a morte do amigo, Antônio Henriques Leal fez o balanço das perdas que o deixavam pesaroso:

> *A fatalidade pesava sobre o Maranhão! Seus quatro maiores engenhos tinham desaparecido em pouco*

*mais de um ano e todos longe dos amigos e da pátria, e sem acharem até hoje – três deles – sepultura na terra natal! João Lisboa, na capital do reino de Portugal, a 26 de abril de 1863, Gomes de Sousa em 1º de junho do mesmo ano. Odorico Mendes a 18 de agosto de 1864 em Londres, e por último Gonçalves Dias, a 3 de novembro desse mesmo ano, tendo o oceano por sudário!*

Esta notícia biográfica objetiva dar conhecimento da trajetória do grande maranhense Gomes de Sousa.

Os estudos de Antônio Henriques Leal, Humberto de Campos, Ubiratan d´Ambrosio, Malba Tahan, Clovis Pereira da Silva, João Bacelar Portela e Lino Raposo Moreira buscaram dar maior detalhamento sobre a vida e obra do cientista Gomes de Sousa.

Circunda a obra desse ilustre matemático, assentada em variados trabalhos e memórias, um halo de ouropel, de esplendor aparente, produzido pela queima do incenso de turiferários que mais desservem que alargam a visibilidade do homem ilustre, do cientista Gomes de Sousa. A vida afanosa e o permanente culto à ciência garantem a perdurabilidade da obra e estima póstuma de Joaquim Gomes de Sousa, na justa proporção do seu merecimento

Trinta e cinco anos à frente da Disciplina Direito Administrativo no Curso de Administração garantem-me a certeza de que a Universidade Estadual do Maranhão se confunde com minha vida.

O magistério deu-me permanente convívio com a mocidade e com os livros. Sempre vivi cercado de livros que são muitos e prestantes. Tenho livros preciosos, raros, cuja aquisição foi uma conquista.

Guardo na minha biblioteca a edição *princeps* da *Anthologie Universelle* de Joaquim Gomes de Sousa, editada em Leipzig, por F. A. BROCKHAUS em 1859, com 944 páginas, dedicada ao Dr. Luís Antônio Vieira da Silva, o Visconde Vieira da Silva, poliglota, autor dos livros *História interna do Direito Romano privado até Justiniano* e *História da Independência da Província do Maranhão*.

A *Anthologie Universelle*, organizada por Gomes de Sousa, foi antecedida pelo *Florilégio da poesia brasileira,* de F. A. Varnhagen (1850) e *Harmonias brasileiras,* de Antonio Joaquim de Macedo Soares (1859), ambas de feição nacionalista, ao contrário da última, que tinha característica cosmopolita. Essa constatação se comprova com a inclusão de poesias líricas de dezessete idiomas: alemão, inglês, francês, italiano, português, espanhol, russo, polonês, sérvio, boêmio, húngaro, holandês, dinamarquês, sueco, grego moderno, latim e grego.

Do *Préface da Anthologie transcrevo o tópico em que o organizador dá as razões da escolha dos poemas líricos reunidos:*

> *Cette base fixée, nous avons fait notre choix, en ne nous laissant guider que par le point de vue de l'esthétique, dans ce que les diverses littératures nous présentaient de plus parfait. L'impossibilité où nous nous trouvions d'apprécier par nous-même, avec l'intelligence convenable, toutes les langues qui, dans notre pensée, devaient être représentées dans notre oeuvre, nous a déterminé à réclamer l'assistance de personnes compétentes sous tous les rapports. Ce secours nous était doublement nécessaire, car un choix semblable, n'importe par qui il sera entrepris, gardera tou¬jours l'empreinte d'un caractère individuel, qui ne pourrait pas satisfaire le goût de la généralité des lecteurs. Sans vouloir nous - même rendre jnstice à nous et aux amis qui nous ont si obligeamment prêté leur concours, et sans vouloir donner à notre travail l'autorité d'un code du bon goût littéraire, nous espérons cependant que l'on reconnaîtra que le plan que nous nous sommes proposé était le seul qui pût satisfaire le goût général.*
>
> *Quant à l'espace que nous avons donné aux diverses littératures, nous ne nous sommes point lais-*

*sés guider par une inclination particulière, mais par la pensée bien naturelle de donner plus d'é¬tendue à celles qui sont les plus connues.*

*Nous nous sommes donné une certaine liberté dans l'ordre suivi pour les langues, telle que le comportait un ouvrage qui présente une collection de poésies lyriques de diverses peuples, de même que pour l'ordre des auteurs et de leurs oeuvres, n'ayant , en faisant notre travail, comme nous l'avons dit, d'autre point de vue que celui d'offrir au public une Anthologie Universelle.* [Fizemos a seleção destes poemas líricos guiados apenas pelo ponto de vista estético naquilo que as diversas literaturas nos apresentaram de mais perfeito. A impossibilidade de apreciar por nós mesmos, com a devida lucidez, todas as línguas que gostaríamos de ver representadas em nossa obra levou-nos a solicitar a assistência de pessoas competentes com ampla visão de mundo. Essa ajuda nos era duplamente necessária, porque semelhante escolha, empreendida por quem quer que fosse, guardaria sempre marca de caráter individual, impossível de satisfazer o gosto de leitores em geral. Sem procurar justificação para nós mesmos e para amigos que tão gentilmente nos auxiliaram, e sem querer dar ao nosso trabalho autoridade de código de bom gosto literário, esperamos todavia reconheçam que o nosso plano tem apenas um objetivo: satisfazer o gosto geral.

Quanto ao espaço que demos às diversas literaturas não nos deixamos guiar por inclinação particular, mas pela intenção de dar maior amplitude às que são mais conhecidas.

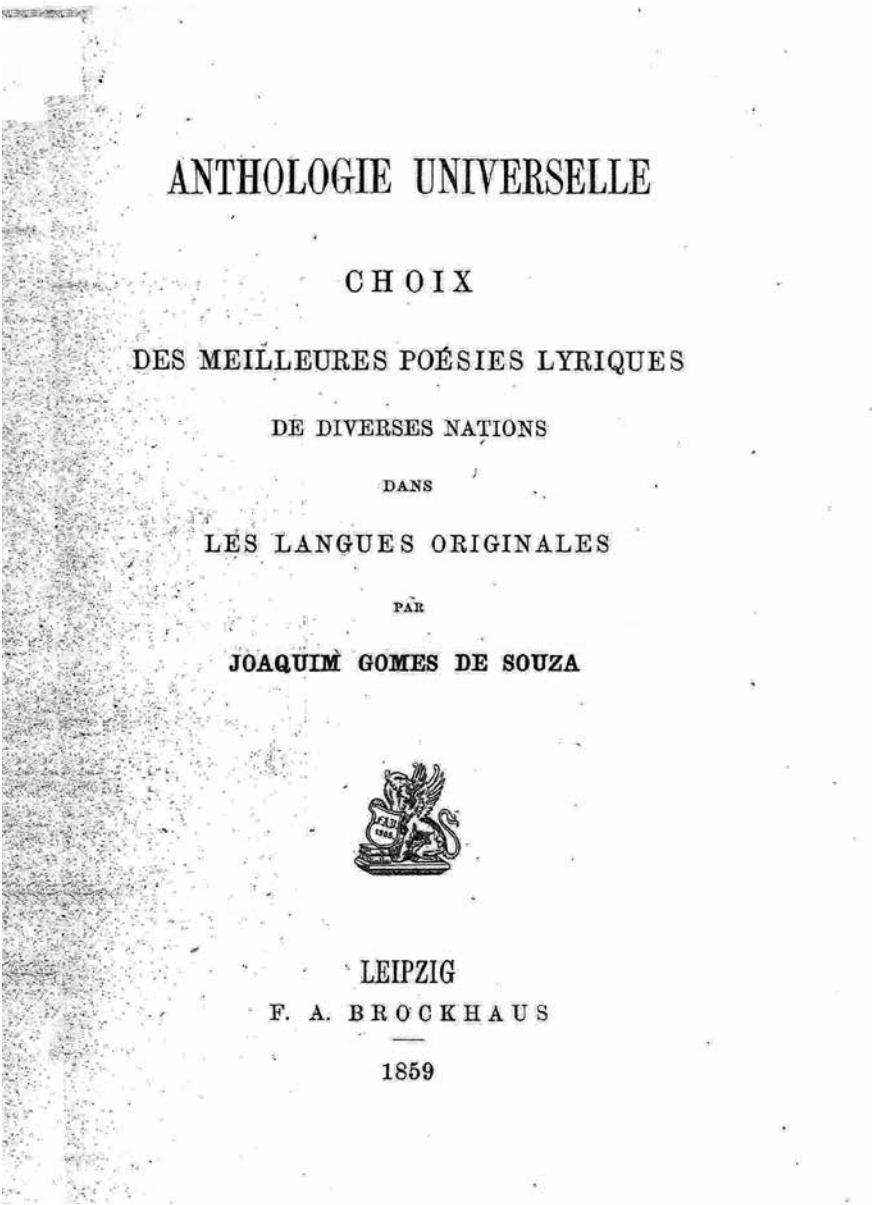
> Agimos com liberdade na ordem de apresentar as línguas, considerando nossa obra como uma exposição de poesias líricas de diversos povos, e de igual modo quanto à ordem de autores e obras, não tendo, como já ficou dito, outra meta além desta: oferecer ao público uma *Antologia Universal*.

Wilson Martins, na *História da inteligência brasileira* (v. 3, 1855 1877), acentua:

> *A obra científica de Gomes de Sousa, a que faremos referência no momento oportuno, seria um pouco a imagem da Anthologie Universelle:* magnífica ruína de um edifício majestoso cuja construção jamais se concluiu[.].

Na relação dos poetas líricos de língua portuguesa da citada *Antologia Universal*, consta Gonçalves Dias com os poemas Canção do Exílio, O Canto do Guerreiro, O Canto do Piaga, Epicédio, A Flor do Amor, Leito de Folhas Verdes, Marabá e Sobre o Túmulo de um Menino, inseridos nas páginas 617 a 628.

Esse livro, esse cimélio, de 152 anos, vai integrar, por minha doação, o acervo da Biblioteca da Universidade Estadual do Maranhão. Mais tivera, mais daria à UEMA, minha universidade!



ANTHOLOGIE UNIVERSELLE

CHOIX

DES MEILLEURES POÉSIES LYRIQUES

DE DIVERSES NATIONS

DANS

LES LANGUES ORIGINALES

PAR

JOAQUIM GOMES DE SOUZA

LEIPZIG

F. A. BROCKHAUS

1859

Folha de rosto da *Anthologie Universelle* de Joaquim Gomes de Souza, do exemplar doado pelo acadêmico Mont'Alverne Frota.

6ª Parte

# O Livro da Academia

# A Silhueta das Areias ou A Face Granulada do Inefável

*Carlos Augusto Viana*

A leitura de *A silhueta das areias* (TELLES, 2014) descortina um discurso de que se evola a maturidade estética, tanto pelo domínio de múltiplas formas quanto pela diversidade temática, constituindo a cristalização definitiva da escritura de José Telles. Há, portanto, um pacto indissolúvel entre o poeta e a palavra.

Jorge Tufic, na orelha deste livro, soletra, com propriedade, a cartilha singular da voz lírica de José Telles:

> Poesia tirada de muitos sopros, gemidos e urros quando a linguagem se instala nas raízes da parábola. A silhueta das areias, o novo poemário de José Telles, dá-nos uma nova perspectiva do verso livre, como expressão de liberdade para dizer, mas também, e sobretudo, como a forma a que adere a qualquer temática, adoçando-lhe o travo, por mais diverso que ele seja. Ao ritmo lento que sua leitura oferece, estiliza-se a metáfora da linguagem poética sobre os vários temas que lhe servem nessa nova colheita de auroras e crepúsculos, e aqui, afinal, estrelece a revelação de um cotidiano salvo dos paralelos e paradoxos que nos tornam a existência numa trágica aventura. Refaz-se, contudo, a nova parceria entre a esfinge e o caminhante. Densifica o texto de José Telles a profundidade que ela alcança no gênero das inovações e do eu lírico, tão belo e tão fraterno como o necrológio que dedica à memória do grande cronista e poeta Airton Monte. Mas onde quer que se abram as folhas deste Manual afetivo, ou relicário de afetos e saudades, correm

> parelhas os títulos que encimam a bela rapsódia e os valores estéticos de sua própria oficina, de resto inconfundível (TUFIC, 2014, s/p).

Juarez Leitão, ao apresentar este número ao público, quando de seu lançamento, destacou, a princípio, a primorosa edição de Geraldo Jesuíno, vestindo o livro, enquanto produto, de inaugural beleza. Após ressaltar que, de há muito, acompanha a escritura de José Telles, observou que, a obra deste poeta,

> construiu-se como um edifício que vai ganhando altura e bom acabamento a cada andar, com janelas e varandas vastas e belas a receber as brisas do tempo, os ecos da memória e os sopros oscilantes das circunstâncias.
>
> Escolheu desta vez o cenário das areias, filho que é de uma aldeia litorânea, a Vila de Bitupitá, onde, certamente, tantas vezes viu imprecisas formas nas madrugadas nebulosas, algumas verdadeiras e outras inventadas pelos seus anseios de menino cismador possuído dos sonhos e desejos de um longo navegar.
>
> [.]Sabe o poeta, o Zé Telles e os outros afilhados da luz, que não nos basta copiar a vida, mas novamente instituí-la como oficina de sonhos e horizonte de esperanças, a estrada solar por onde haveremos de caminhar todos os dias entoando as doces canções de liberdade (LEITÃO, 2014, p. 100-103).

O poema "Entardecer" é composto por três estrofes assimétricas, com o metro livre, mas com um intrigante jogo de rimas:

Estou ilhado de mortos
o Adolfo quase 100 anos
a Lana um câncer de mama.

O André amputou o pé
a Elvira um tumor de ovário
o Sérgio é nonagenário
a Helena nunca mais fez um poema.

O Jonas enlouqueceu
ninguém sabe que fim levou a Darília
e nem notícias do Romeu
o Rui foi morar em Brasília ao lado do aeroporto. (TELLES, 2014, p. 123).

"Estou ilhado de mortos" (v. 1) – aponta uma constatação desoladora – a lâmina inexorável da morte a ceifar, aqui e alhures, os que são caros ao eu lírico; se este, por sua vez, encontra-se "ilhado de mortos" (v. 1), é porque a ausência da matéria cristaliza ainda mais a imagem dos que se foram; e, assim, estes, em seu inefável silêncio, tomam conta de gestos e de pensamentos. Há, ainda, os que habitam a antessala da morte: "Adolfo" (v. 2), sob a ameaça da longevidade; e "Lana" (v. 3), corroída por um câncer.

Na segunda estrofe, as aproximações sonoras dos termos "André" e "pé" (v. 4) tingem o poema com notas de humor negro. No segundo verso, o que ganha relevo são as elipses mentais, ordenadoras da mensagem, pois, a ausência do léxico verbal abre caminho a uma polissemia: teria "Elvira" (v. 5) também "amputado" um "tumor de ovário" (v. 5) ou estaria por este sendo invadida? Considerando-se a natureza circular da morte, com suas escolhas aleatórias, "Sérgio" (v. 6) percorre a mesma estrada que "Adolfo" (v. 2). No último verso, "Helena" quebra a atmosfera geral que envolve a composição, implicando outra natureza de perda: o abandono pela poesia.

Na última estrofe, a vida, com sua sucessão de perdas, substitui a imponderabilidade da morte; é o momento em que o eu lírico depara o grotesco, incrustando em si a consciência de que, no mundo, nem as coisas nem os seres estão em plena harmonia: a loucura tomou conta de "Jonas" (v. 8); não existem notícias de "Darília" (v. 9), tampouco de "Romeu" (v. 10); e o "Rui" (v. 11), indo "morar em Brasília" (v. 11), optou pela fuga espacial, como perspectiva de mudança, mas, "ao lado do aeroporto" (v. 11), continua entregue às "lições de partir".[1]

A fusão das temáticas do amor, suas vicissitudes, e das múltiplas faces do erotismo, é recorrente na escritura poética de José Telles – o que se constata, sem muito esforço, na leitura cronológica de seus livros. Em *A silhueta das areias*, o poema de abertura, sob o título "Intimidade", já surge como constatação de tudo isso:

> Nunca começo a amar pela nudez,
> nossas intimidades revelam seus segredos,
> o diálogo se oculta no silêncio
> ou se esconde em gestos poucos
>
> Pelo prazer de caminhar
> a nudez se alonga em sua pele,
> beijo-lhe a carne e a louça de seu ventre,
> entro despido em sua boca
>
> Para protegê-la,
> visto seu corpo com o meu corpo (p. 43).

1 Tal leitura , posta nesta última expressão entre aspas, foi motivada por um poema de Manuel Bandeira, sob o título "Lua Nova", no qual o eu lírico assim traduz o seu estado emocional: "Meu novo quarto/ Virado para o nascente:/ Meu quarto, de novo a cavaleiro de entrada da barra./// Depois de 10 anos de pátio/ Volto a tomar conhecimento da aurora./ Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas. /// Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir:/ Hei de aprender com ele/ A partir de uma vez/ – Sem medo,/ Sem saudade / sem remorso." Disponível em: <*http://poemasdebandeira.blogspot.com.br/2011/01/lua-nova.html*>. Acesso em: 05 jan. 2016.

Em seu estudo sobre o erotismo, Georges Bataille o compreende como inerente, de modo singular, à natureza humana, pois, em vez de ligar-se absolutamente à reprodução da espécie, como acontece no reino animal, a isto transcende, convertendo--se em algo lúdico. A partir disso, anuncia-se uma série de tensões: a descontinuidade – cada ser é um território único; e a solidão, um fim inexorável de todos; em contrapartida, a continuidade, pois cada um dos seres humanos se alimenta da ilusão de completude a ser encontrada no outro (BATAILLE, 2004). O ser humano seria, portanto, como as ondas do mar, que se alteiam e se fragmentam incessantemente.

Neste poema, José Telles tece, através da plasticidade de metáforas, o estado da continuidade: as "intimidades" (v. 2) dizem dos "segredos" (v. 2), despindo, de modo pleno, outra nudez: a da pastosa subjetividade dos seres, daí a afirmação: "Nunca começo a amar pela nudez" (v. 1). Ocultado pelo "silêncio" (v. 3), o "diálogo" (v. 3) advém não mais das palavras, mas dos "gestos", inaugurando uma linguagem outra, fundindo elementos eróticos e estéticos: "a nudez se alonga em sua pele" (v. 6), daí a conversão do umbigo em "louça de seu ventre" (v. 7). Na última estrofe, o eu lírico aspira proteger e a si mesmo e à amada dos perigos da descontinuidade, singrando as águas da fusão absoluta: "visto o seu corpo com o meu corpo" (v. 10).

Em duas estrofes simétricas, com versos livres e rimas predominantemente toantes, "Poema para ninar aeromoça" é de um lirismo delicado e terno, todo alicerçado em jogos especulativos:

> Se eu amasse uma aeromoça
> quando em casa ela chegasse
> cansada e mais leve que o ar
> nela poria meus beijos e abraços
> e bailando nos céus como dois pássaros
> em nossas fantasias e quimeras
> o amor seria eterna primavera
> e a vida uma canção por terminar
> Queria tanto amar uma aeromoça

para ter sempre aquele amor de despedida
beijar-lhe a boca cheia de saudade
sem hora de chegada ou de partida
e quão mais exultasse sua vaidade
mimoseando seu corpo apaixonado
deitá-la-ia soberana entre meus braços
a fruir e amar dois corações amados (TELLES, 2014, p. 44).

A escolha do léxico "aeromoça" e não "comissária de bordo" conduz o tempo e o espaço deste poema a um passado mais ou menos distante – quem sabe o das "asas da Panair", quando as viagens de avião eram timbradas pelo *glamour* e pela elegância, e por sobre a "aeromoça" pairava uma nuvem de mistério, uma carta geográfica.

Tudo, neste poema, especulações líricas: se "amasse uma aeromoça" (v. 1), a voz poemática, num erotismo mais estético do que real, sempre irá senti-la mais nos céus do que na terra, pois, chegando a casa, ela, ainda que "cansada" (v. 3), seria "mais leve que o ar" – portanto, um ser fugidio, translúcido; por isso, os dois, mesmo em casa, bailariam "nos céus como dois pássaros" (v. 5), e Eros os levaria em direção à música – a mais abstrata das artes: "a vida uma canção por terminar" (v. 8).

A confissão "Queria tanto amar uma aeromoça" (v. 9) reforça a experiência pretérita; e nada parece dissuadi-lo da empreitada: pouco lhe importa a sensação permanente de "amor de despedida" (v. 10) e de "saudade" (v. 11), tampouco a imprevisibilidade dos encontros – "sem hora de chegada ou de partida" (v. 12), pois, em todos os momentos, a ausência transmuta-se em presença: "a fruir e amar dois corações amados" (v. 16).

Inúmeros são os poemas que, antes de sua leitura, já chamam a atenção por conta dos recursos formais. É o caso, por exemplo, de "Piano orvalhado com a solidão caseira", cujas estrofes apontam a presença de dois movimentos, numa alternância entre pausas breves dos dois primeiros versos e o ritmo prolongado do terceiro:

Precisamos de algum tempo
para ouvir um piano
– aquele piano complacente com as coisas proibidas.

Não preciso sequer
tocar tuas entranhas
dá-me apenas a paisagem de teu corpo para ser aplaudida. (p. 45).

No primeiro movimento, a metonímia "ouvir um piano" (v. 2), como extrema necessidade, supõe um acordo da alma com o corpo. Quanto à construção do texto, imprime-se um curioso recurso: o deslocamento da inicial indeterminação de "um piano" (v. 2) para a determinação incisiva: "aquele piano" (v. 3), pois, o que é empós enfatizado é a sua associação com a transgressão, já que possui complacência com "as coisas proibidas" (v. 3).

Na última estrofe, os versos insinuam uma transfiguração, a partir da sugestão não de um "piano" (v. 2) enquanto instrumento musical, mas, sim, de um "corpo" (v. 6), esclarecendo que, em verdade, é deste que se evolam as modulações; a música advém da própria mulher, da "paisagem" (v. 6) em que se misturam os elementos.

A dicção maviosa e a alternância do ritmo dão ao poema "Diga qualquer coisa" um gradativo alumbramento, pondo em relevo a exploração das potencialidades da linguagem coloquial:

Aonde você
Nesse deserto de silêncios?
A palavra ainda existe
nem que seja para revelar o segredo dos mortos

Diga que ainda vive
e que podemos repetir os favores do amor
Se a saudade me marca

a culpa é desse jeito de amar
que você guarda em seu corpo

A seu abraço
quem há de resistir?
Toda minha espera
rendeu-se ao seu silêncio
sou pura solidão (p. 47).

A metáfora "deserto de silêncios" (v. 2) traduz um estado emocional em que a falta se faz presença no eu lírico: o termo "deserto" integra a atmosfera semântica de sol, lua, calor, solidão e tentação, por isso aproxima o viajor dos grãos de areia. Apesar de tudo, "A palavra ainda existe" (v. 3), nem mesmo que sirva apenas para ressuscitar o que o tempo dissipou. Rogativo, o eu lírico lança apelos a um "corpo" (v. 9) ausente, para que este se anuncie vivo e a ele retorne em promessas de "amor" (v. 6); e tudo se torna mais espontâneo, pelo emprego do estilo mesclado, a partir da linguagem prosaica, coloquial: "a culpa é desse jeito de amar / que você guarda em seu corpo" (v. 8 e v. 9). Assim, a sua "espera" (v. 12) direciona-se ao momento em que se liberte do desolado abandono: "sou pura solidão" (v. 14).

José Telles é poeta de intrigantes recursos expressivos; consegue uma harmonia entre a forma dos poemas e suas respectivas mensagens. Vejam-se, então, os jogos de armar do emprego consciente do paralelismo sintático em "Choro por aqueles":

Que nunca tocaram o sino plangente das igrejas
que nunca se despiram no ventre das lagoas
que nunca dançaram no solo monacal das chuvas

Que nunca navegaram em mares avoengos
que nunca pisaram a lama generosa dos salgados
que nunca se perderam no labirinto das luas

Que nunca desafiaram o rio em sua paz
que nunca tiveram a ilusão de ser saudade
que nunca mentiram entre juras e jamais

Que tiveram a infância apressada como o dia
que perderam a inocência no vazio das lembranças
que nunca foram sagrados virtuosos coroinhas

Que não fruíram o estilhaço da pedra na vidraça
que não tremeram ao fremir da palmatória
que não cresceram como as magnólias e os gatos. (p. 51).

O título do poema "Choro por aqueles" funciona também como o primeiro verso e se estende às demais estrofes como se comportasse o papel de um refrão. A princípio, o eu lírico alude a elementos configuradores da vida nas cidadezinhas do interior, onde a voz do "sino" (v. 1) – como um cronômetro coletivo – ordena o digladiar-se entre as forças da vida e da morte; depois faz referências ao contato livre com a natureza, quer nos banhos nas "lagoas" (v. 2), quer nos movimentos da "chuva" (v. 3), pois, esta, vinda do céu, fertiliza a terra e, sendo filha das nuvens pesadas e da tempestade, comporta em si os símbolos do fogo – pela ação dos relâmpagos – e da água, com toda a carga de renovação.

A segunda estrofe aponta como fundamental, enquanto riqueza da existência, o encontro do ser com as configurações de seu passado, representadas pela metáfora "mares avoengos" (v. 4), bem como o ato de guardar a imagem da "lama generosa dos salgados" (v. 5) – metonímia da colheita árdua da sobrevivência diária; por fim, a ideia de que é mister percorrer o "labirinto das luas" (v. 6), isto é, entregar-se ao devaneio, ao sonho, entrelaçando ao duro cotidiano o tecido da fantasia.

A imperiosidade de quebrar regras, de ir de encontro às ordenações que procuram regular a vida social, bem como os artifícios que brotam das relações humanas são a preocupação temática da terceira estrofe. É

mister tirar do "rio" (v. 7) a "paz" (v. 7), da mesma forma como é preciso, de quando em vez, iludir-se a si mesmo, bem como servir-se também das máscaras sociais: "nunca mentiram entre juras e jamais" (v. 9).

Um tom de ironia, quase deboche, toma conta da quarta estrofe: "que nunca foram sagrados virtuosos coroinhas" (v. 12). Antes, o sujeito da escrita lamenta a punição indelével de uma "infância apressada" (v. 10), pois esta condena o ser à perda da fruição; e, por outro lado, ressalta a inutilidade de um mergulho profundo no "vazio das lembranças" (v. 11).

Na última estrofe, a nota transgressora reaparece com "o estilhaço da pedra na vidraça" (v. 13); há, ainda, um resgate do sadismo que palmilhava a infância dos tempos já idos, a partir do "fremir da palmatória" (v. 14); o poema se fecha com uma intertextualidade com Machado de Assis, recuperando uma passagem do capítulo "O menino é o pai do homem", de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o protagonista se reconhece um verdadeiro "menino diabo", afirmando que crescera "como as magnólias e os gatos"[2] (v. 15) – um símile resgatado por José Telles.

A composição "Sob o luar de sua pele"[3] se estrutura em quatro dísticos, com versos livres e uma única toante na última estrofe:

> Como um beija-flor
> você pousa em minhas tardes
>
> Sua tez morena
> desliza ameaçada entre meus beijos
>
> Tempestades de prazeres
> Agonizam em nossa alcova

2 Neste romance, o defunto-autor, Brás Cubas, ao recontar sua vida, desenha a cena geral da condição humana; ele, Brás Cubas, possui uma natureza complexa, cheia de contradições, ambicioso e retraído, vaidoso e displicente, apaixonado e indiferente. Num laivo naturalista, reconhece-se fruto de uma educação perniciosa: "Cresci, e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos" (ASSIS, 1997, p. 526).

3 Dedicatória: ". *pourelle*" (p. 52).

O novo se revela
toda vez que toco o luar de sua pele (p. 52).

Símile e metáfora desdobram-se, na primeira estrofe, para que o espaço e o tempo do encontro dos amantes trescale uma experiência idílica. Cobre-se a mulher quase que completamente de abstrações: a metonímia "tez morena" (v. 3) não a singulariza. Há uma progressiva passagem do tempo: a princípio, as "tardes"; por fim, "o luar de sua pele" (v. 8), delimitando as horas do encontro.

O tema do andarilho solitário, em busca da amada, da qual não tem qualquer referência – motivo caro aos poetas do Romantismo – é o motivo de "O amor em vigília":

Em
tua busca
sigo rastros de navios
torturados pelos ventos
uma esperança
navega numa lágrima

Existe
uma ameaça
de porto em minha dor
a solidão tropeça
em nossa crença
minha procura
amanhece em silêncio (p. 53).

Tudo, neste poema, dirige-se a uma atmosfera vaga, incorpórea, a configurar um sonho – não como linguagem do inconsciente, mas como desejo, aspiração, justificado este estado pelo termo "vigília", presente no título. Desse modo, o eu lírico singra os mares da noite, onde tudo diz respeito a fugas: "rastros de navios" (v. 3); "ventos" (v. 4), permanecendo acordado até amanhecer "em silên-

cio". A lógica do poético é estabelecida pela constelação semântica da ideia de navegação: "navios" (v. 3); "navega" (v. 6); "porto" (v. 9). O ser – insone – é todo "procura" (v. 12).

Em "Lábios orvalhados pelo riso", José Telles, em seis tercetos simétricos, com versos livres e algumas rimas ocasionais, esplende sua arte e seu engenho:

> O corpo
> (sala e antessala)
> ainda exala o perfume dos lençóis
>
> As ancas
> tosca simetria
> onde espio do amor o gesto insano
>
> O colo
> bela geografia
> onde desafio em romaria o mais profano
>
> O ventre
> doce embriaguez
> onde amanheço toda vez que estou insone
>
> Nos seios
> de haveres satisfeitos
> agasalho meu corpo e deito meus prazeres
>
> Nos lábios
> orvalhados pelo riso
> pouso e piso o chão da eternidade (p. 57).

A técnica para a realização deste poema inverte a do cultismo barroco: recolho e disseminação, pois, a princípio, assoma um "corpo" (v. 1), trescalando o "perfume dos lençóis" (v. 3), para, desde então, ser,

paulatinamente, fragmentado em "ancas" (v. 4), em "colo" (v. 7), em "ventre" (v. 10), em "seios" (v. 13) e em "lábios" (v. 16). Do primeiro ao quarto terceto, as metáforas são elaboradas a partir de elipses mentais: "sala e antessala" (v. 2); "tosca simetria" (v. 5); "bela geografia" (v. 8); "doce embriaguez" (v. 11); nos dois últimos, pelo sentido conotativo dos verbos: "agasalho" e "deito" (v. 15); e "pouso e piso" (v. 18).

A concepção de arte pela arte aproxima a poesia da escultura em "O banho de Afrodite", mas se os parnasianos compreendiam a poesia como conceito, para José Telles, ela é puramente imagem:

> A mão desliza suavemente
> entre a nudez e o corpo,
> resplandece a tez que bem conhece
> os caminhos do prazer
>
> A água codifica cada atalho
> e flui preguiçosa
> na maciez das espumas vãs.
> O suor se despede
> colado às curvas de frondosas algas
>
> A toalha passeia prazerosa
> entre aconchegos e conchas;
> na moldura
> vândalos prazeres tombam enfurecidos
> a nudez perfura a noite (p. 60).

O escultor ático Praxíteles concebeu, no século IV, a.C., uma das mais famosas leituras da deusa do amor: *Afrodite de Cnido* – a primeira em que ela aparece completamente nua, no momento em que se preparava para um banho: a roupa na mão esquerda, e a mão direita cobrindo, maviosamente, os genitais. Como bem se percebe, neste poema, José Telles não visa à transmutação da palavra em mármore, tão somente, através de metáforas, sugere os movimentos que se des-

prendem da estátua: "A mão desliza suavemente / entre a nudez e o corpo" (v. 1 e v. 2) – instante em que os tecidos escorrem por sobre o corpo, desnudando-o pouco a pouco. A metáfora final – "a nudez perfura a noite" (v. 14) – aponta a capacidade das obras de arte, portadoras do belo, de atravessar os séculos, constantemente atualizada.

A natureza prosaica, puramente coloquial, do título "Vem comigo"[4] vai de encontro à lhaneza do discurso lírico de seus versos, brancos e livres, dispostos em três tercetos, num ritmo que progressivamente se prolonga:

> Vem comigo
> ouvir a tristeza da noite
> juntos entenderemos a canção que vem do silêncio.
>
> Vem comigo
> tocar os lábios da esperança
> juntos recolheremos o espólio das perdas
>
> Já não existe o indez de tua culpa
> pousa em meus olhos o vigor de tua nudez
> e conduz minha solidão para o encantamento (p. 62).

O eu lírico convida a musa para uma integração absoluta com a natureza: "juntos" (v. 3), os dois devem vestir-se da mesma "tristeza da noite" (v. 2), alimentando-se da "canção que vem do silêncio" (v. 3). Ungidos pelos "lábios da esperança" (v. 5), terão o "espólio das perdas" (v. 6). Sem quaisquer indícios de "culpa" (v. 7), a vigorosa "nudez" (v. 8), pousada em seus "olhos" (v. 8), é puro alumbramento.

Sendo aberta, consoante pensamento de Umberto Eco, toda grande obra de arte literária provoca feixes de interpretações[5], bem

4 Dedicatória: "Para Hermília Lima" (p. 62).

5 Esta compreensão parte do princípio de que a obra literária, por natureza ambígua, não constitui um universo fechado em si, daí ser passível a múltiplas interpretações, desde que alicerçadas num sólido rigor teórico (ECO, 1988).

como, por conta de sua natural riqueza, está sempre instigando o leitor, desconcertando-o, levando, assim, ao questionamento de certezas; quando não, ao encontro do que suscita o que não é de todo revelado, como no poema "A falta":

> Escorre
> o mosto da dor
> e fere.
> Consola-me o ousio
> que infere e compensa
> a falta.
> Uma ausência pula o muro
> e amanhece dona de meu quintal. (p. 63).

Composto em uma única estrofe, com versos livres e rimas brancas, este poema é um dos mais herméticos dentre os que compõem o livro *A silhueta das areias*. Uma série de especulações se inscreve em torno do léxico "mosto" (v. 2), dentre essas a possibilidade de a "dor" (v. 2) ser uma experiência recente, tanto pelo uso do tempo verbal no presente como pelas pausas dramáticas que as formas "escorre" (v. 1) e "fere" (v. 3) encerram.

A "falta" (v. 6), motor do universo poemático, revela a sua face desafiadora, conduzindo o eu lírico a enfrentá-la e, ao mesmo tempo, render-se ao seu império. Por fim, a "falta" (v. 6) diz que sua verdadeira face é, sobretudo, "uma ausência" (v. 7), que, por não mais ser, torna-se cada vez mais palpável, mais viva; por ter ido (sugestão advinda da imagem "pula o muro", v. 7) é, a rigor, a senhora do "quintal" (v. 8); ou seja, dos mínimos movimentos cotidianos.

A tentativa de realizar uma exegese da escritura de José Telles recai, inevitavelmente, a partir de sucessivas leituras, na questão metalinguística. No discurso de qualquer poeta (quando, evidentemente, este é tocado verdadeiramente pela poesia), o cultivo da metapoesia fornece a dimensão de sua consciência crítica, uma vez que o que motiva o

poeta é exatamente a problemática da criação, bem como os efeitos que o poema provoca no autor / leitor. Nesse sentido, a contemplação do fazer poético – a poesia em seu estado de essência – abre diversos caminhos por que se pode palmilhar o exercício de uma escritura.

Em "Canção germinal do amor eterno"[6], José Telles explora diversas possibilidades rítmicas:

> Olha de lado.
> Finge. Troca de mesa.
> Agora, sorri para tua sombra
> ou para minha silhueta
>
> Recolhe este gesto
> e sente devagar
> o solene germinar de uma paixão
>
> O mosto do amor
> que entre nós deixou seu rastro
> tem o gosto de todas as partes de teu corpo
>
> Agora,
> abusa de teu gesto insano
> e deixa teu corpo sentir que ainda me deve
>
> O dia a dia
> entre nós se desespera
> sem saber o que é novo, o que é velho
> e quanto tua boca da minha se apodera
> resplandece o prazer que se renova (p. 65-66).

A metáfora "O mosto do amor" (v. 8), por um processo de personificação, é o sujeito dos verbos das quatro primeiras estrofes. Nesta trama poética, Eros serpenteia por entre os amantes, transitando de

6 Dedicatória: "Para minha Ana Karena" (p. 65).

um para outro: "Agora, sorri para tua sombra / ou para minha silhueta" (v. 3 e v. 4). Após deixar "seu rastro" (v. 9), para que seja seguido pelos amantes, e trazer em si o sabor "de todas as partes" (v. 10) do corpo da amada, "o mosto do amor" (v. 8) derrama-se por sobre a sede, nunca saciada: "ainda me deve" (v. 13). Para os amantes, o cotidiano ainda não se revelou de todo: "sem saber o que é novo, o que é velho" (v. 16); tudo é ainda uma permanente renovação: "resplandece o prazer que se renova" (v. 18).

Nos poemas de circunstância, José Telles demonstra toda sua habilidade em, por meio de metáforas e, pela sucessão destas, em alegorias, redesenhar um quadro prosaico – a saída de uma administradora de um restaurante, seus efeitos por sobre amigos e frequentadores do espaço – em pura poesia, consoante os versos de "Uma rosa em fuga"[7]:

No ar um espaço vazio
uma dor por onde espio
uma saudade a chorar

A viuvez amarga o sal da melancolia
nos olhos indormidos de quem ama

Toalhas em lágrimas molhadas
já não suportam a solidão da porcelana

De Ruth o amor zeloso
protegia a solidão dos bêbados
perdida no linho das madrugadas pagãs

Hoje, à dor servida,
lágrimas se inclinam sobre as mesas
escondidas no azul impermeável do silêncio

7 Dedicatória: "À imensa Ruth" (p. 67).

E por ironia
essa dor mal consumida
diminui bastante o consumo de alegria

O pôr do sol espera tua volta, ó Ruth!
e, de tristeza tocada, chora
uma rosa em nossas mãos querendo fuga (p. 67-68).

A anástrofe – "De Ruth o amor zeloso / protegia a solidão dos bêbados / perdida no linho das madrugadas pagãs" (v. 8 a v. 10) –, posta no primeiro verso, apresenta a personagem lírica do poema: "Ruth" (v. 8), bem como o espaço de sua *performance*: um bar-restaurante, cujo "espaço vazio" (v. 1) alude à sua abrupta ausência, daí a alegoria: "Toalhas molhadas de lágrimas / já não suportam a solidão da porcelana" (v. 6 e v. 7). A metáfora "linho das madrugadas" (v. 10) realça o "amor zeloso" (v. 8) de "Ruth" (v. 8) – uma proteção aos que se lançavam aos braços da embriaguez.

No segundo movimento, o advérbio "hoje" (v. 11) aponta um novo momento: o da ausência de Ruth, por isso, "lágrimas se inclinam sobre as mesas" (v. 12), e nada mais há, diante da desolação, do que o "azul impermeável do silêncio" (v. 13) – um brilhante jogo sinestésico a sugerir, ao longe, o lume da tarde de um céu a cair por sobre o movimento granulado das marés: "O pôr do sol espera tua volta, ó Ruth!" (v. 17).

O poema "Mãe", em versos livres e brancos, inseridos em seis estrofes, comove o leitor pela espontaneidade dos sentimentos, advinda do tom confessional:

As mães falam com Deus.
Sua mão é pluma que cai;
Seu abraço, aconchego e cura.

O que podemos oferecer-te,
se todos os caminhos já são teus,

todos os beijos já pousaram em tua face,
todas as dores navegam em teu sorriso,
enfim, os céus a ti pertencem?

Ou, simplesmente, preferirias que
o mundo voltasse a ser criança
para nele dourar-me aquela infância?

Ou, quem sabe, preferirias mimosear
a sisudez de meus conflitos para
minimizar a ilusão dos meus sonhos?

Ou, talvez, pomposamente,
à revelia dos deuses,
galardoar-me com todas as estrelas?

Mãe, essas dúvidas, bem sei,
são querenças molhadas de saudade
– lágrimas do meu dia-a-dia (p.70-71).

O axioma "As mães falam com Deus" (v. 1) resume o tema central desta composição. A metáfora "Sua mão é pluma que cai" (v. 2) é uma imagem por que se reflete a plenitude da delicadeza, reforçada esta por outra metáfora, agora oriunda de uma zeugma[8], "seu abraço, aconchego e cura" (v. 3).

A forma verbal "podemos" (v. 4) revela ser o eu lírico porta-voz da saudade e das dores de outros irmãos, a quem a palavra-poesia não se revelou; desse modo, as interrogações a partir de "O que podemos oferecer-te" (v. 4) desembocam em enumerações conotativas de uma inescrutável pobreza, em contraste com riqueza a vestir a subjetividade da mãe: dona de "todos os caminhos" (v. 5); guardiã de "todos os beijos" (v. 6); e elmo para as procelas: "todas as dores navegam em

8 Zeugma: omissão de um termo oracional já expresso.

teu sorriso" (v. 7). Por fim, reconhece o eu lírico que suas incertezas são, deveras, "querenças molhadas de saudade" (v. 19) – espelho de suas dores cotidianas.

Sob o título de "A maestrina"[9], José Telles compõe mais um poema de circunstância, em versos livres brancos, em três estrofes, progressivamente alongadas, como sugestão do clímax do espetáculo:

> De repente,
> mãos ensandecidas bailam no ar,
> o império da maestrina desnuda cordas violadas.
> No paço, uma multidão de silêncios
> se submete ao esplendor dos sonhos e dos gestos
>
> Ela ginga, dança e some
> na vastidão das coisas invisíveis
> e avança nos acidentes da pauta
> como quem inaugura a boca desejada.
> Elegante e graciosa
> incorpora a fluidez do ritmo
> e assiste, em harmonia, à solenidade dos acordes.
>
> Ao olhar vigilante
> desfilam, em salvas, sinfonias e prazeres,
> movimentos apontam para os céus,
> (recobertos com lençóis de arte),
> Alpendrando lírica nos segredos de Deus.
> Suas mãos ainda bailam
> no estribilho das cordas e se espalham
> querendo ninar a solidão do mundo
> Quando tudo termina,
> a reverência de seu corpo
> se aventura até o último silêncio,
> procurando abrigo nos escaninhos de Deus. (p. 72-73).

9 Dedicatória: "À raríssima Inês Martins" (p. 72).

As "mãos ensandecidas" (v. 2) que "bailam no ar" (v. 2) aludem aos movimentos da "maestrina" (v. 3) a desnudar "cordas violadas" (v. 3), diante de uma plateia – "uma multidão de silêncios" (v. 4) – extasiada. A "vastidão das coisas invisíveis" (v. 7) comporta as modulações dos "acordes" (v. 12). A metáfora "lençóis de arte" (v. 16) sugere a presença de um toldo que, magicamente, abriga a todos os que, "no paço" (v. 4), desprendem-se do mundo lá fora, alimentando-se do mosto do alumbramento, pois, da "maestrina" (v. 3) as "mãos ainda bailam" (v. 18), multiplicando-se em afagos para a "solidão do mundo" (v. 20); cerrada a música, as notas prosseguem ainda sua travessia em direção ao sagrado: "procurando abrigo nos escaninhos de Deus" (v. 24).

Na composição "Desabafo", mais uma vez, o homem e o poeta, implicando uma maneira singular de construir metapoema; os versos brancos e livres armam uma única estrofe:

> Aqui estou
> a tecer teias para esconder
> amores
> são vazadas mas são minhas
> não preciso
> de artimanhas para coser
> estas linhas (p. 79).

Ao comparar seus poemas a "vazadas" (v. 4) "teias" (v. 2), o eu lírico confessa pobreza e precariedade, sugerindo que os "amores" (v. 3), a que aspira esconder, escorrem de suas mãos e se perdem no tempo. A expressão "mas são minhas" (v. 4) confirma certo orgulho da espontaneidade de seu ofício, já que ele não necessita de "artimanhas para coser / estas linhas" (v. 6 e v. 7). Mas, afinal, estas linhas o que dizem? O amargor da existência nua? Um rosário de perdas? Os fios que, desprendidos do novelo, mais o fazem crescer? Todas as respostas estão depositadas – não nas "linhas" (v. 7) –, mas nas entrelinhas: "A obra de arte é a razão de ser do objeto estético, mas só alcança

a sua finalidade quando é percebida como obra de arte, ou melhor, como objeto estético" (RAMOS, 1973, p. 29).

Em três dísticos, com simetria nos versos ímpares e nos pares, todos brancos e livres, José Telles estrutura "O amanhecer das possibilidades", com sucessivas sugestões:

> Tivemos o mesmo rio
> fomos herdeiros do mesmo pôr do sol
>
> Beijos eram plumas
> caindo levemente no solar de nossa infância
>
> Sinto a nudez de tua ausência
> celebro o amanhecer das possibilidades (p. 80).

A trama deste poema é urdida a partir do contraponto entre o passado e o presente – descortinados estes pelas formas verbais: "Tivemos" (v. 1); "eram" (v. 3); "Sinto" (v. 5); e "celebro" (v. 6). Desse modo, infere-se que, num tempo do longe, os amantes vivenciaram, idilicamente, a paixão – "o mesmo rio" (v. 1) e o "mesmo pôr do sol" (v. 2). As metáforas "beijos eram plumas" (v. 3) e "solar de nossa infância" (v. 4) contribuem para a edificação de uma atmosfera onírica, de um estado permanente de devaneio. Na atualidade, porém, a "ausência" (v. 5), encarnada numa "nudez" (v. 5) converte priscas promessas em "possibilidades" (v. 6) reais.

José Telles é um poeta essencialmente lírico; seu discurso, portanto, configura-se como a projeção de emoções, de sentimentos, de volições; ou seja: através de um eu, o canto percorre as múltiplas preocupações humanas, fundindo-se, assim, o sujeito e o objeto, como acontece em "Poema das ausências"[10]:

10 Dedicatória: "À Regine Limaverde" (p. 81).

Onde
o silêncio
que me deixa falar os vãos tormentos?

Onde
a solidão
que me permite a companhia dos mortos?

Onde
a tristeza
se minh'alma lacrimeja enluarada pelas ruas?

Onde
a saudade
que me deixa ao sabor de toda ausência?

Onde
o amor
que deixa minha dor ao dispor do suicídio? (p. 81).

Mais uma vez, o poeta recorre ao paralelismo sintático como mecanismo por que possa construir suas especulações. Desolado, desconsolado, o eu lírico enumera, como aniquiladoras, as ausências do "silêncio" (v. 2), da "solidão" (v. 5), da "saudade" (v. 11) e do "amor" (v. 14), pois, ao experimentá-las, intensamente, a poesia lhe foge, e nada mais pode consolá-lo. O tom emotivo desses versos é intensificado pelo ritmo, especialmente sedimentado na estilística da repetição. No caso específico de José Telles, em *A silhueta das areias*, a reflexão acerca da força das palavras ou mesmo do estado poético são expressões recorrentes, quer em poemas como um todo, quer em momentos de digressões.

Modesto Carone, num estudo de literatura comparada, no qual percorre a relação entre as poesias de João Cabral de Melo Neto e Paul Celan, afirma que o "metapoema, entendido como linguagem e

indagação e demonstração da linguagem do poema que se faz contemporaneamente à sua constituição estética efetiva, é um ponto de encontro privilegiado" (CARONE, 1979, p. 41). A partir de composições desta natureza, o leitor, adentrando no território da metapoesia, percebe que "as coisas se fazem mais amplas, / mais largas, ou mais largamente / e deixam ver os interstícios / que a olho nu não se sente, /// e que há na textura das coisas / por completas que sejam elas; laboratório: que parece / tornar as coisas mais abertas" (MELO NETO, 1986, p. 99); e se, assim se fazem, é, justamente, "para que as entremos por entre, / através do fundo, do centro; / laboratório: onde se aprende / a aprender as coisas por dentro" (p. 99).

Não menos desafiadora é a leitura do poema "Ortografia do silêncio". Neste, mais uma vez, José Telles serve-se do metro curto, de tonalidade livre, em rimas brancas, realizando um poema em dois movimentos:

> No peito,
> invertebrado silêncio;
> no poema,
> vértebras fragmentadas
>
> dor saía
> pelo vermelho do crepúsculo
> e pelo outono das metáforas (TELLES, 2014, p. 87).

A primeira estrofe apresenta, como alicerce de construção, o recurso da expressão nominal. Assim, a ausência do verbo contribui para tornar mais vivo, mais carnal, o sentimento de estagnação. Encontra-se o eu lírico paralisado pela ação de um "silêncio" (v. 2), que, "invertebrado" (v. 2) parece invadi-lo por inteiro, sufocando-o. Neste instante de impasse, a poesia surge como elemento de uma possível salvação, ainda que no "poema" (v. 3) haja "fragmentadas" (v. 4) as "vértebras" (v. 4), ou seja, que o poema ainda não se revele ao poeta

em seu estado de plenitude, que ele, portanto, ainda se arraste pelas águas turvas da elaboração criadora.

No segundo movimento, o eu lírico abandona os liames da interioridade e dá conta de uma cena externa: lá fora, o "crepúsculo" (v. 6) avermelhado funciona como alegoria do estado de desespero, de angústia, enfim, dos sentimentos tortuosos, como se pode constatar no "Grito", de Edvard Munch, pois, nesta composição, o pintor norueguês:

> Pretende expressar como uma súbita excitação transforma todas as nossas impressões sensoriais. Todas as linhas parecem conduzir a um outro foco da pintura – a cabeça que grita. É como se todo o cenário participasse da angústia e excitação desse grito. O rosto da pessoa que grita está distorcido, de fato, como o de uma caricatura. Os olhos arregalados e as faces escovadas lembram a cabeça de um morto. Alguma coisa muito terrível deve ter acontecido, e é tanto mais inquietante porque nunca saberemos o que esse grito significou (GOMBRICH, 1999, p. 564).

Como os símbolos são sempre ambivalentes, o vermelho vivo, solar, incita, também, à ação, sendo ainda calor e intensidade – como uma possibilidade de reação a partir da possibilidade do poético – este, por sua vez, é sugerido pelo "outono das metáforas" (v. 7), quando, por fim, a "dor" (v. 5), recém-saída, converte-se em poesia.

Formado por três tercetos, em versos livres e brancos, o poema "Crepúsculo" é todo armado em jogos metafóricos:

> Nossas auroras
> tombaram envelhecidas
> a primavera se despediu sem rosa
>
> Os sonhos
> pássaros feridos
> em voos vãos

Tua fuga,
Crepúsculo
Deste solo de amor (p. 92).

Emil Staiger entende que a plenitude da arte poética é atingida pela poesia lírica, cuja essência advém da presentificação do passado, sendo esta tecida pela memória, daí a recorrência dos poetas líricos a expressões nominais (STAIGER, 1966, p. 79). A partir de tais considerações, observa-se que, neste poema, José Telles tece, nos dois últimos tercetos, metáforas, por meio de construções elípticas, portanto nominais.

O poeta explora a profusão de cores sugerida por "auroras" (v. 1) como um processo por que tinge, no presente, a dissipação das volições vivenciadas no passado. A metáfora "tombaram" (v. 2), atrelada a "envelhecidas" (v. 2), configura a corrosão a que tudo se submete; e somente o estado poético pode cultivar a eternidade das coisas transitórias. Assim, o que, antes, eram "sonhos" (v. 4), agora, transmutou-se em "pássaros feridos" (v. 5), de "voos vãos" (v. 6). A "fuga" (v. 7) da amada lanceta o "solo de amor" (v. 9), a que o "crepúsculo" (v. 8) esteriliza.

Em "Velhas juras"[11], José Telles, em três estrofes assimétricas, retorna ao espaço sagrado da infância e, pelo viés da memória, reconstrói cenas dispersas:

De minha vila
quando partia
deixava minh'alma em mãos alheias
repousando
na superfície líquida dos sonhos

As estrelas
partilhavam comigo a distância e a solidão

11 Dedicatória: "À Adelaide" (p. 95).

brancas espumas
competiam com a fragilidade das juras

Dos sonhos
apenas uma dor a mim tocou (TELLES, 2014, p. 95).

Em "minha vila", o pronome adjetivo enfatiza uma posse, não agrária, mas ritualística – espaço da sagração, a que, mesmo partindo, sentia-se, permanentemente, atado: "deixava minh'alma em mãos alheias" (v. 3), em estado de latência, singrando a "superfície líquida dos sonhos" (v. 5) – espécie singular de espelho, a mover-se nas águas da memória.

Muito próximo da plasticidade das composições simbolistas, tudo nestes versos vai ao encontro do vago, do incorpóreo; por isso o poeta mais sugere do que, objetivamente, descreve. A expressão sensorial "brancas espumas" (v. 8) amplia a ideia das ondas do mar por sobre a praia e da luz das "estrelas" (v. 6) iluminando os caminhos da "solidão" (v. 7) – mas algo intemporal, que não se consegue delimitar. De resto, a desoladora constatação: "apenas uma dor a mim tocou" (v. 11).

No âmbito dos questionamentos acerca da criação literária ou da incidência da palavra sobre o ser, "A fonte" aborda essa temática com inquestionável propriedade:

Na intimidade do silêncio
muitas vezes não percebo
se é noite ou se é dia
mas é de lá que recolho
com muita paciência
alguma sabedoria. (p. 106).

A que remete o silêncio que não à expectativa da criação? A imagem que suscita é do poeta sob o desafio da folha em branco de papel (ou qualquer outro meio). Absorto, ante o ato criador, dissol-

vem-se aos olhos do homem os indícios temporais; o "silêncio" (v. 1), enquanto fonte, é água inesgotável e, como quer que seja, sempre oferece algum fruto aos que têm fome. A poesia como alimento, como possibilidade de resgate, no plano das volições, das coisas que pelejas cotidianas transformam em perdas.

De todos os poemas encomiásticos[12], a voz poemática abandona a sua dicção equilibrada, em muitos arroubos volitivos, em "Ária de amor e de adeus a Airton Monte":

Adeus Airton
hoje morre o canto
morre o conto
morre a palavra-poesia
morrem todos os boêmios
em suas epifanias

Só não morrem alguns acadêmicos
epidêmicos
endêmicos
com seus olhos avinagrados
fartos do acre silêncio do remorso

Adeus Airton
chora teu leitor
que lavava os olhos
com o cetim de tua prosa
com a leveza de teu canto bem urdido

Você Airton
era o café da manhã de nossas mesas
o nosso pão com manteiga festejado
líamos todas as manhãs

12 Poesia de louvor.

com a submissão dos apaixonados
como se cada palavra fosse um beijo

Adeus Airton
leva contigo a Praia de Iracema
o Estoril
a noite que te viu florescer
em pura boemia

Vai Airton
escrever onde o vento espalhe tuas letras
onde somente os deuses possam lê-las
– deuses do Olimpo
limpos das crostas periféricas
e do remorso do gesto

Vai Airton
salva a memória dos inúteis
com a tua palavra densa
que sangra
que desintegra as ancas
da tristeza dos covardes

Hoje
há uma imensidão de saudade
espalhada pelas ruas
só tu Airton
poderias deixar tanta saudade
hoje é o dia nacional da saudade

Não uma saudade de morte
de perda
de choro
É saudade do morto

é a perda da palavra
é a saudade da viuvez de tua insônia
da mágica leveza de teu silêncio

Saudade de tua fagia por cerveja
de tua mania de amigos
de tua simplicidade operária
de tuas madrugadas que se esvaíram
com o sabor das auroras
e que se embriagaram com tua embriaguez

Saudade
de teu canto que fazia da noite
cama e mesa
para exultar uma dor de cotovelo
que nasci

saudade das fêmeas
que se acalentaram no colo de tuas palavras
para saborear a gravidez dos sonhos
complacente com todas as virgindades

Saudades de ti meu caro Airton
agora monta teu *pegasus*
e vai fazer o pastoreio das estrelas
e traz notícias de lá. Amém! (p. 110-113).

José Telles, a partir do estilo mesclado, ou seja, pelo entrelaçamento da poesia com a prosa, desenha um retrato lírico, sugestivo de Airton Monte. Infere-se, pela leitura, que ele ocupou – e ainda ocupa –, no Ceará, o posto de cronista maior, sentando-se em iluminada cadeira – a mesma, antes, habitada, hierarquicamente, por João Brígido, Caio Cid, Milton Dias e Ciro Colares. Assinava seus escritos (quase diários) no jornal *O Povo*, mas o fazia por pura convenção. Não há quem não lhe

reconheça a janela em que, de quando em vez, debruça-se para, de um solar de nuvens, contemplar as nossas dores, as nossas alegrias ou, tão somente, os filamentos que o cotidiano nos oferece em seu estranho banquete; portanto, um amigo de alpendre, guardião do que, em nós, converte-se em sagrado: o apreço à amizade, a flor nos túmulos, os corredores da memória, um fragmento de tarde, o desejo e suas vicissitudes, o digladiar-se entre Eros e Tânatos, o cotidiano familiar, a literatura e outras artes.; enfim, a condição humana.

Na primeira estrofe deste poema, José Telles diz de sua lamúria através da nasalização extraída da paronomásia[13] – "canto" (v. 2) / "conto" (v. 3); a dramatização da perda imprime-se na passagem: "morre a palavra-poesia" (v. 4) – implicando a fusão absoluta do homem com o artista: morto, Airton Monte levou metonimicamente consigo "os boêmios" (v. 5) e secretas revelações: as "epifanias" (v. 6).

Na segunda estrofe, o sujeito da escrita demonstra, em seu lamento, desprezo – uma sanha – pelos conservadores, ridicularizados pela sequência de rimas, cuja disposição força pausas dramáticas: "acadêmicos / epidêmicos / endêmicos" (v. 7 a v. 9). De valor expressionista, a imagem "olhos avinagrados" (v. 10) intensifica a corrosão destes personagens pelo "remorso" (v. 11).

Na terceira estrofe, a sucessão metafórica "que lavava os olhos / com o cetim de tua prosa" (v. 14 e v. 15) é uma síntese dos efeitos que a crônica de Airton Monte fazia incidir sobre seus leitores – órfãos agora. O "canto bem urdido" (v. 16) reproduz a maquete de seu laboratório.

A quarta estrofe, por sua vez, pertence ao mesmo movimento da anterior: porque existem outras fomes, Airton Monte, "pão com manteiga" (v. 19) servia, ele mesmo, a seus leitores, dando a "todas as manhãs" (v. 20), ora sublimação, ora incentivo.

Na quinta estrofe, surge a geografia afetiva de Airton Monte: a "Praia de Iracema" (v. 24); o "Estoril" (v. 25); tudo conformado pela vasta sugestão da palavra "noite", espaço-tempo do lúdico e do lírico.

13 Figura de linguagem que extrai expressividade da combinação de palavras que apresentam semelhança fônica (e/ou mórfica), mas possuem sentidos diferentes.

A transfiguração da realidade é a tônica da sexta estrofe, pois o "vento" (v. 29), espargindo as "letras" (v. 29), leva-as até aos "– deuses do Olimpo" (v. 31).

Na sétima estrofe, José Telles ressalta ora o caráter de remição das crônicas de Airton Monte, ora a lâmina de seus escritos: "que desintegra as ancas / da tristeza dos covardes" (v. 38 e v. 39).

As seis últimas estrofes integram um só movimento: a partir de "Hoje" (v. 40) a "traz notícias de lá. Amém!" (v. 72), tudo gravita em torno da conversão de Airton Monte em uma "imensidão de saudade" (v. 41) que, como um rio, ganha as "ruas" (v. 42) da cidade, provocando a sua morte uma comoção geral: "hoje é o dia nacional da saudade" (v. 45). Não propriamente uma "saudade de morte / de perda / de choro" (v. 46 a v. 48); mas "a perda da palavra" (v. 50), o esvaziamento de seus hábitos: a "fagia por cerveja" (v. 53); a "mania de amigos" (v. 54); principalmente, a sua "simplicidade operária" (v. 55) – nesta última passagem, José Telles cultiva uma metáfora de rara plasticidade, uma fotografia psicossocial de Airton Monte, sua *gaucherie*, que o fazia herdeiro dos sapatos de Carlitos. O poema se fecha com uma visão mí(s)tica: montado em seu "pegasus" (v. 70), transfigurado, vai pastorear "estrelas" (v. 71), deixando todos os que o amavam à espera de "notícias de lá" (v. 72).

De notável intensidade lírica, pelas sensações que provoca no leitor, é o poema sob o título "O velho", escrito em versos livres, com rimas brancas e edificado em quatro movimentos:

> Uma paisagem
> esquecida no abandono da sala
>
> No canto
> uma velha cadeira
> é apenas um tardo balouçar

Olhares fartos
contornam a tristeza
e apressadamente se vão

Na face
Esmorecida
palavras enrugadas de adeus (p. 124).

O tema é a solidão a que está condenada a velhice. O espaço é uma casa, ainda que os elementos da arquitetura estejam tão somente insinuados: na sala de uma casa, numa das paredes, há um quadro desbotado, com o registro de um cotidiano que há muito já se dissipou; a um "canto" (v. 3), uma "velha cadeira" (v. 4), o "velho" – captado pelo leitor apenas por elipses mentais – entrega-se a um lento e monótono "balouçar" (v. 5); indiferentes, os "olhares fartos" (v. 6) guiam-se por outras preocupações; no "velho", cada ruga é a caligrafia de um "adeus" (v. 11).

A reiteração do discurso também ocorre no poema "Herança". Neste, o poeta José Telles compõe três estrofes simétricas, em versos livres, rimas brancas, na confecção de três movimentos:

Minhas manhãs
são feridas
de uma aurora abandonada

Minhas tardes
são viúvas
de um pôr do sol suicida

Minhas noites
são amigas
de dores enluaradas (p. 126).

As marcas temporais comparecem nesse poema sob a forma de alegoria: os estágios da experiência humana relacionam-se, inexoravelmente, com exercícios de aprendizagem. Ressalta-se, como recurso expressivo, o emprego, nas três estrofes, do *enjambement* como meio para a representação mais precisa do transbordamento da emoção, uma vez que rompe a linearidade da frase. Desse modo, o pensamento, por instantes, é suspenso, tornando ainda mais forte a sensação emocional.

A partir do filme *Amour*, do cineasta austríaco Michael Haneke – uma produção de 2012 –, professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte produziram um ensaio, que, consoante uma perspectiva crítica, da película extraíram discussões acerca das relações entre o público e o privado, as debilidades do corpo envelhecido e a aproximação da morte, além de aspectos afetivos e relacionais que são acionados no filme:

> Existe, na sociedade ocidental, pela sua formação histórica, uma sensação de afastamento do membro familiar idoso. Tal situação encontra respaldo em uma miríade de fatores, contudo, o que mais chama a atenção e parece que inicialmente se coaduna com a situação [.] é a solidão como modo de vida. (ARAÚJO; MERGULHÃO; NÓBREGA, 2016, s/p).

O poeta José Telles, em jogos elípticos e metafóricos, conduz o leitor à seguinte conclusão sobre o estado da velhice: é o travo amargo da derrota.

No poema "A última paisagem", José Telles especula o que pode a palavra, transmutada em poesia, dizer de si mesmo e do poema:

> Tenho medo das palavras:
> douram os cílios dos segredos
>
> Em minha órbita de pedra
> vejo a imensidão de minhas perdas
> com vontade de consumir o mundo

Uma dor retorna ao peito
com a seta do silêncio e da última paisagem

Cruzo algumas pontes,
comemoro a indignação dos rios
não me comove a covardia de suas margens

A imortalidade das coisas não me toca,
sou da árvore ferida a folha que, escondida no silêncio, cai! (TELLES, 2014, p. 140).

O eu lírico confessa que tem "medo das palavras: / douram os cílios dos segredos" (v. 1 e v. 2), ressaltando-lhes o hercúleo poder de devastação interior, ao mesmo tempo em que desvelam o que, até então, protegia-se sob a crosta das pálpebras. A metáfora "minha órbita de pedra" (v. 3) diz de um ser emocionalmente petrificado, que perlustra suas imensuráveis "perdas" (v. 4), mesmo que ainda tomado pela fome de viver. A "dor que retorna ao peito" (v. 6) é, em sua grande carga simbólica, a palavra resumitiva que a ele volve em forma de poesia; assim, a "seta do silêncio e da última paisagem" (v. 7) é a alegoria do ato de escrever, que, pela memória, converte o passado em presente. Dá-se, portanto, início a uma viagem: cruza "algumas pontes" (v. 8), comemora "a indignação dos rios" (v. 9) e se não se apieda da "covardia de suas margens" (v. 10) é porque, não a irrompendo, não dilata a sua fruição – estado a que o eu lírico aspira. A última metáfora – "sou da árvore ferida a folha que, escondida no silêncio, cai!" (v. 12) – alude à fusão entre o poeta e o poema: este cai sobre a folha de papel e aí imprime o poeta: "a árvore ferida" (v. 12). Neste último verso, o emprego da anástrofe mostra a exploração primorosa que José Telles faz dos recursos expressivos: se escrevesse "sou a folha da árvore ferida que, escondida no silêncio, cai!" tornaria ambíguo o referente da forma verbal "cai!" (v. 12).

"Rituais do fim" é outro metapoema, em que também ocorre a projeção homem / poesia, num dístico extremamente criativo, em versos simétricos, em ritmo alexandrino:

> Percebo a solidão com extrema liquidez
> mas não consigo soletrar o meu silêncio (p. 141).

Nestes dois versos, o eu lírico registra o momento em que a ausência da palavra põe o homem diante de suas limitações, fazendo-o reconhecer-se pobre e incompleto.

## Referências


ARAÚJO, Allyson Carvalho de; MERGULHÃO, Danilo Rafael da Silva; NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. *Representação do envelhecimento em Amour:* notas sobre os processos socioespaciais na velhice. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/37348/27669>. Acesso em: 07 jan. 2016.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. (Obra completa, v.1)

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

CARONE, Modesto. *A poética do silêncio.* São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, Umberto. *Obra aberta.* São Paulo: Perspectiva, 1988.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte.* Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LEITÃO, Juarez. O poeta José Telles e a silhueta das areias. *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, n. 75, p. 100-103, 2014.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária.* São Paulo: Forense Universitária, 1973.

STAIGER, Emil. *Conceptos fundamentales de poética.* Madrid: Rialp, 1966.

TELLES, José. *A silhueta das areias.* Fortaleza: Premius, 2014.

TUFIC, Jorge. A silhueta das areias. In: TELLES, José. *A silhueta das areias*. Fortaleza: Premius, 2014.

7ª Parte

# Literatura Intercontextual

## “Não Sou um Produto”

Esta série dá sequência a pesquisa que venho fazendo há algum tempo. Trata-se de morar numa cidade, Fortaleza/CE, que ocupa o terceiro lugar no Nordeste em violência contra a mulher, ficando atrás apenas em Salvador/BA (19,76%) e Natal/RN (19,37%).

Em Fortaleza uma em cada cinco mulheres (18,97%), já sofreu algum tipo de violência física. De acordo com a Organização Mundial de Saúde existem três dimensões de violência contra a mulher: a emocional, a sexual e a física. Não à toa a Lei de Combate à Violência contra a Mulher leva o nome de uma vítima nossa conterrânea, Maria da Penha.

Minha intenção é lembrar que a humanidade é regida por éticas universais. Respeito, Compaixão e Solidariedade são sentimentos que devem pautar a nossa vida. É sempre mais fácil e covarde agredir o mais frágil. Dados recentes mostram que as mulheres negras e pardas, em certas regiões do País, são as mais agredidas.

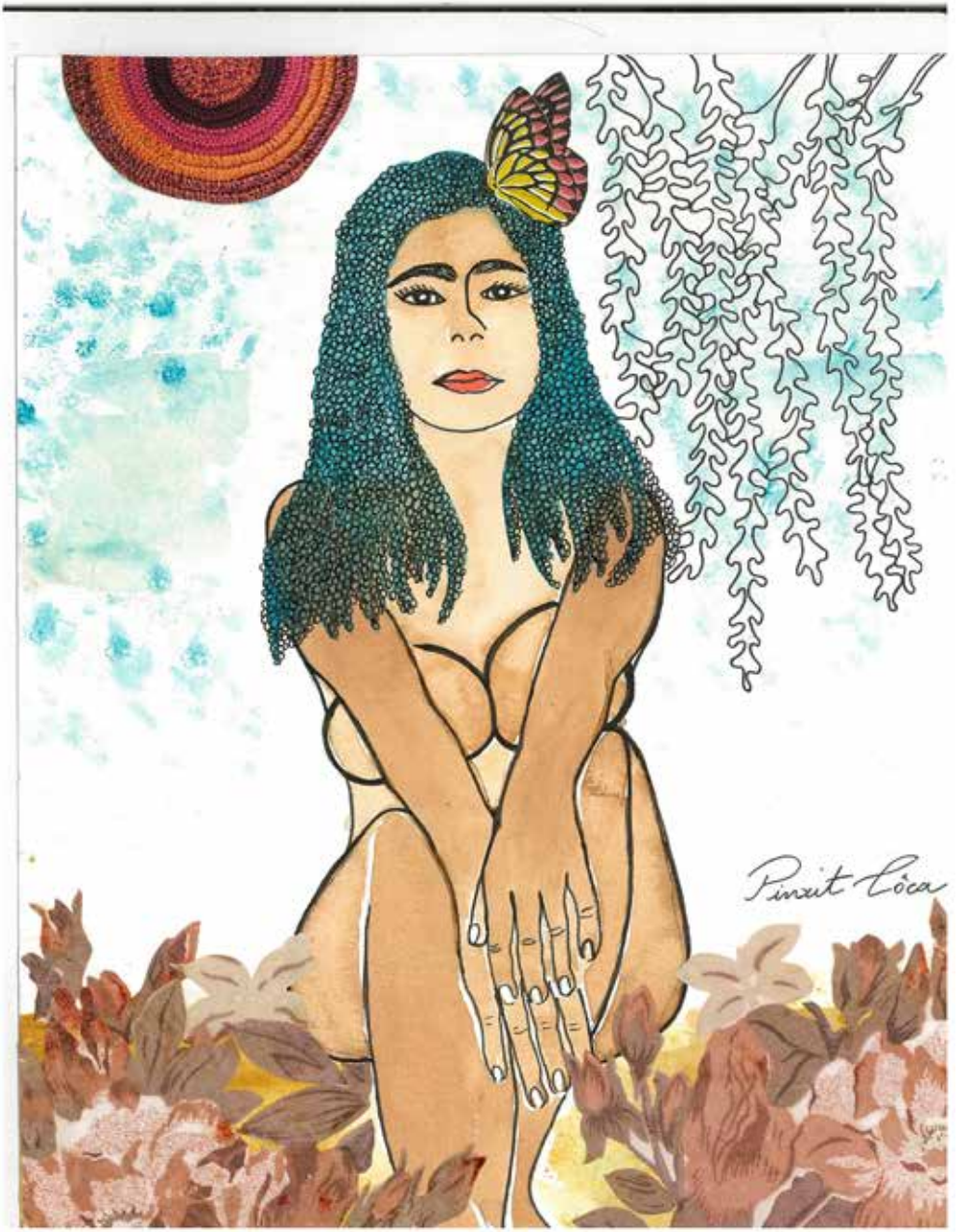
Procurei mostrá-las numa posição de Empoderamento do próprio corpo.

São imagens que falam.

Venho juntando Códigos de barras para usá-los em colagens (tudo na nossa vida moderna tem um código de barras), em que espero desafiar as certezas morais do espectador.

Côca Torquato

Pinxit Cêca


Pinxit Lóca

Pinxit Côca

8ª Parte

# Programação Cultural

# Programação Cultural realizada pela Academia Cearense de Letras em 2016

## Ciclo de Conferências 2016

### A cidade de Fortaleza na Literatura

COORDENAÇÃO: Profa. Dra. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez -Diretora Cultural da ACL

ORGANIZAÇÃO: Profa. MS. Regina Cláudia Pamplona Fiúza - Diretora Administrativa

APOIO: Secretaria da Cultura – Secult- Ce / Governo do Estado do Ceará

**Programação**

### 16/11

*Fortaleza:* a cidade como chão poético de um povo apaixonado
José Borzacchiello da Silva

### 17/11

Fortaleza florescida: o baú de memórias da cidade na ficção de Angela Gutiérrez
Élder Vidal

### 22/11

O Teatro e a Cidade
Oswald Barroso

Leituras do *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*
Angela Gutiérrez

## 23/11

A Fortaleza de Rachel de Queiroz
Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa

Fortaleza em imagens
Nirez (pseud. profissional e literário de Miguel Ângelo de Azevedo)

9ª Parte

# Nossos Mortos

JOSÉ TELLES DA SILVA nasceu em Bitupitá (Pi) no dia 12 de março de 1943 e faleceu em Fortaleza, no dia 2 de junho de 2016. Médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, em 1970, fez residência médica em Anestesia no Hospital dos Servidores do Estado, curso de especialização na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, e o curso Post Graduating in Anesthesiology, Nova York, 2000 e 2001. Foi Chefe dos Serviços de Anestesiologia e Coordenador da residência médica do Hospital Geral de Fortaleza e do Instituto Dr. José Frota. Autor de vários trabalhos científicos publicados em revistas da especialidade e detentor do prêmio Laringoscópio de Ouro como responsável pela melhor residência médica em Anestesiologia no Brasil.

Poeta, com grande atividade no mundo das letras como apresentador de obras literárias, organizador de coletâneas da Sobrames e da Feira Ideal do Livro. Colaborou com as revistas da Academia Cearense de Letras, Contemporânea, Literapia, Urupema, Literatura, Espiral e Acta literária (editor e coordenador). Tem as seguintes obras publicadas: *Conversando,* 1996; *Poemas estivais,* 1997; *Sermões de pradaria; O lacre do silêncio,* 2004; *O solo das chuvas,* 2007; e, no prelo, *Canto itinerante.* Organizador e editor de seis fascículos dos livros *Poemas de mesa.* Recebeu vários prêmios literários entre os quais se destacam o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, poesia – 2007 e o Prêmio 50 anos da Faculdade de Medicina da UFC (2º lugar, gênero Poesias).

Foi fundador e presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SOBRAMES, secção do Ceará, presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste - ALANE, da Academia Fortalezense de Letras e Diretor Cultural do Ideal Clube. Titular da cadeira nº 34 da Academia Cearense de Letras, tendo se destacado com a desenvoltura e talento que lhe eram peculiares, deixando saudades nos seus confrades.

10ª Parte

# Atas das Sessões

# Relatório nº 01

Fortaleza, 12 de janeiro de 2016

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 12/01/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Inauguração do nosso auditório 2. Criado para reuniões com até 50 pessoas, teve seu momento histórico inicial com o Ciclo de Conferências da ACL, de 2015. A Acadêmica Angela Gutiérrez, Diretora Cultural da Academia e coordenadora do evento, discorreu sobre este: *Os 150 anos de Iracema.* Falou do sucesso da abertura, com o Acadêmico Antônio Torres, da ABL, das palestras que se sucederam, as quais foram bem prestigiadas, apesar de não terem tido divulgação plena, pois ainda não se tinha certeza sobre se o novo auditório estaria pronto para a data de abertura do mencionado Ciclo.

O Acadêmico César Barros Leal, Presidente do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos (IBDH), agradeceu a parceria da ACL no Curso Brasileiro de Direitos Humanos, ocorrido em Fortaleza, no mês de agosto. O Presidente José Augusto Bezerra disse que pode atestar a liderança do Acadêmico César Barros Leal, nesta área, em âmbito nacional e internacional, e que foi uma satisfação para a ACL poder colaborar com aquele excepcional evento.

Criação, na biblioteca da entidade, da galeria Osmundo Pontes, com os quadros da importante artista espanhola Angelines Olea, que pertenciam ao homenageado e que ele doara à ACL. Configuram um recanto aprazível, numa bela recepção aos consulentes que adentram a biblioteca.

Registro do apoio da empresa Grendene, que fez doação à ACL, para esta fase final de trabalho. Registro também do apoio dos parcei-

ros culturais Tales de Sá Cavalcante, Pio Rodrigues Neto e Oto de Sá Cavalcante com a mesma finalidade.

Informação de que os dois quadros grandes e pesados do auditório e da sala da Presidência precisaram de suportes especiais, implantados nas paredes, para sustentarem as respectivas obras artísticas.

Colocação dos grandes degraus da entrada, com uns três metros de extensão, em marmorite branco, material utilizado antigamente, substituindo os anteriores, que estavam quebrados e precisavam ter o mesmo material e estilo dos originais. Foi um trabalho de alta precisão técnica, porquanto, segundo a arquiteta Andréa Alencar, só havia uma pessoa capaz de reproduzir e montar as referidas peças em Fortaleza. Pesadíssimos e com detalhes especiais difíceis de se integrarem, degraus e outras partes foram finalmente montados e tudo deu certo. O conjunto da entrada foi complementado com o novo portão que foi desenhado de acordo com os antigos desenhos do palácio. Ainda receberá ele os símbolos em aço da ACL, que estão sendo confeccionados.

Registrada a recuperação da antiga mesa artística do palácio, que agora está no salão nobre, e das outras duas grandes estantes, a qual ficam adornando o corredor de entrada, sendo que em uma delas também foram colocados vidros protetores para os livros que ali se abrigarem.

Registrada a aquisição de cadeiras em cor preta para a sala da secretaria, as quais combinam com os sofás da mesma cor, já adquiridos anteriormente, formando um conjunto harmônico para aquele recanto de entrada, que acolhe visitantes e membros da entidade.

Registrado que os nossos banheiros estão adaptados para deficientes. É possível que, por enquanto, tal só exista na ACL, dentre as instituições culturais da cidade.

Registrada a organização, em espaços planejados, das seguintes galerias, as quais receberão os nomes designativos em letras de aço, que estão sendo confeccionadas: Galeria dos membros atuais; dos sócios fundadores; dos ex-presidentes da ACL; da Padaria Espiritual e da Academia Francesa (estes dois últimos conjuntos, só existentes na ACL).

A subestação elétrica continua sendo implantada em ritmo acelerado. Informou-se que a empresa que a está construindo, trabalhou nos feriados de Natal e Ano Novo. O presidente destacou a ajuda do colaborador Affonso Taboza, que está sempre disponível.

Foi mencionado que a distribuição dos quadros nas paredes procura contemplar, de forma harmoniosa, as obras históricas, exceto o quadro de Côca Torquato, que, por suas cores e simbolismos, forma um belo conjunto com o quadro *Vaqueiros*, do pintor Rescala, no Auditório 2. Representa, simbolicamente, uma homenagem, aos pintores contemporâneo, e, também, aos membros da entidade, por ser a sua autora esposa do Acadêmico da ACL, Virgílio Maia, atual Vice-presidente. Outros quadros modernos, que forem considerados importantes, irão figurar no memorial do piso inferior, que será criado.

A posse do Acadêmico Durval Aires Filho, no dia 20 de novembro, transformou-se num importante acontecimento social e cultural, haja vista que, apesar de ter sido no horário das nove horas da manhã de uma sexta feira, lotou o auditório com um grande número de Acadêmicos e com importantes personalidades, incluindo o atual Governador do Estado do Ceará, Camilo Santana; o Presidente da Assembleia Legislativa, Zezinho Aguiar; o Vice-presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Francisco de Assis Filgueira Mendes, representando o TJ e também a sua Presidenta, Desembargadora Maria Iracema Martins do Vale, ausente por problema de saúde; os ex Governadores do Estado do Ceará, Adauto Bezerra e Lúcio Alcântara; o empresário Ivens Dias Branco; dezenas de desembargadores e líderes da sociedade fortalezense, das mais variadas áreas. Foi uma manhã memorável. Os discursos foram leves e agradáveis e o fato tornou-se histórico por ter-se transformado na primeira solenidade ocorrida no novo Auditório da ACL. Observe-se que também naquele auditório foi visto pela primeira vez, por trás e ao alto da mesa diretora, o belo símbolo da entidade, medindo 1.30m x 0.97m, feito em mármore sintético e pintado com folhas de ouro.

Informado pelo Presidente José Augusto Bezerra que se está resgatando a área externa da ACL, que restou do antigo Jardim do Palácio

da Luz. Estava esquecida desde a época em que foi cortado pela Rua Guilherme Rocha e sem condições mínimas de uso. A porta que dava acesso interno para o local foi restaurada. O piso está sendo refeito, inclusive na parte de encanações, porque, além do péssimo estado, possuía várias caixas de passagens de esgoto, que umedeciam o piso e penetravam nas paredes do subsolo, com risco para partes elétricas e estruturais. As caixas de passagens tiveram de ser rebaixadas para se poder andar normalmente. Os corrimões e os gradis estão sendo recuperados. Uma manta cobrirá um recanto na parte final do piso, para proteger a subestação elétrica, no andar inferior. Aquele local poderá servir de palco para uma pequena orquestra, um coral ou similares. As paredes foram pintadas e os postes antigos internos estão sendo recuperados, inclusive na parte elétrica, para que possam voltar a iluminar como outrora. Grandes jarros com plantas serão ali colocados. Constituir-se-ão numa pequena reminiscência do imenso jardim, que ali um dia existiu. Surgirá uma área em que, vez por outra, um grupo de acadêmicos e familiares (umas sessenta pessoas), poderão fazer tertúlias ao luar. Em termos de entidades culturais, cremos que será a única que possuirá uma área externa, privada, no próprio local onde, juntamente com a Igreja do Rosário, ao lado, surgiram os primeiros prédios públicos de Fortaleza. Por este fato, histórico e cultural, chamaremos a esse espaço de "Jardim dos Poetas".

Natal da ACL. A primeira parte ocorreu no auditório: lançamento pelo autor, Acadêmico Sânzio de Azevedo, do precioso livro sobre As Atas Perdidas da Padaria Espiritual, que será o livro oficial dos 120 anos da entidade. Notável palestra da Acadêmica Angela Gutiérrez, que inclusive levou os presentes a cantarem, com ela, algumas canções eternas. Entrega de medalhas aos benfeitores: Secretária Cláudia Queiroz, Arquiteta Andréa Alencar e o Coordenador do projeto da reforma do Palácio da Luz, junto ao MINC, engenheiro Olímpio Rocha. Foi sorteada uma pintura, doada pelo acadêmico João Soares. A segunda parte aconteceu no salão nobre, onde se achava um conjunto de presépios e outras figuras natalinas decorativas; um bolo gigante dos 121 anos da ACL, do qual os participantes puderam levar um pedaço como lembrança; uma ho-

menagem tradicional às aniversariantes do mês: Regina Fiúza, Lourdinha Leite Barbosa, Tereza Leite e a decana das instituições culturais cearenses, Suzana Ribeiro; uma distribuição da agenda ACL 2016; um brinde afetivo da ACL aos Acadêmicos e um coquetel natalino, resumiram a imagem de paz e harmonia cristã, hoje existente na Casa de Thomás Pompeu.

O Presidente justificou a ausência do Acadêmico Ednilo Soárez, que fora a Brasília em nome da FA7 receber o importante selo de qualidade do curso de Direito, outorgado pela OAB a apenas 139 faculdades brasileiras.

Foi demonstrada pela Presidência a difícil tarefa de prorrogar o projeto de restauração do Palácio, para o final de 2016, pelo MINC. Tal feito, negado de início, só se tornou possível porque o Sr. Ivens Dias Branco, nosso sócio benemérito, ao apagar das luzes, quando já tínhamos esgotado todas as outras instâncias, mandou uma carta ao próprio MINC, dizendo da importância do projeto para o Ceará e informando que gostaria de colaborar com ele no ano de 2016 e só poderia fazê-lo se estivesse em vigor. Foi aprovado com a observação "excepcionalmente".

Nada mais havendo a constar, a Presidência agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Acadêmicos Presentes:** Angela Gutiérrez, César Barros Leal, Giselda Medeiros, José Augusto Bezerra, Juarez Leitão e Ubiratan Aguiar.

# Relatório nº 02

Fortaleza, 10 de março de 2016

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 10/03/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Registro feito ao trabalho da arquiteta Andréa Alencar na restauração do recanto denominado "Jardim dos poetas", onde se destaca o refazimento de toda rede de canos d'água que descia do teto bem como da rede de encanação embutida no solo. Recriação das caixas de coletas que receberam os novos canos e consequente rebaixamento delas que estavam até 40 centímetros acima da altura do piso e impediam a passagem dos transeuntes. Restauração dos dois seculares postes ornamentais, com três luminárias, que estavam inativos, incluindo a parte elétrica interna deles, por parte da ACL, e a parte externa da rede elétrica, pela Prefeitura, após visita do Presidente José Augusto Bezerra ao Prefeito Roberto Cláudio, que orientou, de imediato, o Secretário da Regional do Centro da cidade. Os postes, belos e antigos, retiradas as ferrugens, revisadas algumas brechas e pintados, após anos no escuro, voltaram a acender, o que também trouxe mais segurança àquela parte exterior da entidade. Compra pela ACL e colocação em locais escolhidos, de jarros importados com bonitas plantas ornamentais especiais, escolhidas por paisagista. Colocação de placa de aço com o nome de Jardim dos Poetas, registrando datas e dados do novo espaço. Outros aspectos emblemáticos serão ali colocados. Esse recanto, esquecido e abandonado, já foi parte do glamouroso jardim do Palácio da Luz. É uma sorte podermos ali recriar o único lugar externo conhecido dentre as Instituições congêneres de Fortaleza, em que se poderão vivenciar tertúlias culturais à luz da lua e no local em que a cidade nasceu.

Finalização dos detalhes de preços e forma da nova subestação elétrica, para construí-la dentro das exigências da COELCE, incluindo a utilização de um exaustor, já que ficará na parte de baixo e uma coberta de manta asfáltica, pois não poderá ter risco de vazamentos de água. Tudo feito, o projeto já foi novamente para a COELCE.

Definição de que homenagens a acadêmicos e personalidades, feitas pela ACL, como medalhas, placas, bustos ou nomes de salas vão acontecer.

Explicação do ofício feito para a SECULT, no qual se procura dar continuidade ao pagamento mensal, pelo Estado, da conta de luz da ACL, agora em nome da própria ACL, ao invés de ser no nome da Casa de Cultura Raimundo Cela, como é feita deste quando a ACL ocupou o Palácio da Luz. Apesar de muitas dificuldades para tal, mas contando com a boa vontade do atual Secretário Fabiano dos Santos Piúba, estamos esperançosos de que dê certo o nosso intento.

Informação de que o livro *Falas Acadêmicas,* coordenado pelo Acadêmico Murilo Martins, e editado por esta gestão, está no prelo e de que deverá ser entregue aos membros da entidade numa das duas próximas reuniões.

Esclarecimento de que os custos de manutenção da entidade estão muito altos, em razão do aumento de tudo e de que o número de funcionários é demasiado para as necessidades da entidade, mas que a demissão de alguns é dispendiosa, e não temos provisão para isto. Embora a atual gestão tenha conseguido desligar um dos mais antigos funcionários (trabalhava sem carteira assinada), ainda assim o déficit mensal é de aproximadamente dezessete mil reais, o que é um alto risco. Temos tido o apoio de algumas personalidades, as quais nos dão ajuda permanente, mas as colaborações são as mesmas há quatro anos e as despesas aumentaram muito nesse espaço de tempo. Há o risco de algum desses apoiadores deixarem de colaborar, nesta época difícil, bem como o pagamento de vários sócios estão com altos atrasos.

Visita do Presidente José Augusto Bezerra ao Sr. Gastão Bittencourt, da FECOMÉRCIO, e consequente visita dele à ACL, no que poderá resultar em alguma nova ajuda, mesmo que modesta, possivelmente.

Registrado que as despesas com material da parte externa das instalações da nova subestação elétrica, no valor de R$ 8.000,00, foram assumidas pela COELCE, após contato da atual gestão com as pessoas encarregadas, o que foi importante para nossa entidade.

Registro da inauguração da Galeria Osmundo Pontes, na Biblioteca Justiniano de Serpa, com quadros da artista espanhola Angelines Olea, doados pelo próprio Acadêmico homenageado à ACL, há muitos anos. Tornou-se um belo espaço artístico na área reservada para os consulentes.

Regine Limaverde sugeriu o nome do confrade Ubiratan Aguiar como candidato para a Presidência da entidade, na próxima gestão, possivelmente em conjunto com o da confreira Angela Gutiérrez.O Presidente José Augusto Bezerra disse que via com bons olhos os nomes sugeridos, mas pedia que esse assunto só fosse tratado após o mês de julho, pois a distância, no momento, ainda era longa e poderia causar divisões ou divergências desnecessárias, antes da hora, no que todos concordaram.

A acadêmica Angela Gutiérrez falou sobre o esboço inicial do novo Ciclo de Conferências, trazendo pormenores que foram aceitos inicialmente pelos presentes, mas que serão aprofundados nas próximas reuniões.

Foi feito o destaque dos aniversariantes do mês: 02/03 – Teoberto Landim; 07/03 – Virgílio Maia; 11/03 – Juarez Leitão; 12/03 – José Telles; 14/03 – Regine Limaverde; 21/03 – Mauro Benevides; 22/03 – Carlos Augusto Viana; 23/03 – Horácio Dídimo; 31/03 – Murilo Martins.

Nada mais havendo a constar, a Presidência agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Acadêmicos Presentes:** Angela Gutiérrez, Cid Carvalho, Ednilo Soárez, Ernando Uchoa, Horácio Dídimo, José Augusto Bezerra, José Telles, Juarez Leitão, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Regine Limaverde, Ubiratan Aguiar

# Relatório nº 03

Fortaleza, 14 de abril de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 14/04/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Registro da colocação de batedores para as portas de vidros, que não existiam, em razão de peculiaridades técnicas, já que o piso e as laterais não suportam essas colocações. O surgimento de um novo tipo de batedor, simples e confiável, foi ótimo, pois a atual gestão colocou quase uma dezena de novas portas de vidro, com o nome da ACL aposto, e necessitava de algo assim, mormente nos auditórios e na secretaria, para o ar interior não escapar, sobrecarregando a refrigeração.

Informação da visita de inspeção da COELCE, que fez várias exigências novas para a subestação elétrica já construída no subsolo. Essas coisas encarecerão e atrasarão a implantação da referida. Mas vamos cumprí-las, pois ela é, como fora a retirada da parede do auditório, imprescindível para a entidade.

Visita do Sr. Pádua Lopes, Superintendente do Jornal *Diário do Nordeste*, o qual, muitas vezes, visitara profissionalmente o Palácio da Luz, quando nele moravam os governadores do Estado. Ficou emocionado com a presente reforma e disse que provavelmente fosse esse o prédio histórico mais bem conservado de Fortaleza atualmente. Disse que ficara belo, semelhando um palácio europeu, e que o jornal faria uma grande matéria sobre esta reforma e requalificação.

A visita ao BNB, do Presidente José Augusto Bezerra, com o confrade Lúcio Alcântara, o qual, em todos os sentidos, está sempre pronto a colaborar. O objetivo era conseguir apoio para a finalização dos

últimos trabalhos de restauração da ACL, haja vista que as despesas extras com a nova subestação elétrica, ocasionadas pelas exigências da COELCE, perturbaram nosso plano financeiro de trabalho. O edital cultural do BNB, sugerido pelo seu Presidente, não se adapta às necessidades da ACL e ficamos de enviar a este um novo pequeno projeto, pois as dificuldades financeiras e políticas do momento limitam os horizontes de apoio. Mas, temos a expectativa de que se poderá conseguir um modesto suporte desta instituição bancária.

Os consertos do telhado da ACL: em razão das fortes chuvas, este apresentou alguns problemas. Vamos observar as novas chuvas para vermos se ficaram bem feitos e se apresentam vazamentos em outros pontos.

Os aparelhos de ar condicionado, apesar de todos novos, foram internamente limpos por empresa especializada, e pôde-se observar que a eficiência deles melhorou sensivelmente, pois haviam acumulado muita sujeira em pouco tempo, principalmente pelas reformas no prédio.

O confrade Dimas Macedo, um dos principais articuladores do trabalho de interiorização da ACL, falou das previsões para a Academia Lavrense de Letras e mostrou o dinamismo daquela célula cultural do nosso estado.

A Acadêmica Angela Gutiérrez falou do convite que recebera para dar uma palestra na cidade de Quixeramobim, o que representa mais um apoio para o mesmo projeto de interiorização cultural da nossa entidade.

A FECOMÉRCIO adquiriu à ACL, por R$ 1.600,00, vinte livros sobre *A História do Brasil em Manuscritos,* do acadêmico José Augusto Bezerra, que os doara à Academia para propiciar-lhe aquela aquisição. Os livros, segundo os diretores do órgão adquirente, serão distribuídos em centros culturais interioranos, do Ceará.

Ficou acertado que neste semestre, ainda, procuraremos encaminhar à definição do nome do novo Príncipe dos Poetas Cearenses.

Foi aprovada a cobrança de 13ª mensalidade aos acadêmicos, como já é feito em algumas entidades culturais que têm altas despesas no mês de dezembro, como a nossa.

Sucesso no lançamento do novo livro do Acadêmico Luciano Maia, *Aldeia Lonxana*, no Ideal Clube, no dia 22 de março, com grande participação do mundo cultural. Estiveram presentes, entre tantos, o Presidente da ACL e vários Acadêmicos da nossa Instituição.

O excelente lançamento do novo livro do Acadêmico Horácio Dídimo, *Sonetilhos*, no BNB Clube. Belíssima e concorrida festa, prestigiada, entre muitos, pelo Presidente ACL e vários confrades.

Eficiente, e cheia de boa vontade, a revisão do livro *Falas Acadêmicas*, feita pelo estimado confrade Sânzio de Azevedo.

O contrato assinado com a COELCE para a interligação da nova subestação elétrica da ACL.

Justificaram as ausências os prezados confrades Ednilo Soárez, Pedro Henrique Saraiva Leão e Giselda Medeiros.

Foi feito o registro dos seguintes Acadêmicos aniversariantes do mês: 15-Genuíno Sales; 20-Ernando Uchoa; 28-Eduardo Diatahy B. de Menezes.

Nada mais havendo a constar, a Presidência agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Acadêmicos presentes:** Angela Gutiérrez, Marly Vasconcelos, Ernando Uchoa Lima, Linhares Filho, José Augusto Bezerra, Ubiratan Aguiar.

# Relatório nº 04

Fortaleza, 17 de maio de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 17/05/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

A Acadêmica Angela Gutiérrez fez uma síntese mais apurada do plano de trabalho para o Ciclo de Conferências 2016, que será submetido ao apoio da SECULT, conforme reunião prévia entre o Presidente da ACL José Augusto Bezerra e o Secretário da Cultura do Ceará, Fabiano dos Santos Piúba. O referido projeto incluirá, entre outras coisas, a edição dos dois últimos livros das *Falas Acadêmicas*.

Conserto de novos vazamentos no teto, ocorridos durante as chuvas, em parte já recuperados. A empresa que fez a reforma está dando a devida manutenção, mas não se sabe se ela fará nova pintura nas paredes prejudicadas.

Colocação de bela estátua e grande jarro artísticos no novo Jardim dos Poetas, o que muito aprimorará o local.

Informação de que a COELCE pretende ligar a subestação elétrica da ACL no dia 21/05/2016 (sábado). O custo duplicou em virtude de novas exigências da COELCE, mas a Presidência disse que não se poderá perder essa oportunidade, principalmente porque o pagamento da despesa da tarifa mensal deverá ser feito pela SECULT, após intensa fase de convencimento junto àquela Secretaria.

Contatos com o Prefeito Roberto Cláudio, o empresário Pio Rodrigues e o Presidente da FECOMÉRCIO, Gastão Bittencourt, pelo Presidente José Augusto Bezerra, no sentido de se conseguir apoio para a finalização do projeto de restauração do Palácio da Luz nos detalhes finais.

Está se tentando conseguir mais um apoio final de R$ 50.000,00 junto ao BNB, embora a fase política e econômica atual esteja, compreensivelmente, dificultando as coisas.

Informação de que o Sr. Olímpio, nosso encarregado junto à COELCE, visita quase diariamente a entidade, no sentido de que a previsão de ligação do dia 21/05/2016 não falhe, pois, inclusive, a parte interna da entidade será totalmente desligada e, se não for feita a nova ligação, via subestação, a ACL ficará sem luz até a solução do problema, mas a Presidência informou que é um fator de risco calculado e que já decidiu que a ligação ocorrerá, ficando na espera de que dê tudo certo.

Ao confrade Dimas Macedo relatou a importante festividade, que incluirá a presença do governador do Estado Camilo Santana, quando se comemorará os 200 anos de Fundação do Município de Lavras da Mangabeira, em data programada para o dia 20 de maio de 2016. A Academia Lavrense de Letras, no dia 16 de novembro de 2015, reuniu-se em Fortaleza, conjuntamente com a ACL, outorgando o diploma de Sócio Honorário ao Presidente José Augusto Bezerra. Desta feita fará a outorga do título de Sócio Honorário ao Confrade Ednilo Soárez, querido e dinâmico Presidente do Instituto do Ceará.

Registrado o esforço para se colaborar com as exposições sobre o artista Raimundo Cela, que ocorrerão no RJ e em SP. O presidente José Augusto Bezerra lamentou não haver condições técnicas para o transporte da tela do grande artista, existente no auditório principal, para o local das exposições nos outros estados. A plenária da reunião aprovou, antecipadamente, por unanimidade, o pedido da curadora da exposição, Dra. Denise Mattar, acreditando-se na possibilidade do transporte ser feito, porquanto, após exposição do Presidente José Augusto Bezerra, todos concordaram em atender também a um pedido pessoal do Chanceler Airton Queiroz sobre o assunto.

O ritual de escolha do novo Príncipe dos Poetas ficou delineado, mas o Presidente José Augusto Bezerra ainda quer estudar melhor a questão, para minimizar a exposição do nome de Acadêmicos e da entidade ao grande público.

Uma rápida exposição da situação financeira da ACL, neste ano delicado, embora o Presidente José Augusto Bezerra mantenha o otimismo perante o futuro. Mais uma vez foi solicitado aos sócios

inadimplentes que coloquem suas mensalidades em dia, porquanto isto também é muito importante.

O falecimento da irmã da Acadêmica Lourdinha Leite Barbosa, Maria das Graças Dias, pelo que se registrou um voto de pesar da ACL à estimada confreira.

A colaboração da ACL, feita pelo Presidente José Augusto Bezerra, no documentário da TV Assembleia, que está sendo feito sobre o Barão de Studart.

A presença do presidente José Augusto Bezerra, na solenidade de despedida do Cônsul Honorário da Alemanha, Dieter Gerding, que sempre foi entusiástico participante das atividades culturais promovidas pela Academia Cearense de Letras.

Solicitada a maior presença possível de Acadêmicos na solenidade que será feita pela Assembleia Legislativa do Estado, às 18h do dia 20/5/2016, em homenagem ao nosso confrade Mauro Benevides, pelos seus 60 anos ininterruptos de atividade política.

Registrou-se os aniversariantes do mês, a saber: dia 7, Noemi Elisa Aderaldo; dia 10, Paulo Bonavides; dia 16, Lúcio Alcântara; dia 17, Batista de Lima e dia 25, Pedro Henrique Saraiva Leão.

O Presidente fez o convite para os presentes conhecerem a subestação elétrica da ACL, que já está pronta, no subsolo da entidade. Alguns Acadêmicos se dispuseram a fazer a visita.

Nada mais havendo a constar, a Presidência agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Relação dos Acadêmicos que participaram da reunião**: Angela Gutiérrez, Cid Carvalho, Dimas Macedo, Ednilo Soárez, Horácio Dídimo, João Soares Neto, José Augusto Bezerra, Linhares Filho, Lúcio Alcântara, Pedro Henrique Saraiva Leão, Pedro Paulo Montenegro, Ubiratan Aguiar

# Relatório nº 05

Fortaleza, 01 de julho de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 24/06/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

O sucesso referente ao projeto Integração Cultural Interestadual, que teve o apoio da ACL e de dezenas de outras instituições culturais nacionais e cuja abertura foi em nosso auditório maior no dia 15 de junho de 2016.

A importante solenidade, patrocinada pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em homenagem aos 60 anos de atividade pública do nosso confrade Mauro Benevides, no dia 20 de maio de 2016.

O encontro entre o Presidente do BNB e os Acadêmicos José Augusto Bezerra e Lúcio Alcântara, no qual se buscou aprovar um projeto de R$ 50.000,00 para as despesas finais da reforma do Palácio da Luz. O encontro poderá ser positivo, mas esperaremos para vê-lo acontecer, pois as dificuldades conjunturais não permitem nenhuma segurança para aprovações. Registraram-se as inúmeras exigências burocráticas do BNB e explicou-se que tudo tem sido atendido de forma urgente, haja vista o nosso interesse pela definição do assunto.

A interligação da subestação elétrica da ACL pela COELCE, nos dias 20 e 21/05/2016. Foi considerado fato histórico pelo Presidente José Augusto Bezerra, pois foi o sucesso de delicados desafios técnicos, financeiros e administrativos. Ressaltou ele que, embora tenha passado quase despercebido, um fato igualmente importante foi o da SECULT continuar pagando as taxas de consumo mensal da ACL. Um marco administrativo, válido para o presente e para os anos afora, porquanto se conseguiu um documento da SECULT, dizendo que ela estava de acordo, o que nos

livra de questionamentos que sempre nos perseguiram. Foi enviada correspondência explicativa sobre o assunto para os Acadêmicos.

Conseguiu-se que a Prefeitura pintasse os dois lados da parte externa do Palácio da Luz, pelo lado que dá para a Praça dos Leões, coisa delicada, pois, como o prédio é do Estado, a Prefeitura não queria pagar. Agora a Presidência está tentando que a Prefeitura pinte também os outros dois lados, com o argumento de que ela deve terminar o que já começou.

Reunião preliminar do Presidente José Augusto Bezerra com a Acadêmica Angela Gutiérrez, Diretora Cultural da ACL, traçando as linhas iniciais do Ciclo de Conferências de 2016. A Presidência já conversou com o atual Secretário da Cultura, e, em tese, já conseguiu o apoio da SECULT para isto. Esclareceu que no mesmo projeto está-se incluindo o patrocínio do livro com as Conferências do Ciclo (números 3 e 4), e da reimpressão do livro v.1, das *Falas Acadêmicas*, o qual foi editado há quarenta anos (1976) e está esgotado. Se tudo der certo, a coleção *Falas Acadêmicas* ficará completa, do v. 1 ao v. 4, pois o v. 2 já foi editado e entregue aos Acadêmicos.

O Presidente José Augusto Bezerra informou que já teve uma terceira reunião com o Presidente da FECOMÉRCIO, Gastão Bittencourt, e está finalizando o apoio da entidade para que todo mês, na época de lua cheia, se promova uma tertúlia cultural no Jardim dos Poetas, porquanto é o único local cultural externo entre as entidades culturais da cidade e rememorará permanentemente o primeiro importante grande jardim de Fortaleza e o lugar por onde se iniciou a edificação de importantes prédios da nossa cidade, e além disso a ACL receberá uma ajuda financeira para suas atividades em contrapartida.

A Presidência informou que é sua intenção oferecer a medalha dos 120 anos, folheada a ouro, a cada um dos Acadêmicos atuais.Os gregos ensinaram que era dever dos que fizeram algo juntos, agradecerem primeiramente aos deuses e depois aos homens. Não apenas com palavras, mas também com algo real, para que os pósteros pudessem lembrá-los. Criaram efígies, medalhas, bustos, estátuas e monumentos.

Ofertar, para eles, era tão importante quanto receber, pois ambos os destinatáros, os da oferta e os da recepção, se sentiam honrados.

Na reinauguração da Praça dos Leões, o Prefeito, o Secretário da Regional Centro e o representante do Governador destacaram que a Academia Cearense de Letras tem sido um parceiro ativo para solução dos problemas. De modo especial, relevamos a consecução da segurança 24h na praça, que praticamente estava descartada, por causa do IPHAN, mas que pela intermediação da ACL, na sua sede, conforme correspondência informativa já feita para os acadêmicos, o assunto foi reposicionado. Inúmeras outras parcerias junto com a Prefeitura deram certo, tais como o deslocamento de famílias habitantes da praça para albergues; retirada de delinquentes que comercializavam drogas; podas, limpeza das árvores e pintura delas; vinda da 10ª RM para fazer solenidades militares na praça, por várias vezes, o que inibiu a ação de moradores indevidos (em uma dessas batidas foram descobertas e apreendidas vinte e seis facas que estavam escondidas nas areias e em certos recantos da praça); colocação diurna permanente da Guarda Municipal; recuperação da iluminação dos postes no que é o atual Jardim dos Poetas, que estavam apagados há bastante tempo; retirada da parada de ônibus da Sena Madureira, que era um ponto impossível de ser controlado, pois havia se tornado em um mercado persa; há uns poucos dias foi colocada, finalmente, uma ótima iluminação noturna em toda a praça; encaminhamento de solicitação para pintar-se a borda da calçada direita do quarteirão da Sena Madureira (meio fio), transformando-o em local de estacionamento para visitantes da praça.

A viagem do Presidente José Augusto Bezerra a São Paulo, para participar da Grande Exposição *Raimundo Cela, um Mestre Brasileiro*, no Museu da Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, que reuniu mais de 150 obras do renomado artista cearense, que tem uma das suas principais obras no Auditório maior da ACL.

Registro do enorme pesar de toda a nossa geração e de modo especial da ACL, pelo falecimento de D. Yolanda Queiroz. O fato consternou a cidade. A ACL registrou seu pesar em nota à família.

Informação do Presidente José Augusto Bezerra de que a Acadêmica Regine Limaverde está-se recuperando de cirurgia no ombro e de que brevemente estará em nossas reuniões. Sugeriu que os confrades ligassem para ela, como forma de carinho e estima, pois isso era um dos nossos prazeres e deveres acadêmicos.

Disse que a reinauguração do *Palácio da Luz* poderá ser no aniversário da ACL, comemorado em 17 de agosto. Mas como ainda faltam inúmeros pequenos detalhes que ele persegue, não se podia definir com segurança, no momento.

A Acadêmica Angela Gutiérrez, secundada pela Diretora Administrativa Regina Fiúza, e os demais Acadêmicos presentes, Ernando Uchoa Lima, Pedro Paulo Montenegro, Beatriz Alcântara, Lúcio Alcântara, Ubiratan Aguiar, Durval Aires, Linhares Filho e Lourdinha Leite Barbosa, registraram sua satisfação pela forma de trabalho do atual Presidente José Augusto Bezerra, tendo o acadêmico Lúcio Alcântara sugerido que fosse feito um livro de memórias, que seria assinado por todos os acadêmicos, referentes aos feitos da gestão. O Presidente agradeceu as palavras sinceras e disse que aquele momento não estava previsto, mas que era honroso sentir o carinho de todos e que, realmente, cada Acadêmico, ao seu modo, dera um pouco de si para o que estava sendo feito.

O tema sobre a escolha de um novo nome para suceder Artur Eduardo Benevides, como O Príncipe dos Poetas Cearenses, foi debatido num clima descontraído e, após os dois que estavam sendo indicados, Linhares Filho e Horácio Dídimo, haverem dito que votariam um no outro, o Presidente José Augusto Bezerra, disse que os dois tinham os mesmos méritos, bem como outros que, voluntariamente, tinham declinado das suas candidaturas, mas que a tradição era de que apenas um nome fosse aclamado, para se evitar uma votação. A unanimidade, falou ele, seria bom para a entidade e não exporia o nome de nenhum acadêmico. De imediato, o Acadêmico Horácio Dídimo disse que gostaria de fazer uma proposta: a de que o nome indicado fosse o de Linhares Filho. O Presidente José Augusto Bezerra pôs em votação a propositura, havendo ela sido aprovada por unani-

midade. Vários acadêmicos se pronunciaram enaltecendo o espírito de desapego existente, particularmente o do Acadêmico Horácio Dídimo e a reunião terminou em clima de alegria pelo fato de, mais uma vez, a ACL haver saído fortalecida pela união.

Nada mais havendo a constar, a Presidência agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Relação dos Acadêmicos que participaram da reunião**: Angela Gutiérrez, Beatriz Alcântara, Durval Aires Filho, Ernando Uchoa Lima, Horácio Dídimo, José Augusto Bezerra, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Lúcio Alcântara, Marly Vasconcelos, Pedro Paulo Montenegro, Ubiratan Aguiar

# Relatório nº 06

Fortaleza, 21 de julho de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 21/07/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Comunicação da publicação do edital sobre a vaga aberta na ACL com a perda do estimado confrade José Telles.

Registro, para júbilo da entidade, da escolha da Acadêmica Angela Gutiérrez para ser uma das recebedoras do Troféu Sereia de Ouro, de 2016.

Informação de que o laureado artista plástico Descartes Gadelha aceitou a incumbência de fazer, em mármore polido, os bustos dos dois primeiros presidentes da entidade: Tomás Pompeu e Barão de Studart. A assinatura dele será mais um motivo de enaltecimento para o valor daquelas peças na entrada da ACL.

A pintura externa da ACL está sendo conseguida pelo Presidente José Augusto Bezerra junto ao Prefeito Roberto Cláudio, com a interferência do Secretário Municipal do Centro, Dr. Ricardo Sales, já que o prédio é do Estado.

Confecção da placa da sala da secretaria, com o nome do Ex-presidente Eduardo Campos.

Confecção e afixação da placa de agradecimento ao BNB, por sua ajuda à reforma do Palácio da Luz, conforme cláusula contratual do convênio.

Refazimento da placa da biblioteca, que estava muito pequena, e da placa do Jardim dos Poetas, que continha erro ortográfico, tudo em aço polido e com botões de destaque.

Relevado o fato de haverem sido atendidas todas as solicitações da ACL, junto à Prefeitura, em seus pleitos referentes à reforma da Praça dos Leões, que agora está bela, sem moradores e excelentemente iluminada durante a noite.

Colocação de um jarro gigante e uma atraente estátua no Jardim dos Poetas, o qual se enriquece e começa a adquirir feição cada vez mais de acordo com o imaginário do seu nome.

Preparação e envio do relatório nº 26 para os Acadêmicos.

Início da reforma da entrada do subsolo, pela rua Sena Madureira, que envolverá despesas de reforma e de reconstrução parcial de paredes, confecção de portas internas e externas, pintura interna, criação de rede elétrica inexistente, aquisição de luminárias, apliques e adereços adequados, reforma da escada atual, retirada de grades de ferros que foram colocados para segurança, mas que desfiguram a entrada e as ferragens originais, colocação de travas de segurança nas atuais portas de entrada e confecção de portão lateral de segurança, de acordo com o padrão das ferragens originais. Deve-se colocar câmeras de segurança para saber tanto da entrada de alguém pelas portas principais inferiores, como da saída de alguém pela escada para o primeiro andar. Paralelamente está se pintando a sala lateral da entrada, embaixo, pois o seu visual é importante para se manter a boa aparência observada por quem adentrar pela rua Sena Madureira. Essa é uma pequena amostra da complexidade para se restaurar condignamente qualquer parte de um local histórico, por menor que seja.

Primeiros contatos com a SECULT para conseguirmos verba para o Ciclo de Conferências e para a publicação dos livros *Falas Acadêmicas*, ainda faltantes.

Informação de que a secretária Cláudia Queiroz tirou férias de 11 a 20 de julho.

Esclarecimento de que, após longas conversas, conseguiu-se a doação à ACL de importante mobiliário do Ex-governador do Estado do Ceará, João Thomé de Saboya, que morou no Palácio da Luz. Os

móveis irão compor a decoração da sala da Presidência da ACL. Enriquecerão o acervo histórico da entidade, além de se tornarem atrações por sua beleza artística.

Registro da belíssima solenidade ocorrida na ACL, no dia 29 de julho, em homenagem aos 170 anos da Princesa Isabel, a qual contou com representação da família imperial e mais participantes de outros Estados da Federação. Foi presidida pelo Acadêmico José Augusto Bezerra e transcorreu dentro de significativo ritual, destacando-se a palestra proferida pelo escritor José Luís Lira, troca de pequenas lembranças, pronunciamento das autoridades presentes e o lançamento de um libreto bibliográfico sobre o tema, de autoria de José Luís Lira e José Augusto Bezerra.

Doação de R$ 5.000,00 à ACL pelo empresário Roberto Macêdo.

Aquisição por um dos acadêmicos de duas cadeiras imperiais que formarão o conjunto de entrada, juntamente com os bustos dos primeiros Presidentes da ACL e o belíssimo quadro de Georgina de Albuquerque, a introdutora do impressionismo no Brasil.

Esforço no sentido do recebimento de R$ 50.000,00, prometidos pelo BNB, para esta parte final da reforma da ACL, o qual tem sido dificultado pela situação de crise do País, mas imaginamos que enfim conseguiremos. O Presidente José Augusto Bezerra ressaltou a importante contribuição do Acadêmico Lúcio Alcântara que tem trabalhado fortemente pela solução do assunto.

O Presidente destacou o apoio jornalístico de Lúcio Brasileiro, um amante do Palácio da Luz, da Praça dos Leões e da ACL.

O Presidente José Augusto Bezerra passou às mãos da Acadêmica Giselda Medeiros, para análise, pedido da escritora Ana Luíza Almeida para ser sócia correspondente da ACL.

Foi feito o destaque para os seguintes aniversariantes do mês: 05-Marly Vasconcelos; 14-César Barros Leal e Giselda Medeiros; 24-Carlos d'Alge.

Após o Presidente José Augusto Bezerra consultar os participantes e nada mais havendo a constar, agradeceu a presença de todos,

bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Relação dos Acadêmicos que participaram da reunião:** Angela Gutiérrez, Ernando Uchoa, João Soares Neto, José Augusto Bezerra, José Batista de Lima, Juarez Leitão, Lourdinha L. Barbosa, Regine Limaverde, Ubiratan Aguiar.

# Relatório nº 07

Fortaleza, 10 de agosto de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 10/08/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Correspondência da ACL para a família do Sr. Ivens Dias Branco, com os votos de condolências pela perda irreparável do inesquecível Sócio Benemérito da entidade.

Demonstrada a necessidade de aquisição de som novo para o auditório grande, porquanto se faz imprescindível um equipamento à altura de todo o conjunto de mudanças ali implementadas.

Continuidade dos contados junto ao BNB, SECULT e FECOMÉRCIO, no sentido de conseguirmos recursos para o término da reforma do Palácio da Luz.

Informação de que a acadêmica Noemi Elisa já está quase em condições de retorno à ACL, segundo contato do Presidente José Augusto Bezerra, com ela.

Visita do Sr. Fred Saboya e família à ACL, para constatar a localização dos móveis que foram doados por aqueles familiares à nossa entidade para o projeto de encontro e recolhimento de peças históricas de pessoas que viveram no Palácio da Luz.

Mostra das cortinas que foram instaladas na ACL, as quais receberam as mais eloquentes palavras de aceitação. Informação também que outras cortinas semelhantes estão sendo providenciadas.

Registrado que o Cliff Villar, do jornal O POVO, esteve na ACL, acertando com o Presidente José Augusto Bezerra e com a Diretora Cultural, Angela Gutiérrez, a edição de um livro em formato monu-

mental sobre a história da Academia. As linhas gerais foram ajustadas e ficou de voltar o mais breve, com os detalhes.

Ressaltados os pormenores da festividade de aniversário da ACL, na qual será apresentado o novo Príncipe dos Poetas Cearenses, Linhares Filho, que providenciará o convite para a solenidade, a qual ocorrerá em agradável jantar nos salões do Ideal Clube, no dia 17/08/2016. Ficou registrado o apoio e o empenho do confrade Carlos Augusto Viana, Diretor Cultural do Ideal Clube, para que tudo aconteça conforme o previsto.

O Presidente José Augusto Bezerra informou que naquela celebração também será outorgada a medalha *120 anos –Benemérito*, a cada membro da entidade. Segundo ele, será um esforço da instituição, dirigido justamente aos verdadeiros guardiões e mantenedores da Academia Cearense de Letras.

Aprovado o modelo apresentado para o que será a bandeira da Academia Cearense de Letras. Na inauguração do Palácio da Luz já deverá constar nas panóplias instaladas nos auditórios, principal e convencional da Instituição, bem como na sala da Presidência.

Aprovada a participação da ACL, como colaboradora, no concerto literomusical, promovido pela Orquestra Sinfônica do Ceará, em homenagem às Academias de Letras Cearenses, no Teatro José de Alencar, no dia 13 de outubro de 2016.

Aprovada a outorga de diplomas de agradecimento aos acadêmicos ou não, que tenham colaborado para a reforma do Palácio da Luz.

A Acadêmica Angela Gutiérrez informou que o lançamento do seu novo livro, *O Silêncio da Penteadeira*, ocorrerá no dia 30 de agosto de 2016, às 19h, no Auditório maior da ACL, e aproveitou a oportunidade para fazer o convite aos seus pares.

O Acadêmico Teoberto Landim, que, para nossa satisfação, está retornando fortemente às atividades da ACL, ofereceu um exemplar do seu novo livro *Escalador de Sonhos* e falou sobre seu conteúdo, mostrando os desafios de se escrever, trabalhando ao mesmo tempo em importantes outras missões.

O Monsenhor Manfredo falou da alegria de participar de mais uma proveitosa e elevada reunião e disse que agora iria marcar a data para o lançamento do seu novo livro, no auditório maior da ACL.

O Presidente José Augusto Bezerra esteve presente na solenidade da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo, na sessão em rememoração à D. Yolanda Queiroz, quando foi o orador convidado para falar sobre a vida e a obra daquela importante personalidade cearense. Também falaram de forma brilhante, cada um ao seu estilo, sobre D. Yolanda, os Acadêmicos da ACL, Lúcio Alcântara e Cid Carvalho.

Foi distribuído entre os presentes à reunião o libreto *Princesa Isabel* – a Redentora, edição comemorativa dos 170 anos da Princesa Imperial.

O Presidente José Augusto Bezerra, após consultar os participantes e nada mais havendo a constar, agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Acadêmicos Presentes**:Angela Gutiérrez, Beatriz Alcântara, Cid Carvalho, EdniloSoárez, Ernando Uchoa, José Augusto Bezerra, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Lúcio Alcântara, Mons. Manfredo Ramos, Regine Limaverde, Teoberto Landim, Ubiratan Aguiar.

# Relatório nº 08

Fortaleza, 14 de setembro de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 14/09/2016. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Visita ao Secretário da Cultura, Fabiano Piúba, para agradecer a liberação de R$ 45.000,00 para a ACL, no sentido de viabilizar o Ciclo de Conferências 2016, bem como entregar, por escrito, a solicitação de colocar o nome da Academia Cearense de Letras na fachada do prédio.

Estudo para criação de uma *Comenda Cultural* que encerraria as festividades dos 120 anos e que teria o nome de *Uma Lenda do Ceará*, em alusão ao subtítulo do livro *Iracema*, que completou 150 anos neste período comemorativo. Tal medalha só seria outorgada uma vez por ano a pessoas que já tivessem falecido e se tornaria uma comenda marcante da cultura cearense e brasileira.

Contato com a transportadora que trará as duas cadeiras estilo imperial adquiridas no RJ por um acadêmico.

Contato com a Dra. Regina Leitão da FECOMÉRCIO no sentido de liberar uma verba de R$ 20.000,00, já acertada para finalização de aparelhamento do local e das atividades culturais no Jardim dos Poetas.

Atualização, junto ao governo do estado, de uma senha eletrônica que possibilita conversações mais rápidas com os órgãos governamentais.

Foi proposta à SECULT a publicação dos livros *Falas Acadêmicas* com uma verba diretamente da Governadoria do Estado.

O detalhamento do novo Ciclo de Conferências deixou de ser feito em virtude da ausência da Diretora Cultural, Angela Gutiérrez, por motivo de saúde.

Foi encaminhada a confecção da bandeira da entidade e das placas faltantes com informações históricas sobre obras de arte ou de pessoas homenageadas com o nome delas em salas da ACL.

Informado o estudo para uma iluminação na fachada, pela Sena Madureira, para que o nome Palácio da Luz fique em sintonia com a realidade, pois a frente da ACL, à noite, está muito escura.

O Presidente informou que está procurando ver a possibilidade de implantar um sistema de pequenos pinos que dificultam ou impedem a localização de pombos na fachada da ACL, pois sujam todas as paredes e também restaurações realizadas.

Registrado o pleno êxito da reunião de aniversário da ACL no Ideal Clube, no dia 17/08/2016, quando foi cumprido um significativo protocolo, o qual constou da entrega da medalha *120 anos - Benemérito* aos membros da ACL, tendo sido feito um pequeno resumo da vida de cada homenageado. Foi entregue a mesma bela medalha ao Secretário da Cultura, Fabiano Piúba, ao Secretário da Regional do Centro, Ricardo Sales, ao Presidente do Ideal Clube, Amarílio Cavalcante, e à fundadora da SAL – Sociedade Amigas do Livro, a querida Suzana Ribeiro. Todos, permanentes parceiros e benfeitores da nossa Academia.

A segunda etapa da homenagem constou da apresentação oficial do novo Príncipe dos Poetas Cearenses, Linhares Filho, à comunidade cultural e também à comunidade social, dada a representatividade das ilustres personalidades não pertencentes à ACL, que vieram prestigiar o acontecimento. O novo Príncipe foi saudado, de forma magistral, pelo laureado Acadêmico da ACL, Sânzio de Azevedo, seu amigo e contemporâneo de atividades literárias, que traçou um impressionante perfil, no tempo e no espaço, do homenageado, citando dados e fatos, com preciosas interpretações, o que foi uma verdadeira aula. O novo Príncipe dos Poetas fez um discurso de acolhimento da indicação de forma também monumental, em peça literária que juntamente com o da saudação, ficará nos anais da entidade, tanto pelo alto nível das reflexões, quanto pela sonoridade poética das suas oralidades. Logo após, seguiu-se um régio jantar, que recebeu a aprovação de todos. O Presidente José Augusto Bezerra mencionou que, após a solenidade,

levou o confrade Sânzio de Azevedo para sua residência e ainda ecoava em seus ouvidos as palavras do Sânzio, ditas baixinho, dentro do carro e falando apenas para ele mesmo, que foram: - que noite maravilhosa!

Providenciada a abertura de uma conta na CEF para o recebimento da verba para o Ciclo, conforme convênio com a SECULT. Registre-se a burocracia desse fato, principalmente pelos bancos estarem em greve e, tanto o Presidente José Augusto Bezerra como a Tesoureira, Giselda Medeiros, tiveram que ir pessoalmente duas vezes à Agência, em horários diferentes, para atender as possibilidades internas da CEF.

Informado que o Minc está cobrando da entidade, em prazo curtíssimo, o valor de R$ 15.000,00, referente à prestação de contas do prêmio Osmundo Pontes, de 2004. A entidade recorreu e espera um desfecho para dar uma definição a essa pendência.

Já encomendadas as cortinas faltantes para os demais locais da ACL, aprovadas por todos.

Registrado o fato de que a ACL fez um ofício cobrando fortemente o cumprimento da segurança 24h para a Praça dos Leões, prometida pela Prefeitura. Na realidade a ACL demanda a instalação do trailer que proporcionará o apoio para os vigilantes poderem cumprir decentemente suas atividades. Da mesma forma a ACL está cobrando aos Poderes responsáveis uma solução para a implantação do estacionamento na rua Sena Madureira, para as pessoas que desejem visitar a Praça dos Leões (General Tibúrcio).

Foi reiterado o convite para o lançamento do livro do confrade Carlos Augusto Viana sobre a obra do poeta José Telles, no próximo dia 15/09/2016, no Ideal Clube, às 19:30h.

Igualmente foi lembrado que o lançamento do livro *Estação da palavra*, do Acadêmico Ubiratan Aguiar, ocorrerá no mesmo local, no dia 22/09/2016. Solicitou-se a presença dos confrades ao evento.

Em virtude de, no dia 20/09/2016, terminar o prazo de inscrições para a vaga que fora aberta para a sucessão do estimado confrade José Telles, foi definida a seguinte Comissão Especial de Acadêmicos para apreciação e parecer prévio, cumprindo-se orientação estatutá-

ria, sequencial, após o encerramento das inscrições: Beatriz Alcântara, Ernando Uchoa lima e Regine Limaverde.

Informada a conclusão do belíssimo trabalho referente aos novos jarros encomendados para o Jardim dos Poetas, cujas fotos seguem anexas, enviadas pela internet.

Informado que o parecer da Acadêmica Giselda Medeiros sobre o pedido da escritora Ana Luíza Almeida, para ser sócia correspondente da ACL, foi favorável, sendo acatado pelos presentes. Deverá se proceder a coleta de 21 assinaturas e só após se informará à solicitante, a aprovação do seu nome. A secretária Cláudia Queiroz se encarregará das providências administrativas.

Foi feito o destaque para os seguintes aniversariantes do mês: 07-Ubiratan Aguiar e 14 – Dimas Macedo.

O Presidente José Augusto Bezerra, após consultar os participantes e nada mais havendo a constar, agradeceu a presença de todos, bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Acadêmicos Presentes:** Beatriz Alcântara, Durval Aires Filho, José Augusto Bezerra, Lourdinha Leite Barbosa, Linhares Filho, Luciano Maia, Marly Vasconcelos, Pedro Henrique Saraiva Leão, Regine Limaverde, Teoberto Landim, Ubiratan Aguiar.

# Relatório nº 09

Fortaleza, 10 de outubro de 2016.

Prezados confrades da ACL:

Apresentamos o resumo da nossa reunião de 10/10/2016, *o qual, como os 29 outros anteriores, tem rigorosamente o mesmo valor de ata, porquanto todos os fatos e acontecimentos ocorridos nas reuniões são minuciosamente registrados*. Foram informados pelo Presidente José Augusto Bezerra e debatidos pelos presentes os seguintes assuntos:

Lançado no dia 15 de setembro, no Ideal Clube o livro sobre o nosso Ex-acadêmico José Telles. A obra foi ricamente apresentada pelo Acadêmico Carlos Augusto Viana, numa emocionante e bem organizada cerimônia.

Solicitação feita pela ACL à SECULT, para colocar externamente, no Palácio da Luz, o nome da Academia Cearense de Letras, para identificação. Esse trâmite é necessário em razão de a edificação ser tombada.

Colocação de três novos jarros internos, no Jardim dos Poetas, com bouganvilles coloridos plantados, conforme orientação da arquiteta, e também um grande jarro externo, na esquina da Sena Madureira com Guilherme Rocha, onde um dia existiu a estátua de um leão e que há décadas estava abandonado. Ficou ótima a providência e recebemos congratulações de pessoas comuns, bem como de profissionais que vieram pessoalmente elogiar a iniciativa.

As reformas do Palácio da Luz e da Praça dos Leões tem recebido extensa cobertura de televisões e jornais.

Registrada uma pequena pendência da entidade com o MINC, sobre o Prêmio Osmundo Pontes 2004, mas que está sendo resolvida.

Providências para colocação do novo som no auditório grande, com doze caixas distribuídas por entre as sancas do local, o que o nivela aos melhores níveis técnicos da atualidade.

Recebimento pela ACL e, individualmente, pelos membros, do livro *Safira não é flor*, romance do importante colaborador da entidade, Pádua Lopes.

Em andamento a publicação de três livros: *Os Brilhantes*, de Rodolpho Theóphilo, prefaciado pelo Acadêmico Sânzio de Azevedo; *O Cajueiro do Fagundes*, de Araripe Júnior, prefaciado pelo Acadêmico Pedro Paulo Montenegro e *Em Sonhos*, de Alba Valdez, prefaciado pela Acadêmica Angela Gutiérrez. Fazem parte da coleção Clássicos Cearenses, cujo convênio para edição de um total de nove volumes raros foi firmado pela ACL e a Fundação Demócrito Rocha. Esses três livros iniciais deverão ser publicados até o final de dezembro, espera-se, pois já estão em processo de finalização.

Reiterado que a eleição para a cadeira nº 34, que está vazia, ocorrerá no próximo dia 28/10/2016.

Registrada a presença do Presidente da ACL e de outros acadêmicos no auditório da Reitoria, para prestigiar a posse do escritor Roberto Victor, filho do colaborador Roberto Ribeiro, da AFL, no dia 27/09/2016.

O Presidente informa que está estudando a necessidade e a viabilidade de se colocar um novo ar condicionado no salão menor.

Registrada a entrega do Troféu Sereia de Ouro à Acadêmica Angela Gutiérrez, no dia 30/09/2016. A agraciada falou em nome dos outros homenageados e deixou uma preciosa mensagem, a qual, através de importantes reflexões, entusiasmou o público presente, que a ovacionou em vários momentos do seu marcante discurso. A ACL sente-se orgulhosa de, mais uma vez, ter um dos seus membros entre os homenageados com a importante láurea.

Participação da Presidência na reunião mensal na casa do Acadêmico Juarez Leitão, para o encontro "Tapioca e café", que congrega dezenas de importantes literatos. São servidos deliciosos ágapes, por

entre curiosos e interessantes causos literários, que se sucedem em original bate-papo até tarde da noite.

Encontro da Presidência e da Acadêmica Angela Gutiérrez, com o renomado artista Descartes Gadelha, ultimando-se os preparativos para a conclusão dos dois bustos que adornarão a entrada da ACL, bem como do quadro sobre o Palácio da Luz em sua gênese, que está sendo criado pelo excepcional pintor.

Apresentada a bandeira da ACL, a qual foi aplaudida pelos presentes. Segundo depoimentos de alguns que ali estavam, distingue-se pela simplicidade e expressividade, em sua plenitude.

Mencionado o esforço para se diminuir ou eliminar a presença de pombos nas paredes da entidade. A Presidência está procurando usar recursos que apenas afugentem e não prejudiquem as mencionadas aves.

A data definida para nossa reunião natalina foi o dia 12/12/2016, a qual coincidirá com a eleição da nova Diretoria.

Após longa demanda, finalmente conseguiu-se, junto a Prefeitura, a iluminação da fachada da ACL, que estava na escuridão, à noite.

A funcionária Cláudia Queiroz passou a exercer a função de Diretora Administrativa Adjunta, a partir deste mês de novembro.

Informado o lançamento da obra *Náufragos do Porto*, sexto livro do confrade Ednilo Soárez, Presidente do Instituto do Ceará, que ocorrerá no dia 27/10/2016, na rua Agerson Tabosa, ao lado da Faculdade 7 de Setembro.

Entrega pelo confrade Luciano Maia, que é um Acadêmico muito conceituado internacionalmente, também, de um original da importante *Revista Ápices* – de Buenos Aires, publicada sob a responsabilidade do escritor Raul Lavalle. O Presidente agradeceu, em nome da ACL, a grata contribuição trazida para a entidade, a qual contém, entre outros importantes artigos, a tradução de uma valiosa bula papal do acervo do Acadêmico José Augusto Bezerra.

Foi feito o destaque para o aniversariante do mês: 14/10 – F.S. Nascimento.

Após o Presidente José Augusto Bezerra consultar os participantes e nada mais havendo a constar, agradeceu a presença de todos e bem como o espírito fraterno que ali prevaleceu, dando por encerrada a produtiva reunião.

Cordialmente,
José Augusto Bezerra
Presidente

**Relação dos Acadêmicos que participaram da reunião:** Durval Aires Filho, Ednilo Soárez, Ernando Uchoa, Giselda Medeiros, José Augusto Bezerra, Linhares Filho, Luciano Maia, Ubiratan Aguiar

11ª Parte

# Relação dos Acadêmicos e seus Endereços

# Distribuição dos Patronos e Acadêmicos por Ordem de Cadeiras[1]

## Acadêmicos da primeira fase, sem patronos e sem cadeiras

Farias Brito – Drumond da Costa – José Domingues Fontenele – Benedito Sidou - Franco Rabelo – Pedro de Queirós – F. Alves de Lima – Valdemiro Cavalcante – Álvaro Mendes – José Carlos Júnior – Virgílio de Morais – José de Barcelos – Antônio Bezerra – Eduardo Studart – Adolfo Luna Freire – Eduardo Salgado – Alcântara Bilhar – Valdivino Nogueira – Henrique Théberge – Rodrigues de Carvalho

OBS - * - Acadêmicos que ocuparam duasou três cadeiras durante sua vida na Instituição.

| **Cadeira 1** | |
|---|---|
| PATRONOS | OCUPANTES |
| • José de Alencar (1922) | • Justiniano de Serpa |
| • Adolfo Caminha (1930) | • Ermínio Araújo |
| • Adolfo Caminha (atual) | • Sidney Neto |
| **Atual: Sânzio de Azevedo**<br>Rua Leonardo Mota, 1080 - Apto. 501 - CEP 60.170-041 - Fortaleza - Ceará | |

| **Cadeira 2** | |
|---|---|
| PATRONOS | OCUPANTES |
| • Paulino Nogueira (1922) | • Guilherme Studart |
| • Agapito dos Santos (1930) | • Amora Maciel |
| • Álvaro Martins (atual) | • Luís Sucupira* |
| **Atual: José Batista de Lima**<br>Rua José Alves Cavalcante, 1163 - CEP 60.822-570 - Fortaleza - Ceará | |

1 Conforme estudo realizado pelo acadêmico José Murilo Martins, titular da cadeira nº 4

## Cadeira 3

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Senador Pompeu | (1922) | • Tomás Pompeu |
| • Álvaro Martins | (1930) | • (Luís Sucupira) |
| • Antônio Augusto | (atual) | • Martins Filho |

**Atual: Carlos Augusto Viana**

Rua: Manoel Jacaré, 171/1500 - CEP 60.175-110 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 4

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Joaquim Catunda | (1922) | • Antônio Augusto |
| • Antônio Augusto | (1930) | • J. J. Pontes Vieira |
| • Antônio Bezerra | (atual) | • (Raimundo Girão) |
| | | • Milton Dias |
| | | • Joaryvar Macedo |

**Atual: José Murilo de Carvalho Martins**

Av. Beira Mar, 3660/401 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 5

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Adolfo Caminha | (1922) | • Alf. Castro |
| • Antônio Bezerra | (1930) | • Antônio Furtado |
| • Antônio Papi Júnior | (atual) | • Fran Martins |

**Atual: Eduardo Diatahy Bezerra de Meneses**

Rua Marlio Fernandes, 140 - Guararapes - CEP 60.810-025 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 6

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Fausto Barreto | (1922) | • Tomás Pompeu Sobrinho |
| • Antônio Pompeu | (1930) | • F. Alves de Andrade |
| • Antônio Pompeu | (atual) | • Natércia Campos |

**Atual: Virgílio Maia**

Rua Joaquim Nabuco, 250/600 - CEP 60.125-120 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 7

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Liberato Barroso | (1922) | • Antonino Fontenele |
| • Araripe Júnior | (1930) | • (Cruz Filho) |
| • Clóvis Beviláqua | (atual) | • Mário Linhares |
| | | • Nertan Macedo |

**Atual : Marly Vasconcelos**
Rua Martinho Rodrigues, 88 - Fátima - CEP 60.411-280 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 8

| PATRONOS | OCUPANTES |
|---|---|
| • Álvaro Martins (1922) | • (Alba Valdez) |
| • Capistrano de Abreu (1930) | • Valter Pompeu |
| • Domingos Olímpio (atual) | • Fernandes Távora* |
| | • Aderbal Sales |

**Atual : Horácio Dídimo**
Rua Moreira de Sousa, 525/403 - Parquelândia - CEP 60.450-080 - Fortaleza – Ceará

## Cadeira 9

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Tomás Lopes | (1922) | • Carlos Câmara |
| • Domingos Olímpio | (1930) | • (Fernandes Távora) |
| • Fausto Barreto | (atual) | • Alencar Matos |
| | | • João Clímaco Bezerra |

**Atual : Genuino Francisco de Sales**
Rua Manuel Jesuíno, 728 - Varjota - CEP 60.175-270 – Fortaleza - Ceará

## Cadeira 10

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Lívio Barreto | (1922) | • Sales Campos |
| • Farias Brito | (1930) | • Matos Peixoto* |
| • Gonçalo Mororó, padre | (atual) | • Abelardo Montenegro |

**Atual : Ednilo Soárez**
Av. Beira Mar, 4777/1500 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 11

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Antônio Bezerra | (1922) | • (Otávio Lobo) |
| • Fausto barreto | (1930) | • Carvalho Júnior |
| • Guilherme Studart, Barão | (atual) | • Joaquim Alves |
| | | • José Valdivino |

**Atual: Dimas Macedo**
Rua Fonseca Lobo, 1355/801-A - CEP 60.175-020 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 12

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Araripe Júnior | (1922) | • (Cursino Belém) |
| • Franklin Távora | (1930) | • (Joel Linhares) |
| • Heráclito Graça | (atual) | • Natanael Cortez* |
| | | • J. C. Alencar Araripe |

**Atual: José Augusto Bezerra**
Av. Rui Barbosa, 748/800 - CEP 60.115-220 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 13

| PATRONOS | OCUPANTES |
|---|---|
| • Martinho Rodrigues (1922) | • Soares Bulcão |
| • Heráclito Graça (1930) | • (Natanael Cortez) |
| • Jerônimo Tomé, dom (atual) | • Misael Gomes |
| | • Ribeiro Ramos |

**Atual: Padre Francisco Manfredo Tomás Ramos**
Rua Tavares Coutinho, 1736/601-Varjota - CEP 60.155-190 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 14

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Antônio Ibiapina | (1922) | • Jorge de Sousa |
| • Jerônimo Tomé | (1930) | • (Misael Gomes) |
| • João Brígido | (atual) | • Jáder de Carvalho* |
| | | • José Maria Barros de Pinho |

**Atual: Ernando Uchoa Lima**
Av. Beira-Mar, 4320/500 - CEP 60.165-121 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 15

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Antônio Martins | (1922) | • José Lino da Justa |
| • João Brígido | (1930) | • (Jáder de Carvalho) |
| • João Capistrano de Abreu | (atual) | • Braga Montenegro |

**Atual: Padre Francisco Sadoc de Araújo**
Rua da Ressurreição, 926 - Bairro: Pe. Ibiapina - CEP 62.022-345 - Sobral - Ceará

## Cadeira 16

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Antônio Ibiapina, padre | (1922) | • Júlio Ibiapina |
| • João Moreira | (1930) | • Antônio Teodorico |
| • João Franklin Távora | (atual) | • Joel Linhares* |
| | | • Newton Gonçalves |

**Atual: Maria Beatriz Rosário de Alcântara**
Av. Antônio Justa, 3320/300 - CEP 60.165-090 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 17

| PATRONOS | OCUPANTES |
|---|---|
| • José Avelino (1922) | • Álvaro de Alencar |
| • Joaquim Catunda (1930) | • Renato Braga |
| • Joaquim Catunda (atual) | |

**Atual: Paulo Bonavides**
Rua Manoelito Costa, 281- Lagoa Redonda - CEP 60.831-374 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 18

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Soares Bezerra | (1922) | • (Andrade Furtado) |
| • Joaquim José Vieira, Dom | (1930) | • Otávio Lobo* |
| • José Cardoso de Moura Brasil | (atual) | • Antônio Girão Barroso |
| | | • Geraldo Fontenele |

**Atual: Angela Gutiérrez**
Rua Deputado Moreira da Rocha, 865 - CEP 60.160-060 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 19**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Antônio Tibúrcio, general | (1922) | • Raimundo Arruda |
| • José Albano | (1930) | • Martinz de Aguiar |
| • José Albano | (atual) | • Mozart Soriano Aderaldo |

**Atual: Juarez Leitão**
Rua Silva Jatahy, 760/1000 - CEP 60.165-070 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 20**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Tristão Araripe | (1922) | • Antônio Drumond |
| • José de Alencar | (1930) | • Antônio Sales* |
| • José Liberato Barroso | (atual) | • Clodoaldo Pinto* |

**Atual: Cid Sabóia de Carvalho**
Rua Gustavo Sampaio, 1999 - Alagadiço - CEP 60.455-001 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 21**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Oliveira Sobrinho | (1922) | • Raimundo Ribeiro |
| • José Liberato Barroso | (1930) | • (Clodoaldo Pinto) |
| • José de Alencar | (atual) | • Filgueiras Lima |
| | | • Raimundo Girão* |
| | | • Osmundo Pontes |

**Atual: Regine Limaverde**
Rua Leonardo Mota, 460/202 - CEP 60.170-040 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 22**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Paula Nei | (1922) | • Quintino Cunha |
| • Justiniano de Serpa | (1930) | • Leiria de Andrade* |
| • Justiniano de Serpa | (atual) | • Alba Valdez* |
| | | • Eduardo Campos |

**Atual: César Asfor Rocha**
Av. Beira Mar, 1400 / 700 - CEP 60.165-121 – Fortaleza - Ceará

## Cadeira 23

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • José Sombra (pai) | (1922) | • José Sombra Filho |
| • Lívio Barreto | (1930) | • Elias Mallmann |
| • Juvenal Galeno | (atual) | • Henriqueta Galeno |
| | | • Florival Seraine |

**Atual: Luciano Maia**

Rua Paula Ney, 155/200 - CEP 60.140-020 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 24

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Heráclito Graça | (1922) | • Ferreira dos Santos |
| • Mário da Silveira | (1930) | • (Júlio Maciel) |
| • Lívio Barreto | (atual) | • Gastão Justa |

**Atual: Pedro Paulo Montenegro**

Rua Visconde de Mauá, 3302 - CEP 60.125-125 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 25

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Valdemiro Cavalcante | (1922) | • Francisco Prado |
| • Gonçalo Mororó. Padre | (1930) | • Demócrito Rocha |
| • Manuel de Oliveira Paiva | (atual) | • Carlyle Martins |

**Atual: Pedro Henrique Saraiva Leão**

Rua Marcos Macêdo, 1301/301 - CEP 60.150-190 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 26

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Visconde de Sabóia | (1922) | • (Leiria de Andrade) |
| • José Cardoso de Moura Brasil | (1930) | • (Otávio Lobo) |
| • Manoel Soares Bezerra | (atual) | • Andrade Furtado* |
| | | • Otacílio de Azevedo |

**Atual: Lúcio Gonçalo de Alcântara**

Av. Antônio Justa, 3320/300 - CEP 60.165-090 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 27

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Rocha Lima | (1922) | • (Cruz Filho) |
| • Manuel de Oliveira Paiva | (1930) | • Papi Júnior* |
| • Manuel Soriano de Albuquerque | (atual) | • Epifânio Leite<br>• Adonias Lima* – Durval Aires |

**Atual: César Oliveira Barros Leal**
Rua José Carneiro da Silveira, 15/301 - CEP 60.150-260 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 28

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • João Brígido | (1922) | • (Antônio Teodorico) |
| • Oto de Alencar | (1930) | • José Sombra Filho* |
| • Mário da Silveira | (atual) | • Leonardo Mota*<br>• Júlio Maciel<br>• João Jacques |

**Atual: Giselda Medeiros**
Rua Castro Alves, 725 - CEP 60.130-210 - Fortaleza - Ceará

## Cadeira 29

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Farias Brito | (1922) | • (Matos Peixoto) |
| • Paulino Nogueira | (1930) | • Carlos Studart Filho |
| • Paulino Nogueira | (atual) | • Itamar Espindola<br>• José Costa Matos<br>• José Alves Fernandes |

**Atual: Ubiratan Diniz Aguiar**
Rua Barbosa de Freitas, 1850/1300 - CEP 60. 170-020 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 30**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Alberto Nepomuceno | (1922) | • (Beni Carvalho) |
| • Senador Pompeu | (1930) | • Adauto Fernandes |
| • Raimundo Rocha Lima | (Atual) | • Josaphat Linhares* |

**Atual: Linhares Filho**
Rua Mário de Alencar Araripe, 185 - CEP 60.833-500 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 31**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Domingos Olímpio | (1922) | • (Fernandes Távora) |
| • Pompílio Cruz | (1930) | • Mozart Damasceno |
| • Raimundo Farias Brito | (atual) | • Leite Maranhão |
| | | • Cursino Belém |
| | | • Cláudio Martins – Francisco Carvalho |

**Atual: Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa**
Rua Bento Albuquerque, 399/702 - CEP 60.190-080 - Fortaleza - Ceará

**Cadeira 32**

| PATRONOS | | OCUPANTES |
|---|---|---|
| • Franklin Távora | (1922) | • (Leonardo Mota) |
| • Raimundo Rocha Lima | (1930) | • (Josaphat Linhares) |
| • Raimundo Ulisses Pennafort, cônego | (atual) | • J. V. Ribeiro Ramos |
| | | • Moreira Campos |
| | | • Rachel de Queiroz |

**Atual: Napoleão Nunes Maia Filho**
Rua Cônego Braveza, 475 - CEP 60.822-820 - Fortaleza - Ceará

| Cadeira 33 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Visconde de Sabóia (1930)<br>• Rodolfo Teófilo (atual) | OCUPANTES<br>• (Antônio Sales)<br>• (Tomás Pompeu Filho)<br>• Perboyre e Silva<br>• Otacílio Colares |
| **Atual: Noemi Elisa Aderaldo**<br>Rua Andrade Furtado, 333 / Apto 101 - CEP 60.192-070 - Fortaleza - Ceará | |

| Cadeira 34 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Samuel Uchoa (1930)<br>• Samuel Uchoa (atual) | OCUPANTES<br>• (Papi Júnior)<br>• Dolor Barreira<br>• J. Figueiredo Filho<br>• Denizard Macedo<br>• Vinicius Barros Leal |
| **Atual: José Telles da Silva** (vaga – Falecimento, 2 junho 2016)<br>Rua Barbosa de Freitas, 101/702 - CEP 60.170-020 - Fortaleza - Ceará<br>Eleito: Flávio Leitão – (28 outubro de 2016) | |

| Cadeira 35 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Manuel Soriano Albuquerque (1930)<br>• Tomás Pompeu (atual) | OCUPANTES<br>• João Augusto Frota, Padre<br>• Teodoro Cabral<br>• Livino de Carvalho<br>• Cândida Galeno<br>• Argos Vasconcelos |
| **Atual: João Soares Neto**<br>Rua Ildefonso Albano, 200/100 - CEP 60.115-000- Fortaleza - Ceará | |

| Cadeira 36 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Tibúrcio Rodrigues (1930)<br>• Tomás Pompeu, senador (atual) | OCUPANTES<br>• Rodolfo Teófilo<br>• J. Martins Rodrigues<br>• Hugo Catunda |

**Atual: Carlos Neves d'Alge**
Rua São Gabriel, 300/1701 - Aldeota - CEP 60.135-450 - Fortaleza - Ceará

| Cadeira 37 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Tomás Lopes (1930)<br>• Tomás Lopes (atual) | OCUPANTES<br>• (Adonias Lima)<br>• Mozart Firmeza<br>• Manoel Albano Amora |

**Atual: Teoberto Landim**
Av. Barão de Studart, 1966/502 - CEP 60.120-001 - Fortaleza - Ceará

| Cadeira 38 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Tomás Pompeu (1930)<br>• Tibúrcio Rodrigues (atual) | OCUPANTES<br>• (Júlio Maciel)<br>• Monte Arrais<br>• Menezes Pimentel |

**Atual: F. S. Nascimento**
Rua Prof. Francisco Gonçalves, 1104/202 - CEP 60.135-430 - Fortaleza - Ceará

| Cadeira 39 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Ulisses Pennafort, Cônego (1930)<br>• Tristão de A. Araripe Júnior (atual) | OCUPANTES<br>• Moreira Azevedo<br>• Beni Carvalho*<br>• Cruz Filho*<br>• Plácido Aderaldo Castelo<br>• José Rebouças Macambira |
| **Atual: Mauro Benevides**<br>Rua Tiburcio Cavalcante, 700/21.and. - CEP 60.125-100 - Fortaleza - Ceará | |

| Cadeira 40 | |
|---|---|
| PATRONOS<br>• Luis Miranda (1922)<br>• Valdemiro Cavalcante (1930)<br>• Visconde de Saboia (atual) | OCUPANTES<br>• Antônio Tomás, Padre<br>• Emídio Barbosa<br>• Carlos Oliveira Ramos<br>• Tomás Pompeu Filho*<br>• Artur Eduardo Benevides |
| **Atual: Durval Aires Filho**<br>Rua Nelson Studart, 227 - CEP 60.811-040 - Fortaleza - Ceará | |